

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Lidia Noemia Silva dos Santos

A invenção da juventude transviada no Brasil

(1950-1970)

DOUTORADO EM HISTÓRIA

São Paulo

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Lidia Noemia Silva dos Santos

A invenção da juventude transviada no Brasil

(1950-1970)

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor (a) em História sob orientação da Profa. Dra. Estefânia Knotz Canguçu Fraga.

São Paulo

2013

Banca Examinadora

RESUMO

A tese é uma história da “juventude transviada”, isto é, de um contingente de jovens, majoritariamente do sexo masculino e das camadas mais abastadas da sociedade, que assumiram no plano estético e comportamental uma identidade cultural considerada transgressora e/ou delinquente, entre as décadas de 1950 e 1970. A partir da análise de matérias jornalísticas e estudos acadêmicos buscou-se analisar como emergiu essa cultura juvenil no Brasil e como foi significada por intelectuais que buscaram explicá-la. Além disso, é pretensão desse trabalho recuperar a prática e as representações dos jovens transviados num contexto de *transnacionalização* da cultura que significou, entre outras coisas, crescimento do modo de vida urbano, ampliação do consumo de mídia e aproximação com a cultura norte-americana.

Palavras-chaves: Juventude Transviada, Cultura Juvenil, Americanização, Mídia.

ABSTRACT

This thesis is a wayward youth story (“rebels without a cause”), a contingent of young, mostly male and from the wealthier layer of society, who assumed in an esthetic and behavioral plan, a cultural identity considered transgressive and delinquent, between 1950’s and 1970’s. From the analysis of journalistic and academic studies sought to analyze how emerged that youth culture in Brazil and how it was meant for intellectuals who sought to explain it. Moreover, this work intention is to recover the practice and representations of wayward young in a context of culture transnationalization which meant, among other things, growth of urban living, expansion of media consumption and approximation with American culture.

Keywords: Wayward youth, Culture Juvenil, Americanization, Media.

Para os meus pais Celso e Auxiliadora;

Para o meu companheiro Sander;

Para as minhas avós Lídia e Noêmia e os meus tios Simão e Cláudio, em memória;

Para os que viveram a juventude transviada;

Para os que pensaram a juventude transviada.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Dra. Estefânia Fraga por acreditar em mim desde o primeiro momento em que coloquei meus pés na PUC-SP e por ser sempre tão amável e solícita ao longo de todo o curso;

Aos professores Dr. Durval Muniz e Dra. Maria Izilda por terem contribuído na formulação do projeto de pesquisa que originou esta tese;

Aos professores, colegas e funcionários que participaram da minha formação durante o curso de doutorado em História na PUC-SP;

Ao professor Dra. Denise Sant'Anna e Dr. Luís Ferla pelas imprescindíveis contribuições na ocasião da qualificação;

Aos professores Dra. Denise Sant'Anna, Dr. Dr. Luís Ferla, Dra Mariza Romero e Dr. Sérgio Braghini por aceitaram o convite pra avaliar a versão final da tese;

A todos os professores e colegas que participaram comigo de eventos acadêmicos nos últimos quatro anos, sugerindo leituras, fazendo críticas, propondo questões;

A todas as pessoas que compartilharam suas memórias sobre os *rabos de burro* e a “juventude transviada” em Fortaleza;

Ao Dave, “o menino do Leblon”, administrador da página do Carlos Zéfiro na Internet por me ceder algumas revistinhas de “páginas coladas”,

A Caibar Pereira e Sander Castelo pela ajuda na revisão gramatical e de normalização,

Ao CNPQ pelo financiamento desse trabalho,

Ao meu companheiro Sander Castelo por estar comigo em todos os momentos alegres e tristes. Te amo, você dá sentido à minha vida e a tese também é por você;

Aos meus amados pais, Celso Dias e Maria Auxiliadora, sempre tão próximos, tão compreensivos e dispostos a me ajudar e cobrar. O máximo que eu faça é pouco para retribuir tanto;

Ao adorável casal Márcia Juliana e Nancildo Antônio por se tornarem amigos maravilhosos que me ajudaram de todas as formas possíveis, resolvendo burocracia na PUC-SP, hospedando-me, lendo versões dos textos, dedicando-me atenção e carinho de modo absolutamente generoso. Sem os dois, esse trabalho seria muito mais difícil;

Ao divertido Daniel Camurça pela amizade e companhia preciosa durante minha estadia em São Paulo;

Ao meu querido irmão Celso Antônio e sua esposa Rebeca pela parceria;

Aos meus tios Socorro e Pedro Neves e minhas lindas primas Yana Clara e Germana Raquel pelo carinho;

À Dilma e Francisco Castelo, Vó Simone, Tia Valinda, Divaldo e Gina, Juarez e Helena, Silvia e Luciano, Luna e Duda, Fábio e Fábria por se tornarem minha família;

À minha família de Santos – SP, meu tio Carlinhos, minhas duas tias Veras e meus primos Fabiana, Fabiano, Eduardinho, Fabinho, Luisinho, Celsinho e Dinho e suas esposas e filhos;

À minha família de Russas – CE, a meus tios Carlos e Nair, a meu tio Thor, às amigas Hosana e Chica e a todos os meus primos;

À minha família de Aracati – CE, à minha tia Mazé, a meus primos Márcio e Luís Antônio, a meus padrinhos Alívia e Júnior e as queridas Bilica, Lurdinha e Aurea;

À minha irmã e amiga Luiza de Marilac e a meus avôs José e Francisco Xavier em memória;

Aos queridos amigos Tião e Rosana Ponte, à minha afilhada Yasmim e Rafael por serem tão presentes;

À minha amiga de infância Beatriz Barbosa e a meu afilhado Lucas Barbosa pela persistência em me trazerem alegria;

Aos amigos que me ajudaram a chegar e me instalar em São Paulo, Edson, Idalina e Eduardo, Pascal e Diva e o porteiro Joaquim;

À querida amiga Regina Ribeiro, à direção e aos funcionários do jornal *O Povo*, que me cederam gratuitamente consulta irrestrita ao banco de dados dessa instituição;

Aos amigos professores Altemar Muniz, Antônio Zilmar, Edmilson Maia, Zilda Maria, Telma Bessa, e Silviana Mariz por me apoiarem quando mais precisei;

Ao meu amigo Danilo Patrício por ser tão doce e adorável;

A Laércio e Judith por me presentarem com sua coleção de revistas antigas;

A todas as pessoas que me querem bem e que eu não citei nominalmente aqui;

À Amy Winehouse por amenizar a solidão da escrita com sua agradável companhia em verso e som;

A Jesus Cristo por sua misericórdia e bondade.

LISTA DE SIGLAS

ALE - Alemanha

ANPUH – Associação Nacional de História

CONJUV – Conselho Nacional de Juventude

CE - Ceará

BRA - Brasil

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EUA – Estados Unidos da América

FAB – Força Aérea Brasileira

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHG – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

ING - Inglaterra

JAC – Juventude Agrária Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JIC – Juventude Independente Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

JSA – Juventude Sem Amor

OMS – Organização Mundial da Saúde

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RJ – Rio de Janeiro

SAM – Serviço de Assistência ao Menor

SERVILUZ – Serviço de luz e força de Fortaleza

SNJ – Secretária Nacional da Juventude

SP – São Paulo

STF – Supremo Tribunal Federal

TCM – Turner Classic Movies

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UCSS - União dos Clubes Sociais Suburbanos

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFPR – Universidade Federal do Paraná

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	1	Gráfico de busca do jornal <i>O Estado de São Paulo</i>	52
Infográfico	x	A imagem do jovem transviado padrão no cinema norte-americano nas décadas de 1950 e 1960	61
Infográfico	x	Personagens do caso do Edifício Nobre	73
Figura	2	Cartaz em inglês do filme <i>Juventude transviada</i> , 1955	93
Figura	3	Cartaz do filme <i>O selvagem</i> , estrelado por Marlon Brando, 1953	93
Figura	4	Um dos acusados do assassinato de Aída Curi, Cássio Murilo. <i>Jornal do Brasil</i> , 1958	94
Figura	5	Outro acusado da morte de Aída Curi, Ronaldo Guilherme. <i>Jornal do Brasil</i> , 1958	94
Figura	6	Notícia envolvendo “rabos de burro”. <i>Correio do Ceará</i> , 1956	95
Figura	7	Grupo de “rabos de burro” sendo denominados como “quadrilha”. <i>Tribuna do Ceará</i> , 1963.....	95
Figura	8	Notícia de um bando de “rabo de burro” sendo nomeados como trinca de “transviados”. <i>O Povo</i> , 1960	95
Figura	9	“Gang” era uma palavra recorrente para nomear os grupos de “transviados”. <i>O Povo</i> , 1962	96
Figura	10	“Rabo de burro” com trajes “playboy”. <i>O Povo</i> , 1964	96
Figura	11	Capa e interior do livro de Napoleão Lyrio Teixeira sobre a “juventude transviada”, 1966	152
Figura	12	Cena do filme <i>Sementes da violência</i> , 1955	152
Figura	13	Jovens concentrados após a exibição do filme <i>Ao balanço das horas</i> na Rua Augusta. <i>Folha Express</i> , 1957.....	153
Figura	14	Jovens em frente ao Cine Rian esperando a estreia de <i>Ao balanço das horas</i> . <i>O Globo</i> , 1957	153
Figura	15	Matéria sobre a confusão durante a exibição do filme <i>Ao balanço das horas</i> em um cinema na rua Augusta, em São	

		Paulo. <i>Folha da Manhã</i> , 1959	154
Figura	16	Ilustrações do trabalho de Fredric Wertham sob os males dos quadrinhos. <i>Mundo Melhor</i> , 1958	155
Figura	17	Dois frontispícios de livros de Bolso. <i>Juventude transviada</i> de E. C. Blake (s/d) e <i>Nono Mandamento e Juventude transviada</i> de Carlos Z. Hernandez	156
Figura	18	Conteúdo da trama policial do número <i>Nono Mandamento e Juventude Transviada</i>	156
Figura	19	Detalhe do aviso de proibido para menores de 18 anos e associação incomum entre personagens femininos e a “juventude transviada”. <i>Detetive</i> , 1959.....	157
Figura	20	Mosaico com cenas de <i>Conselhos Quadrados</i> de por Carlos Zéfiro, 1967.....	158
Figura	21	Projeto de reformatório para delinquentes juvenis. <i>Delinquência juvenil</i> , 1959	207
Figura	22	Crianças e adolescentes pobres apresentados como "transviados". <i>O Povo</i> , 1960	208
Figura	23	Núcleo de Menores Antônio Bezerra em Fortaleza. <i>O Povo</i> , 1959.....	208
Figura	24	Exemplo do teste da “árvore”, aplicado para identificar a homossexualidade dos delinquentes, 1963.....	209
Figura	25	Capa e contracapa da 9ª edição da revista <i>Mundo Melhor</i> , 1958	209
Figura	26	Interior da revista <i>Mundo Melhor</i> . Representação que se remete ao personagem Jim do filme <i>Juventude transviada</i> , 1958	210
Figura	27	Interior da revista <i>Mundo Melhor</i> . Representação do jovem transviado como lambreteiro, 1958	210
Figura	28	Capa da contracapa 18ª edição da revista <i>Realidade</i> , 1967.....	211
Figura	29	Interior da revista <i>Realidade</i> , 1967	211
Figura	30	Novo modelo de rebeldia juvenil. <i>Realidade</i> , 1967	212

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo I - Nem criança, nem adulto: jovem e transviado	33
1.1) A juventude como protagonista do século XX	33
1.2) Da maturidade à jovialidade: uma mudança de valor	39
1.3) A inserção dos jovens na sociedade a partir do segundo pós-guerra	47
1.4) Juventude transviada: uma expressão midiática	51
1.5) Aída Curi: um caso paradigmático para as narrativas sobre o transvio no Brasil	63
1.6) Rabos de Burro: um caso de juventude transviada no Brasil	76
Capítulo II - A Juventude transviada e a indústria cultural	97
2.1) <i>Cresceu e apareceu</i> : o adolescente em análise	98
2.2) Napoleão Lyrio Teixeira: um estudioso da delinquência juvenil no Brasil	104
2.3) <i>Os olhos e os ouvidos contra o cérebro</i> : a função da mídia para o transvio	110
2.4) <i>Rock, rock, rock!</i> : cinema e rádio	114
2.5) Páginas colorias e coladas: os quadrinhos	137
2.6) Jornais e Televisão	150

Capítulo III - Juventude transviada: outros sujeitos e mais causas	159
3.1) Pobres transviados	160
3.2) <i>Órfãos de pais vivos</i> : as causas familiares do transvio	172
3.3) <i>Hi! Hi! Jonny; Hi! Hi! Alfredo</i> : a <i>gang</i> e perda do medo	179
3.4) Depravações e vícios: causas sexuais e toxicomaníacas do transvio	182
3.5) De problemática a promissora: o fim da juventude transviada no Brasil	199
Considerações Finais	213
Fontes	217
Referências Bibliográficas	221

INTRODUÇÃO

Nunca houve uma geração que chegasse à vida com tanta sede de viver como essa. Nunca houve uma geração com tanta energia, em risco de se desperdiçar, como essa. Como também nunca houve, ao menos entre nós, uma geração que encontrasse as portas tão fechadas.

Alceu Amoroso Lima¹

Tema

No romance *Sua Majestade, o juiz*, publicado em 1962, o casal Nogueira e Gracinha e o rebento José Filho discutem um fenômeno novo que modificou o cotidiano da cidade de Fortaleza no final dos anos de 1950 e início dos anos 60. O pai inicia a conversa:

- Viu a que horas chegou nosso filho?
- Eram três da madrugada.
- Perguntou-lhe de onde vinha?
- Não. Mas acho que você deve chamá-lo e mostrar a inconveniência de chegar tarde da noite. Fortaleza está cheia de rabos-de-burro. Ontem, fizeram uma curra com duas moçinhas. A propósito: o que é curra?
- Nogueira não quis descer à descrição pormenorizada para o esclarecimento da esposa. Apenas perguntou-lhe:
- Ouviu falar no caso Aída Curi, no Rio de Janeiro?
- Ora, eu acompanhei tudo pelos jornais.
- Pois curra é aquilo.
- Nesse instante vinha chegando José Filho:
- Papai já soube da briga de ontem, dos rabos-de-burro?
- Não. O que foi?
- Quebraram uma pensão de mulheres. Tem um ferido. Mas eu soube que nada sofreram. Foram soltos imediatamente, tudo é filho de político e milionário.
- Gracinha arregalou os olhos:
- Filho de gente rica e de gente importante metido com essas coisas?
- Espere: êsses rapazes não estudam, não frequentam o colégio, não recebem educação?
- José Filho explicou:

¹ Prefácio do livro *Os sete pecados da juventude sem amor* (1966) de Fernando Pinto.

- Eles passam o dia e a noite na rua. Nunca falta dinheiro. E andam no automóvel dos pais. Uma coisa é certo: Eles têm coragem com todos os seiscentos. Esses de ontem lutaram com guarnições da Rádio-Patrolha. E só foram presos porque os soldados pediram o auxílio de outras pessoas.
- Como é que tu sabes disso, indagou a mãe:
- Ora mamãe! É só no que se fala na rua. No colégio é a mesma coisa. E os rabos-de-burro têm é muito fã lá no colégio. (CARVALHO, 1996, p. 302-3)²

Autoexplicativo, o texto faz alusão à “juventude transviada”, que, em Fortaleza, teve seus adeptos apelidados de “rabos de burro”³. A partir dos diálogos, concluímos tratar-se de grupos de jovens, do sexo masculino, de famílias de boa condição financeira, que promoviam confusões em espaços públicos e privados, como praças e os cabarés, e curravam (estupro coletivo) mocinhas na calada na noite. Impunes, desfilavam de carros, levavam uma vida de poucas responsabilidades e, especialmente, causavam fascínio nos outros jovens e medo nos pais. Por fim, concluiu-se que não se tratava de um fenômeno local, haja vista a menção ao famoso caso da morte da estudante Aída Curi, ocorrido no Rio de Janeiro, em julho de 1958, que se tornou o mais emblemático da presença da “juventude transviada” no Brasil.

A “juventude transviada” é o objeto de estudo deste trabalho.

² O autor do trecho, Jäder de Carvalho, foi um importante escritor cearense. Tendo atuado como jornalista (dirigiu o comunista *Diário do Povo*, fundado em 1947, até a década de 60), poeta, contista, romancista, professor, advogado e sociólogo, imprimia nos seus escritos uma crítica aguçada e denunciadora das hipocrisias das elites no Ceará. Apesar de se valer de personagens fictícios, é sabido, e confirmado pela sua biografia Ângela Barros Leal (2000), que o escritor buscava retratar em seus romances histórias e personagens “reais”. Adepto do gênero do realismo, encontrou na ficção literária um meio de denunciar os deslizamentos morais das autoridades e pessoas influentes da cidade, sem se comprometer ou sofrer maiores retaliações. Em *Sua Majestade, o juiz*, a crítica recaí sobre a atuação nada ética dos magistrados, que servem às oligarquias locais em troca de prestígio social e ascensão profissional. Nessa obra, a narração da atuação do juiz Nogueira serve à denúncia da pouca isonomia do julgamento dos casos que interessam aos poderes locais. Destacamos de sua obra, além de *Sua Majestade, o juiz*, o romance *Aldeota*, editado no ano seguinte. Neste livro, o tom denunciador recaí sobre alguns novos-ricos da cidade que conseguiram ascensão econômica por meios escusos, como contrabando, sonegação de impostos, fraudes etc. O livro narra a trajetória de Chicó, do nascimento no sertão de Cariús, até a sua moradia na Aldeota, bairro de Fortaleza que, nos anos 50, concentrava as residências dos mais ricos e, ainda hoje, um dos mais nobres da cidade. Ainda que fossem usados pseudônimos, os livros de Jäder de Carvalho provocaram insatisfação e fúria entre as elites. Durante alguns anos, seus romances foram de leitura quase proibida. Nas últimas décadas, o autor foi reabilitado, graças, em parte, ao reconhecimento do caráter documental dos seus escritos, que podem indicar aos estudiosos diversos temas de pesquisa. Ousado ao esmiuçar as máculas das famílias “de bem” do Ceará, especialmente as de Fortaleza, as ações de seus personagens ocorriam em espaços conhecidos da cidade (ruas, praças, estabelecimentos etc), possibilitando descortinar seu cotidiano nos anos 50 e 60.

³ “Rabo de burro” é o nome comum dado a um tipo de vegetação (capim) que nasce entre as brechas de uma construção de concreto ou rochas. Os poucos fiapos da planta assemelham-se ao extremo do rabo de animais mamíferos conhecidos pelo nome de burros, jegues e jumentos no Nordeste brasileiro.

Justificativa do tema

“Juventude transviada” é a expressão adotada no Brasil para referenciar um tipo de comportamento juvenil, visto como transgressor e delinquente presente em vários países do mundo, durante as décadas de 50 e 60 do século XX. Apesar disso, os “transviados” são símbolos apenas da primeira década, pois, possivelmente, os movimentos de contracultura (Maio de 68) – acrescidos, no Brasil, pela movimentação estudantil pelo fim da Ditadura Militar – sobressaíram-se na memória sobre a atuação juvenil nos anos de 1960.⁴

Os “transviados”, segundo a imprensa brasileira dos anos 50 e 60, agiam em várias cidades do território nacional, sendo responsáveis pelo aumento da violência urbana, por cometerem desde pequenas contravenções penais a crimes hediondos. As principais ocorrências remetiam a brigas de ruas, corridas de carros (por vezes, resultando em acidentes), pequenos furtos ou roubos, confusões causadas por embriaguez, depredações do patrimônio público, bebedeiras, uso de entorpecentes (especialmente maconha), assassinatos, crimes de sedução e estupro. Além da prática da violência, o “transvio” simbolizava o “novo” representado pela adoção da cultura norte-americana, via consumo de produtos culturais (escutar o “*rock and roll*”; ler *comics*⁵,

⁴ Os jovens tradicionalmente são apontados como os responsáveis por movimentos de vanguarda nas artes e na política (na luta por direitos de cidadania e igualdade) que modificam as sociedades (GROPPO, 2000). Porém, é somente após o segundo pós-guerra que ocorre a consolidação da juventude, uma invenção do século XIX (SAVAGE, 2009). Ela deixou de ser apenas um estágio para a vida adulta, adquirindo o estatuto de um grupo singular, destacado de outros da sociedade, autonomizando-se e constituindo-se como categoria (porém, social e culturalmente variável, transformando-se continuamente – ABRAMO, 1997) e valor (a significação da juventude se distancia da condição etária e passa a se referir a um conjunto de práticas e valores – visões de mundo, comportamentos, hábitos de consumo etc. – do qual qualquer indivíduo pode se apropriar; na sociedade contemporânea, a manutenção da juventude, a despeito dos limites biológicos, é vista como positiva. Desde então, construíram-se estereótipos sobre a juventude de acordo com cada década. Esses estereótipos pouco explicam, mas permeiam a memória coletiva, mantendo sua validade na medida em que servem de parâmetro para visualizarmos o imaginário construído sobre as décadas. Jovens “engajados” e “contestadores” representariam os anos 60. A juventude “paz e amor” dá cor e ar psicodélico à década de 70. Os jovens “alienados” e “mimados”, por vezes, “punks”, são característicos dos anos 80. A juventude “individualista”, que se preocupa mais com o próprio futuro do que com o destino da humanidade, sobressai-se no imaginário sobre os anos 90 (BRANDÃO, 2004; CARMO, 2003). Nos anos 2000, deparamo-nos com a primeira juventude verdadeiramente “cibernética”, “plugada” nas “realidades virtuais” (PAIS, 2006), propiciadas pelo acesso em massa às novas mídias e a tecnologia digital. A geração dos anos 50 também possui seus estereótipos. Moças e rapazes do segundo pós-guerra são conhecidos por modelos bem antagônicos: ou eram românticos e ingênuos ou eram “transviados”. Portanto, os feitos dessa geração, se comparados com os de outras juventudes, não seriam nobres, já que sua energia foi canalizada para uma rebeldia despropositada e apolítica. Este trabalho procurará desmistificar essa interpretação, compreendendo que se os jovens “transviados” não sinalizavam mudanças de caráter claramente político, faziam-no no que se refere à cultura.

⁵ Revistas em quadrinhos.

*fotonovelas e literatura beat*⁶; assistir a filmes de Hollywood), que impactava na moda (roupas, cortes de cabelo, etc.), nos comportamentos (gestos, linguagem, etc.) e visões de mundo (anseio por liberdade, hedonismo, etc.).

Apesar dos problemas relacionados à delinquência juvenil⁷ não serem originários dos anos de 1950⁸, o fenômeno do “transvio” (apontado como um tipo de transgressão⁹ ou delinquência juvenil) causava surpresa por suas características peculiares: parte dos seus adeptos era oriunda da classe média ou da elite; não havia uma justificativa política ou econômica para a atitude transgressora ou violenta, tornando a rebeldia “sem causa” aparente; tratava-se de um fenômeno mundial, dentro e fora da “cortina de ferro”; penetrou os meios de comunicação de massa, que radicaram

⁶ O movimento poético e literário conhecido como *beat* surgiu no início dos anos 50, tendo bastante repercussão na sociedade americana e europeia. Caracterizava-se por rejeitar valores burgueses e estimular a adoção de uma vida menos regrada e mais cheia de emoções, proporcionada pelo sexo, drogas, festas e viagens sem destino. Allan Ginsberg, Jack Kerouac e William Burroughs foram alguns dos seus autores mais famosos. Os *beatniks* – expressão surgida com a junção de *beat* com *nik* (alusão ao satélite soviético Sputnik), com intuito depreciativo, indicativo de uma suposta simpatia do movimento às ideias socialistas – influenciaram os movimentos de contracultura dos anos de 1960. No Brasil, suas influências foram indiretas e limitadas porque a principal obra do movimento, *Pé na Estrada* (concluída em 1951, publicada nos EUA em 1957), somente foi traduzida e publicada em 1980. (CARMO, 2003).

⁷ “Delinquência juvenil” remete ao comportamento inadequado ou ilegal (delituoso) de crianças e jovens. Na legislação brasileira, seguindo o decreto nº6. 026, de 24 de novembro de 1943, não se podem usar termos processuais estigmatizantes dos menores, entretanto a definição era recorrente na documentação jornalística consultada. “Menor” é o termo jurídico para nomear indivíduos que, por sua condição etária, são parcialmente ou totalmente inimputáveis. Em praticamente todos os países, as legislações penais consideram que as crianças e jovens merecem tratamento jurídico especial, sendo estabelecidas idades mínimas para o início da punibilidade. As explicações para isso são muitas e variam de cultura para cultura, mas, de maneira geral, considera-se que, por ainda estarem em processo de formação biológica, psicológica e social, crianças e jovens não têm completo discernimento dos seus atos e podem ser mais facilmente reeducados para o convívio social. Nos anos de 1950, no Brasil, os menores de 14 (catorze) anos eram considerados incapazes, portanto, isentos de responsabilidade penal. Os maiores de 14 (catorze) e menores de 18 (dezoito) eram considerados parcialmente responsáveis por seus atos: caso cometessem alguma contravenção ou infração penal, podiam ser internados em instituições reeducadoras (COSTA, 1976). Apesar das definições legais, a delinquência juvenil não é associada apenas à idade etária. Por isso, mesmo maiores de 18 anos que tenham comportamento “antissocial” ou criminoso podem ser enquadrados nessa definição caso se constate a condição de jovens deles. Portanto, nas fontes consultadas, nem sempre a referência a um “delinquente juvenil” se reporta a um inimputável.

⁸ No início do século XX, setores da elite elaboraram um conjunto de dispositivos para controlar as classes populares, pois elas eram consideradas ameaça a nova ordem republicana, sobretudo por sua concentração desordenada nas cidades. A escolarização de crianças e jovens foi apontada como principal instrumento para formação dos novos cidadãos e de uma identidade nacional. Em paralelo, construiu-se o perfil do jovem delinquente que teve amparo familiar e não serviu a escola. Em consequência, traria perigo à sociedade pela sua ociosidade, precariedade material e hereditário potencial criminoso. O Código de Menores (de 1927, reformulado em 1979 e transformado em estatuto, em 1990) foi o primeiro instrumento legal criado pelo Estado para proteger e vigiar os menores abandonados e os delinquentes. A partir dele, instituíram-se também os Conselhos de Assistência e Proteção aos menores. Os Juizados de Menores foram inaugurados em 1923. (FERLA, 2009)

⁹ Ao me referir à “transgressão”, remeto tanto à quebra de valores e normas sociais não necessariamente ilícitas, quanto às delituosas. Entretanto, como considero que apenas um pequeno grupo de “transviados” envolveu-se em ações violentas previstas criminalmente, adjetivo esse grupo também como “delinquente” ou “violento”, quando for o caso.

o novo tipo de “delinquência” (compreendo como cultura juvenil¹⁰), ao mesmo tempo em que o construíam e difundiam.

A juventude de uma determinada época não pode ser entendida como um bloco homogêneo¹¹. Existem, entre as jovens de uma dada época, diversas culturas juvenis, que se diferenciam por questões de classe, gênero, etnia, região (norte-sul, cidade-campo, centro-periferia), religião, etc. Essa heterogeneidade torna-se ainda mais evidente num país de dimensões continentais e extrema desigualdade social, como o Brasil. (GROPPO, 2000)

Por vezes, na própria época, encontramos debates sobre a existência de fato de uma juventude “rebelde” e “transviada” no Brasil, ou se tudo não passava de exagero e sensacionalismo, sobretudo, da imprensa¹². O certo é que o estranhamento com as novidades estéticas e comportamentais da juventude, especialmente com a recorrência de delitos e crimes associados ao “transvio”, teve repercussão nos meios de comunicação, nos lares, nas universidades, nas instituições (principalmente as de contenção e punição da criminalidade) e, até, no Congresso Nacional. Todos os setores da sociedade, a seu modo, exploraram a presença dos “transviados”: jornais e revistas atraíram leitores com suas matérias; o cinema (não somente norte-americano) explorou à exaustão o tema, garantindo volumosas bilheterias; políticos prometeram acabar com a “juventude transviada” em campanhas; acadêmicos (juristas, psicólogos, sociólogos, médicos) construíram carreiras com a promessa de entender e solucionar o problema do “transvio”; entre outras inúmeras apropriações (isoladas ou coletivas, organizadas ou não) desse objeto¹³.

¹⁰ “Por cultura juvenil, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais [...]. É, por conseguinte, ao nível das representações sociais dominantes (das culturas dominantes) que as culturas juvenis se têm analisado. No entanto, nada se perderia – muito pelo contrário – em reivindicar uma utilização mais dinâmica do conceito de cultura juvenil, explorando também seu sentido «antropológico» aquele que faz apelo para específicos modos de vida e práticas quotidianas que expressam certos significados e valores não apenas ao nível das instituições, mas, também ao nível da própria vida quotidiana” (PAIS, 1990, p. 165)

¹¹ Uma determinada juventude ficar marcada para a posteridade por um título como o de “transviada” não significa que todos os jovens à época pensavam ou se comportavam conforme o adjetivo. Logo, muitos que viveram sua juventude nos anos de 1950 e 1960 (arrisco a dizer que a grande maioria) não se comportavam de maneira “rebelde” ou “transviada” (para os rígidos padrões da época). Ao contrário, viveram sua juventude respeitando, minimamente, os preceitos que lhes foram estabelecidos: moças doces e recatadas, rapazes gentis e honrados. Arrisco, ainda, a afirmar que muitos dos que foram julgados como desviantes não o foram de fato, ou cometeram apenas “lapsos” de “rebeldia”. Aceitável, porém, é que se apenas uma minoria infringe as regras de forma explícita, o restante também o faz, ora ou outra, veladamente, aderindo à norma ou ao desvio segundo as circunstâncias.

¹² Um dos maiores defensores dessa interpretação foi o Ministro do STF, Nelson Hungria.

¹³ Refiro-me a casos simples, como o de leitores que se manifestavam numa sessão de cartas de algum

Portanto, a “juventude transviada” merece ser objeto de investigação histórica por sua relevância para a compreensão de um período de mudanças culturais, conhecido como “era dourada” no Brasil, mediante um viés pouco explorado, o da inserção do jovem como categoria e valor social no século XX.

Anteriormente, a juventude do segundo pós-guerra já havia sido intitulada de *babyboom* (mundial) e *geração coca-cola*¹⁴ (nacional). O termo *babyboom* sinalizava mais para o *boom* demográfico do segundo pós-guerra do que para um determinado tipo de cultura. Ainda assim, recorrentemente a expressão é empregada e reconhecida como indicativa de uma cultura geracional. Por exemplo, Tony Judt (2008) a utiliza quando quer se referir à transformação dos jovens em consumidores.

A expressão *geração coca-cola* indicava claramente a existência de jovens seduzidos pela cultura norte-americana, o *american way of life*, representada por um de seus produtos mais populares. Entretanto, a expressão, pejorativa (imagem negativa do contato cultural), parece-me, ainda, generalizante. Já a expressão “juventude transviada” indicava, especificamente, um tipo de cultura juvenil nova, que fugia ao convencional. O adjetivo “transviado” sintetizava a contestação e transgressão juvenil presentes na sociedade norte-americana e em outros países. Foi, possivelmente, a primeira cultura juvenil verdadeiramente massificada e global.

A qualificação de fenômeno “mundial” era dada pela própria mídia, que aglutinava ações diferentes da juventude na alcunha de “transvio”, no intuito, provavelmente, de amplificar o fenômeno. Por exemplo, os jovens franceses que se rebelavam contra a continuidade do conflito na Argélia eram chamados de “transviados” pela imprensa brasileira. Certamente as motivações para a sua violência eram bem distintas daquela das ruas do Brooklin (Nova Iorque – EUA), também chamada de “transviada”¹⁵.

Portanto, a definição “juventude transviada” precisa ser nuançada a partir das peculiaridades locais de seu objeto, que por vezes apresenta semelhança, mas outras não, servindo o adjetivo “transviado” apenas para desqualificar determinada expressão juvenil ou explorar mercadologicamente o tema. Mas ela não deixa de ser também algo que foge a qualquer localidade e que está inserida em um imaginário que não é de

periódico, ou movimentações mais complexas, como as campanhas organizadas por religiosos.

¹⁴ Segundo o jornalista e colunista social Ricardo Amaral, a “geração coca-cola” era a dos nascidos pós a instalação da primeira fábrica da empresa no Brasil (AMARAL, 2010, p. 43), que ocorreu em 1942.

¹⁵ RABOS de Burro de Nova York. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 4 set., 1954, capa.

nenhum lugar, mas, ao mesmo tempo, é de qualquer canto e que se alinha ao momento em que cultura sofre a internacionalização a partir dos anos de 1950.

Numa consulta ao banco de dados do jornal fortalezense *O Povo*, o único da época com acervo digitalizado¹⁶, no Ceará, constatei que as primeiras menções à “juventude transviada” são datadas de 1957, assim como no jornal *O Estado de São Paulo*. No entanto, as ações de delinquentes juvenis com características semelhantes aos que, posteriormente, foram chamados de “transviados”, já eram recorrentes anos antes. No Ceará, uma expressão muito peculiar era utilizada para se referir aos jovens que transgrediam, impressionando negativamente a sociedade fortalezense, brasileira ou estrangeira: “rabos de burro”. O nome, utilizado amplamente pela imprensa local desde 1954, quando o filme ainda estava sendo rodado, posteriormente se tornou sinônimo de “transviado”.

Também eram usuais outros adjetivos que, posteriormente, se tornaram sinônimos de “transviados”, como “*playboys*”, “lambreteiros”, “desordeiros”, “terroristas do sexo”, “moleques de gravata”, etc.

Para efeito de compreensão do objeto desse trabalho, vejamos as definições de “transviado” presentes na imprensa brasileira. Os “transviados”, esmagadoramente do sexo masculino, dividiam-se em

- a) jovens (menores ou maiores), filhos de famílias de classe média ou da elite, que se envolviam em crimes e delitos e, por vezes, organizavam-se em gangues;
- b) jovens (menores ou maiores), filhos de famílias com satisfatória condição social, que adotavam um estilo de vida compreendido como “moderno” e “transgressor”, mas não necessariamente delinquente. Eram comumente chamados de “*playboys*”. Ressalte-se, porém, que o primeiro grupo podia, também, receber esse adjetivo. O uso do termo “*playboy*” podia ser positivo, quando, por exemplo, presente nas colunas sociais, ou negativo, caso se apresentasse no noticiário policial. O “*playboy*” era um “tipo de rapaz” com um estilo de vida hedonista. Era festeiro, consumidor de moda e produtos caros, vaidoso, bonito, sedutor com as mulheres e abençoado pela influência e a riqueza da família, que, na maioria dos casos, lhe permitia ser ocioso e irresponsável com os estudos e o trabalho. Apesar de às vezes serem

¹⁶ Apesar disso, a busca por palavras é bem menos precisa que a do arquivo do *Estado de São Paulo*, além de não originar gráficos.

confundidos, nem todo “*playboy*” era um delinquente juvenil¹⁷ oriundo das elites e camadas médias, e vice-versa;

- c) jovens (menores ou maiores) de famílias pobres ou de classe média baixa que se envolviam em crimes e delitos para sobreviver. Apesar de “transviados” dos valores morais vigentes e da conduta tolerável, não eram exemplos autênticos de “juventude transviada”, porque sua violência era explicada pelo abandono familiar, miséria, pobreza, ausência de educação e assistência do estado, não por um fascínio pelos “novos tempos” e simpatia pela “cultura americana”. O adjetivo transviado, apesar de usado antes da expressão “juventude transviada” para denominar esse grupo, passou a ser, nos anos 50, apenas um recurso da imprensa para chamar a atenção do leitor para um tema em voga. Referências menos sensacionalistas, porém, ainda pejorativas, eram usadas para qualificar esse grupo, como “menores abandonados” e “delinquentes mirins e juvenis”;
- d) jovens (menores ou maiores) de famílias pobres ou de classe média baixa que tentavam copiar, à sua maneira, os modismos “americanizados”, semelhantes aos “playboys”, podendo ou não se envolver em ações de “violência”. Aqui, mais um exemplo de “transviado não autêntico”, por vezes zombado pela imprensa, já que imitava um comportamento transgressor que era inconsequente somente para os filhos de pessoas “influentes”. Diferentes dos “*playboys*”, quase sempre privilegiados por escapar ilesos da justiça, eram “azarados” (desprovidos de recursos e respeito social), sobre eles incidindo a lei;
- e) jovens (menores ou maiores) que se envolveram em movimentos de rebeldia, contestação ou violência em outros países, dentro ou fora da “cortina de ferro”. Por falta de uma palavra apropriada, ou em razão de abuso sensacionalistas, eram chamados de “transviados”;
- f) jovens do sexo feminino que se comportavam como garotos “transviados” ou frequentavam o seu meio. Diferentemente dos homens, eram identificadas como “transviadas”, na maioria das vezes, moças pobres. O “transvio” de moças era noticiado com muito menor recorrência que o dos rapazes, mas quando o era, provocava estardalhaço, pois se o considerava mais grave que a transgressão masculina.

¹⁷ Vou utilizar essa definição porque era a mais usual nos anos de 1950 e 1960, porém reconheço que nos dias atuais, os pesquisadores priorizam expressões menos estigmatizantes como “jovens em conflito coma lei”. (LIMA, 2009; VINCENTIN, 2005)

Esse trabalho se refere, prioritariamente, ao jovem “transviado autêntico”, aquele que se “transvia” de um caminho já traçado, mas que pode “voltar”, se bem orientado. Trata-se dos jovens dos itens “a” e “b”. O gênero dos adeptos é majoritariamente masculino, sendo raras as menções às “moças transviadas”. Na maioria dos casos, as moças aparecem como vítimas da violência ou da ilusão despertada pelo físico, a força e a estética dos rapazes “transviados”. Temidos, porém sedutores.

Problematização e objetivos

Ao analisar por que o mundo ocidental se tornou cristão, Paul Veyne (2010) defende que a ideologia não é o vetor das mudanças; ela, na verdade, legitima e racionaliza algo que já faz sentido na prática. A juventude dos anos 50, sempre acusada de “sem causa”, “despolitizada” e “não ideológica”, é uma percussora de mudanças culturais associadas à contestação juvenil que, posteriormente, foram racionalizadas pela geração de Maio de 68. Se precisamos estabelecer um marco para entender as mudanças culturais que originaram o mundo que conhecemos hoje, devemos recuar ao tempo em que se legitima e publiciza a quebra de certas regras e tabus para aquele em que ocorre um enfrentamento de normas e valores entre gerações desprovido de um discurso ideológico sistematizado por parte dos agentes da mudança.

No Brasil, os “transviados” são o primeiro grupo do segundo pós-guerra que promoveu o afrouxamento da autoridade da instituição familiar e escolar, a liberalização dos corpos e do desejo sexual e, mesmo, o tão propagandeado direito à diferença, posteriormente apropriado por ideologias revolucionárias. Diferença não de posições políticas (inclusive as que envolviam utopias de transformação do mundo), mas no modo de gerir a própria vida cotidianamente.

A “juventude transviada” não é apenas um grupo de *outsiders*, mas, talvez, a primeira cultura juvenil que adquiriu *status* de global e que carrega, ainda hoje, características próprias. Os seus símbolos (jaqueta, topete, lambreta, *rock and roll*, etc.) e seus ícones (Marlon Brando, James Dean, Elvis Presley, entre outros) são facilmente reconhecidos, mesmo pelos que não viveram a época. Portanto, é uma cultura que sobreviveu ao seu próprio tempo, sendo apontada como inauguradora de um lugar da juventude na sociedade. Como não acreditamos ser possível falar da juventude como

movimento e símbolo de rebeldia antes do segundo pós-guerra, interessamo-nos, também, em entender como se construiu a relação entre juventude e rebeldia, a partir do “transvio”.

Esta tese visa, pois, investigar como se inventou a “juventude transviada” no Brasil, vigente entre os anos de 1950 e 1970, atentando para os saberes produzidos sobre os “transviados” e também para suas práticas e representações, ou seja, seus próprios “modos de fazer” e de “ver”¹⁸. O conceito de invenção nesse trabalho remete-se ao pressuposto de que todos os objetos e sujeitos são construídos em um dado momento, pelos homens, pelas relações sociais no campo da cultura e do pensamento. (ALBUQUERQUE JR., 2011)

Metodologia e Fontes

Numa pesquisa desse molde, podiam-se utilizar inúmeras fontes: depoimentos orais¹⁹, filmes, anúncios publicitários, inquéritos policiais, processos criminais, matérias da imprensa, literatura, obras de memorialistas ou acadêmicos, etc. Optamos por priorizar a consulta aos jornais, revistas²⁰ (atentando para os textos e as imagens produzidas) e obras acadêmicas²¹ que descreveram, analisaram e interpretaram a “juventude transviada” no Brasil.

Observar o noticiário da imprensa nos permite perceber mudanças culturais da sociedade brasileira e como elas eram representadas. No noticiário (de cotidiano, social, policial, etc.), as práticas juvenis (vistas como positivas ou negativas), assim

¹⁸ Adotando o ponto de vista de Roger Chartier, a “juventude transviada” se encontraria entre as práticas (modos de fazer) e as representações (modos de ver). (BARROS, 2004, p. 76).

¹⁹ Conversei com diversas pessoas no Ceará que viveram os anos de 1950 e 1960 sobre suas experiências de juventude e, particularmente, sobre a “juventude transviada” e os “rabos de burro”. Nenhuma das entrevistas, entretanto, foi formalizada e as informações colhidas e disponibilizadas nesse trabalho são observações do meu diário de pesquisa.

²⁰ Foram consultados o carioca *Jornal do Brasil* e os paulistas *O Estado de São Paulo* e *A Folha de São Paulo* (até 1960, dividido em *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*). Esses diários foram escolhidos pela facilidade de acesso (digitalizados) e por terem alcance nacional. *O Estado de São Paulo*, por exemplo, publicava uma edição nacional, além da local. As revistas consultadas foram *O Cruzeiro*, *Mundo Melhor* (católica) e *Realidade*, todas de variedades e de âmbito nacional. Foram consultados os jornais cearenses *Gazeta de Notícias*, *Correio do Ceará*, *Diário do Povo*, *O Nordeste*, *O Povo*, *Tribuna do Ceará*.

²¹ *Juventude Transviada. Alguns aspectos da problemática médico-social* (1966), do médico Napoleão Lyrio Teixeira, *Nelson Hungria e Juventude Transviada. Impressões de uma conferência* (1958), do historiador Enélio Petrovick, *Delinquência juvenil* (1959), do advogado Sérgio Muniz de Souza, *Os sete pecados da juventude sem amor* (1966), do jornalista Fernando Pinto, *Homossexualismo e Delinquência* (1963) de Luiz Ângelo Dourado e *O crime de calças curtas* (1960), do jornalista cearense Juarez Temóteo.

como as reações de parte da sociedade a essas práticas, encontram-se descritas, analisadas e interpretadas pelas máquinas de escrever dos jornalistas e lentes dos fotógrafos. Por vezes, especialistas (normalmente por meio de artigos) ou simples leitores (através de cartas) manifestam-se sobre a “juventude transviada”. A imprensa – um mundo organizado segundo a lógica de profissionais que, a um tempo, vislumbram e criam os fatos e as necessidades de informação dos seus leitores (geralmente pessoas da classe média) – não carrega somente um volume imenso de informações e análises do que se passa na sociedade. Unicamente por isso ela já seria uma fonte de consulta diferenciada, mas, no caso específico do nosso objeto, ela se torna ainda mais importante porque os “transviados” não somente eram noticiados recorrentemente, abundando-se, assim, informações sobre eles mas também foram encenados nessa recorrência, num jogo discursivo, muitas vezes teatralizado (BURKE, 2005, p. 209) com o intuito claro de ora potencializar, ora amenizar o desconforto causado pela presença dos jovens “transviados”.

As obras acadêmicas, por seu turno, apareceram como uma grata surpresa no meio do percurso desse trabalho. Inicialmente impensadas como registro documental, aproximei-me delas quando intencionei buscar na própria época as análises e explicações dadas ao “transvio”. Sua riqueza apresenta-se na síntese dos temas relacionados ao “transvio” juvenil, na construção conceitual do “transviado” (também do “delinquente”, “adolescente”, etc.) e no diagnóstico e terapêutica do “transvio”.

Uma lacuna a ser preenchida no estudo desse tema, não superada neste trabalho, diz respeito ao uso de documentos produzidos pelos próprios “transviados”. O olhar dos jornalistas e dos acadêmicos é externo ao nosso objeto. Por isso, apesar de não fazer exatamente análise do discurso, no sentido de entender os “transviados” como uma construção discursiva de alguns meios, busquei desnaturalizá-los, atentando para o lugar da sua produção.

Recorte temporal e espacial

O recorte temporal da pesquisa se definiu pelo volume de notícias que associaram “transvio” à juventude na imprensa brasileira, particularmente a cearense. Assim, estabelecemos como marco inicial 1958, ano em que repercute o lançamento do filme *Juventude transviada* (*Rebel without a cause*, 1955) e a morte da estudante Aída

Curi (explorada no primeiro capítulo). Estabelecer o marco final desse trabalho foi mais difícil, porque as menções à “juventude transviada” permanecem até os dias atuais. Percebemos, todavia, que elas se tornam cada vez mais ocasionais e esporádicas, especialmente a partir de 1964 e, praticamente, desaparecem após 1968, devido, suponho, ao Golpe Militar e ao endurecimento da repressão policial e ao ocaso da liberdade de expressão advindas com o AI-5. Nota-se, ademais, que o foco da sociedade se direcionou para outras questões juvenis, como a participação estudantil nas tentativas de restabelecimento da democracia. Além disso, novas referências culturais, como a Jovem Guarda, emergem a partir da segunda metade dos anos de 1960, apropriando-se de algumas referências da “juventude transviada”, mas com uma identidade cultural diferente.

No final dos anos de 1970 e início de 1980, identifica-se uma retomada das menções à “juventude transviada”, mas no sentido de rememoração. Acreditamos ser dessa releitura que se originem as interpretações de senso comum sobre os jovens nos anos de 1950²². Portanto, se fosse possível inferir precisamente um período em que a “juventude transviada” se fez presente no cenário brasileiro, seria entre 1958 e 1968. Por vezes, entretanto, alargaremos esse intervalo nos dois sentidos, para fins de compreensão.

O recorte espacial a princípio seria restrito à cidade de Fortaleza. Havia escolhido essa cidade como cenário preferencial por dois motivos: 1) Fortalezaense, dou continuidade a estudos sobre a cidade iniciados desde a graduação. 2) O “transvio” foi experiência impactante na cidade, sendo constantemente noticiada e rememorada (testemunhas, imprensa, memorialistas, etc.). No projeto inicial, este trabalho seria circunscrito a uma etnografia dos “rabos de burro”, mas não o fiz. Ao longo da pesquisa, contudo adotei um novo olhar que se voltava mais para os discursos que para as experiências, em certa medida porque percebi a dificuldade de tratar o “transvio” apenas localmente. As próprias fontes (especialmente, as jornalísticas) guiaram-me para outros lugares, motivando-me a abordar o objeto num plano mais elevado. Acredito, também, na possibilidade de se produzir história com ressonância nacional (não somente local e regional) fora do eixo Rio – São Paulo.

²² Nos anos 80, cultuaram-se os anos 50, tal como hoje se retomam as referências culturais dos anos 80. Destacamos, naquela releitura, o filme norte-americano *O selvagem da motocicleta* (1983) e a minissérie brasileira *Anos dourados* (1986), exibida pela Rede Globo,

Desse modo, acredito que fiz um trabalho de história do Brasil e falo de experiências juvenis na cidade de Fortaleza, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Revisão bibliográfica e referencial teórico

As obras utilizadas referentes à história da juventude no Brasil encontram-se diluídas ao longo dos capítulos, pois uma prévia discussão com elas faria pouco sentido num trabalho que problematiza a inserção da juventude como objeto de pesquisa entre os acadêmicos brasileiros. Vale ressaltar, ainda, que ainda são incipientes no país os trabalhos de História que não apenas mencionam a juventude, mas a problematizam como categoria de análise.

Jacques Le Goff e Pierre Nora (1998) apontaram os jovens como uma possibilidade de objeto para os historiadores. A obra *História dos jovens* (1996), com um volume devotado à Antiguidade, ao Medievo e à Modernidade, e outro dedicado à Contemporaneidade, foi o primeiro compêndio sobre o tema. Além de apresentar pesquisas já realizadas, certamente pretendia estimular novos trabalhos. No Brasil, porém, não foi organizada uma edição com trabalhos locais, à semelhança do que ocorreu com outros objetos, como cotidiano/vida privada, mulheres e infância. Isso talvez aconteça porque os poucos trabalhos envolvendo a juventude, no Brasil, estão inseridos nos estudos de família ou se concentraram, prioritariamente, na participação estudantil durante a Ditadura Militar brasileira. De todo modo, a produção acadêmica sobre juventude vem crescendo nos últimos anos. Uma evidência disso é a existência do simpósio temático permanente “Infância, adolescência e juventude no Brasil: história e historiografia” no maior evento de História do país, promovido bienalmente pela ANPUH.

Por outro lado, os estudos de juventude são um campo consolidado nas Ciências Sociais brasileiras. Como exemplo, podemos apontar a obra *Sociologia da juventude* (1968), organizada por Sulamita Brito, com textos de autores nacionais e internacionais; a *Bibliografia sobre juventude*, organizada por Ruth Cardoso e Helena Sampaio, em 1996, indicando os principais trabalhos sobre o assunto produzidos no Brasil e no mundo, desde a década de 50; e, mais recentemente, *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira* (2006), organizado por Marília Pontes Sposito, um balanço da produção sobre juventude nas Ciências Sociais, Educação e

Serviço Social, entre 1990 e 2006. Logo, os estudos de Sociologia fornecem as principais balizas conceituais para quem se aventura na temática.

A relação entre juventude e delinquência é antiga nas pesquisas sociológicas. No início do século XX, intelectuais da Escola de Chicago (criada em 1892), buscando compreender a sociedade contemporânea (essencialmente urbana, industrial, midiática), sentiram a necessidade de encontrar um lugar para os jovens nas suas análises. A vivência da urbanidade, do anonimato e das novas formas de escolarização e lazer, ligadas ao desenvolvimento da indústria cultural, fazia dos jovens um grupo social de destaque.

Entretanto, é a sua imersão na criminalidade que motiva as primeiras investigações. Em 1924, Frederic Thrasher publicou *The gang*, na qual discutia a relação entre o comportamento delinquente dos jovens e a vida nos grandes centros urbanos. Para o autor, as *gangs* não eram somente grupos de adolescentes propensos à violência e à infração, mas indivíduos que possuíam os seus próprios códigos e significados morais (WARDE e SAVAGE, 2002). Esse e outros trabalhos semelhantes foram classificados como Sociologia do Desvio. Nesse campo de estudo, os desviantes, em geral, são percebidos e representados como sendo diferentes do restante do grupo social, questionando-se o que motiva a afirmação da diferença, por meio da negação dos valores e normas sociais vigentes.

Algumas correntes teóricas norteiam os estudos sobre desvio. O funcionalismo fundamenta a tese de que, se a sociedade se assemelha à natureza em seu funcionamento, os comportamentos desviantes são previstos e necessários para manter o equilíbrio do organismo social, pois garantem a sua renovação; e a leitura do desvio como anomia (Durkheim), consequência da desestruturação da sociedade, que leva os indivíduos a romperem com os valores coletivos.

Na teoria culturalista, para quem a sociedade é formada por diferentes grupos, com normas, crenças e valores próprios, o desvio se efetua no confronto entre elas. Nessa corrente é que surgem conceitos como os de “subcultura”, “*gang*” e “galeras” (DIOGENES, 2008), “tribo” (MAFESSOLI, 2006), entre outros, bastante utilizados nos estudos de juventude, sobretudo na Antropologia Urbana.

Para o interacionismo, por sua vez, o desvio é compreendido tal como para Howard Becker, na obra *Outsiders*, de 1964: produto das transações entre os indivíduos

e o coletivo, o reconhecimento do caráter desviante dependendo, pois, da reação dos outros. Ao se qualificar um indivíduo ou grupo como desviante, gera-se um novo problema social e meios para tratá-lo (VELHO, 2003).

Os jovens “transviados”, como grupo desviante, são passíveis de ser estudados com base nessas quatro teorias, pois exercem, de certo modo, o papel de renovar a sociedade, acenando para o “novo” (funcionalismo I); inserem-se num momento específico e nodal da sociedade, o segundo pós-guerra, em que vários reajustes econômicos, políticos e culturais estão ocorrendo, característicos da chamada “era dourada” (funcionalismo II); emergem no interior das classes sociais mais abastadas, organizando-se em gangues (culturalismo); são reconhecidos e nomeados como “transviados” pela coletividade – notadamente, pelos meios de comunicação –, que procura formas de enquadrá-los socialmente (interacionismo).

Há mais de vinte anos, José Machado Pais propunha que os estudos da juventude precisavam apontar para um novo curso, em que a cultura juvenil fosse abordada a partir dos contextos vivenciais ou quotidianos dos próprios jovens. Ainda que continuasse a reconhecer sua utilidade, o autor questionava o esgotamento da corrente geracional (“as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas” – interpretação recorrente entre os anos de 1950 e 1970) e da corrente classista (“as culturas juvenis são uma forma de resistência à cultura dominante” – a partir dos anos de 1970), que, entre outros limites, problematizam o jovem sempre a partir do confronto com o outro e não a partir de si mesmos²³. As motivações desse modo são externas à própria juventude: o jovem é um reagente, não um agente.

Não acredito que as fontes que eu selecionei consultar, a metodologia que eu utilizei e o modo como escolhi para interpretá-las tenham permitido que, nessa versão final, esse trabalho obedeça à terceira via proposta por José Machado Pais. Nesta tese, a corrente geracional e classista ainda estão muito presentes e deliberadamente optei por considerá-las, pois julguei que me eram mais úteis para entender os

²³ Exemplificando o trato dado a delinquência juvenil, por exemplo, na linha classista, ela significa uma incapacidade de os jovens ajustarem-se aos valores da geração mais velha. Eles os invertem para legitimarem seus próprios valores. Já para a corrente classista, a delinquência juvenil é um meio de resistência deliberada e consciente aos valores da classe dominante.

argumentos dos autores (jornalistas e acadêmicos) que escreveram sobre o “transvio” e a época que eu apresento.

Mas a fim de atualizar a leitura sobre os jovens “transviados”, busquei me aproximar dos chamados autores dos Estudos Culturais da História Cultural, que eu considere que para mim como historiadora facilitariam a compreensão do diálogo que hoje se estabelece entre a História e a Antropologia para compreensão da cultura e das identidades culturais de um modo mais dinâmico. Fora isso, esses autores dos Estudos Culturais problematizam também a sociedade dita global em suas formas de apropriação, consumo, comunicação, as quais, como apontado por diversos autores ao longo desse trabalho, se inaugurariam no Brasil a partir da década de 1950, contexto em que surgem os “transviados”. Por sua vez, os historiadores da dimensão teórica da História Cultural ajudaram-me a pensar a cultura como um conjunto dinâmico de práticas, representações e saberes. Nesse sentido, foram substanciais as leituras de Néstor García Canclini, Stuart Hall e Massimo Canevacci, Peter Burke, Paul Veyne e Roger Chartier, e a autores bastante influentes no campo histórico, como Michel Foucault e Gilles Lipovetsky.

Teorias sociológicas contemporâneas também auxiliaram na abordagem do tema, como as contribuições de Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Luís Antônio Groppo e José Machado Pais.

No Brasil, a “juventude transviada” foi objeto de estudo de algumas pesquisas, como a dissertação da historiadora Fernanda Quixabeira Machado (2006), fazendo um comparativo entre as juventudes da década de 1950 e 1960, em Cuiabá. A tese da educadora Katya Mitsuko Zuquim Braghini (2010), por sua vez, retratou o imaginário sobre a juventude construído nas publicações da Revista da Editora do Brasil S/A, entre 1961 e 1980, apresentando a “juventude transviada” como “universal”.

Outros dois trabalhos que fazem menção a “transvio” utilizam como fonte documental a cinematografia: a dissertação do jornalista Cristiano Marlon Viteck (2009) faz uma análise da construção do adolescente norte-americano em três filmes, *O selvagem* (1953), *Juventude transviada* (1955) e *Sem destino* (1969); a tese do psicólogo Sérgio Luís Braghini (2011), de seu lado, analisa a contestação da autoridade paterna em filmes americanos como *Juventude transviada*.

Na Sociologia, pode-se destacar o livro de Waldenyr Caldas, *A cultura da juventude* (2008), no qual o autor identifica as culturas juvenis entre os anos de 1950 e 1970 com base nos estilos musicais. A obra *Culturas da rebeldia* (2003), de Paulo Sérgio de Carmo, em que se atribui aos “transviados” e *beatniks* a inauguração da relação entre a rebeldia e a juventude. E a tese de doutorado *Anos dourados ou rebeldes* (2004) de Ana Pederiva que analisa as transformações da juventude através das músicas que fizeram sucesso nos anos de 1960.

Estrutura do texto

O objetivo do primeiro capítulo é explanar sobre quando e como surge a “juventude transviada” no Brasil. Entre as mudanças socioculturais ocorridas nos anos de 1950 e 1960 está a ascensão da juventude como categoria e valor social, que possibilitou a uma nova geração – intitulada, inicialmente, de “*baby boomers*” (a nível mundial), “*coca-cola*” (no Brasil) – novas experiências de juventude, dentre elas a que ficou conhecida como “juventude transviada”. O Brasil, a essa época, passa por um processo de crescimento urbano, ampliação das oportunidades trabalho e educação, maior inserção das mídias no cotidiano das pessoas e uma chamada americanização dos costumes. Nesse cenário, emergiram os primeiros “transviados” (rapazes pertencentes às camadas mais abastadas que esteticamente e moralmente se comportam de um modo considerado transgressor e delinvente), causando grande espanto na sociedade brasileira, segundo o que noticiou a imprensa. O lançamento do filme *Juventude transviada*, cujo personagem principal e seu intérprete, James Dean, tornaram-se ícones de uma nova cultura juvenil (“transviada”, “rebelde sem causa”) e a morte da estudante Aída Curi – cujos suspeitos, Cássio Murilo e Ronaldo Guilherme, foram considerados dois exemplos de jovens “transviados” – ajudaram a consolidar o uso da expressão “juventude transviada” e desde então o “fenômeno” passou a ser explorado ainda com maior recorrência pela imprensa. Ao final do capítulo, reduzo o lócus de observação para Fortaleza, no intuito de perceber com mais detalhes o impacto da presença dos “transviados”, que anteriormente eram conhecidos por “rabos de burros”.

O objetivo dos capítulos seguintes é responder como o fenômeno do “transvio” juvenil foi explicado no Brasil. Para isso, apoie-me, primordialmente, na obra *Juventude transviada*. Alguns aspectos da problemática médico-social (1966) do

médico paranaense Napoleão Lyrio Teixeira, que há mais de uma década dedicava-se, entre outros estudos, à compreensão da etiologia da delinquência juvenil. No trabalho em questão, diversas causas de natureza cultural, socioeconômica, familiar de sociabilidade são elencadas para explicar o comportamento dos jovens “transviados”. Para enriquecer o trabalho, combinei os estudos do médico com o de outros intelectuais que também buscaram explicar a “juventude transviada” através de artigos e reportagens publicadas nos jornais da época ou em obras particulares²⁴.

No segundo capítulo, apresento como o consumo de produtos da indústria cultural foi apontado como prejudiciais para a formação intelectual e moral dos jovens. O cinema, o rádio, a música, as histórias em quadrinho, os jornais e a televisão contribuíram, à sua maneira, como estimulantes para o “transvio” e busquei evidenciar de que maneira, supostamente, o faziam. Além disso, a partir desses veículos, apresento e analiso informações sobre a cultura de massa característica desse período e a sua apropriação pelos jovens.

No terceiro e último capítulo, reúno as causas de natureza socioeconômica, familiar que ajudaram os intelectuais a explicar a “juventude transviada”. Inicialmente dedico atenção à distinção feita entre os jovens pobres e ricos na experiência do “transvio”, evidenciando como a “juventude transviada” foi explorada pela imprensa e os intelectuais no intuito de cobrar do Estado e das autoridades competentes solução para o problema dos menores abandonados e delinquentes que se avolumava nas cidades brasileiras, sendo estes confundidos eventualmente com os “transviados”. Em seguida, destaco como a crença na ineficiência daquela que era considerada a principal instância de socialização, a família, era determinante para o envolvimento dos jovens nas “gangs” e nos vícios de álcool, entorpecentes e na liberação sexual, supostamente característicos da “juventude transviada”. Concluo o capítulo e a tese constando que, por volta de 1968, a “juventude transviada” chega ao seu “fim” no Brasil.

²⁴ Rever nota 21.

CAPÍTULO I

Com James Dean, a juventude atual se identifica por inteiro, não tanto por causa da violência, do sadismo, da histeria, do pessimismo e da crueldade, mas por outras coisas infinitamente mais simples e corriqueiras: o pudor dos sentimentos, a fantasia permanente, a pureza moral sem relação com o mundo corrente, o gosto eterno da adolescência pelo desafio, pela embriaguez, pelo orgulho e mais o seu desgosto de se sentir fora da sociedade, pela recusa e pelo desejo de nela se integrar. E, finalmente, pela aceitação — e pela recusa — do mundo tal como ele é.

François Truffaut²⁵

Nem criança, nem adulto: jovem e transviado

Neste capítulo, inicialmente, retomo a discussão sugerida na introdução sobre o aparecimento da juventude como categoria social no século XX. Em seguida, lanço a hipótese de que o surgimento da expressão “juventude transviada” está vinculado à exibição do filme homônimo e de que a repercussão da morte da estudante Aída Curi fomentou notícias e estudos sobre o “transvio” no Brasil. Finalizo, analisando como os “rabos de burro” tornaram-se “transviados” na cidade de Fortaleza.

1.1) A juventude como protagonista do século XX

Para se definir, hoje, alguém como jovem, as periodizações legais parecem importar cada vez menos²⁶: deve-se pautar por critérios diversos, como idade etária, condição civil, aparência física, imaturidade intelectual ou psicológica, papel

²⁵ Depoimento retirado catálogo da exposição James Dean: eternamente jovem. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/CatJamesDean.pdf>>. (Acessado em 07 ago. 2013)

²⁶ Existem variados recortes etários para estabelecer uma faixa da população como “jovem”. A Saúde OMS e a UNESCO adotam o recorte de 15 a 24 anos. Tal recorte foi convencionado em 1964, na Conferência de Grenoble, baseando-se em dois limites: a) idade mínima para adentrar no mercado de trabalho; b) expectativa para a conclusão da escolarização formal. Porém, mais recentemente, alguns países, incluindo o Brasil, através da SNJ e do CONJUV, adotaram um recorte mais extenso: 15 a 29 anos (ALMEIDA; SZWAKO, 2009). Já a adolescência é reconhecida, tanto por órgãos internacionais como pelo governo brasileiro, como perfazendo o intervalo entre os 12 e os 18 anos. A lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, criou o ECA, legislação para menores de idade em vigor no Brasil.

desempenhado na sociedade ou, mesmo, autodenominação, todos válidos para o reconhecimento do que é ser jovem. Portanto, jovens são todos aqueles que se convencionou chamar assim ou os quais se reconhecem dessa forma. Observa-se não somente uma ampliação do tempo da juventude, mas também uma busca pela manutenção da imagem, da atitude e da condição (social, psicológica, intelectual) jovial. “Ser jovem” é um valor positivo, pois denota uma predisposição dos sujeitos a aceitar a mudança num mundo cada vez mais veloz, tecnológico e, sobretudo, hedonista. Aqueles que rejeitam ou não se esforçam para manter e alargar a juventude são negligentes (com a saúde – corpo e mente), ultrapassados (desconhecem a necessidade de se adotar o novo), inadaptados (apresentam, por exemplo, dificuldades no manuseio de tecnologias), etc. É como se “ser jovem” se sobrepusesse ao indivíduo e não fosse, inversamente, uma produção do próprio sujeito e da sociedade em que vive. Portanto, a juventude, seja como convenção cronológica, categoria ou valor social, é quase naturalizada.

Muitos historiadores apontam, entretanto, que a juventude, como categoria e valor social, é uma invenção relativamente recente, somente consolidada nas últimas décadas. Afinal, se as transformações biológicas que o corpo sofre ao longo dos anos são inerentes à existência humana, os modos como cada época, grupo e lugar significam essas transformações é, essencialmente, histórico-cultural.

Philippe Ariès (1981) argumenta que, durante a Idade Média, as “idades da vida” (infância-puerilidade, juventude e velhice-senilidade) eram reconhecidas por terminologia essencialmente abstrata e erudita, sendo empregadas em estudos da biologia humana. Nessa época, a adolescência era desconhecida, não havendo uma demarcação nítida entre infância e juventude. Ao longo do tempo, essas noções passaram do domínio da ciência para o da experiência comum, familiar. Entre os séculos XIV e XVIII, ocorreu uma popularização dos conceitos sobre as “idades da vida”, constatada pelo autor mediante as iconografias profanas europeias. A leitura das imagens indica a existência, até então, de cinco idades da vida: a dos brinquedos, a da escola, a do amor/esportes/festas, a da guerra/cavalaria e a dos sedentários (homens das leis, das ciências, da sabedoria). “As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais; sabemos que havia homens da lei muito jovens, mas, consoante à imagem popular, o estudo era ocupação dos velhos.” (ARIÈS, 1981, p. 40)

A modernidade e o estabelecimento dos princípios de cidadania trouxeram uma cronologização da vida humana, substituindo as “idades da vida” por “faixas etárias”. Mais definidas, as faixas consideram características biológicas, psicológicas e sociais dos indivíduos.

A infância foi a primeira faixa a ganhar contornos próprios, de modo a resguardar para determinado grupo um tratamento diferenciado. Segundo Peter N. Stearns (2006), a infância moderna surgiu no Ocidente, entre os séculos XVII e XIX, carreando três mudanças pontuais em relação à forma como as crianças eram compreendidas anteriormente. Primeiro, passou-se a priorizar na sua formação a escolaridade e não o trabalho, tornando-as (e depois os adolescentes) passivos economicamente. Diante disso, foi estimulada a redução do número de filhos para minimizar os gastos com seus cuidados. Por fim, investiu-se na redução das taxas de mortalidade infantil.

Já a juventude é uma criação da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX, pautada, inicialmente, na convicção de que era necessário alargar a formação escolar, ética e moral dos indivíduos antes de seu definitivo ingresso no mundo adulto e do trabalho (SAVAGE, 2009). Luís Antônio Groppo (2000, p. 10) afirma a existência de uma “Era da Adolescência” na contemporaneidade, pois na virada do século XIX e XX houvera uma “explosão” de projetos que constituíram “o solo, base, cimento ou fundamento social” (GROPPO, 2000, p. 10) para a invenção da juventude. Organizações de caridade, instituições filantrópicas e estatais, legislações, tribunais, polícias, partidos políticos, movimentos sociais, artísticos e as ciências (médicas, humanas, jurídicas) criaram e legitimaram a juventude. Vale ressaltar, porém, que os próprios jovens participaram desse processo, reinventando a juventude no seu cotidiano, constantemente.

Com a constituição do Estado Moderno, formulou-se e se alargou o atendimento às crianças e aos jovens. As escolas destacaram-se num primeiro momento, pois estenderam o período de “adolescência” e ampliaram o atendimento às classes menos abastadas (pequeno-burgueses, proletários e camponeses). Posteriormente, orfanatos, instituições para menores infratores, juizados e conselhos especiais surgiram para responder às falhas dos pais e do próprio Estado na formação dos jovens (GROPPO, 2000). A legislação garantiu a legalidade das divisões etárias, na medida em que se as utilizava para diferenciar o acesso dos cidadãos aos bens públicos. Aos que se encontram na infância, adolescência ou juventude são reservados direitos e

deveres particulares, que presumem, de acordo com a situação etária, as possibilidades de estudar, trabalhar, casar (direitos civis); comprar e vender (direitos de propriedade); votar e ser eleito (direitos políticos); ser julgado e penalizado (direitos penais), etc.²⁷

Na criação da ideia de juventude, ao longo dos séculos XIX e XX, tiveram, ainda, participação destacada: movimentos e partidos políticos diversos, constituindo segmentos especiais que contemplavam o público juvenil, por exemplo, a Juventude Hitlerista (ALE) e o *Konsomol* (URSS); os meios de comunicação de massa/indústria cultural, por meio da formação de mercado consumidor juvenil, de que dão exemplo a propagação do modo de vida do *teenager* americano e todos os seus produtos agregados (PASSERINI, 1996); a Igreja, através, por exemplo, da Ação Católica, extremamente presente no Brasil, que reunia estudantes universitários (JUC), jovens camponeses (JAC), jovens operários (JOC) e a juventude mais abastada (JIC) da Juventude Estudantil Católica (JEC) com o objetivo de ampliar e fortalecer o catolicismo entre as novas gerações, combater o comunismo e discutir problemas sociais e morais da sociedade contemporânea; as ciências sociais, médicas e jurídicas, por intermédio de literatura vasta em torno das definições de juventude, inaugurada pela obra *Adolescence* (1904) de Stanley Hall, convencionalmente aceita como a primeira a defender a importância dessa etapa da vida na definição do caráter do indivíduo; e, por fim, as artes, sejam as mais comerciais ou as de vanguarda, na formação e propagação de ideias novas incorporadas e associadas ao “espírito jovem”, como a *Pop art*²⁸.

Para Eric Hobsbawm (1995), uma das mais importantes revoluções ocorridas no século XX foi a da juventude, haja vista que o jovem passou a ser o centro das sociedades. O fenômeno da juventude pode ser simbolizado pelo “herói, cuja vida e juventude acabam juntas”, representado, primeiramente, pelo astro James Dean, na década de 1950 (HOBSBAWM, 1995, p. 318). Ou seja, a juventude é tão valorizada a partir de então, que se torna o auge da existência humana, ponderando-se se vale mais vivê-la intensamente, ao custo da própria vida, do que apegar-se a modelos seguros (tradicionais) de participação juvenil, não a usufruindo plenamente. Segundo o autor, até 1970, o mundo era governado por uma gerontocracia masculina, líderes com menos de 40 anos de idade sendo uma raridade. Daí o espanto causado quando Fidel Castro,

²⁷ Mais recentemente, os idosos também passaram a ser detentores de legislação especial. No Brasil, a lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, estabeleceu a criação do Estatuto do Idoso no país.

²⁸ Outra obra apontada como marco da invenção da adolescência é o romance *O apanhador do campo de centeio*, de Jerome David Salinger, publicado em 1951.

aos 32 anos, assumiu o poder em Cuba. Com o passar dos anos, essa condição foi se invertendo, havendo um juvenescimento da sociedade (HOBSBAWM, 1995, p. 319-20).

Com o surgimento de uma cultura juvenil, inverteu-se o papel das gerações. No que se refere ao mundo tecnológico, por exemplo, “o que os filhos podiam aprender com os pais tornou-se menos óbvio do que o que os pais não sabiam e os filhos sim” (HOBSBAWM, 1995, p. 319). Além disso, os jovens, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, promoveram intensas mudanças na cultura e nas relações em sociedade. As modificações no modo de as pessoas falarem, vestirem-se, dançarem, alimentarem-se, fazerem sexo, mas, sobretudo, nas estruturas familiares, escolares, políticas e econômicas foram promovidas, substancialmente, por enfrentamentos e gritos juvenis.

Antônio Lassance (1988) clareia essa hipótese, afirmando que a juventude deixou de ser um mero parâmetro, linha, teoria e abstração social, para existir de fato, o jovem tornando-se o agente transformador por excelência:

O que marca a passagem da juventude clássica para a moderna é a forma pela qual são inventadas. Antes, quem definia o lugar da juventude era a família e o Estado. Modernamente, quanto mais a família e o Estado consideram a juventude como uma idade, menos ela o é. Tornou-se um ator social em movimento. Reinventou a si própria. Ela é autora e sua própria criatura. Neste momento, deixamos de falar em apenas ideias e idades e passamos a perceber uma força social destacada. Algo concreto, vivo, e não uma criação convencionalizada pelo costume, um produto literário ou um estado de espírito. A juventude já não é mais um lugar. É agora um sujeito de carne e osso. [...] Não há como separar juventude e história. Isto significa dizer que não se pode separá-la da política, da cultura, da economia e da luta de classes. (LASSANCE, 1988, p. 2)

Jon Savage, na obra *A criação da juventude* (2010), descreve esse processo até o ano de 1945, quando o adolescente triunfa e consagra seu lugar na sociedade ocidental. Já Eric Hobsbawm (1994) considera que a década de 1970 seja a catalisadora do processo de soberania juvenil. Tony Judt (2008) é mais contundente, apontando o ano de 1957 como o marco da criação da juventude, tomando por base a capacidade de consumo²⁹ da geração *baby-boom*:

²⁹ Denise Bernuzzi Sant’Anna (2008) observa que no Brasil, também a partir da segunda metade dos anos de 1950, os meios de comunicação de massa expressavam o desejo modernizador e rejuvenescedor da sociedade, simbolizado, por exemplo, pela eleição de JK. A publicidade e a ampliação da oferta de

Por volta de 1957, pela primeira vez na história da Europa, os próprios jovens começaram a comprar. Até então, a juventude sequer existia enquanto grupo separado de consumidores. Na realidade, a “juventude” sequer existia. Em famílias e comunidades tradicionais, crianças permaneciam crianças até deixarem a escola e entrarem no mercado de trabalho, momento em que se tornavam jovens adultos. A nova categoria, intermediária, “adolescente”, na qual uma geração não foi definida por *status*, mas por idade – nem criança nem adulto –, não tinha precedente. E a noção de que tais indivíduos – adolescentes – pudessem constituir um grupo separado de consumidores seria impensável poucos anos antes. (JUDT, 2008, p. 141)

Se não há juventude sem história, porque ela não existe por si mesma, e só é possível de ser compreendida como produção social, delimitada por fatores temporais, espaciais e culturais (LEVI; SCHMITT, 1996), não parece ousado ponderar que não há história contemporânea sem a juventude, pois sua invenção e os seus movimentos nas últimas décadas moveram tudo que é “novo” no mundo do segundo pós-guerra.

No Brasil, a participação juvenil na sociedade se consolidou entre os anos de 1950 e 1960, não diferindo muito do que ocorreu em outros lugares. É nesse momento que o processo de internacionalização da cultura intensifica-se e há a expansão da cultura de massa e das novas mídias e tecnologias. Em paralelo, outras mudanças econômicas, políticas e sociais estavam ocorrendo, como o crescimento das cidades, industrialização de alguns setores da economia, além de um projeto de redemocratização do estado, abortado em 1964 com o Golpe Militar.

As fontes consultadas (jornais, livros acadêmicos e de memorialistas, depoimentos, etc.) demonstram que o trânsito cada vez mais facilitado de ideias no segundo pós-guerra aproximou realidades, num processo que, mais à frente, denominar-se-á de “globalização”. Observo a recorrência a certo complexo colonial nas explicações realizadas sobre o “transvivo” no Brasil. Como veremos adiante, havia a crença de que o fenômeno não passaria de mimetismo local das práticas dos jovens norte-americanos, as quais estavam associadas, de modo geral, a uma “liberalização”, ou, mesmo, “transgressão”, dos costumes. Defendia-se que, a partir dos anos de 1950, os EUA intensificaram, por meio da mídia, a difusão de seu modelo cultural para outros países, que foram, paulatinamente, adaptando-se a ele, ainda que com ritmos e peculiaridades distintas. Tal leitura era bastante segura e aceitável à época, porém reducionista, hoje,

novos produtos estimulavam a individualidade e a associação entre consumo e felicidade.

ainda que, ao se estudar a “juventude transviada” no Brasil, não se possa negligenciar que se trata, evidentemente, de fenômeno resultante do modo como se operou a apropriação da cultura norte-americana no Brasil.

As afirmações de Néstor Canclini (2003) no intuito de desmistificar a unilateralidade e a eficiência homogeneizadora do discurso globalizador sobre as culturas nacionais, regionais e, mesmo, locais, induzem a outras interpretações. Muitas vezes, uma lógica colonizada de pensar (“saber colonizado”) nos impele a enxergar na história dos países periféricos uma defasagem civilizatória. Como se sempre estivéssemos no encaixe da modernização, acreditando-nos superados no processo histórico universal, tanto no campo econômico e político quanto no cultural. As transformações culturais e sociais na sociedade brasileira derivariam de um modelo superior, “moderno”, que servia de guia tanto para a ação dos sujeitos históricos, quanto para a sua compreensão, pelos estudiosos. A partir da década de 1950 do século XX, haveria apenas uma mudança do paradigma europeu (por exemplo, caracterizado pela influência francesa no período da *Belle époque*) para o norte-americano.

Para não recair nessa leitura, faz-se necessário aprofundar a discussão sobre a “globalização” (que, para Néstor Canclini, seria *transnacionalização*, nos anos 50), observando com mais atenção a reinvenção de culturas e tradições por sujeitos que vivem num mundo que se comunica cada vez mais rápido, porém sem perder suas referências nacionais, regionais e locais. Não havendo simples mimetismo, mas nova construção cultural, ligada a uma compreensão de “modernidade” que se baseia na troca dos modelos culturais, no “hibridismo” e na “desterritorialização”.

1.2) Da maturidade à jovialidade: uma mudança de valor

Segundo o antropólogo italiano Massimo Canevacci, a “escola, mídia e metrópole constituem os eixos que suportam a constituição moderna do jovem como categoria social” (CANEVACCI, 2005, p. 22). Dessa incubadora nascem culturas juvenis que se integram à sociedade e a corroem de modo oscilante, mas irreversível. Não é por acaso que a indústria (de informação, cultural e de bens de consumo) da época passe a produzir para públicos segmentados – o juvenil ocupando, paulatinamente, lugar de destaque. A indústria cultural, por exemplo, inunda o mercado

com filmes com temática adolescente e discos de *rock and roll*. O jovem passa a ser o sujeito que *consome* na sociedade *de consumo*.

O hiato entre o fim da infância e a entrada no mercado de trabalho (tempo da juventude) passa a ser também, na contemporaneidade, o intervalo privilegiado para o exercício invejado da danação, do hedonismo, da experimentação e da irresponsabilidade. Enquanto o adulto assume o ônus da *produção*, o jovem, que detém condições financeiras favoráveis, *consome* prazer e superficialidade. Esse deleite de gozar a vida sem as amarras dos compromissos com o trabalho, com o casamento e com os filhos provoca ressentimentos e apreensões nos mais velhos (adultos), ocasionando tensões e disputas de espaços e de poder. Essas disputas, porém, não são necessariamente entre “jovens” e “velhos”, mas entre um conjunto de ideias e comportamentos identificado como “moderno” (jovem) e outro identificado como “tradicional” (velho). O chamado “conflito de gerações” ganha contornos e motivações novas, de acordo com as épocas. Portanto, é histórico por definição.

“As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente, não podem ser ignoradas” (BAUMAN, 2007 *apud* FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 184). A heterogeneidade, portanto, faz parte das gerações. O seu estudo implica necessariamente “relações entre categorias sociológicas que têm nas faixas e delimitações etárias uma referência básica” (VELHO, 2006), mas somente isso. A idade é um indicativo, não uma característica única ou conclusiva para se entender o comportamento (práticas) e, muito menos, o pensamento (representações) de um indivíduo. O trânsito que se faz entre o moderno e o tradicional é circunstancial e dinâmico. Nem todos os jovens sempre defendem o novo (antitradicional) e nem todos os velhos são contra o novo (antijovem). Outras variáveis – como as definições de classe, gênero, etnia, região e política – interferem diretamente na vivência das experiências etárias. O reconhecimento disso não nos permite falar numa única “geração”. Entretanto, aventuro-me a trabalhar com essa definição pela compreensão de que indivíduos com mesma condição etária apresentam relativa homogeneidade cultural, apesar de sua heterogeneidade.

Massimo Canevacci (2005) sustenta que, no contexto atual, de culturas “fragmentadas, híbridas e transculturais”, comunicação em massa e consumo desenfreado, o conceito de “jovem” se dilatou, as definições geracionais já não sendo

mais possíveis, por falta de clareza. A juventude teria se tornado “não terminável”, aposentando-se a definição dos indivíduos por faixas etárias:

Elemento característico da contemporaneidade é a extrema incerteza, a imprecisão, a instabilidade em definir a percepção de si e do outro sobre o “ser jovem”. A passagem da juventude ao mundo dos adultos tornou-se algo indeciso, uma espécie de zona cinzenta e lenta que se pode atravessar ou dilatar pelo sujeito. Os motivos para essa dilatação juvenil são múltiplos. Como o eu: *multiple self*. (CANEVACCI, 2005, p. 29)

Por isso, pode parecer antiquado ou desatualizado o lugar que o conceito de geração ganha nesse trabalho, mas a dilatação do conceito de juventude refere-se a um período posterior ao tratado aqui. Nos anos 50 e 60, parecia coexistir, com mais clareza e definição, duas gerações, que simbolizavam mundos tão distintos quanto estranhos: uma, anterior à Segunda Guerra Mundial; outra, posterior a ela. Um mundo de desalento, dificuldades e insensatez, que envolveu os homens nos dois maiores conflitos bélicos até então, *versus* um mundo de esperanças, de oportunidades e de otimismo, convivendo com a prosperidade econômica, social e política, mas moralmente em crise quando se trata de conduzir a humanidade para longe de uma, possivelmente final, terceira guerra. São imaginários estereotipados, compartilhados, todavia, por muitos na época, ainda que os episódios relacionados à guerra fria, vez por outra, provocassem algumas dúvidas, resultando em descrença. Julgo, portanto, que cabe falar em gerações nesse período: elas pareciam mais presentes e marcadas nas suas diferenças, se comparadas aos dias de hoje. Essa pertinência se acentua quando constatamos, por exemplo, que a juventude, especialmente a adolescência, ainda era claramente discutida no que toca à sua legitimidade de existir e ao direito de seus membros participarem mais ativamente dos destinos políticos, econômicos, sociais e culturais.

Pierre Bourdieu (1983), ao analisar o “conflito de gerações”, argumenta que adentrar na velhice representa declínio social, que leva à perda de poder, por isso alguns velhos se ressentem e passam a ser contra tudo que muda, se move ou é novo, representado pela ascensão dos mais jovens. Há, ainda, discordância de aspirações das sucessivas gerações. A distribuição e a oportunidade de acesso aos bens, por exemplo, tornaram-se extremamente distintas entre pais e filhos. Como exemplo, o autor cita o acesso ao automóvel, que, para gerações mais antigas, era extremamente difícil, representando uma aquisição econômica invejável e extraordinária, mas que se tornou

banal para gerações mais recentes. Por isso, muitos conflitos de gerações se dão por “conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes.” (BOURDIEU, 1983, p. 7).

O “conflito de gerações”, nos anos de 1950 e 1960, torna-se mais facilmente perceptivo, observando-se o estranhamento não apenas da presença de uma “nova” juventude, mas, notadamente, dos seus expoentes mais extremos, reconhecidos como “transviados” (um grupo minoritário, eminentemente masculino e de classe média) na demarcação da diferença. As aspirações são constituídas para esses jovens a partir de uma sensação de ganho de liberdade (proporcionada, por exemplo, pelo acesso aos bens da sociedade de consumo, como argumenta Massimo Canevacci) e de reconhecimento que as gerações anteriores desconheciam.

Esses jovens são mais extremos no desejo de serem reconhecidos como singulares, inclusive recorrendo a ações de violência para demarcar sua diferença e poder. Mas nem sempre essa demarcação se dava pela contestação a normas e a valores vigentes, recorrendo-se, muitas vezes, a práticas e a representações muito anteriores. Por exemplo, no momento em que rapazes associados ao “transvio” atacavam mulheres em situação vulnerável, recorriam a “direitos” (práticas) machistas já tradicionalmente conhecidos (ainda que discutíveis). Setores da sociedade reagiam, contudo, de forma desproporcional, por meio de iniciativas de defesa e medidas de controle que estigmatizavam toda uma geração, com base, apenas, na ação de seus expoentes mais controversos.

O desconforto com a presença dos jovens me parece notório, mas também o fascínio que estes simbolizavam. O reconhecimento de que somente os jovens estariam aptos a usufruir de certas novidades tecnológicas, científicas e comportamentais, indisponíveis outrora, era perceptível aos mais velhos.

Em um dos raros artigos em que a “nova” juventude (e “transviada”) é relativizada³⁰ no seu papel de destruidora da boa moral e costumes, a jovem articulista Cybele Pompeu³¹, que escrevia regularmente uma coluna voltada aos jovens no jornal

³⁰ Há mudança de percepção sobre a “juventude transviada” entre os anos de 1950 e 1970, assunto abordado no último capítulo. Por ora, basta informar que, quando me refiro a textos que relativizam os males da juventude, especialmente, a “transviada”, reporto-me, majoritariamente, à década de 50.

³¹ O seu nome de batismo era Cibele Pompeu de Souza Brasil, mas, como outros jornalistas, especialmente colunistas sociais, ela adotava o “Y” no lugar do “I”, possivelmente para demonstrar afinidade com os novos tempos e com a cultura norte-americana. Era graduada em direito e foi membro do Conselho de Educação do Ceará.

cearense *O Povo*, atribui a má vontade dos velhos para com os jovens à inveja. A crítica é irônica e jocosa:

[...] Sei muito bem que alguns de vocês não adotaram a franjinha sobre a testa (como é que pode quando é careca?...); não provaram a maravilhosa sensação de uma corrida de lambreta (e o coração? e a pressão alta?) e uma camisa “*play-boy*” por certo não ficaria muito elegante em respeitáveis barrigas.³²

Alguns “veneráveis velhinhos”, segundo Cybele Pompeu, eram tão desejosos e fascinados pelo novo (representado pelo corte de cabelo, lambreta e camisa “playboy”) quanto alguns jovens. Entretanto, por não poderem eles próprios assumir algumas referências e práticas culturais “americanizadas”, devido à falta de condições físicas para tanto, condenavam e questionavam quem podia fazê-lo (os jovens). Na sequência, a autora afirma que a alcunha de “transviada” é injustamente aplicada apenas à juventude, porque parte dos velhos tem comportamentos igualmente reprováveis, citando, como exemplo, a prática de galantear moças na rua, abusar sexualmente de empregadas (domésticas ou não) e frequentar bares e salões de jogos³³.

O artigo é interessante porque ilustra que a quebra de normas pode ser efetuada tanto por jovens, quanto por adultos, a transgressão não se restringindo a um grupo etário. Ainda que, nos anos de 1950 e 1960, se condescendesse, na “cultura nordestina”, patriarcal e machista, com o fato, não era prescrito ao homem casado abusar da proximidade com suas empregadas para requerer encontros sexuais (consentidos ou não) ou constituir dívidas em jogatinas. Os indivíduos, vez por outra, rompem com que é prescrito aos seus papéis sociais. A articulista relembra isso para questionar se, de fato, é justo apontar apenas os jovens como “transviados”. Ela, por provocação, intitula seu artigo de “Velhice transviada”.

Aparentemente, as condenações às transgressões dos jovens são mais facilmente feitas por um motivo básico. Os jovens não detêm completa independência financeira e civil (os menores de 18 anos), encontrando-se sob tutela (legal ou não) dos pais e do Estado, o que facilita a condenação e institui a vigilância de suas ações.

A “juventude transviada” é, por vezes, abordada a partir de elementos emocionais, não sociais. Como a nova onda de delinquência juvenil associada ao

³² POMPEU, Cybele. Velhice transviada. *O Povo*. Fortaleza, 30 ago. 1968, p. 8.

³³ Idem.

“transvio” não se explicava por questões de natureza econômica ou política, somente podia retratar o desprezo que os jovens sentiam pela geração representada por seus pais, fraca, acomodada e medíocre (RODRIGUEZ, 2008). Ao analisar filmes da época sobre o “transvio”, Sérgio Braghini (2011) identificou claramente que a tensão das tramas dos filmes (sendo o mais famoso deles *Juventude transviada*) se dava pelas disparidades nas expectativas de duas gerações, quase sempre representadas por pais e filhos (acrescento aluno e professores; puritanismo e hedonismo, etc.). Recorrer ao universo emocional ou aos recônditos da vida privada para visualizar a crise que a sociedade vivenciava com a presença de um novo tipo de juventude era recorrente à época.

Inferir que o “conflito de gerações” se dê apenas por inveja ou vaidade entre jovens e velhos é uma explicação por demais simplista. Há incontáveis razões culturais, sociais e econômicas para essas tensões em determinada época. Entretanto, entende-se o fato de se recorrer ao campo das paixões num momento em que a beleza, juventude e vigor físico se fazem cada vez mais presentes, por meio, principalmente, de anúncios publicitários e produtos culturais (como o cinema), que divulgam o ideal da manutenção da juventude (física e espiritual) por quantos mais anos fosse possível. Por mais que os mais velhos desejem e se esforcem para oferecer um “mundo melhor” aos mais jovens, ressentiram-se, provavelmente, ao ver seu mundo tomado por novos protagonistas que, por vezes, impõem-se pela arrogância de quem tem o poder sobre o futuro.

Para uma articulista de jornal, que busca certamente a compreensão e o riso fácil de seus leitores, reduzir o “conflito de gerações” a rixas cotidianas e ao campo sentimental tem sua funcionalidade. Esse tipo de argumentação, contudo, não deixa de ser um indicativo das tensões entre as gerações àquele momento.

O reconhecimento da transgressão, quando vista a partir de um “conflito de gerações”, efetua-se no embate entre dois grupos com formações culturais (e, por consequência, também morais) estranhas. Tanto os mais velhos, por vezes, definem o novo como uma transgressão, como os mais jovens rechaçam o que julgam não ser mais cabível, ainda que pertencente a uma tradição cultural.

Há, a meu ver, uma disputa de domínios entre jovens e adultos. Os jovens detêm o domínio da “mudança” e os adultos o da “ordem”. Os adultos negociam com os mais jovens de modo a manter seu “domínio”, sem impedir a renovação social. O processo de reconhecimento da juventude passava, portanto, por uma seleção de quais modelos de juventude seriam aceitáveis e quais seriam repelidos, quais reivindicações de renovação dos comportamentos e das ideias eram mais facilmente apreendidas ou

não. Os jovens, por vezes, buscam romper com essas demarcações de domínio, outras vezes, fazem uso delas para garantir alguns “privilégios” concedidos a esse grupo etário.

Nessa disputa, os jovens também têm suas armas, usadas para impedir os mais velhos de invadir seus domínios. Cybele Pompeu novamente nos ajuda a ilustrar esse artifício, ao descrever como um grupo reagiu ao se deparar com um “velhote” que se comportava como se jovem fosse, algo percebido como descabido e ridículo. Os jovens quebram alguns paradigmas, mas receiam que os adultos o façam, por representar ameaça a um privilégio, a algo que só eles podem gozar:

Outro dia numa quermesse cá por perto, as atenções se voltaram para um velhote estranho que fazia sua chegada triunfal montando uma lambreta devidamente fantasiado de óculos pra sol, camisa “*play-boy*” e “*blue jeans*”. Chamou a um canto um dos rapazinhos, mas deixou que sua pergunta “discreta” fosse ouvida pelo resto da turma: – Escuta cá, oh rapaz, por aqui dá muita mulher? A vaia não tardou.³⁴

Se as culturas da juventude ainda são pouco estudadas dentro da História, as “culturas adultas” não o são, o mesmo ocorrendo na Sociologia e na Antropologia, disciplinas em que os jovens já são objetos de estudo há décadas. Num dos raros artigos sobre a questão, a antropóloga Guita Grin Debert (2004) apresenta algumas questões interessantes sobre o caso. Argumenta que se as ciências sociais pouco têm se preocupado com a experiência da adultidade, a mídia e a indústria (através de produtos e propagandas) já o fazem há algum tempo³⁵. Elas segmentam a vida adulta, subdividindo-a (semelhante ao que ocorreu com a infância e a juventude) em “jovem adulto”, adulto de “meia idade”, de “aposentadoria ativa” ou da “terceira idade”, na intenção de oferecer discursos, serviços e produtos direcionados às necessidades específicas de cada grupo. Diferentemente das representações das etapas da juventude, os estágios da adultidade não se apresentam como percurso de retraimento e sobriedade.

³⁴ Idem.

³⁵ Em estudo anterior, notei que nos anos de 1950 se iniciava a preocupação com a segmentação do público consumidor, entretanto, havia pouca oferta de produtos realmente especializados. Uma estratégia mercadológica adotada consistia em apresentar um mesmo produto (xampu, por exemplo) como gerador de efeitos diferenciados em jovens, adultas e idosas (SANTOS, 2011). Hoje, esse tipo de produto não tem mais espaço nas prateleiras dos supermercados. Por exemplo, a linha de cosméticos de marcas populares como Avon e Natura apresentam produtos diferenciados para o público jovem (facilmente identificados nos catálogos de oferta pelas cores, modelos, efeitos e preços) e adulto (por exemplo, a linha de “anti-idade” *Renew* e *Chronos*), em intervalos de aproximadamente 5 a 10 anos.

“Pelo contrário, eles têm sido transfigurados em momentos propícios para a satisfação pessoal, para a realização de sonhos que foram abandonados em outras etapas da vida, para a exploração de novas formas de auto expressão e identidades”. (DEBERT, 2004, p. 3- 4)

Segundo o historiador Nicolai Sevchenko, na *belle époque* brasileira, os jovens da emergente elite burguesa faziam uso de produtos (creme para tornar o cabelo grisalho, tônicos para engordar, pasta para amarelar os dentes, etc.), roupas e acessórios (casacos, cartolas, bengalas, charutos, etc.) que propiciassem uma aparência de “mais idade”, garantindo, assim, maior aceitação e respeitabilidade social. Nos dias atuais, a busca é inversa: todos os artifícios (cosméticos, médicos, estéticos, físicos) respondem ao desejo de perpetuar ao máximo a aparência jovial. Mais ainda, a aversão à maturidade e a qualquer indicativo de que o indivíduo sucumbiu à rigidez dos anos pode ser observada numa “infantilização” da vida adulta, perceptível, para Debert, nos dados da indústria de brinquedos (anglo-saxã, mas extensiva para o mundo), que mostram que parte significativa dos adultos com mais de 30 anos são consumidores de produtos relacionados a personagens infantis, como *Teletubbies*, *Hello Kitty*, *Snoopy*, etc.

A autora identifica, no Brasil, uma demanda por grifes de roupas, acessórios e produtos que proporcionem aparência jovial para indivíduos com idade acima de 30 anos. A expressão “adultescente” teria sido criada para dar conta desse fenômeno, remetendo a pessoas na faixa de 35 a 45 anos “que se veem como estando na vanguarda da cultura jovem” e que se negam a paramentar-se de modo diferente dos adolescentes e jovens adultos. (DEBERT, 2004, p. 7)

Foge à pretensão deste trabalho, mas caberia uma análise mais aprimorada do universo dos adultos, no sentido de perceber como essas imposições pela jovialidade (e a reversa desvalorização da maturidade) produziram novas pressões estéticas, comportamentais, sentimentais e de experiência social. O olhar, por vezes, preconceituoso e censurador dirigido à juventude revela, de algum modo, a pressão sofrida pelos adultos e sua progressiva inferioridade diante dos jovens. Como esse trabalho se utiliza de fontes produzidas pelos adultos para os adultos (não havendo a apreciação de registros feitos pelos próprios jovens “transviados”, mas, sim, representações sobre eles), coube na leitura das fontes um cuidado aguçado no intuito de relativizar argumentos que usam do respaldo jornalístico e acadêmico para justificar ataques que, em muito, explicam-se por ressentimentos, competições e tentativas de retomada do controle e prestígio perdido. Por outro lado, é possível fazer a leitura de

que a legitimidade da autoridade havia se fragilizado com a Segunda Guerra. Os jovens já não aceitariam, facilmente, a hierarquia imposta pela família, pela escola e pelo governo. A reação foi a estigmatização da juventude.

De todo modo, as constatações de Nicolai Sevcenko sobre o valor da velhice na *belle époque* e as de Guita Grin Debert sobre a supremacia da juventude na contemporaneidade indicam que, num dado intervalo de tempo da nossa história, ocorreu uma transferência de positividade da maturidade para a jovialidade. Isso reforça ainda mais o argumento de que os anos de 1950 e 1960 sejam um período nodal para se entender essa transição e os conflitos geracionais decorrentes.

1.3) A inserção dos jovens na sociedade a partir do segundo pós-guerra

Pierre Bourdieu (1983) argumenta que os indivíduos são sempre novos ou velhos diante de outros. Acrescento que a juventude precisa também ser assumida, e isso nem sempre se dá apenas por vontade, mas é uma possibilidade restrita a alguns (para Pierre Bourdieu, um privilégio de classe). Dependendo das roupas usadas, do modo como se fala e gesticula, das ideias que defende, um mesmo indivíduo pode se apresentar como mais jovem ou mais velho diante dos outros. Nos anos de 1950, após um tempo de conflitos, onde tantas vidas foram perdidas, a autoridade das instituições parecia cada vez mais contestável, possibilitando aos indivíduos, incluindo os jovens, discutirem o lugar da família, da escola e do estado. Além disso, ampliaram-se as possibilidades de os jovens se diferenciarem dos mais velhos, porque uma indústria de produtos e bens culturais passou a especializar a produção para públicos etários diferentes. Já não parecia fazer, portanto, qualquer sentido tratar os jovens como adultos incompletos. Eles eram apenas jovens. Identidade que passava a ser autorreconhecida pelos jovens e aceita pela comunidade.

A juventude – e, especialmente, a adolescência – adquiria uma série de símbolos que a diferenciavam de outros estágios da vida. O adolescente estava ainda relacionado ao mundo da escola, mas, diferentemente das crianças, passava a ter direito a uma vida social relativamente independente (mesmo que tutelada), associada ao lazer urbano (por vezes, noturno), como a frequência a bailes, passeios e *picnics*, entre inúmeras outras atividades próprias a esse grupo. A juventude assumia, ainda, um

sistema cultural próprio, com regras e valores compartilhados quase que exclusivamente por quem pertencia a ela (PASSERINI, 1996).

Como analisa Maria Regina da Costa, os jovens, na década de 1950, adquirem visibilidade na cena cultural dos centros urbanos³⁶, expondo “novas demandas, comportamentos, consumo, bem como um estilo de vida diferente” (COSTA, 2006, p. 17). Em sua opinião, a emergência desses jovens (em sua grande maioria provenientes da classe média e da elite, dispondo de recursos para consumir e usufruir do lazer e da diversão) acenava para uma “transformação das subjetividades, nas quais a mediação eletrônica e o trabalho da imaginação passam a ocupar doravante papel extremamente importante” (COSTA, 2006, p. 17). Esse fenômeno foi a base para que, nas décadas seguintes, grupos de “*punks*, *carecas*, *skinheads*, *darks*, *metaleiros*, *rappers*, *funkeiros*” pudessem surgir, e, dessa vez, quebrando as barreiras de classe (COSTA, 2006, p. 17).

Nos anos de 1950 e 1960, o que, talvez, se diferencie, em relação à percepção que fazemos da juventude hoje, é que o intervalo para sua vivência era muito mais delimitado e as culturas juvenis ainda não eram tão múltiplas e identificáveis por elementos materiais e imateriais que caracterizariam os grupos e o modo de “ser jovem” como os enumerados no parágrafo acima.

Ressalte-se que, segundo dados do IBGE, a expectativa de vida no Brasil, nos anos de 1950, era de 51 anos (no Nordeste, um pouco menor: 45 anos)³⁷. Daí, imagino, uma das causas da percepção diversa sobre o tempo da juventude relativamente aos dias atuais. Então, uma pessoa de 40 anos podia estar se aproximando da última década de vida, ao passo que, hoje, acredita estar apenas no meio dela, já que a expectativa média de vida se aproxima dos 75 anos. Ou seja, há 60 anos, os

³⁶ Desde a Revolução Francesa, o jovem foi associado à rebeldia e visto como um agente de transformação política e cultural. Porém é na formação dos grandes centros urbanos, a partir das últimas décadas do século XIX, que movimentos juvenis se farão notar. Como exemplo, cito o Movimento Juvenil Alemão (*Jugendbewegung*), uma reação jovem ao mundo urbano, haja vista que os jovens organizavam excursões em direção à zona rural a fim de se “auto educarem”. Houve, ainda, no início do século XX, grupos, como os Apaches, que emergiram dos bairros periféricos franceses e afrontaram o modelo de vida burguesa por meio do banditismo e da reapropriação de referências culturais associadas ao *folclore* e ao popular.

³⁷ Um dado complementar ajuda a ilustrar o impacto que a presença da juventude teve sobre os demais grupos da população, à época. As maiores taxas de crescimento da população brasileira entre 10 e 24 anos no século XX se referem exatamente às décadas de 1950 e 1960, correspondendo a 3,06 e 2,87, respectivamente, segundo o IBGE. Nos demais períodos em comparação, as taxas foram as seguintes: 1900-1920 (2,86); 1920-1940 (1,50); 1940-1950 (2,34); 1970-1980 (2,48) e 1980-1990 (1,93). (MACHADO, 2006, p. 38)

indivíduos, possivelmente, tinham um sentido mais urgente da juventude, ansiando por usufruí-la plenamente.

Ao analisar vestígios documentais da década de 1950 e 1960, percebe-se que os jovens eram definidos menos pela sua idade etária e mais pelo seu estado civil. Ou seja, o casamento finalizava o ciclo da juventude³⁸. Isso, muitas vezes, se expressava no plano estético³⁹ e linguístico. Mudavam-se as roupas, o corte de cabelo, as expressões do vocabulário, etc. e, especialmente, a aceitação para determinados modos. Nos dias atuais, essa baliza já não é mais tão evidente. Por outro lado, para muitos homens (não apenas por vontade, mas por privilégio, agora de gênero) dos anos 50 e 60, o casamento não significava, necessariamente, o abandono de todas as práticas da juventude. A possibilidade de usufruir das diversões noturnas e, especialmente, de encontros sexuais com outras parceiras se mantinha e possuía certa aceitação social. Atualmente, essa prática continua, mas no universo de classe média é cada vez menos aceita, ainda mais quando apresentada como regalia exclusiva dos homens⁴⁰.

Se os pais haviam sofrido com as inconstâncias de um mundo em guerra e com acesso ainda bastante dificultado ao consumo, os filhos encontravam um mundo mais ajustado (apesar dos temores de novos conflitos, agora entre capitalistas e comunistas e suas permanentes ameaças frias) e um mercado que os convidava a consumir e, o que é melhor, consumir se divertindo. Não é por acaso que surgiu, nesse momento, a expressão “*playboy*” (“garoto que brinca”), para definir um novo estilo de vida, usufruído por poucos e invejado por muitos.

A vivência dessa nova juventude era ainda quase que absolutamente masculina, como constataram Luisa Passerini (1996), Cristina Meneguello (1996) e Luis Antônio Groppo (2000). Na época, as rupturas a certos tabus ainda eram impensáveis para as mulheres, especialmente quando pensamos no consumo de drogas, noites passadas em bares e praças, liberalização do corpo, ou mesmo, numa estética

³⁸ A média de idade do casamento legal entre os homens era de 27,1, entre 1940 e 1990. Já as mulheres casavam em média aos 24 anos. (BERQUÓ, 1998 *apud* MACHADO, 2006, p. 39)

³⁹ Chegamos a essa conclusão observando as imagens publicitárias. O mesmo personagem masculino podia ser utilizado em anúncios de produtos para jovens ou adultos. O que mudava era a roupa usada (normalmente, terno e gravata, se adulto) e a situação em que estava inserido. No caso dos adultos, tendiam a aparecer junto com a família, em casa, na condição de marido e pai. Quando jovens, apareciam sozinhos ou acompanhados de uma mulher, fora da sala de estar (casa), em situações de festa (dançando), passeio de carro, etc. Com as mulheres acontecia processo semelhante. Casadas, apresentavam penteado e roupas conservadoras e sóbrias, em cenas domésticas (na sala de estar, na cozinha, lavanderia). Jovens, usavam roupas coloridas, marcadas no corpo, penteados mais leves, em situação de festa, paquera, namoro, etc.

⁴⁰ Provavelmente, devido aos desdobramentos dos movimentos feministas.

diferenciada (intencionalmente “descuidada” na postura e nos trajes), entre outras mudanças comportamentais associadas. As mulheres tinham muito menor chance de serem perdoadas caso tomassem atitudes inesperadas para uma moça de família (novamente o universo aqui descrito é o das classes médias, mas extensivo a outros grupos), comprometendo sua reputação (BASSANEZI, 1996). Já para os rapazes, as chances de errar e se arrepender, para assumir um lugar de destaque na sociedade, eram relativamente mais fáceis. Talvez esta seja uma das explicações para a adesão masculina muito mais expressiva que a feminina à delinquência juvenil. A vivência da “rua” e da violência, mais associados aos meios de sociabilidade masculina⁴¹, também ajuda a compreender essa participação masculina destacada.

A magnitude da experiência, nova, de “ser jovem”, provocou uma verdadeira ruptura comportamental, assim como tentativas de freá-la. Ao som do *rock* gritado e dos movimentos frenéticos do corpo nas pistas de dança, a juventude dos anos 50 e 60 contestou a autoridade familiar, a moral sexual e outros padrões de conduta consolidados. “Se não estávamos vivendo uma revolução estrutural mediante a transformação política do Estado (e isso é verdade), era inegável a mudança de hábitos, costumes e comportamentos.” (CALDAS, 2008, p. 43). Não era possível referir-se à juventude como “símbolo da rebeldia ou da insurreição contra a hipocrisia” antes dessas décadas (DEBERT, 2004, p. 5)

A ascensão da juventude, a partir da década de 1950, inseria-se no conjunto de mudanças decorrentes da chamada “Era Dourada”⁴² do capitalismo, na contemporaneidade. Nos seus anos de ouro, o Brasil passava por um processo de redemocratização⁴³, sua indústria retomava o crescimento e sua população, atrás de novas oportunidades de educação e emprego, migrava das zonas rurais para as urbanas e do nordeste para o sudeste, iniciando o processo de metropolização de algumas cidades, sobretudo as capitais.

Na vida cotidiana, o *american way of life* era o modelo de vida a ser alcançado. A aquisição dos produtos industrializados (de comida enlatada a geladeiras e aspiradores de pó), disponíveis fartamente para alguns, abria as portas para a vida

⁴¹ Questão tratada com mais pormenor no terceiro capítulo desta tese.

⁴² Definição de Eric Hobsbawm (1995) para os 30 anos subsequentes ao fim da Segunda Guerra Mundial, em que vários países, dentro e fora da “cortina de ferro”, desenvolvidos ou de “terceiro mundo”, atingiram altas taxas de crescimento econômico. A prosperidade econômica, aliada ao crescimento da indústria e o progresso tecnológico, teve efeitos diretos no modo das pessoas viverem.

⁴³ Malgrado, haja vista que, em 1964, há tomada de poder pelos militares, inaugurando uma nova ditadura no país. Apesar do cerceamento da liberdade, a industrialização e o crescimento econômico se mantiveram.

moderna. Também dos Estados Unidos chegavam ideais como a valorização da prosperidade, a confiança no futuro e, especialmente, a juventude como um valor positivo, que sinalizava para o vigor, entusiasmo e poder do espírito e do corpo, compatíveis com os novos tempos (TOTA, 2009).

Os bossa-novistas misturavam o bolero e o samba com o *jazz*, os tropicalistas misturavam ritmos nacionais como *rock* e palavras da língua inglesa, como *playboy*, *baby*, *party*, *teen*, *sandwich* e *picnic*, passavam a fazer parte do vocabulário tupiniquim. A propósito, Sevcenko relata o conteúdo do poema “História passional, Hollywood Califórnia”, de Vinícius de Moraes:

O jeito de sentar, de dirigir o carro, de acender o cigarro, de olhar a moça de lado, de namorar ao pôr-do-sol, de segurar um copo, de implicar com a moça, de ser esnobado por ela, de comer *fast-food*, de se dirigir ao garçom, as roupas que ela veste, o jogo de boliche, o meio sorriso sarcástico, a mudança repentina de humor, o truque de acender o isqueiro num golpe só, tudo vem da tela do cinema (SEVCENKO, 2002, p. 600).

A relação do brasileiro médio com a cultura norte-americana se expressava tanto na produção artística quanto nos hábitos culturais mais corriqueiros. Um processo de ressignificação cultural que deixou muitos registros.

1.4) Juventude transviada: uma expressão midiática

O verbo “transviar”, na língua portuguesa, é sinônimo para “transgredir”, “desobedecer”, “infringir”, “contravir”, entre outros. Segundo o *Dicionário Aurélio*, “transviado” é “aquele que se desviou dos padrões éticos e sociais vigentes”. Tanto o verbo “transviar” como o adjetivo “transviado (a)” já eram utilizados na língua portuguesa antes de 1950 e fartamente encontrados na imprensa, às vezes, inclusive, para se referir a situações que não fossem relacionadas à mudança de comportamento. Por exemplo, quando um objeto foi interceptado ou perdido, dizia-se que “*se transviou*”.

A expressão “juventude transviada”, no entanto, era desconhecida, provavelmente, até a segunda metade da década de 1950. Como indício dessa hipótese,

vejamos como o termo aparece no sistema de busca do acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo*⁴⁴.

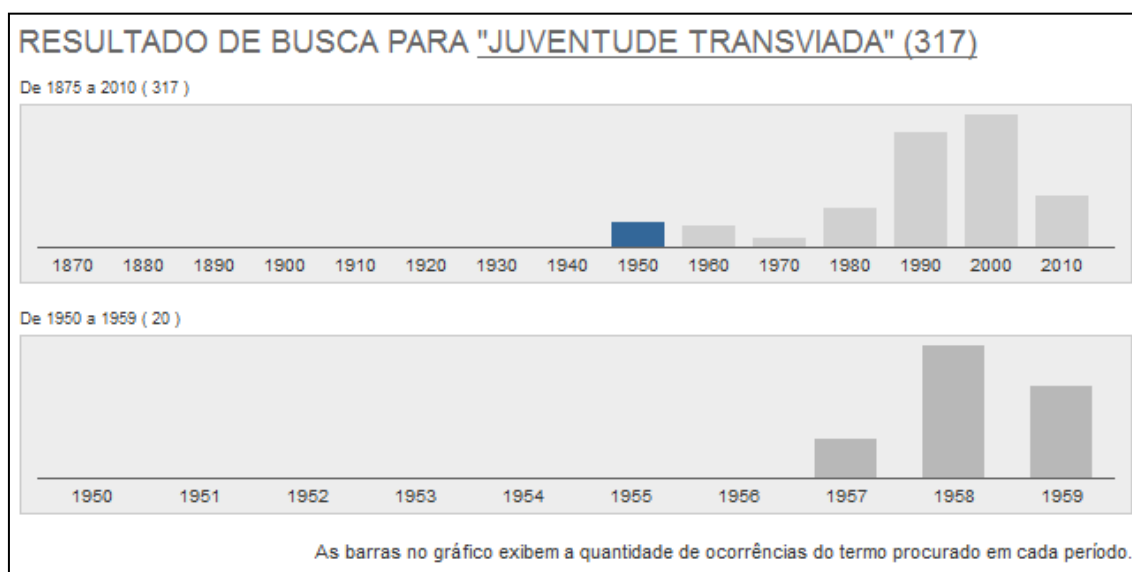


Figura 1 - Gráfico de busca do jornal *O Estado de São Paulo*.

Noticiar a “juventude transviada” com letras garrafais garantia, suponho, boas vendas aos jornais e revistas. Um indicativo do sucesso desse novo tema eram as capas ou espaços destacados dos jornais a ele destinados, como matérias “especiais” que, durante dias seguidos, retratavam e explicavam o “transvio”.⁴⁵ O resultado dessa busca indicia que a expressão “juventude transviada” passou a ser empregada a partir de 1957, logo após o lançamento do filme homônimo. Lançado no mercado norte-americano em 1955 e no Brasil em novembro de 1956⁴⁶, *Rebel without a cause* (dirigido por Nicholas

⁴⁴ Esse jornal foi escolhido por ter uma edição nacional na década de 1950, ser editado desde o final do século XIX (o que nos permite fazer comparações mais amplas) e, principalmente, pela facilidade proporcionada pela digitalização e acesso *online*. Lançando a mesma expressão no sistema de busca dos jornais *A Folha de São Paulo*, *A Folha da Noite* e *A Folha da Manhã*, o resultado aponta como ano inaugural o de 1956. Vale ressaltar que a digitalização dos jornais dessa época, na maioria das vezes, origina arquivos em formato de imagem, o que compromete a busca por palavras. De qualquer forma, em consultas a jornais impressos do Ceará, aparece o ano de 1957 como o de surgimento da expressão.

⁴⁵ Nos anos de 1950 e 1960, a imprensa brasileira passava por um processo de reformulação editorial e gráfica. Os espaços destinados a debates ou matérias de opinião cediam lugar para notícias curtas e de fácil compreensão, ampliando-se as manchetes e imagens. A publicidade comercial (anúncios de produtos e serviços) ampliou sua participação na receita das publicações. Observa-se, ainda, a segmentação das notícias (cadernos temáticos) por tipo de leitor alvo (crianças, estudantes, donas de casa, amantes do esporte, investidores, etc.). Muitos jornalistas brasileiros, convidados para fazer cursos de jornalismo (não necessariamente de graduação) nos EUA, traziam tendências que eram incorporadas. Essas mudanças do meio impresso, especialmente do modo de se fazer e apresentar a notícia, são indicativos das transformações que estavam ocorrendo na época.

⁴⁶ O filme entrou em cartaz nos cinemas paulistas em 1956, segundo consulta ao jornal *Folha da Manhã*. Em Fortaleza, como consultado no jornal *O Povo*, o filme estreou nos cinemas apenas em julho de

Ray e estrelado por James Dean, Sal Mineo e Natalie Wood) gerou grande expectativa e foi adjetivado de “impressionante, violento, chocante, real, expressivo e humano” na sua divulgação⁴⁷. O seu enredo⁴⁸ era inspirado no livro do psicólogo americano Robert M. Lindner, publicado em 1944:

O roteiro do filme foi adaptado de um estudo de caso real contado pelo psiquiatra Robert Lindner, publicado em um livro intitulado *Rebel Without a Cause: The Story of a Criminal Psychopath* (Lindner, 1944), que conta, em quase trezentas páginas, as quarenta e cinco sessões de hipnoanálise de um adolescente psicopata preso em 1944. As sessões em Harold revelaram para Lindner, que o jovem sofria de um trauma infantil, bloqueio sexual duvidoso e crescente violência, além de lamentar a falta de relação com o seu pai. Lindner definiu o psicopata como um rebelde sem causa, um agitador sem *slogan*, um revolucionário sem programa. (BRAGHINI, 2011, p. 85)

Provavelmente, a expressão “juventude transviada” surgiu de uma adaptação do título original do filme (que copiava o título do livro de Robert M. Lindner). Em uma tradução literal, o filme deveria ter se chamado “Rebelde sem causa”, como fez a tradução espanhola, *Rebelde sin causa*. A opção pelo título brasileiro ainda me é desconhecida, pois em Portugal e França, por exemplo, o filme chamou-se “Fúria de Viver” (*La fureur de vivre*). O título português e francês remete às angústias e desejos do protagonista Jim e seus amigos, não condenando os jovens. Uma hipótese que considero aceitável é que a tradução brasileira tenha se inspirado no título que o filme ganhou na Itália, “*Gioventùbruciata*”, que, em uma tradução literal para o português,

1958.

⁴⁷ Anúncio. Cartaz do filme *Juventude transviada*. *Folha da Manhã*. São Paulo, 13 nov. 1956, p. 8.

⁴⁸ A história do filme se passa em apenas 24 horas. Tudo começa quando Jim Stark (James Dean), recém-chegado a Los Angeles, é preso por embriaguez e desordem e, na delegacia de polícia, conhece mais dois jovens, Judy (Natalie Wood) e Plato (Sal Mineo), também “delinquentes”. Os três identificam-se e, no dia seguinte, encontram-se na escola. Na ocasião, Jim indispõe-se com Buzz (Corey Allen), líder de uma gangue juvenil, que paquera com Judy e humilha Plato. A partir daí, o filme mostra diversas situações conflituosas e trágicas envolvendo o trio e a gang de Buzz. Jim e Buzz duelam duas vezes, uma briga de facas e uma corrida de carros que acaba resultando na morte de Buzz. Após refugiarem-se em uma casa abandonada (metáfora de nova família que construíram) e serem cercados pela polícia, Plato é morto a tiros quando tentava se entregar. Ao final, ao menos dois conflitos são resolvidos: a possível inclinação sexual de Jim, que estaria dividido entre Judy e Plato (subentendido) e o seu reencontro com o pai, que até então o incompreendia (explícito). Em comum, os três amigos adolescentes sofriam a ausência da autoridade paterna no seio das famílias. O pai de Jim é representado como “covarde” (fraco diante das vontades da esposa). Judy é filha de um lar completamente desfeito e sem amor, a moça não encontrando nem no pai nem na mãe qualquer segurança ou afeto. Plato é órfão de pai, a mãe pouco se preocupando com o filho, preferindo usufruir do conforto material legado pelo marido.

chamar-se-ia “Juventude Queimada”⁴⁹. Massimo Canevacci explica que a tradução italiana do filme foi uma opção traidora e censora: “o título complexo de Nicolas Ray transforma-se na Itália numa apriorística condenação da juventude que queimou a si mesma como uma ponta de cigarro, uma ardência breve e insensata para logo ser jogada fora como um dejetos.” (CANEVACCI, 2005, p. 25-6).

No Brasil, assim como na Itália, a escolha do título teve o intuito de autenticar o filme como representante de um comportamento juvenil negativo. *Juventude Transviada*, porém, não foi o único filme a tematizar a relação entre a juventude e a delinquência nos anos de 1950 e 1960. Outros filmes com baixo ou alto orçamento, pequena ou grande repercussão foram lançados após a Segunda Guerra Mundial: *Where are your children* (1944), *I accuse my parentes* (1944), *City Across the River* (1949), *O Selvagem (The wildone)*, (1953), *Férias de amor (Picnic)*, (1955), *Sementes da violência (Blackboard jungle)*, (1955), *O Prisioneiro do Rock (Jailhouse rock)*, (1955), *Teen-age crime wave* (1955), *Grils prison* (1956), *Ao balanço das horas (Rock around the clock)*, (1956), *Labirinto do vício (The young stranger)*, (1957), *Juvenile jungle* (1958), *Balada sangrenta (King creole)*, (1958), *High school confidencial* (1958), *Clamor do Sexo (Splendor in the grass)*, (1961), *A Lei dos marginais (Underworld USA)*, (1961), dentre outros *teenpics*. (FREIRE FILHO, 2008).

Os filmes atraíam tanto os adultos, que questionavam o aumento da prática da violência e da rebeldia entre os jovens de classe média, quanto os próprios jovens, que, fatalmente, sentiam-se aliciados por verem seus conflitos retratados no cinema. Esses filmes, porém,

[...] ajudaram a disseminar duas imagens altamente estereotipadas da ‘rebeldia’, ‘selvageria’, ou ‘delinquência’ juvenil (ainda hoje manipuladas e enunciadas em diferentes instancias e contextos): o jovem desviante como uma redimível vítima melodramática da sociedade ou o jovem desviante como uma aterradora ameaça que deve ser banida ou eliminada em nome da restauração moral e da ordem. Centralizado, de início, nos desatinos e nas depravações da mocidade pobre urbana, o filão cinematográfico da ‘adolescência problemática’ logo passou a focar, também, os desgarrados

⁴⁹ Outra explicação é apresentada por Sérgio Muniz de Souza. A expressão “juventude transviada” foi “criada, ao que tudo faz crer, por Aichhorn, cujo livro notável sobre o assunto se intitula precisamente *Verwahrloste Jugend*” (SOUZA, 1959, p. 15). O autor se refere ao austríaco August Aichhorn, considerado uns dos fundadores da psicologia infanto-juvenil. Não tivemos acesso à obra citada.

rebentos da classe média suburbana (BAKER, 2005; DOHERTY, 1988 NEALE, 2000 *apud* FREIRE FILHO, 2008, p. 39)

Apesar dessa infinidade de títulos, no Brasil três filmes foram os mais corriqueiramente associados à construção do perfil do jovem “rebelde sem causa”: os norte-americanos *O selvagem*⁵⁰, *Sementes da violência*⁵¹ e *Juventude transviada*⁵². O primeiro explora a rivalidade entre gangues e o estranhamento de uma pequena cidade à presença dos “transviados”. O segundo reflete sobre a relação de um professor e um grupo de alunos mal comportados e delinquentes, estigmatizados pela pobreza e racismo. Já *Juventude transviada* explora o drama de três jovens problemáticos com dificuldades familiares e de relação com outros jovens.

Dentre os três, *Juventude transviada* se diferenciou pela sua qualidade artística e técnica (o primeiro em cores, com um jovem e talentoso ator, cuja própria vida se confundiu com a do personagem), obtendo recepção magna da crítica e do público. Além disso, por uma fatalidade, que acabou contribuindo para o seu sucesso, a ficção cinematográfica ganhou sentido de documentário quando, coincidentemente, o ator principal, James Byron Dean, faleceu de modo trágico poucos dias antes do lançamento do filme⁵³. O talento de James Dean foi consagrado e o ator tornou-se um ídolo juvenil e ícone cultural, mesmo morto. Ao morrer jovem, vivendo a sua juventude de modo intenso, o ator personificou as perturbações, angústias e descontentamentos dos jovens da época. Um anseio por liberdade admirado, inclusive, por aqueles que

⁵⁰ Filme norte-americano, cujo título original é *The wild one* foi lançado 1953, dirigido por László Benedek e estrelado por Marlon Brando, que retrata a disputa de duas gangues juvenis de motociclistas numa pequena cidade do interior.

⁵¹ Filme norte-americano, cujo título original é *Blackboard jungle* foi lançado em 1955, dirigido por Richards Brooks e estrelado por Glenn Ford e Sidney Potier, que retrata a relação de um professor de inglês e alunos indisciplinados.

⁵² Tratarei mais especificamente de *Juventude transviada* e *O selvagem* nesse capítulo e do *Sementes da violência* e *Ao balanço das horas* no capítulo seguinte.

⁵³ “Com apenas três papéis relevantes no cinema, todos filmados em um intervalo de pouco mais de um ano, James Dean estava se tornando um grande astro, mas morreu tragicamente em um acidente, quando guiava seu carro em alta velocidade por uma rodovia no estado da Califórnia, em 30 de setembro de 1955. Bonito e jovem, ele chamava atenção também fora das telas de cinema pelo seu comportamento rebelde. Gostava de velocidade e disputava corridas de carro. Gostava de velocidade e disputava até corridas de carro. Marlon Brando era um de seus ídolos. Muito se especula também a respeito de uma suposta bissexualidade do ator, que teria tido casos esporádicos com homens.” (VITECK, 2009, p. 59). Vale ressaltar, ainda, que uma das cenas mais provocantes do filme *Juventude transviada* é, exatamente, uma corrida de carros, o que, no meu entender, ampliou a percepção de verossimilhança do filme. Lançado em 29 de outubro de 1955, menos de um mês após a morte de James Dean, o filme tornou-se um clássico do cinema americano e, ainda hoje, é frequente objeto de estudos acadêmicos e menções na imprensa. (MARTINETTI, 1996)

nunca infringiram, abertamente, qualquer norma, muito menos delinquiram, mas, certamente, imaginaram ter a coragem e a ousadia do ídolo (rapazes) ou aventurar-se na sua carona (moças).⁵⁴

Uma espécie de “histeria coletiva”⁵⁵ se disseminou a partir da morte de James Dean e do lançamento do filme pelo mundo. Em países como a Espanha e a Inglaterra e Brasil *Juventude transviada* teve sua exibição censurada para maiores de 18 anos porque incitaria a rebeldia juvenil e a violência⁵⁶. O poder de sedução e disseminação de um modelo de comportamento reprovável entre os jovens, que se atribuía ao filme, pode, falsamente, indicar que se deva a ele o estopim para o novo tipo de delinquência juvenil fora dos EUA. Os filmes, entretanto, espetacularizaram o “transvio” e os atores James Dean e Marlon Brando confundiram-se com seus personagens, o rebelde Jim e o selvagem Johnny.

El éxito de *Rebel without a cause* y *The wild one* tuvo efecto sobre los filmes de Hollywood acerca de la juventud, ya que ofrecía un nuevo tipo de héroe, el “héroe rebelde”. En oposición a los héroes tradicionales que ya existían desde los años treinta, antihéroes, a menudo ladinos, cínicos y sinideales (Humphrey Bogart, James Cagney). Marlon Brando y sobre todo James Dean (y ya antes John Garfiel) personificaron al “héroe rebelde”, el solitario, orgulloso e idealista, que se rebela contra la sociedad sin lograr cambios reales y que a menudo resulta paralelo a la vida real de los actores (BEHRENS, 2005, p. 297)

O cineasta Glauber Rocha analisou comparativamente os filmes *O selvagem*, *Sementes da violência* e *Juventude transviada*. O modo de construir esteticamente os filmes apresentaria elementos novos ao que convencionalmente era realizado na cinematografia hollywoodiana. Em oposição ao gênero do faroeste, por exemplo, em que um ritmo lento costuma dominar uma sequência de grandes planos acompanhada de

⁵⁴ Curiosamente, os outros atores centrais do filme, Natalie Wood e Sal Mineo, também morrem jovens e em circunstâncias trágicas que adiante contribuíram para mitificação em torno do filme. Natalie Wood morreu afogada em circunstâncias suspeitas em 1981. Ela já havia protagonizado uma tentativa de afogamento no cinema no filme *Clamor do sexo*, que também discutia os anseios juvenis. Sal Mineo, apesar de ator conhecido, é lembrado também por ter sido o primeiro ator de Hollywood a se assumir homossexual. Foi encontrado esfôqueado em beco próximo a sua casa em 1976.

⁵⁵ MARIANCIC, Ritta. James Dean nas livrarias. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19 maio 1957, p. 42. Na Alemanha, algumas jovens teriam se suicidado em desespero quando souberam da morte de James Dean (BEHRENS, 2005, p. 298).

⁵⁶ Na Inglaterra, a cena em que Jim e Buzz brigam com facas foi retirada da versão exibida nos cinemas. (BEHRENS, 2005, p. 298)

música nostálgica, os filmes sobre o “transvio” são agitados “em função do temperamento desesperado da mocidade rebelde e violenta”. (ROCHA, 2006, p. 82). A música que impulsiona as ações é o *rock and roll*, “funcional à irreverência juvenil” (ROCHA, 2006, p. 82), mas que, curiosamente, por escolha do diretor, não foi o ritmo utilizado em *Juventude transviada*. Nicholas Ray optou por fazer os personagens bailarem conduzidos por uma música que “não era *beep* nem *rock*” (ROCHA, 2006, p. 86), possivelmente pela carga dramática que se fazia mais presente que nos outros dois filmes. Em *Sementes da violência* e *Juventude transviada*, o estilo de interpretação dos atores e os diálogos eram convencionais, obedecendo ao modelo de “teatro filmado” (ROCHA, 2006, p. 86). Já em *O selvagem*, Laszlo Benedeck se aproximou do neorealismo, “sacrificando interpretações em benefício da imagem”. (ROCHA, 2006, p. 86),

Os filmes significavam as novas práticas juvenis (“diferentes”, “transgressoras”, “sem causa”, “queimadas”, “transviadas”, etc.), construindo um imaginário do “transvio”. A junção de ícones (artistas), símbolos (jaqueta, topete, lambreta/moto, etc.) e signos (*rock and roll*) inventaram uma expressão visual do “transviado”.

O “rebelde sem causa” não só se portava de uma determinada maneira; ele também se trajava diferente, com esse ou aquele acessório, ilustrados nos filmes.⁵⁷ Glauber Rocha fala em uma construção plástica do “transvio”. O rebelde adolescente seria “um novo material humano, diferente do *gangster*, do *cowboy* [...] do pacato cidadão de classe média [...]” (ROCHA, 2006, p. 86) e, para estabelecer a distância entre ele e os outros arquétipos, há um investimento na sua indumentária e nos elementos agregados que compõem a sua imagem.

Novamente, o cineasta recorre à comparação com a estética do faroeste:

Assim como o vaqueiro no filme de *cowboy* obedece à disciplina na sua representação plástica – o colete de couro, o lenço no pescoço, o chapéu grande, o revólver na cintura etc. –, o jovem transviado aparece com seus detalhes que o diferem dos jovens comuns: cabelo revoltado, costeleta, calça *blue jeans*, blusão de couro, etc. (ROCHA, 2006, p. 81-2)

⁵⁷Porém como *Sementes da violência* concentrava-se no cotidiano de adolescentes pobres (latinos, negros e descendentes de imigrantes) de modo bem realista, o investimento na indumentária, por exemplo, não se assemelhava aos protagonistas de classe média de *Juventude transviada* e *O selvagem*, que, para romper com valores de sua classe, paramentaram-se como outra coisa, como “transviados”.

Por meio da vestimenta e da postura do seu próprio corpo, o jovem rebelde fala ao desconhecido sobre sua personalidade. Os cartazes promocionais do filme *Juventude transviada* também estimulam uma análise estética. O historiador Miguel Rodriguez (2008) chama a atenção para o centro de um dos cartazes (ver figura 2). “A imagem mostra o protagonista numa pose que evidencia o olhar desafiador. Vestindo calça *jeans* e camiseta, a jaqueta aberta no peito, ele parece convidar o público a embarcar numa aventura de rebeldia, como se quisesse dizer: “Você encara ir comigo?” (RODRIGUEZ, 2008, p. 74). A frase sobreposta ao protagonista, “Drama desafiante da violência juvenil atual da Warner Bros”, procura criar uma identificação com o espectador, despertando o interesse deste para um problema já conhecido, um tema polêmico fora das telas, explorando-o mercadologicamente

É possível, no entanto, ir mais a fundo, como propõe Glauber Rocha, e fazer uma leitura completa da indumentária de Jim, o personagem de James Dean em *Juventude transviada*. Inicialmente, é importante destacar que Jim passa por uma mudança de figurino ao longo do filme. Na tomada inicial, quando aparece bêbado pelas ruas e depois é detido na delegacia, o personagem traja um terno (calça, paletó, camisa e gravata). Indumentária clássica e adulta, ainda que utilizada descuidadamente, já que Jim se encontrava alcoolizado. Na manhã seguinte, quando se arruma para ir à escola, Jim se apresenta novamente com um terno (a calça [marrom] não é da mesma cor do paletó [cinza grafite] e os tecidos são mais grosseiros). Porém, logo que se vê distante dos pais, ele retira a gravata. Buzz, rival de Jim, e seus seguidores é que se apresentam, desde a primeira vez no filme, com um figurino que caracteriza o jovem. O líder usa calça *blue jeans*, camisa amarela e jaqueta de couro preta (num dado momento, Jim o observa dos pés à cabeça). Somente quando vai encontrar-se com seu rival para duelar numa corrida de carros é que Jim traja-se jovialmente: calça *blue jeans*, camiseta branca, jaqueta vermelha, meias brancas e calçado preto (semelhante ao do cartaz do filme). Essa transformação pode indicar a passagem definitiva do mundo dos adultos (norma/repressão) para o dos jovens (transgressão/liberdade).

A camisa branca e o *blue jeans* eram vestimentas dos trabalhadores braçais. A incorporação delas à indumentária (*look*, nos dias de hoje) do jovem e do “transviado” subverteu os modelos tradicionais de vestimenta, marcando a diferença entre os jovens e os adultos das camadas médias e superiores. Ademais, rompeu com as barreiras entre as classes, estabelecidas, inclusive pela distinção das roupas. (VITECK, 2008, p. 77-8). Além de mais justas, o *blue jeans* é vestido, no filme, de modo a mostrar

as meias, o que remetia às “calças curtas”, ou seja, à juventude. Observei que, nos filmes em preto e branco, contrastar a calça curta e as meias brancas servia, na ausência das cores, para indicar a jovialidade do personagem. Esse recurso é, por exemplo, mais evidente no filme *Labirinto do vício*.

A jaqueta (às vezes, chamada de blusão), por sua vez, é a principal alegoria na constituição da imagem do jovem rebelde. Glauber Rocha comparou-a com um escudo, que separa e protege Jim do mundo adulto. Em, ao menos, três passagens do filme *Juventude transviada*, Jim usa a jaqueta para proteger a si e a seus amigos do “frio” e dos outros (VITECK, 2008, p. 77). A cena final do filme é a mais representativa. Jim, para convencer o amigo Plato a entregar-se à polícia, “[...] oferece a sua jaqueta para o amigo, que em troca entrega-lhe o revólver” (VITECK, 2008, p. 77), indicando que os personagens consideram a jaqueta um símbolo de proteção mais eficiente que a arma de tiro ou que desejavam enfrentar os policiais (as autoridades) com outro tipo de arma.

Glauber Rocha observou que o blusão (jaqueta) é peça fundamental na caracterização dos personagens Johnny (interpretado por Marlon Brando, em *O selvagem*) e Jim.

[...] blusão que aparece quebrando a monotonia dos paletós, vestindo o rebelde qual anjo inesperado. E a cor do blusão, negro ou vermelho, é afirmação e protesto porque escandaliza os paletós ou camisas cinza, cor discreta do homem americano (como Nunnally Jhonson quis provar em *The Man in the Gray Flannel Suit – O homem de terno cinzento*, 1956), cor do homem comum do escritório cotidiano.

[...]

Jovens violentos, amantes de aventuras perigosas, rebeldes sem causa, desorientados, perdidos na sociedade americana de após-guerra, adolescentes niilistas, demônios de roupas coloridas. (ROCHA, 2008, p. 86-8)

Em *Juventude transviada*, porém, a peça é vermelha, não preta, ganhando um sentido mais mítico e trágico. A nova cor pode ter inúmeros significados, associando-se ao encorajamento (os toureiros a usam para insultar), à sedução (o vermelho da maçã, que tentou Eva), ao pecado (o vermelho das iniciais [“A”] nas vestimentas das adúlteras), ao mal (o avermelhado das labaredas do inferno), à vida e à morte (o vermelho do sangue que pulsa nas veias, mas que tinge a tragédia), todos adequados à construção de uma identidade rebelde para o jovem.

Alguns acessórios da indumentária de Johnny não estão presentes no figurino de Jim, como a boina e os óculos escuros (ver figura 3). O figurino de Johnny revela o traço militar do personagem. A boina (*cap*, semelhante à que os policiais usavam), os óculos escuros da grife *Rayban* (originalmente associada aos pilotos norte-americanos), além do cinto preto de fivela grossa e da jaqueta preta, conferem ao personagem uma solidez condizente com a sua liderança. Johnny é líder de uma gangue cujos membros se protegem, compondo uma unidade. Quando se deslocam pelas ruas com suas motocicletas lembram uma formação militar de cavalaria. Glauber Rocha também reconheceu “o jeito bélico e imponente impresso por Benedek” (ROCHA, 2008, p. 86).

Jim, por sua vez, é um personagem mais angustiado, frágil, relutante (especialmente na primeira parte do filme). Ele não lidera uma gangue, ao contrário, tem apenas dois amigos, um deles, uma moça. Talvez por isso não disponha de acessórios como a boina e os óculos escuros.

Além da indumentária, é possível fazer outras comparações, relativas, por exemplo, aos veículos. Johnny possuía uma motocicleta e Jim era dono de um automóvel. Glauber Rocha reconheceu na mudança uma “conquista”, provavelmente se referindo à potência maior do segundo veículo (ROCHA, 2008, p. 86). Sou um pouco relutante a essa leitura. Atribuo o uso do carro em *Juventude transviada* à ambiguidade do personagem Jim, ainda preso entre um mundo que não compreende (adulto) e um que, ainda, não assumiu por completo (jovem). A liberdade, a desproteção e a flexibilidade da motocicleta servem mais à personalidade confiante do selvagem Johnny, ao passo que o automóvel, meio de locomoção mais seguro, é mais útil à transição pelo qual passava o inseguro Jim. Nos dois filmes, os veículos tinham ainda a função de “armas” para os personagens, somando-se à faca automática.

O cigarro é mais um símbolo de “liberdade” incorporado à representação do jovem rebelde (ver figura 2). “Junto a esse universo de contestações, o cigarro figura como mais um elemento dentro do conjunto de alegorias que são utilizadas para fazer referência ao movimento da juventude no caminho da destruição dos valores constituídos.” (RODRIGUEZ, 2008, p. 76).

Acrescento a garrafa de bebida. Ela aparece nas primeiras tomadas de *O selvagem*, *Juventude transviada* e *Sementes da violência*. Nos dois primeiros, os protagonistas ingerem o líquido. Em *Sementes da violência*, um jovem posiciona uma garrafa (aparentemente, de *Coca-Cola*) na altura próxima ao quadril e derrama o líquido

quando uma mulher bonita passa por ele, separados pelas grades da escola. Tanto a garrafa quanto o cigarro compõem a masculinidade dos personagens.

A imagem do jovem transviado padrão no cinema norte-americano nas décadas de 1950 e 1960.	
Corpo	Magro ou levemente musculoso, cabelos revoltos ou topetes de brilhantina, costeletas acentuadas
Vestuário	<i>Blue jeans</i> , jaqueta, camiseta ou camisa branca (justa ao corpo), camisas coloridas, suéter (pulôver), meias brancas (aparentes), cinto e calçados pretos
Acessórios	Boinas (cap), óculos escuros, peças em couro
Complementos	Cigarro, chicletes, bebidas alcólicas
Transportes	Motocicletas, carros
Armas	Canivetes, facas automáticas
	

Os filmes sobre a transgressão e a delinquência juvenil, com os ídolos e personagens identificados com esses elementos (roupas, carros, penteados), lançaram “modismo” nos anos de 1950 e 1960. O jovem tornava-se o consumidor alvo da indústria cultural.

Vejam os que dizia, em 1959, o crítico e professor de cinema Paulo Emílio Sales Gomes⁵⁸, sobre o grande número de filmes lançados com a temática da delinquência juvenil:

Especialmente para os “teenagers” os produtores começaram a lançar filmes, em geral de classe B ou C, construídos em torno dos usos e costumes da nova casta, além de numerosas fitas de “rock’n’roll” que procuravam drenar para Hollywood uma parcela das somas astronômicas obtidas pelo comércio da música.⁵⁹

A análise de Paulo Emilio Sales Gomes aponta para o fato de que os jovens não só se tornaram consumidores, como representavam um segmento particular da sociedade, que ansiava por produtos diferenciados. Os jovens representariam, “sociologicamente uma subcultura”⁶⁰ que, desde a última guerra, tornara-se “um fenômeno social de muitas consequências para a vida do país”⁶¹ (EUA). Ele evidenciava, ainda, que além do mercado cinematográfico, o musical e o editorial passaram a investir nos “teenagers”, no intuito de atrair um novo público, obtendo lucros imensuráveis⁶².

Apesar de dados e leituras que apontam para o incipiente estímulo ao consumo entre os jovens pela indústria cultural, são necessárias ressalvas quanto às possibilidades de consumo deles, especialmente fora dos EUA. Refiro-me a obstáculos econômicos, culturais e logísticos. No Brasil, é difícil vislumbrar, por meio das fontes, o jovem como um consumidor corriqueiro. A autonomia de ir e vir, escolher e pagar era ainda muito restrita, assim como as opções ofertadas. Num reduto menor, por exemplo, a cidade de Fortaleza, à qual recorreremos para analisar as minúcias da experiência do

⁵⁸ Paulo Emílio Sales Gomes era professor da USP. Nos anos 50, escrevia com regularidade no jornal *O Estado de São Paulo*, no espaço de cultura.

⁵⁹ GOMES, Paulo Emílio Sales. A casta juvenil. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 25 abr. 1959, p. 43. O autor embasa sua leitura com citações do trabalho “*Teenagers. La sedizione del minor anni americani*”, de Dwight Macdonald, publicado na revista *Tempo presente*, infelizmente, não localizado. Vale ressaltar que os filmes não precederam ao sucesso do *rock and roll*, pois foram concomitantes.

⁶⁰Idem.

⁶¹Idem.

⁶²Idem.

“transvio”, o ato de comprar era muito limitado (poucas lojas, pouca diversidade de produtos, crédito restrito, etc.)⁶³. O que dizer, então, do acesso a acessórios “moderninhos” ou associados diretamente a uma imagem de rebeldia.

Nos anos de 1950, em particular, os jovens fortalezenses tidos como rebeldes pareciam-se ainda muito com os jovens “não transviados”, a julgar pelas fotos que os jornais publicam na época. Entre os homens, a diferença mais aparente estava no corte de cabelo, em forma de topete, e na camisa, com botões abertos ao longo do tórax e de cores mais fortes. Relatos e imagens presentes nos jornais de Fortaleza sugerem que jaquetas e outros acessórios de couro, além do *jeans*, serão consumidos apenas por volta da segunda metade dos anos 60. Por outro lado, é possível dizer que o uso de lambretas, óculos escuros e trajes de banho (como *shorts* e biquínis) já eram sucesso entre os jovens fortalezenses na década de 1950. Não faltam, por exemplo, imagens de jovens com esses trajes e acessórios nas colunas sociais da época. Acredito que o provincianismo da cidade e o próprio clima tenham contribuído para que algumas modas demorassem ou não fossem adotadas. Já pelo relato dos jornais paulistas (e mais esmiuçados no capítulo seguinte), os *blues jeans*, jaquetas e pulôveres já faziam bastante sucesso no final da década de 1950.

Ao nomearem uma determinada cultura juvenil de “transviada”, os veículos de comunicação agregavam a ela novas características, contribuindo para seu conhecimento e difusão. Os jovens, por sua vez, reinterpretavam essas mensagens, reinventando-se. Esse é um efeito comum da indústria cultural. Tendências marginais de vanguarda ou de oposição ao sistema vigente são incorporados, reprocessados e reproduzidos em larga escala, de forma a se tornarem atraentes a consumidores potenciais. A “juventude transviada” foi um grande produto explorado por muitos filões.

1.5) Aída Curi: um caso paradigmático para as narrativas sobre o transvio no Brasil

O dia 14 de julho de 1958 mudaria o imaginário sobre a “juventude transviada” no Brasil. Foi numa das noites das férias escolares que três jovens tiveram seus nomes envolvidos no crime de maior repercussão da década e, ainda hoje, um dos

⁶³ Ver no capítulo seguinte nota sobre as etapas para se efetuar a compra de um disco no comércio de Fortaleza.

que mais foram noticiados na imprensa brasileira⁶⁴. O corpo de uma moça estendido na calçada do Edifício Nobre, situado na Avenida Atlântica, coração do glamoroso bairro de Copacabana, não pôde ser ignorado pela imprensa e a opinião pública carioca, como, supostamente, havia sido o de um mendigo encontrado queimado no mesmo bairro e naquelas mesmas férias, cerca de doze dias atrás⁶⁵, assim como outros tantos episódios violentos vinculados à “juventude transviada” até então.

Quando se acompanha o noticiário policial do *Jornal do Brasil*⁶⁶, as primeiras menções ao corpo estendido na calçada do edifício não dão a dimensão que futuramente o caso iria tomar. A repercussão cresce na medida em que aparecem os personagens envolvidos e as versões para o ocorrido. Um caso que podia ter sido isolado, ou mesmo esquecido rapidamente, foi construído como um drama da sociedade brasileira, por ser assombrosamente inesperado e exemplar dos riscos do “transvio”, a que os jovens estavam submetidos:

ATIROU-SE OU FOI ATIRADA A JOVEM DO ALTO DE UM EDIFÍCIO SITUADO NA AVENIDA ATLÂNTICA.

O exame médico, feito pelo Dr. Mário Rodrigues, deverá responder, daqui a alguns dias, sobre alguns pontos considerados importantes para as diligências policiais. Foram feitos exames toxicológico e de álcool, mas o resultado é demorado. Por ora, o laudo do exame cadavérico diz que a moça sofreu diversas fraturas. As regiões mamárias apresentam equimoses. Não houve violência sexual contra a jovem.⁶⁷

⁶⁴ A repercussão do caso da morte de Aída Curi pode ser observada em trabalhos acadêmicos (FRANCISCHETT, 2008) e obras recentes sobre a história dos crimes mais “famosos” do Brasil (ARGOLO, 2008 e GALLO; MOLICA, 2007). O programa da Rede Globo Linha Direta, criado em 2003, e que dramatizava crimes de repercussão no Brasil, exibiu o caso Aída Curi. Em busca rápida pelo *Google* é possível encontrar *blogs* e fóruns que discutem o caso. As menções ao caso em livros que falam sobre os anos 50 ou sobre a juventude no Brasil estão na casa das dezenas.

⁶⁵ Segundo o noticiário, um grupo de oito jovens delinquentes atirou gasolina e ateou fogo em um mendigo que dormia na Rua Domingos Ferreira, em Copacabana. Socorrido, o homem morreu dias depois. O caso teve repercussão restrita, mas, após a morte de Aída Curi, foi retomado como um indício do grau de perversidade dos jovens. (COROA no enterro do mendigo morto pelos menores. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 jul. 1958, p. 14).

⁶⁶ Não tive acesso, mas através de informações secundárias, é possível concluir que o jornal carioca *O Globo* noticiou também diariamente o caso da morte de Aída Curi, por meio de matérias longas e reportagens investigativas (MATHEUS, 2006). Citando o próprio *O Globo*, Leticia Matheus (2006) destaca a conformação da página policial do jornal e dos destaques até os anos 60: “As grandes manchetes destacavam crimes passionais entre as classes média e alta. Por meses, o leitor seguia investigações e julgamentos, numa espécie de folhetim, de casos como o do crime do Sacopã e os assassinatos de Aída Cury e Dana Teffê.”

⁶⁷ ATIROU-SE ou foi atirada jovem do alto de um edificio situado na Avenida Atlântica. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 16 jul. 1958, p. 12.

Nas primeiras manchetes, o corpo era apenas o da “jovem” ou “moça”, mas, logo, ganhou nome. Tratava-se de Aída Curi, 18 anos, descendente de sírios, filha do falecido Gattás Assad Curi e de Jamila Jacob Curi. Recentemente, ela havia concluído os estudos no conceituado internato do Educandário Gonçalves de Araújo e, naquele momento, ajudava um de seus irmãos no sustento da família, trabalhando numa loja comercial, na Travessa Carioca, no período diurno, e cursava idiomas na Cultura Inglesa (situada na mesma Avenida Atlântica) à noite, o que explicava sua presença no bairro de Copacabana.

Nas primeiras notícias, especulava-se que Aída Curi havia “mentido para a família”⁶⁸, pois naquela data não houve aulas, o estabelecimento de ensino encontrando-se fechado. Supunha-se, então, que ela havia consentido com um encontro amoroso, subindo ao 12.º andar do Edifício Nobre⁶⁹. Segundo uma testemunha, Osvaldo Cardoso, empregado de um bar próximo, não seria a primeira vez que Aída frequentava o edifício, mas essa versão foi prontamente desmentida pelo zelador e o porteiro do prédio. Este último, Antônio João de Souza, foi apontado como o primeiro suspeito do possível crime⁷⁰.

Outra personagem a aparecer nos jornais foi a jovem Ione Gomes, amiga de Aída, que apresentou uma justificativa para a presença da última no edifício. Ambas teriam sido abordadas por um grupo de rapazes que, após um primeiro contato, teriam pronunciado frases em inglês, passando-se por “americanos” na intenção de seduzir as moças. Apenas Aída, no entanto, teria consentido em seguir com um dos rapazes até o edifício⁷¹. Em resumo, segundo as primeiras notícias, Aída foi vítima da “juventude bem de Copacabana” (“bem” no sentido de original) e do desejo de “ouvir músicas e falar inglês”⁷². No edifício, a jovem teria sido surpreendida pela presença de outro rapaz que esperava também trocar carícias ou manter relações sexuais com ela. Desesperada, acidentalmente ou não, caíra enquanto tentava escapar das investidas⁷³. O caso, entretanto, não se encerrou com esta explicação, sendo, por pelo menos mais três anos, regularmente noticiado.

⁶⁸Idem.

⁶⁹Idem.

⁷⁰Idem.

⁷¹ ESCLARECIDA a morte da estudante Aída Cury. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jul. 1958, p.12. A julgar pela narrativa de Ione Gomes, o uso de palavras em inglês seduzia as moças.

⁷²Idem.

⁷³Idem.

Além do porteiro, mais dois jovens, um de 17 e outro de 22 anos, foram apontados como suspeitos do possível crime. Seus nomes, a princípio, não foram divulgados pelo Chefe de Polícia, sob a alegação de “não perturbar lhes a formação moral e não envolver os pais, que nada têm a ver com os atos impensados dos filhos”⁷⁴. Esse tipo de cuidado com a identificação dos suspeitos não foi observada em casos de crimes envolvendo jovens ou pessoas das camadas sociais menos favorecidas. O fato do menor de 17 anos ser Cássio Murilo Ferreira, sobrinho do Cel. Aduino Esmeraldo, ex-chefe de Polícia Política e síndico do Edifício Nobre, e do jovem de 22 anos ser o capixaba Ronaldo Guilherme de Souza Castro, filho de um bem sucedido “capitalista”, retardaram a divulgação de seus nomes e o andamento das primeiras diligências, fato que originava manifestações de repúdio. Receava-se que a influência de suas famílias ou sua condição etária (no caso de Cássio) garantissem sua impunidade, como era corriqueiro com outros crimes envolvendo pessoas influentes ou da elite:

Não compreendemos, e conosco muitos não entenderão a razão de situações privilegiadas que se dispensam a certos delinquentes [...]. Mais uma vez foi agora êsse privilégio concedido aos que se envolveram, diretamente, no caso da jovem estudante da Cultura Inglesa, quando hoje se sabe que o conceito de idade civil não mais corresponde à realidade, não acha em relação aos costumes, à educação de certas camadas da juventude, que, de ano para ano, infelizmente, vêm resvalando pelo plano inclinado da degradação moral. Estão implicados no ato repulsivo que levou a jovem Aída Curi ao desespero e à morte, um rapaz de 17 anos, um de 22 anos, que se encontra foragido, e o porteiro do edifício onde se verificou a tragédia, que tão tristemente repercutiu pela sua brutalidade. Já estavam identificados pela Polícia, quando estranhamente houve uma inversão dos papéis: as autoridades que investigaram o caso tiveram que ir ao domicílio do rapaz, para ouvi-lo, e ali o encontraram cercado de todo o conforto moral e material e assistido por um advogado. [...] Êsse caso monstruoso não poderá ficar impune. Não foi êle praticado por míseros engraxates, realmente menores, na idade e no âmbito de sua formação.⁷⁵

Os nomes dos jovens só foram conhecidos graças à delação do porteiro⁷⁶. Após a divulgação de suas identidades, a repercussão do caso reacendeu-se. Definitivamente, não se trata de rapazes “quaisquer”, mas filhos da elite brasileira.

⁷⁴ ESCLARECIDA a morte da estudante Aída Cury, op. cit.

⁷⁵ À MARGEM de um crime monstruoso. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 jul. 1958, p.12.

⁷⁶ PORTEIRO do “Rio Nobre” diz que os culpados da morte da jovem são Cássio e Ronaldo. *Jornal do*

Minimizaram-se, então, as críticas iniciais ao comportamento descuidado de Aída Curi, ao consentir em subir no edifício com rapazes “desconhecidos”. Ela, provavelmente, havia sido seduzida pela boa aparência e refinamento de Ronaldo Guilherme ou pela aparente inofensividade de Cássio Murilo, que era “semelhante a qualquer um dos seus amiguinhos de escola”⁷⁷. De todo modo, concluía-se que Aída não calculou devidamente os riscos que corria. Ao aceitar o convite, teve uma atitude pouco recomendada para as moças da época. Leiamos um pequeno editorial, não assinado, publicado no *Jornal do Brasil*:

Não foi a primeira, apenas outras não tiveram desfêcho fatal, mas as vítimas aí estão, vivendo em recolhimento umas para ocultar a vergonha, e outras, menos fortes de ânimo, totalmente desviadas do caminho do bem, abraçando novas aventuras, refúgio que encontram tantas e tantas infelizes, para esquecer o passado quando êste mais vivo se lhes apresenta no espírito à proporção que mais se afundam na perdição. [...] É certo que não deveria ter acompanhado um rapaz a quem via pela primeira vez. Mas teria nêle confiado. Era, afinal, um rapazola como tantos outros colegas de escola, onde se permitem certas liberdades dentro dos limites da decência, do cavalheirismo. Longe estaria a pobre môça de supor, naquela ocasião, que lhe haviam preparado uma cilada funesta com a cumplicidade daquêle rapazola, fingindo-se apenas um obsequiador, um amiguinho, como costumam admitir jovens desavisadas. Ninguém acredita que os responsáveis por êsse crime, dada à posição que desfrutam seus pais ou responsáveis, venham a sofrer o merecido castigo. Há motivos precedentes para que se aguarde o desfêcho dêsse doloroso caso com cepticismo. Mas qualquer que ele seja, que o episódio sirva, ao menos, de lição a outras adolescentes desta geração insensata e fútil, desta juventude cinematográfica... e cada vez mais pobre de sentimentos, de dignidade.⁷⁸

A “curra”, nome que o estupro coletivo recebia na época, era relativamente frequente, sendo alguns casos associado à “juventude transviada”. Muitas vítimas dessa violência, todavia, não denunciavam o caso, para não passar por uma vergonha ainda maior⁷⁹. Demais, as famílias e a própria sociedade poderiam repreendê-las por terem se exposto a situações suscetíveis à ocorrência da violência sexual.

Brasil. Rio de Janeiro, 19 jul. 1958, p.12

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ QUE O EPISÓDIO sirva de lição. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 jul. 1958, p.12.

⁷⁹ Em conversa informal com professor aposentado da Universidade Federal do Ceará, que não gostaria de se identificar, ouvi que uma prima sua havia sido vítima de uma curra de rabos de burro nos anos de

A solução apontada para os ataques sofridos pelas mulheres se concentrava no estímulo ao restauro de uma moral (“decência”) mais restritiva à ação feminina e suas relações com o sexo oposto. A mulher que se resguardava devidamente dificilmente seria vítima de inoportunas propostas ou ataques semelhantes aos que Aída supostamente sofreu.

Nos dias atuais, apelar-se-ia ao direito da mulher de circular nos espaços e horários desejados. Assim como não se questionaria o direito das mulheres de negar investidas masculinas quando bem quisesse. Não se viam as coisas assim, à época em que Aída morreu. Em muitos casos, sobretudo nos crimes de natureza sexual, o caráter moral das vítimas era determinante para o julgamento dos casos. Talvez, por isso, se discutisse tanto em quais circunstâncias a estudante subiu ao 12.º andar do Edifício Nobre.

Os familiares de Aída⁸⁰ defendiam que ela foi forçada a fazê-lo, pois Ronaldo teria surrupiado seus óculos e bolsa, só consentindo em devolvê-los caso ela o seguisse. Já o pai de Ronaldo argumentava que Aída chegou ao 12.º andar do edifício “em busca de amor” (FRANCISCHETT, 2008).

O fato de Aída Curi ter morrido virgem lhe era extremamente favorável, pois na época as mulheres deveriam se resguardar de qualquer contato sexual antes do casamento (BASSANEZI, 1998). A constatação de sua virgindade e de sua reclusão em internato escolar por quase 12 anos foram essenciais para que uma nova versão surgisse para explicar o crime.

O então jornalista da revista *O Cruzeiro*, David Nasser⁸¹ (de origem árabe como Aída), a partir de investigações próprias, defendeu por meses seguidos uma nova hipótese para a morte de Aída Curi. Segundo ele, a moça lutou por vários minutos contra seus “curradores”; percebendo que não poderia vencê-los na luta corporal, optou por suicidar-se, pulando do prédio, a perder sua honra. A hipótese não apenas exaltava a

1950, mas a família preferiu não denunciar o caso, para resguardar a jovem e a si mesma de constrangimentos maiores.

⁸⁰ O seu irmão, o clérigo Maurício Curi, publicou, em 1960, pela editora Paulinas, um livro chamado *Aída Curi, a jovem heroína de Copacabana*, com a versão da família para os fatos. Reeditado em 1975, com o título *Aída Curi, o preço foi a própria vida*.

⁸¹ O jornalista Luiz Maklouf Carvalho traçou um perfil pouco elogioso do jornalista David Nasser na obra *Cobras Criadas* (2001), sugerindo que o mesmo era inescrupuloso na confecção das notícias, preocupando-se menos com os “fatos” e mais com as polêmicas geradas em torno deles. No caso específico de Aída Curi, o envolvimento de David Nasser foi extremo. Além das reportagens de *O Cruzeiro*, o jornalista repercutiu o ocorrido num livro e no seu programa de TV, que tinha como abertura o grito de uma mulher, simulando a queda de Aída.

retidão do caráter de Aída, santificando-a⁸², como condenava seus algozes impiedosos, satanizando-os. As hipóteses de David Nasser para o ocorrido foram determinantes para a dimensão que o caso tomou e o que se sabe, ainda hoje, sobre o episódio, assim como de sua relação com a “juventude transviada”.

Até então, a revista de maior prestígio do país, *O Cruzeiro*, nunca havia noticiado episódios que envolviam a “juventude transviada” (BASSANEZI, 1998), mesmo estes sendo recorrentes nos jornais impressos, inclusive os ligados aos Diários Associados⁸³, ao qual a revista pertencia. O caso de Aída não só inaugurou o assunto nas páginas de *O Cruzeiro*, como ele foi explorado continuamente até o segundo julgamento dos réus, em março de 1960.

A abordagem da revista, certamente, ajudou a tornar o caso nacional, além de fomentar a sua repercussão em outros veículos de imprensa. Os textos emotivos, para não dizer sensacionalistas, de seu mais famoso repórter, David Nasser, contribuíram para que parte da sociedade, especialmente a classe média, se sensibilizasse com o drama da jovem Aída. O tom sentimental ou indignado das reportagens, que abusavam dos adjetivos, era complementado por outros recursos, não menos espetaculares⁸⁴. Não faltaram fotos do corpo da jovem estendido na avenida, imagens dos acusados indicando insolência e indiferença, depoimentos de conhecidos (inclusive, das mães dos envolvidos), além de “histórias” que reforçavam o passado ingênuo de Aída e o sórdido de Cássio Murilo e Ronaldo Guilherme⁸⁵.

A versão de David Nasser, independente da correspondência aos fatos, buscava polemizar, trabalhando com a clássica dualidade do bem e do mau, no intuito de agregar o maior número de simpatizantes. Os rapazes representavam o mau-caratismo, a crueldade, o desrespeito aos valores e a corrupção moral que caracterizava parte dos jovens. Aída representava o oposto, a salvaguarda da real e verdadeira

⁸² Na ocasião, o arcebispo Dom Helder Câmara também se pronunciou com frequência sobre o caso, chegando a comparar Aída Curi à santa italiana Maria Goreti, que, no início do século XIX, aos 11 anos, recebeu punhaladas de um homem que intencionava estuprá-la. A jornalista cearense Adísia Sá comentou a comparação dos dois casos. Apesar de acreditar que Aída tenha sido vítima de um curra, não haveria qualquer indicio de santidade na estudante morta em Copacabana. (SÁ, Adísia. Aída é Maria Goreti? *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 6 ago. 1958). Numa rápida pesquisa no *site* de buscas do *Google* é possível encontrar menções à santidade de Aída em muitos *sites* religiosos ou de história dos santos brasileiros. Disponível em <www.santosdobrasil.org>. (Acessado em 10 jun. 2012)

⁸³ Os jornais fortalezenses *O Unitário* e *Correio do Ceará*, ligados ao grupo, já noticiavam casos envolvendo o “transvio”. Os Diários Associados, de propriedade do jornalista Assis Chateaubriand, eram então o maior conglomerado de imprensa do Brasil.

⁸⁴ A revista *O Cruzeiro* inaugurou e difundiu o fotojornalismo no Brasil. Nas suas longas matérias, as imagens eram tão importantes quanto os textos (MUNTEAL; GRANDI, 2005).

⁸⁵ SILVA, Arlindo. Prima do currador revela: Ronaldo além de tarado é ladrão. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: 9 abr. 1960. Disponível em <www.memoriaviva.com.br>. (Acessado em 9 jan. 2012)

juventude. Pura, virtuosa, religiosa, honrada, mas também sonhadora. Qualquer leitor conhecia uma Aída, ou mesmo poderia se sentir parente dela. Todos, também, conheciam algum rapaz que se assemelhava a Cássio Murilo e Ronaldo Guilherme, exemplos “típicos”⁸⁶ de jovens rebeldes, impunes pelo dinheiro e prestígio dos pais⁸⁷, que não tinham real dimensão da crueldade dos filhos. Por outro lado, as mães (representadas pelas mães de Aída e dos acusados) também tomadas como vítimas dos males do “transvio” juvenil (FRANCISCHETT, 2008).

As imagens de Cássio e Ronaldo, assim como seus nomes, demoraram a ser retratadas nos jornais. A princípio, a Polícia e a Justiça cercaram-se de todos os cuidados para evitar que os dois tivessem suas imagens divulgadas, especialmente Cássio. Por se tratar de um “menor”, utilizaram-se condições excepcionais para que este pudesse depor. Após tentativas frustradas de registros, em que o acusado era encoberto por policiais para evitar sua identificação, finalmente suas primeiras fotos foram colhidas e publicizadas.

A primeira imagem é o primeiro registro feito de Cássio, publicado no *Jornal do Brasil*, em 29 de julho de 1958. Na ocasião, o suspeito estava saindo de um depoimento no Juizado de Menores. As palavras maiúsculas do letreiro ao lado, “Tarado! Assassino!”, teriam sido pronunciadas por populares que queriam conhecer o rosto do assassino de Aída Curi⁸⁸.

A segunda imagem foi feita na ocasião da reconstituição do crime, repercutindo ainda mais negativamente, pois, além da já conhecida “arrogância”, Cássio fizera “pose cinematográfica”, ao apoiar as mãos no cócs da calça, “imitando” James Dean. A similitude do gesto não deixava mais dúvidas de que se tratava de um *transviado*⁸⁹ (ver figura 4).

⁸⁶ O típico “transviado” era homem, jovem, de classe média, possuidor de automóvel, irresponsável com os estudos ou com o trabalho, consumidor de álcool ou drogas, imoral e dado a promover “arruaças” ou pequenos delitos. Mesmo entre os “transviados” a alcunha de “assassino” era exceção, uma exacerbação desse comportamento rebelde.

⁸⁷ Particularmente, o pai de Ronaldo Guilherme era apresentado como corresponsável pelo comportamento do filho, por ter, supostamente, histórico de acobertar seus malfeitos e haver providenciado testemunha falsa para servir de álibi ao filho, no caso da morte de Aída Curi. (SILVA, Arlindo. Prima do currador revela: Ronaldo além de tarado é ladrão. op. cit.)

⁸⁸ TARADO! Assassino! Assim foi apupado ao Cássio Murilo ao deixar o Juizado de Menores. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 29 jul. 1958, p.14.

⁸⁹ RECONSTITUÍDAS ontem cenas que antecederam a morte da estudante Aida Curi. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 1.º ago. 1958, p.25.

O outro suspeito, Ronaldo Guilherme, teve sua primeira imagem veiculada no *Jornal do Brasil* somente na ocasião da reconstituição do crime, não impactando menos que a de Cássio (ver figura 5).

Ronaldo apresentou-se muito bem trajado (lembrando a indumentária do Elvis Presley), com um topete alto e usando óculos escuros da grife *RayBan*, que, a partir de então, tornou-se no Brasil mais um acessório ícone da moda transviada. Desde então, Ronaldo passou a conviver com duas imagens, a de “*playboy* currador” (como costumava ser chamado por David Nasser) e a de ídolo *teen*, pois várias moças, encantadas com sua beleza e charme, apresentar-se-iam como suas maiores advogadas, bem como moços que se espelhavam nele⁹⁰ como ídolo.

O desdobramento jurídico do caso é revelador da época. No primeiro julgamento (fevereiro de 1959), Ronaldo Guilherme e o porteiro Antônio Sousa foram absolvidos por falta de provas. Cássio Murilo, então menor, não podia ser julgado. Quatro meses depois (junho de 1959), os réus voltaram ao tribunal do júri, dessa vez sendo considerados culpados, condenados a 37 e 30 anos de reclusão, respectivamente. Por receberem condenação acima de 20 anos, os advogados dos réus recorreram da sentença. Logo depois (março de 1960⁹¹), ocorreu um segundo julgamento, no qual os dois acusados foram absolvidos do crime de homicídio qualificado. Ronaldo, entretanto, foi condenado por tentativa de estupro. Em outubro de 1963, voltou a julgamento, sendo condenado por homicídio simples⁹².

Cássio Murilo foi encaminhado para reclusão no SAM⁹³, onde receberia tratamento “socio-educativo”, antes de retornar ao convívio em sociedade. O jovem

⁹⁰ Segundo, também, o jornalista David Nasser, após o segundo julgamento, quando Ronaldo garantiu sua absolvição, jovens que aguardavam o resultado escutando *rock'n'roll* em um baile em São Paulo comemoraram o resultado gritando “Ronaldo! Ronaldo!”, seguidamente. (NASSER, David. O juiz oficializou a curra. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: 2 abr. 1960, op. cit.)

⁹¹ O MATADOR de Aída Curi será julgado outra vez. *O Povo*. Fortaleza, 8 fev. 1960, p.2.

⁹² Por seis votos contra um, Ronaldo Guilherme de Castro foi absolvido pelo Tribunal do Júri do Distrito Federal. O jornal cearense *O Povo* destacou a notícia na sua capa e a imediata indignação de David Nasser, que teria afirmado que o júri e o juiz do caso haviam “oficializado a curra”, no Brasil, com a decisão. A apresentação de novas testemunhas foi tida como decisiva para a absolvição dos réus. (RONALDO Absolvido. *O Povo*. Fortaleza, 14 mar. 1960, capa). O fato de um dos jurados ter votado pela condenação do réu garantiu que um terceiro e último julgamento fosse realizado em outubro de 1963. No terceiro julgamento, Ronaldo (o porteiro não foi novamente acusado) foi condenado por homicídio simples. Desde o ocorrido, inúmeras notícias de prisão e soltura permearam o noticiário, sendo difícil precisar exatamente por quanto tempo Ronaldo Guilherme permaneceu privado de sua liberdade. O Jornal *O Estado de São Paulo*, após 43 anos do crime, fez uma reportagem especial (com chamada de capa) com Ronaldo Guilherme, que negou novamente participação no crime. No texto é dito que o então empresário bem sucedido passou cerca de 5 anos na prisão, dois cumpridos em uma clínica particular. (CARVALHO, Luiz Maklouf. O assassinato de Aída Curi. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 4 fev. 2001, capa; p. 36-7).

⁹³ O Serviço de Assistência ao Menor foi criado na década de 1930 e era uma política pública que previa a

contou, contudo, com a defesa do respeitado ministro da justiça Nelson Hungria, que, como veremos no capítulo seguinte, envolveu-se diretamente no debate sobre a “juventude transviada” no Brasil, defendendo a tese de que ela era inexistente, não passando de especulação exagerada da imprensa.

A participação de Nelson Hungria no caso não se restringiu a uma defesa de opinião. Como explica um analista de sua atuação no STF, Luiz Fuck (2012), o magistrado envolveu-se diretamente na concessão do *habeas corpus* que invalidou a internação de Cássio Murilo em ambiente considerado inadequado para a formação colegial e moral do jovem. Vejamos os argumentos do ministro para um dos *habeas corpus* concedido a Cássio Murilo, em 1961:

Tudo se negou a esse menino. Em torno dele se criou um ambiente de absoluta incompreensão. A imprensa açulou contra ele o ódio da multidão. A excitada e desorientada opinião pública reclamou para ele o ferrete da ignomínia e a morte civil. O seu nome, que o Código de Menores proibia que fosse publicado, foi arrastado pela rua da amargura e serviu de alvo a todas as maldições. No entanto, o complexo fato criminoso de que teria participado, segundo o noticiário escandaloso, não foi, sequer, convincentemente esclarecido quanto ao episódio mais grave, não sabendo se houve homicídio ou suicídio, dada a imprestabilidade de um laudo pericial que não faz honra à nossa Polícia Técnica, pois nada mais é que uma sucessão de conjecturas indignas de figurar na mais reles novela policial. (HUNGRIA, 1961 *apud* FUCK, 2012, p. 60)

Para Nelson Hungria, a condenação de Cássio Murilo deveu-se mais à pressão da imprensa e da opinião pública do que ao resultado das investigações (ela nutria a mesma opinião em relação a Ronaldo Guilherme, chegando a defendê-lo após se aposentar do ministério, em 1963). Se os envolvidos no caso de Aída Curi foram tratados com um rigor mais extremado pela imprensa, dado o escândalo causado pela divulgação de nomes do *society* num caso de violência sexual e assassinato, o mesmo não se pode dizer do tratamento recebido nas delegacias e tribunais. O próprio ministro Nelson Hungria, por exemplo, valendo-se de pouca isonomia na análise do caso,

aplicação de medidas correccionais e repressivas aos menores “abandonados e delinquentes”. Reformatórios e casas de correção foram construídos para funcionar como “microssociedades”. Nesses estabelecimentos, os jovens deveriam receber formação educacional e profissional e internalizar noções de disciplina e higiene. Na década de 1940, já se constatava que os reformatórios não cumpriam esse objetivo e se transformaram em “escolas do crime”. (LIMA, 2009)

defendeu que o jovem Cássio Murilo não deveria passar pelos apuros da internação, como os de outros estratos sociais:

Não é admissível que, em nome do princípio democrático de igualdade, se juntem, para destino comum, os menores delinquentes provindos do *basfond*, dos focos criminológicos endêmicos, que são as favelas e cortiços dos grandes centros urbanos, e um adolescente que, embora se descontrolasse nos seus ímpetos sexuais, praticando um ato profundamente reprovável, foi criado no solo de boa família e não apresenta índice de periculosidade. Equivaleria isso a praticar a mais grave das iniquidades, qual a de tratar igualmente coisas desiguais. Ao paciente deve ser dado ensejo de prosseguir na sua educação, para o que dispõe de suficientes recursos pecuniários, e não remetido para esse sucursal do inferno, que é o SAM (HUNGRIA, 1961 *apud* FUCK, 2012, p. 59-60).

Certamente o ministro não era uma voz isolada quando considerava que jovens de boa família “falhavam”, enquanto os frutos da pobreza ou de “lares desfeitos” eram “criminologicamente endêmicos”. Vejamos como os personagens do caso foram representados pela imprensa.

Personagens do caso do Edifício Nobre			
			
Perfil	Aída Curi - Jovem, 18 anos, descendente de sírios e classe média baixa. Recém-saída de um internato.	Ronaldo Guilherme - Jovem de 19 anos, filho de um industrial do Espírito Santo.	Cássio Murilo - Menor de 17 anos, sobrinho de General do Exército.
Imagem anterior	Estudante ingênua, honrada e trabalhadora. Boa filha e irmã.	<i>Playboy</i> e Cafajeste.	Delinquente juvenil, já havia sido expulso da escola e acusado de roubo e agressão.
Imagem	Positiva: Mártir,	Positiva: Ícone	Positiva: Jovem

posterior	preferiu morrer a perder a honra (virgindade)	<i>fashion</i> e ídolo juvenil.	atormentado e incompreendido.
	Negativa: Garota fácil, que consentiu encontro a sós com desconhecido.	Negativa: Monstro do Posto 6; assassino currador.	Negativa: delinquente juvenil; assassino currador.
Comparação	Maria Goretti, santa católica.	Jim Stark (personagem principal de <i>Juventude Transviada</i>) e o próprio interprete James Dean ou Elvis Presley (pelo uso de paletó com abertura longa)	Plato (personagem coadjuvante de <i>Juventude Transviada</i>) e o próprio interprete Sal Mineo
Destino	Encontrada sem vida na Av. Atlântica após despencar de um edifício.	Após cumprir pena, foi solto em 1966 por condicional e viveu no anonimato.	Retorna ao noticiário policial no final dos anos de 1960 por envolvimento em confusões e crime de assassinato. Foi assassinado na Paraíba na década seguinte.

Tantas são as menções ao caso Aída Curi (às vezes, também chamada de Aída Cury) quanto às versões apresentadas para o que ocorreu no edifício e as implicações do caso na promoção da “juventude transviada” no Brasil. Muitas, inclusive acadêmicas, reproduzem leituras sem correspondência com as fontes da época. Uma das matrizes do engano é a interpretação, bastante equivocada do ocorrido, do jornalista Zuenir Ventura, fartamente reproduzida em outros trabalhos:

Na noite de 14 de julho de 1958 jogaram a jovem Aída Curi do alto de um edifício em Copacabana, depois de currá-la. Ficaram como símbolo do que havia de pior nessa juventude. Eles inauguraram um modelo de agressividade, cruel, gratuita, que não encontrava qualquer equivalência na violência praticada pelos malandros de morro então. Essa geração do asfalto, que se divertia com brincadeiras como atear fogo em mendigos, antecipou uma vertente moderna da violência urbana – a que é movida pelo prazer da crueldade. (VENTURA, 1994 *apud* CARMO, 2005, p. 20)

Aída não foi “currada”, uma vez que morreu virgem, mas, provavelmente, sofreu uma tentativa de estupro. O próprio Ronaldo Guilherme, em depoimento, assumiu que estapeou o rosto de Aída, por ela não consentir com a continuidade das carícias que teriam iniciado, em pleno acordo. O caso também não é inaugural do tipo de violência que foi associado ao “transvio”, ainda que de fato o tenha sido na memória construída sobre o tema.

Outro equívoco, recorrentemente reproduzido, é o de que os acusados não sofreram qualquer punição ou foram rapidamente absolvidos da culpa (CARMO, 2005, p. 20). De fato, os acusados receberam tratamento privilegiado, entretanto as provas periciais jamais foram conclusivas sobre o que ocorreu no alto do edifício. Entre tantas idas e vindas, os principais implicados, Cássio Murilo e Ronaldo Guilherme, cumpriram pena de privação de liberdade, em média, de cinco anos o primeiro e seis anos o segundo. O porteiro Antônio de Souza também chegou a ser condenado a aproximadamente dois anos de reclusão.

O caso da morte da estudante Aída Curi foi paradigmático da “juventude transviada” porque a partir de sua morte construiu-se uma história mítica da presença de “transviados” no Brasil. Até os anos de 1970, qualquer acontecimento notório envolvendo jovens de classe média ou da elite e violência (especialmente, sexual) era motivo para que o caso fosse retomado pela sua exemplaridade. Tanto as vítimas (a própria Aída e seus familiares) quanto os “algozes” Ronaldo e Cássio (por vezes, também, compreendidos como vítimas) foram alcançados pela suposta instabilidade moral e ética (o “transvio”) que se instalou na sociedade. A partir de então, nenhuma família brasileira estava imune a sofrer tragédia semelhante.

“Como Roland Barthes e Umberto Eco sugeriram, os mitos do século XX são geralmente produto da mídia, seja a imprensa o rádio ou a televisão.” (BURKE, 2009, p. 206). O mito de Aída Curi foi construído e alimentado por todos que escreveram sobre a “juventude transviada” (que não deixa também de ser um mito), a despeito das informações contraditórias sobre o caso (que nunca foi esclarecido). Se a estudante foi realmente vítima da “juventude transviada” é contestável afirmar, mas certamente sua morte, junto com exibição dos filmes *teenpics* e da chegada do *rock and roll* (assuntos retomados no capítulo seguinte) são inaugurais para o imaginário construído sobre os jovens “rebeldes sem causa” daquela época.

1.6) Rabos de Burro: um caso de juventude transviada no Brasil

Nas décadas de 1950 e 1960, a cidade de Fortaleza, assim como outros centros urbanos brasileiros, encontrava-se em plena expansão urbana e populacional. Muitas pessoas que residiam nas cidades interioranas migravam para a capital cearense em busca de oportunidades de emprego e educação,⁹⁴ que resultou em uma ampliação considerável da população, que saltou de uma média de 270 mil habitantes no início da década de 1950 para 842 milhões no final dos anos de 1960⁹⁵.

A ampliação do perímetro urbano se expandiu no sentido leste (bairros de elite), sul e oeste (residências populares e favelas)⁹⁶. Ao longo das décadas, diversas ruas e avenidas foram inauguradas (por exemplo, a avenida Treze de Maio, no início dos anos 50, e a avenida Perimetral, no início dos anos 60) enquanto outras eram pavimentadas e asfaltadas. A infraestrutura da cidade, porém, não acompanhava o crescimento populacional e urbano. Até a década de 1970, os fortalezenses conviviam com problemas recorrentes de abastecimento de água, oferta de energia elétrica⁹⁷, ausência saneamento básico e transporte público. Essa precariedade era mais grave nas zonas periféricas da cidade, mas também estava presente na área central e nos bairros

⁹⁴ As secas periódicas dificultavam a sobrevivência dos sertanejos nas zonas rurais e cidades interioranas, contribuindo para as levas migratórias, recorrentes na história do Ceará. Nos anos de 1950 e 1960, particularmente, ela se direcionou para São Paulo, Amazonas e Brasília, além de Fortaleza. (BRUNO; FARIAS, 2012)

⁹⁵ Dados do IBGE. Segundo os censos demográficos, o crescimento populacional urbano de Fortaleza entre 1950 e 1970 ficou em torno de 161,9%.

⁹⁶ Dois planos urbanísticos foram aprovados pelo poder público, propondo um novo ordenamento para o crescimento planejado da cidade. O primeiro, desenvolvido por Saboya Ribeiro, recomendava a atualização do plano urbanístico da cidade (em formato de “xadrez”) implantado no final do século XIX. A proposta apresentava as seguintes diretrizes: construção de vias diagonais para deslocar o trânsito para fora do centro, criação de áreas livres e subcentros nos bairros, construção de canais para facilitar o escoamento fluvial e o saneamento básico, construção de bairros populares, integração dos meios de transporte e nova organização do trânsito de veículos públicos e privados. Em 1963, um novo plano, idealizado por Hélio Modesto, foi aprovado como o “plano diretor da cidade de Fortaleza”. Era uma atualização e ampliação do anterior, que, por inúmeras questões econômicas, governamentais e políticas, não foi posto em prática na sua amplitude. Da proposta, a construção da avenida e do calçadão da Beira Mar tornou-se uma referência das mudanças na paisagem urbana da época. (FERNANDES, 2004)

⁹⁷ O problema da falta de abastecimento de energia elétrica parecia endêmico na cidade, que convivía com *blackouts* e racionamentos de energia. Os que tinham sua energia interrompida vez ou outra eram privilegiados, pois parte da cidade vivia às escuras. A autarquia responsável pelo abastecimento da eletricidade, SERVILUZ, recebia, no início da década de 1960, uma média mensal de 160 pedidos de ligação de energia, mas não tinha como atender a demanda, priorizando o comércio e a indústria em detrimento das residências. (FOME de energia na cidade e SERVILUZ não pode saciar. *O Povo*. Fortaleza, 21 jul. 1960, p.5. O problema só viria a ser solucionado em 1970, quando a energia produzida pela usina hidrelétrica de Paulo Afonso passou a abastecer a cidade, como demonstra o historiador Antônio Luiz de Macêdo e Silva Filho (2008).

considerados nobres, como a Aldeota, conhecida pelos seus belos bangalôs⁹⁸. Os moradores do bairro nobre, por exemplo, tinham de buscar água nos chafarizes e poços artesanais próximos de suas casas e não tinham serviço de transporte público (ônibus) que garantisse o ir e vir para o centro e outros bairros regular ou condizente com a demanda. (JUCÁ, 2003).

Um incipiente processo de verticalização já era notado na área central,⁹⁹ e o poder público planejava novos bairros afastados do centro, para a residência de funcionários públicos e trabalhadores (por exemplo, o Bairro Cidade dos Funcionários, teve sua pedra inaugural lançada em 1958). O trânsito cada vez mais intenso passava a ser organizado por semáforos luminosos (instalados em 1952), aclamados como “símbolos do progresso” (BRUNO; FARIAS, p. 201). O ar de “modernidade” e a abandono do “provincianismo” eram comemorados:

Embora a marca tradicional ainda se afigurasse, havia quem afirmasse que “a cidade vai deixando o aspecto de provinciana para se tornar metrópole... Fortaleza já é uma cidade com ares de Metrópole. Perdeu aquêle seu modo de cidade provinciana, acanhada, simples, para ser a cidade moderna, com suas ruas bem movimentadas e cercadas por gigantes de cimento armado...”. A nova Aldeota era “um dos mais belos bairros residenciais do Brasil. Magníficos palacetes, luxuosos bangalôs, despontam a todo momento. Os aristocratas da cidade ali se plantaram. Cadilacs, meninos ricos, cercados de cuidadosas babás brincam nas calçadas”. Apesar do crescimento subido, a “metropolização” apenas representava um anseio, alimentado não apenas pela burguesia. (JUCÁ, 2003, p. 46)

Na década de 1950, houve no Ceará o chamado “segundo *boom* do algodão” que garantiu um considerável ganho econômico para a elite agrária. A inauguração do Porto do Mucuripe, em 1951, permitiu o escoamento da produção agrícola (algodão, cera de carnaúba, couro, lagosta, dentre outros produtos), assim como a importação de produtos industrializados. Esse trânsito de mercadorias fomentava o comércio local. Alguns jornalistas, como o citado Jader de Carvalho, denunciavam as fortunas que se

⁹⁸ Além da Aldeota, os bairros Benfica, Jacareacanga, Praia de Iracema e, a partir da metade da década de 50, Bairro de Fátima, congregavam as residências da elite. O Centro, apesar do predomínio dos edifícios comerciais, ainda possuía algumas residências, especialmente da classe média, que também predominava no bairro Joaquim Távora. (JUCÁ, 2003, p. 23-4)

⁹⁹ A partir dos anos de 1930, a cidade iniciou processo de verticalização. Os edifícios, sobretudo na área central, eram construídos com mais pavimentos: em torno de seis ou sete até a década de 40, acima disso a partir dos anos 50. O edifício do luxuoso Cine São Luiz, ao lado da Praça do Ferreira (coração da cidade), foi inaugurado em 1952 com doze pavimentos, o máximo permitido até então. A tendência se seguiu e outros prédios comerciais e residenciais passaram a fazer parte da paisagem urbana.

formavam a partir do contrabando (carro, uísque, café) realizado no novo porto. A prática garantiu o enriquecimento de grupos e o capital necessário para investimentos no setor secundário. (MUNIZ, 2007)

No plano educacional, Fortaleza passou a sediar, a partir de 1955, a Universidade Federal do Ceará– UFC, que oferecia aos filhos da elite e da classe média cearense a possibilidade de concluírem seus estudos superiores no próprio estado. Anteriormente muitos se dirigiam, principalmente, para Pernambuco e Rio de Janeiro para serem “doutores”.

As velhas e as novas elites, assim como uma promissora classe média, faziam-se notar na cidade pelos novos hábitos de lazer e consumo. Os colunistas sociais (adeptos de um gênero jornalístico de bastante sucesso na época) discorriam diariamente sobre o que ocorria nos bailes, tertúlias, jantares à “americana”, *picnics*, desfiles de misses e moda, entre outros eventos que “movimentavam a cidade”, sobretudo nos clubes, onde de fato “as coisas aconteciam”. Esses equipamentos de lazer ocuparam o entorno da orla marítima da cidade e bairros mais centrais. O gosto do fortalezense pelos clubes e a grande quantidade destes fazia com que a cidade fosse denominada de “cidade dos clubes”.¹⁰⁰

O Iate Clube (fundado em 1931) e o Náutico Atlético Cearense (fundado em 1929, o mais antigo até então), com novas sedes inauguradas na Praia do Meireles, no início dos anos 50, eram considerados os clubes “mais elegantes” da época¹⁰¹. Exclusivos, porém, a membros de uma pequena elite (“fechados”, para os colunistas sociais), que podia usufruir das novas e luxuosas instalações, que incluíam piscina, quadras esportivas, salões de festas e de jogos, bares e restaurantes. (FREITAS, 2003)

Outros clubes, classistas ou suburbanos¹⁰², garantiam que a classe média baixa (por exemplo, trabalhadores do comércio) também experimentasse as novidades no campo do lazer. Segundo a arquiteta e historiadora Mirtes Freitas (2003), esses espaços ofereciam um calendário de eventos sociais limitado e quase sempre

¹⁰⁰“O fenômeno dos clubes não aconteceu só na capital cearense. Como outras práticas e modismos que aqui chegavam de forma tardia e às vezes mimetizada, tendo como principal matriz inspiradora o Rio de Janeiro ou outros grandes centros urbanos, também em outras cidades brasileiras aconteceram as práticas dos clubes sociais. Entretanto, parece lícito afirmar que aqui houve uma exacerbação e uma supervalorização dessa forma de lazer.” (FREITAS, 2003, p. 101)

¹⁰¹ Outros clubes, como Iracema, Diários, Maguari, Country Club, Jangada, Líbano, Iate Club e Círculo Militar, mesmo não possuindo o *status* e a estrutura do Ideal e do Náutico, eram considerados “bem frequentados”. O seu público era majoritariamente formado por pessoas de classe média ou classe média alta. Apesar disso, sua estrutura era mais limitada, como o prova a ausência de piscina, por exemplo. (FREITAS, 2003)

¹⁰² Eram eles o Marajaig, Santa Cruz, Astea, Suerdieck, Icaro, General Sampaio, Tabajara e Gentilândia.

“improvisado”. As receitas, inferiores aos dos outros clubes, dificultavam a manutenção e a melhoria das instalações. Porém, à sua maneira, buscavam “imitar” o que ocorria nos “clubes elegantes”, ainda que sem o mesmo *glamour*. Como não tinham direito, por exemplo, a indicar candidatas ao certame do Miss Ceará¹⁰³, faziam a eleição da *Miss Suburbana*. Vez ou outra seguiam atrações musicais nacionais para suas festas, o que movimentava muito o local, atraindo para essas ocasiões pessoas com mais poder aquisitivo. Os jornais recorrentemente publicavam o calendário festivo desses clubes nas colunas dedicadas à “vida suburbana”¹⁰⁴. (FREITAS, 2003)

Hábitos mais antigos, como as rodas de conversas nas calçadas, as quermesses e passeios nas praças persistiam, entretanto novos hábitos, como os banhos de mar, foram, paulatinamente, incorporados ao cotidiano fortalezense. (BRUNO; FARIAS, 2012)

À época, circulavam, em média, nove jornais diários, informando sobre a movimentação política, econômica e cultural da cidade. A cobertura do cotidiano era garantida pelas crônicas, noticiário esportivo, cultural e policial. Mesmo sendo uma cidade de dimensões medianas, o dia a dia da periferia quase não era relatado no noticiário, que se concentrava no que ocorria na área central e suas adjacências.

Segundo as notas policiais, crimes contra o patrimônio (assaltos, furtos, depredações), passionais e do cotidiano (brigas ou assassinatos provocados por embriaguez e ciúmes, acidentes de trabalho, suicídios, etc.), além das ocorrências de trânsito (cada vez mais recorrentes: atropelamentos, colisões, corridas de carros ou motos), desarmonizavam a vida urbana e social dos fortalezenses. Os órgãos de controle

¹⁰³O Miss Ceará (dividido em etapas) era um dos eventos mais comentados pelos jornais da cidade nos primeiros meses do ano. Um ano após os concursos nacionais voltarem a ocorrer (havia sido suspensos na década de 30), Emília Correia Lima, uma professora sobralense, foi eleita *miss Brasil* de 1955, representando o Ceará. O sucesso dessa candidatura estimulou ainda mais a participação nesse tipo de certame, as frequentadoras dos clubes elegantes esforçando-se para conseguir vencer as etapas. Stênio Azevedo (1999), um dos organizadores do concurso à época, esclarece que, inicialmente, apenas os 7 clubes mais elegantes da capital podiam propor candidatas. Posteriormente, aceitou-se que clubes elegantes do interior também indicassem concorrentes. Os “clubes suburbanos” só conseguiram fazer parte do concurso em 1966, quando a UCSS passou a indicar uma representante. De todo modo, ainda que os concursos tenham feito sucesso até a década de 1970, o evento já não tinha a mesma significação de outrora.

¹⁰⁴ Os clubes garantiam certa hierarquização social dos espaços e formas de lazer em Fortaleza. A distância entre as classes era respeitada, uma vez que os frequentadores se dividiam, segundo a renda, entre clubes elegantes, intermediários ou suburbanos, permitindo uma convivência social “segura”. Porém, parte majoritária da população ficava completamente à margem desse circuito. Fora dos clubes, o lazer da classe média e da elite era garantido pelos cinemas, sorveterias, boates, bares e praças. A distinção social, de certo modo, era garantida pela localização desses lugares. Por exemplo, três refinados cinemas, o *Majestic*, o Diogo¹⁰⁴ e o São Luiz, situados na área, nobre, do Centro, eram frequentados pela elite. Os demais, apelidados de “poeira, encontravam-se espalhados pelos bairros, atendendo os mais pobres. (LOPES, 2003).

e repressão, como a polícia militar e a guarda de trânsito, eram criticados pelo seu efetivo diminuto e precariedade de recursos. A meu ver, o noticiário policial exagerava quando afirmava que as ruas da cidade eram “perigosas” e “violentas”.

Por volta de 1954, porém, um novo tipo de criminalidade urbana, praticada pelos “rabos de burro”¹⁰⁵, se fez notar no dia a dia dos fortalezenses. Jovens de classe média e alta organizados em turmas (chamadas também de “bandos” e “gangs”) praticavam o “terror” nas madrugadas. (TEMÓTEO, 1960, p. 7).

A *Gazeta de Notícias* destacou, em julho de 1954, que cinco “elementos” da tal “turma do Pinduca” haviam sido presos. O texto enfatizava que se tratava de “filhos de família”, porém “tarados famigerados”, que haviam provocado desordens na “pensão alegre” da Santa¹⁰⁶. Recolhidos pela polícia, teriam apanhado (“lambadas de cinturão”) dos outros detentos. O episódio (tanto a prisão, quanto a surra) foi julgado como um “bom corretivo” aos jovens. Os nomes e os endereços dos “valentões” detalhadamente listados. Eram estudantes de 18 ou 19 anos, residentes na área nobre (central) da cidade, com sobrenomes de famílias tradicionais.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Os “rabos de burro” foram mencionados por, pelo menos, quatro trabalhos acadêmicos na área de História. Gisafran Nazareno Mota Jucá (2003), em trabalho comparativo sobre o lazer nas cidades de Fortaleza e Recife entre 1945 e 1960, menciona que a presença dos “rabos de burro” inquietava as autoridades públicas, pois “não se tratavam de marginais comuns, mas rapazes que dispunham de automóveis e cometiam abusos sexuais contra moças, geralmente desacompanhadas”. (JUCÁ, 2003, p. 156) A repercussão negativa dos ataques e o aumento dos números de casos levou o assunto à Câmara Municipal de Fortaleza. Altemar Muniz (2007), em tese sobre a nova burguesia “mudancista” cearense, descreve os “rabos de burro” como filhos de pessoas importantes e de autoridades locais, que se envolviam, impunemente, em confusões e arruaças nos clubes, cinemas e cabarés da cidade. Antônio Luiz de Macêdo e Silva Filho os descreve como “grupos de jovens de classe média que, dirigindo automóveis, saíam pela cidade a praticar desordens e depredações sem motivo aparente” (SILVA FILHO, 2008, p. 99), incluindo-os nas menções sobre o aumento da violência urbana proporcionado pela precariedade da iluminação pública em Fortaleza nos anos de 1950 e 1960. Por fim, em trabalho anterior (SANTOS, 2011), apresentei as primeiras versões para o surgimento dos “rabos de burro” e sua atuação até 1958, defendendo a hipótese da existência de duas gerações. A primeira, formada por jovens oriundos das camadas mais abastadas, que atua na cidade até 1957, mais ou menos. A segunda geração, formada também por jovens das camadas populares, que passa a agir a partir de 1958. Além dos trabalhos acadêmicos na área de História, encontramos os “rabos de burros” em diversas obras de memorialistas dos anos 50 e 60 em Fortaleza, como Blanchard Girão (1998) Stênio de Azevedo e Geraldo Nobre (1998), Marciano Lopes (1993) e Juarez Leitão (2000). A fim de conhecer pessoas que fossem ou conhecessem “ex-rabos de burros”, passei a frequentar encontros promovidos, a cada 4 meses, por grupo de idosos, os “Amigos dos anos 60”, para rememorar os tempos de juventude. Além disso, resido num bairro boêmio e central da cidade de Fortaleza, o Benfica, afamado por possuir muitas turminhas de “rabos de burro”. Todos com quem converso contam entusiasmadas histórias dos “rabos de burro”, mas não há quem, efetivamente, se declarasse um “ex-rabo de burro”. O estigma social permanece. Todos confirmam o clima de “terror” que os “rabos de burro” provocavam na cidade, sobretudo entre as moças. As mulheres, sobretudo, lembram-se que evitavam sair de casa desacompanhadas e à noite.

¹⁰⁶ Os cabarés da cidade eram uma opção de divertimento para muitos homens.

¹⁰⁷ FORAM presos ontem cinco elementos da turma do Pinduca. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza: 21 jul. 1954, p.2.

Outra nota, de 1954, do *Correio do Ceará*, detalhava mais o novo fenômeno, destacando que se tratava de um “bando de delinquentes juvenis, filhos da mais alta sociedade”, frequentadores dos bons clubes que envergonhavam a “sociedade cearense” ao implantar o “terror”, “depredando bares e pensões alegres”, não restringindo, contudo, a ação a esses espaços. Depois de muito aprontarem, os “bandoleiros urbanos” espancaram brutalmente um repórter policial que denunciou suas ações. Diante da repercussão dos casos, os rapazes “transviados” estavam sendo, finalmente, “caçados” pela polícia.¹⁰⁸

O jornalista agredido era Juarez Temóteo, que, em 1960, lançou o livro *O crime de calças curtas*, reunindo suas matérias sobre a juventude delinvente (“transviados” e menores abandonados) no Ceará. Ele começava sua obra com uma breve explicação para a origem da “turma do Pinduca”.

Pinduca seria o apelido do primeiro *rabo de burro* do Ceará. Jovem de classe média, residente do Centro¹⁰⁹ e filho de “boa família”, teve uma infância igual à de outros garotos de sua idade, cumprindo atividades escolares, familiares e religiosas e nas horas vagas brincando com os colegas nas ruas e praças do entorno de sua casa¹¹⁰. Pinduca, contudo, era “endiabrado”.

Na infância, Pinduca participava de brincadeiras militarizadas, que evocavam a violência e a hierarquia, despertando o desejo pelo poder. Nos “batalhões” (brincadeira que simulava o funcionamento dos quartéis, situações de guerra e patrulha de ruas), uns eram “capitães”, “tenentes” e “sargentos” e respeitados, enquanto outros eram soldados, servindo para levar recados, obedecer a ordens e “apanhar quando desobedeciam” (TEMÓTEO, 1960, p. 7). Esse meio de socialização, bastante masculinos, despertava, portanto, o prazer pela violência e pela disputa de poder¹¹¹. As

¹⁰⁸ RABOS de burro frequentam clubes elegantes da cidade. *Correio do Ceará*. Fortaleza: 30 jul. 1954, p.8.

¹⁰⁹ As primeiras turmas de jovens delinquentes de classe média em Fortaleza eram nominadas tomando-se como referência o seu líder. Era comum também que se tratassem entre si por apelidos. Após Pinduca deixar a liderança do grupo, outro rapaz, apelidado de Cu de Burro, substituiu-o. Noticiando pela primeira vez as ações da turma do Cu de Burro, um grupo de jornalistas entendeu que a palavra “cu” era muito agressiva, resolvendo trocá-la por “rabo”. Com o tempo, todos os jovens delinquentes de classe média eram chamados de “rabos de burro”. Isso, porém, desagradou vários jovens, que não aceitavam o título. Posteriormente, a expressão “rabo de burro” ganharia novo sentido, passando a ser usada também para referir a criminosos “comuns”, das classes populares. (GIRÃO, 1998 *apud* SANTOS, 2011)

¹¹⁰ No caso do Pinduca, citam-se as ruas 24 de Maio, Pedro I, Duque de Caxias e Barão do Rio Branco, a Avenida Imperador e as praças José de Alencar e da Bandeira (TEMÓTEO, 1960, p. 7-8). Essas localidades ainda existem, numa área comercial (centro), não mais residencial.

¹¹¹ O sociólogo Daniel Welzer-Lang faz reflexões interessantes para a compreensão da formação das identidades masculinas. Para o autor, existe uma dinâmica social (que se molda a cada tempo, contexto e cultura) em que os meninos vão, ao longo da infância e da adolescência, aprendendo “como ser

brincadeiras entre os meninos do bairro teriam originado simpatias e rivalidades, formando-se, assim, pequenas turmas, por vezes, rivais. Outros “rabos de burro” teriam seguido trajetória semelhante à Pinduca.

Adolescentes, os meninos já não se contentavam apenas com reconhecimento de poder entre seus pares, buscando, na comunidade, mais notoriedade. Para tanto, envolviam-se em pequenas desordens e delitos que os faziam temidos e reconhecidos como “valentões” de um determinado espaço da cidade (o quarteirão onde moravam, a praça mais próxima, etc.). (TEMÓTEO, 1960, p. 9).

Juarez Temóteo continuava a descrição das etapas da delinquência com o relato do agravamento dos episódios em que se envolveu a “Turma do Pinduca”, já renomeada de “Turma dos Rabos de Burro”¹¹²:

Nos cabarés, as mulheres começavam a temer e respeitar o pessoal da turma. Corriam ao ver qualquer um dos rapazinhos imberbes, que ganhavam fama, triste, mas de qualquer forma fama.

Entraram na fase do quebra-quebra. Um dia foi o cabaré da “Santa”, casa de recursos muito popular na cidade, o depredado. Dias depois o da “Gaguinha”. [...]

A polícia entrou em campo. Fez várias prisões. Seguiu muitas pistas. Todos os seus passos, entretanto, davam em nada.

Na época, abril de 1956, foram detidos por desordens três “rabos de burro”, como eram classificados todos os membros da “Turma dos Rabos de Burro”. A prisão coincidia com a data imediatamente posterior ao do espancamento homicida. (TEMÓTEO, 1960, p. 9-10)

Outro degrau na escada da delinquência era a frequência aos bares e cabarés¹¹³ (por volta dos 15 anos), para a iniciação sexual com prostitutas (às vezes,

homem”, através do controle da sensibilidade e fragilidade (ligadas ao mundo das mulheres), do endurecimento físico e psíquico. As atividades esportivas e as lutas corporais, por exemplo, possibilitam o aprendizado do controle da dor, da emoção, da virilidade, do erotismo, etc. Por outro lado, essas experiências de “homo sociabilidade” (aparentemente, nem sempre agradáveis) possibilitam a descoberta do prazer da convivência masculina e a desenvolvimento de redes de confiança e solidariedade entre os homens. A antropóloga Fátima Caccchetto (2004), referindo-se a manifestações das “galeras” contemporâneas, ressalta a “emoção” que alguns jovens sentem ao vivenciar situações de “guerra” (brigas de ruas, brigas em bailes, etc). No campo simbólico, o “desafio para a briga”, o “uso da força” e, especialmente, o capital moral que o vencedor do “combate” adquire, são valorados positivamente na construção de certas masculinidades.

¹¹²“Veamos como do ‘quebra-quebra’ chegaram ao ‘homicídio’” era o título do primeiro capítulo do livro, aparentando-se ao subtítulo da primeira grande matéria jornalística do autor sobre o tema. (TEMÓTEO, Juarez Furtado. Consequência da indiferença dos pais e da falta de rigor das autoridades. Do quebra-quebra ao homicídio. *Correio do Ceará*. Fortaleza, 11 jul. 1956, p. 6).

podiam ocorrer com empregadas domésticas) e o consumo de álcool e maconha (“erva maldita”¹¹⁴). Os entorpecentes aguçariam o sadismo de alguns, que, “em bando”, divertiam-se quebrando recintos e espancando mulheres (prostitutas), garçons e outros frequentadores dos cabarés. (TEMÓTEO, 1960, p. 9)

Jáder de Carvalho, no romance *Sua Majestade, o Juiz*(1962), descreveu a iniciação do jovem José Filho, filho de Nogueira e Gracinha, em uma turma de *rabos de burro*:

Boquinha da noite, José Filho, chamado por outros rapazes, tomou um carro de luxo, modelo recente, de placa particular.

– De onde vocês trouxeram este automóvel? Inquiriu.

Um dos ocupantes esclareceu:

– Estava parado defronte do “Ideal”. Não tenha cuidado que o dono procura. Êste bicho deve custar, no mínimo, dois milhões de cruzeiros. Bem, agora, vamos decidir pra onde se vai?

Lulu, filho de alto comerciante, comandou:

– Praia do Futuro. Lá a gente resolve o que se vai fazer.

Na praia, desceram todos do carro. Eram seis. Lulu perguntou:

– Fábio, trouxeste a garrafa de uísque?

– Trouxe. Trouxe, aliás, uma garrafa das grandes. O “velho” vai danar-se quando sentir falta.

– E a erva? Quem trouxe a erva? Indagou Aparício, filho de alto funcionário federal.

– Eu trouxe, falou Pedrinho, o enteado de um dos exportadores da praça.

Formaram roda, ao lado do veículo. Abriram o uísque. Aparício rasgou o maço de cigarros de maconha. Beberam e fumaram cerca de meia hora. [...]

Lulu propôs:

– Nós, primeiro vamos dar umas voltas – depois a gente vai pra Gaguinha. Lá, conforme a coisa, a gente começa o balandrau. Desmoralizados é que a gente não fica.

O grupo reocupou o carro e, a cem quilômetros, rumou em direção a Mondubim. Pararam no cabaré da Gaguinha. Esconderam o “carro” num mato próximo. Ao vê-los, Gaguinha os reconheceu:

– Olhe: vocês hoje tratem de comportar-se bem direito. A coisa não será como ontem, não. A polícia está às minhas ordens. É só chamar a Rádio-Patrolha.

– Vai tomar onde as patas tomam! Rosnou Aparício. [...]

¹¹³ No início dos anos de 1950, os cabarés eram um importante espaço de sociabilidade masculina na cidade de Fortaleza, existindo dezenas de casas. No final da década, o então secretário de Polícia Cordeiro Neto (posteriormente, prefeito) proibiu a venda de bebidas alcoólicas após as dezenove horas e o uso de orquestras no Centro. Os cabarés, então, foram transferidos para a periferia da cidade, passando a ser frequentados, majoritariamente, por quem possuía automóvel, tornando-se, assim, privilégio de poucos. (MUNIZ, 2007)

¹¹⁴ Notas sobre o uso, tráfico e apreensões de maconha, associadas à juventude, eram recorrentes à época. Os “rabos de burro” eram descritos como “embriagados de maconha” no cometimento de suas ações. Além da maconha, achei referências ao uso de comprimidos de anfetamina e lança-perfume. A relação dos “transviados” com droga é melhor desenvolvida no capítulo III desta tese.

Aparício deu dois tiros para o ar. José Filho e Fábio foram virando as mesas desocupadas num abrir e fechar de olhos. Penetraram no recinto do cabaré e foram quebrando, partindo, destruindo tudo o que lhes ficava sob os olhos. Finalmente, apoderaram-se das bebidas guardadas na geladeira. E, buscando o carro, largaram-se para novas tropelias.

Foram alcançados pela Rádio-Patrolha no cabaré da Santa, quando viraram as primeiras bancas. A polícia dominou-os com dificuldade. Mais vinte minutos, sentavam-se os seis numa das salas da Delegacia de plantão. [...] Depois de identificados, o comissário tratou de comunicar-se com os pais dos desordeiros. Desembargador Nogueira não quis acreditar:

– O meu José?! Não haverá engano? (CARVALHO, 1996, p. 359-61)

A “aventura” descrita por Jäder de Carvalho, ainda que ficcional, condiz com o que à imprensa dizia ser uma prática recorrente dos rabos de burro: “quebrar” cabarés. Em uma nota de 1955, o *Correio do Ceará* transcreve a versão do *rabo de burro* Paulo Freire para mais uma dessas “arruaças”:

Às 10 horas da noite encontrei “Gaguinho” no Abrigo e fomos ao bar “O Dragão” onde tomamos cachaça. De lá, seguimos de automóvel para a Praça Cristo Redentor, onde nos esperavam Odelito Colares “Pé de Valsa”, Barbosa e “José Cachaça”. Compramos uma garrafa de “cana” e uma lata de presuntada e seguimos para a Rua Franco Rabelo, depois para a “Nininha” [terminando a farra] na Hermacena.¹¹⁵

A transcrição desse depoimento, cedido ao delegado, foi complementada com a da “mundana” Lalinha, apontada como “testemunha ocular”. Ela disse que estava bebendo numa das mesas, quando Odelito Colares¹¹⁶ (um dos “rabos de burro”) chegou à casa de diversão e disse: “Hoje vamos quebrar a casa das meninas”. A confusão se

¹¹⁵ “RABOS de burro”: prossegue o inquérito. *Correio do Ceará*. Fortaleza, 17 maio 1955, contracapa.

¹¹⁶ Os Colares eram uma família bastante tradicional do Ceará, alguns de seus membros figurando na política e na economia local. Segundo Juarez Temóteo, os irmãos Odelino e Odelito Colares, órfãos de pai e mãe, teriam herdado “valiosa” herança que lhes poderia garantir um futuro tranquilo, porém “gastaram rios de dinheiro” quando entraram para a famigerada turma dos “rabos de burro”. Os irmãos, que chegaram a possuir automóvel, encontrar-se-iam em condições de cortar o “coração”, um vencido pelo vício da maconha, o outro tendo que conviver com a falta de dinheiro e o peso na consciência das vítimas que fez. (TEMÓTEO, Juarez. Como surgiu a ‘turma dos rabos de burro’. *Correio do Ceará*. Fortaleza, 11 jul. 1956, s/p.)

seguiu no recinto e um dos frequentadores acabou sendo esfaqueado pelo “Gaguinho”.¹¹⁷

A partir das várias fontes recolhidas, parece possível afirmar que os *rabos de burro* divertiam-se consumindo álcool e maconha, dirigindo carros (às vezes, roubados¹¹⁸) em alta velocidade¹¹⁹, batendo em prostitutas, sequestrando moças, e, especialmente, fazendo arruaças e brigando com quem se colocasse em seu caminho ou apenas aprontando alguma “arte”¹²⁰.

Para Juarez Temóteo, o comportamento reprovável de Pinduca não havia sido corrigido pelos pais. Ao contrário, eles se tornaram cúmplices dos crimes do filho, na medida em que garantiam a sua impunidade, ressarcindo os prejudicados ou usando a influência política para livrá-los da lei. As prisões, mesmo em flagrante, eram inúteis e duravam poucas horas. Outros rabos de burro, por sua vez, desfrutavam do mesmo privilégio. (TEMÓTEO, 1960, p. 9).

A segurança da impunidade, certamente, encorajava a continuidade desse tipo de prática. Assim como um modelo de masculinidade que favorecia e, mesmo, estimulava os homens a reafirmá-la, principalmente através do abuso de bebida alcoólica e da violência.

Sigamos a “aventura” de José Filho. Após ser solto, ele teve de ouvir as reclamações do pai e as lamentações da mãe:

- Não sei se tenha raiva, nojo ou pena de você! Você, José Filho, feito rabo-de-burro?
- O filho estrugiu:
- Papai, não me insulte, que eu sou é macho!
- E levantou-se de modo agressivo. Gracinha o segurou chorando:
- Meu filho, como é que você me dá uma contrariedade destas? Anda. Vá pro seu quarto.

¹¹⁷Idem.

¹¹⁸ A turma do famoso “*playboy*” Marcondes de Sá era regularmente acusada de roubar carros apenas para promover arruaças pela cidade. (EM PLENA sexta-feira da paixão roubaram um Jipe para fazerem uma ‘farra’. *O Povo*. Fortaleza, 23 abr. 1962, p. 6).

¹¹⁹ Eram muitas ocorrências envolvendo carros dirigidos em alta velocidade por “transviados”. A partir dos anos de 1960 eram recorrentemente chamados de “terroristas do asfalto” pela direção irresponsável e em alta velocidade que ocasionava atropelamentos e colisões. (PAI de onze filhos foi esmagado na “Beira Mar” por ‘Simca’ dirigido por transviados no Guidon. *O Povo*. Fortaleza, 19 fev. 1964, p. 6; JIPE cheio de transviados pós Messejana em Pânico. *O Povo*. Fortaleza, 31 dez. 1966, p. 6).

¹²⁰ Refiro-me, por exemplo, a três jovens que tinham entre 18 e 19 anos e foram divertir-se na Pensão da Graça, que ficava na Rua Conde D’Eu no centro da cidade e logo chamaram a atenção da Dona do Bordel porque pediram bebidas caras como *whisky* e rum. Desconfiada de que os jovens não teriam dinheiro suficiente para pagar a conta de cinco mil cruzeiros, chamou a polícia, que constatou que eles estavam munidos apenas de cheques sem fundos. (PAGARAM despesa com cheques sem fundos. *O Povo*. Fortaleza, 5 fev. 1960, p. 6).

Dentro de meia hora, vencido pela dupla embriaguez, o rapaz ressonava.

José Nogueira e Gracinha passaram a noite em claro.
(CARVALHO, 1996, p. 362)

A resposta dada por José Filho ao pai indica o lugar especial que o imaginário do “macho” ocupava, à época. As decisões do macho deviam ser respeitadas, o filho não aceitando ser contestado pelo pai após um malfeito. O historiador Durval Muniz (2003) identificou na invenção da masculinidade nordestina um tipo de “macho” que estaria na “contramão do mundo moderno, que rejeita superficialidades, sua vida delicada, artificial, histérica”, associada ao feminino (MUNIZ, 2003, p. 162). A macheza, portanto, seria uma amplificação da masculinidade, cuja rigidez, força e virilidade se indispunham com a polidez dos homens aculturados. O macho nordestino é aquele que goza da “superioridade dos fortes, do que é temido, por ser capaz de tudo” (MUNIZ, 2003, p. 195), ou seja, é valente, corajoso, destemido e violento. O comportamento dos rabos de burro, sem dúvida, era reprovável, mas remetia a aspectos da cultura local (machista e desigual¹²¹).

Há ainda, segundo Durval Muniz, uma clara legitimação da violência entre os gêneros nessa concepção de masculinidade. Os *rabos de burro* se notabilizaram por crimes que tinham mulheres como vítimas: espancamento, atentado violento ao pudor, sedução e, especialmente, estupro e curra¹²². Creio que a violência contra as mulheres, dentre outros motivos, nascia da intenção de contestar aqueles que duvidariam da sua masculinidade, especulando que a “moda transviada” tinha tendências homossexuais, assim como o desprezo por aquelas que se colocavam em situações de vulnerabilidade (mulheres que saíam sozinhas à noite, por exemplo). Além disso, se ser macho é sinônimo de poder, ele precisa ser afirmado para si e para os outros. Espancar uma

¹²¹ Tanto do ponto de vista de classe como de gênero.

¹²² No meu primeiro trabalho (SANTOS, 2011), discorri em detalhes sobre algumas curras e crimes de sedução envolvendo “rabos de burro”. Apenas citei aqui alguns casos a fim de possibilitar ao leitor saber como o grupo agia. Exemplo: 1) A jovem Maria de Lúcia, de 23 anos, foi atacada por três “rabos de burro” quando saía de um bar no bairro do Montese onde era garçomete. Eles a teriam drogado, espancado e estuprodo. (TRANSVIADOS tocaiaram e seviciaram garçomete. *O Povo*. Fortaleza 20 maio 1959, p. 6) Poucos dias depois, outra jovem, menor e identificada apenas como Crizelda, foi atacada por quatro “rabos de burros” quando estava na calçada de sua casa. Após ser colocada à força em um carro e conduzida para a Praia do Futuro (aquela época pouco habitada e considerada distante em relação ao centro), os “transviados” a drogaram, estuprodo e abandonaram-na desacordada e despida em um terreno baldio. (TRANSVIADOS raptaram e seviciaram menor. *O Povo*. Fortaleza 8 jun. 1959, p. 2-3) Já a jovem estudante Maria de Fátima, de apenas 15 anos, teve maior sorte e foi apenas atropelada por um jovem transviado e “lambretista” na avenida Carapinima porque resistiu às suas investidas. (TRANSVIADO atropelou jovem que resistiu a sua lábia de “Don Juan”. *O Povo*. Fortaleza 19 jan.1961, p. 8).

mulher, seduzir e estuprar uma jovem junto com os colegas é um meio de se fazer respeitar como homem e entre os outros homens.

Os casos foram se agravando até que o assassinato de Vandi Queiroz foi atribuído aos *rabos de burro*. O jovem comerciário teria sido espancado até a morte após se indispor com alguns *rabos de burro* ao defender uma prostituta, numa confusão promovida em um cabaré. O jornalista foi um dos que relataram o caso na imprensa. Seu texto era acompanhado por uma das primeiras imagens feitas dos jovens (ver figura 6)

Os jovens são descritos como “autênticos *rabos de burro*” (dois deles, já citados, pertenciam à tradicional família Colares). Pelas imagens, é possível concluir que o grupo não adotava, ainda, qualquer símbolo (roupas, acessórios, corte de cabelo) atrelado à “juventude transviada”. As roupas (composição de camisa longa de cambraia ou linho com calça de tecido e cinto de couro), o chapéu e o “bigodinho” são de uma moda anterior (semelhante a dos anos 40). No texto que acompanha a foto, Juarez Temóteo não estabelece qualquer relação do grupo com a cultura norte-americana. Os *rabos de burro* não foram por ele chamados de “transviados”, algo que raramente ocorria até então.

O fenômeno dos *rabos de burro* não foi associado de imediato à “juventude transviada”, que, nesse momento, ainda não existia no Brasil, pelo menos com essa denominação. A morte da estudante Aída Curi e a exibição do filme *Juventude transviada* em Fortaleza (o filme foi lançado na cidade apenas em 1958) foi o que motivou a associação entre os *rabos de burro* e outras tantas turmas de jovens rebeldes e delinquentes que existiam pelo país à “juventude transviada”. Os *rabos de burro* passarão a ser cada vez mais compreendidos como um tipo de mimetismo do “transvio” americano, difundido pela mídia. Inicialmente, contudo, buscavam-se motivações locais para a sua existência¹²³ e elas pareciam perfeitamente aceitáveis para entendimento do fenômeno. À medida que o tema da “juventude transviada” se instaura na agenda

¹²³ Um indício importante para se compreender como os “rabos de burro” foram a princípio interpretados é uma marchinha carnavalesca que fez bastante sucesso em 1955. Ela dizia: “Rabo de burro não quer conversa não/quando pega o brotinho na escuridão/tome cuidado com essa cara jururu/ rabo de burro é malvado pra chuchu/ Se falta luz é uma agonia/ dá muita atrapalhão/se você pensa que feiura é garantia/ rabo de burro não escolhe cara não. A marcha não associa os “rabos de burro” à americanização, mas à “maldade”, à recorrente “falta de luz” e ao desejo de abusar de qualquer moça, elementos de natureza psicológica ou local. Ressalto que na década anterior, 1940, a influência da cultura norte-americana foi bastante contestada na cidade, especialmente o fenômeno das “coca-colas”, moças que se envolviam amorosamente com soldados americanos, que ocupavam uma das bases instaladas pelos EUA no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial. Comportamento “mal visto”, que gerou inúmeras brincadeiras e paródias de carnaval. (SILVA, 2000)

brasileira, a imprensa fortalezense esforçou-se em evidenciar que o mal na cidade também havia chegado, ou melhor, se inaugurado (ver figura 8). Apesar disso, porém, creio que ocorreu um processo de hibridismo cultural, em que um tipo de prática, já existente, reinventou-se a partir do contato com outras influências. De certo, muitos “rabos de burro” identificaram-se com James Dean, com o *rock and roll*, com os topetes de brilhantina e as ruidosas lambretas (não encontrei nas imagens publicadas nos jornais evidências de que jaquetas de couro, por exemplo, tivessem sido adotadas pelos “transviados” cearenses). Assim como outros jovens transviaram-se por inspiração no que viam, fosse nas telas de cinema ou na pracinha da Gentilândia (lugar, em Fortaleza, onde muitos “transviados” concentravam-se). Se copiavam e imitavam condutas, faziam também para com seus pares e não só com ídolos do *mass media*.

Ressalto que a emergência de uma juventude “rebelde” fortalezense já se apresentava anteriormente à invenção da “juventude transviada”. Ou seja, havia naquele contexto histórico condições socioculturais locais que permitiram seu aparecimento, mas reconheço que eles não estavam dissociados de um contexto maior, global, de pós-guerra que discuti no princípio deste capítulo. Considero o crescimento da cidade, a possibilidade de os jovens conviverem por mais tempo entre si e longe da vigilância dos adultos, a tolerância das autoridades e da sociedade local a que certas práticas desviantes fossem cometidas pelos “bem-nascidos”, e a própria experiência da juventude como condicionantes para o aparecimento dos “rabos de burro” em Fortaleza. Uma juventude mais livre das convenções e, especialmente, dedicada ao desfrute do ócio, da brincadeira, da aventura e da violência. O aspecto “divertido” da violência era ao menos para quem a cometia, e certamente, trágico, para as vítimas.

A repercussão do homicídio de Vandir Queiroz provocou um refluxo das turmas de “rabos de burro”. Notícias sobre eles praticamente desapareceram do noticiário policial no ano de 1957¹²⁴, algo também constatado por Juarez Temóteo (TEMÓTEO, 1960, p. 10-3). Suponho que as famílias e as autoridades tenham se tornado mais atentas e a seriedade das ocorrências envolvendo os rabos de burro inibido a ação destes. Os próprios jovens devem ter se retraído ao dimensionar as consequências de um assassinato.

¹²⁴ Por exemplo, ao fazer a busca por “rabos de burro” no acervo digitalizado do Jornal *O Povo* (o único com este serviço, que nos oferece mais segurança para fazer afirmações assertivas), nenhum resultado foi encontrado no ano de 1957. Ciente de que a maioria das ações noticiadas dos “rabos de burro” correspondia aos meses de férias escolares (talvez porque os jovens tivessem mais tempo para sair pela cidade e sua presença fosse mais notada), cobri cuidadosamente os de férias em outros jornais, mas não encontrei referências aos “rabos de burro”.

Após dois anos de “certa calma”, os três acusados da morte de Vandí Queiroz foram inocentados. Segundo Juarez Temóteo, isso provava que a “opinião pública via com mais pena do que ódio os jovens transviados”. (TEMÓTEO, 1960, p. 11).

O ano de 1958 foi o do ressurgimento avassalador dos *rabos de burro* no noticiário. Juarez Temóteo atribui à volta à cinematografia que inflamou o ímpeto delinquente adormecido. Segundo o jornalista, os jovens delinquentes adotaram, a partir de então, a “filosofia de vida” difundida pelo cinema norte-americano:

Longe de serem entendidas como exemplos do que se deve evitar, as mensagens cinematográficas são vistas pelos jovens como modelos dignos de imitação.

Os blusões de cores berrantes se aliam às costeletas características, e as atitudes se enquadram dentro do ritmo de vida que o cinema lhes mostrou. [...] E foi o drama de Aída Curi que alertou a nação numa sacudidela geral para o problema dos transviados. [...]

Com a popularização das motonetas, os jovens delinquentes passaram a agir também em cidades do interior. Casos de desordens de rapazes de Fortaleza, já conhecidos por suas atividades danosas, registraram-se em Sobral e Quixadá (TEMÓTEO, 1960, p. 12-3)

A qualidade maior da obra de Juarez Temóteo (que, como ele mesmo esclarece, não tinha qualquer pretensão teórica) encontra-se no seu esforço de perscrutar, nas atividades habituais e cotidianas da infância e da adolescência locais, a explicação para as práticas transgressoras dos jovens de classe média e da elite. Além do espírito “endiabrado” (característica inata, independente da posição social), Pinduca delinquir porque fora criado num ambiente propício a isso (dinâmica cultural específica). A “valentia” e o “gosto pela violência” foram aprendidos através de brincadeiras infantis (que traduziam, para o universo da criança, as armas, as lutas e os castigos dos adultos); a “rebeldia” era propiciada pela fraca autoridade paterna; a “degradação moral” era experienciada nos bares e cabarés, onde se disponibilizavam substâncias que alteravam a consciência e, finalmente, o comportamento “antissocial” era possibilitado pela ineficácia dos órgãos de controle e repressão do Estado.

As novas turmas de “rabos de burro” (ou “*neo* rabos de burro”, como chamava a imprensa) que surgiram com o “sucesso” de James Dean e Ronaldo Guilherme (o caso Aída Curi teve muita repercussão e os “rabos de burro” passaram a

ser chamados também de “ronaldos”), encontraram um aparato de repressão mais ativo (ver figura 7). Por exemplo, em 1958, houve a inauguração de um reformatório para menores “transviados”, operações policiais (que rapavam o topete dos jovens quando apanhados em infração), campanhas para denúncia de comportamentos dos jovens (“Onde anda sua filha?”¹²⁵). Medidas tomadas pelo poder público e pela comunidade na intenção de coibir comportamentos mais “reprováveis” e mesmo delituosos dos “transviados”.

Os “rabos de burro” não respondiam por suas ações, segundo os rigores do que estabelecia a lei. Entre prisões e solturas, alguns, como o “terrível” Ivan Paiva (aparece no noticiário policial por volta de 1958) e o “incorrigível” Marcondes Sá Aguiar (aparece no noticiário policial por volta de 1961 – ver figura 9), recorrentemente eram citados no noticiário por envolvimento em uma ou outra ocorrência policial (depredações, brigas, roubos de carros, principalmente) tornaram-se personagens famosos da “juventude transviada” cearense. O entrar e sair da cadeia parecia ser mais uma diversão dos jovens “transviados”¹²⁶.

É preciso esclarecer, no entanto, que os crimes de maior gravidade (estupros, assassinatos, lesões corporais, etc.) atribuídos aos “transviados” ocorreram, mas não eram os mais frequentes e nem eram praticados por todos os membros de uma turma. O estigma dos adeptos do “transvio” (dados como “assassinos” e “estupradores”) existia também porque os casos eram recorrentemente resgatados no noticiário policial com a intenção de substanciar a sua periculosidade. Apesar disso, a violência era uma característica dos grupos de *rabos de burro*.

Em grupos, turmas e “gangs”, os *rabos de burro* construía relações de amizade entre si e rivalidade para com os outros. A diversão entre eles, por vezes, estava condicionada ao consumo de bebidas alcoólicas e entorpecentes (maconha e anfetaminas, especialmente) e no sair à noite pela cidade visitando praças, bares, prostíbulos em busca de diversão. Agredir, estuprar, matar, roubar atendia também ao desejo de aventura, além da afirmação de poder e de macheza, como já comentado.

¹²⁵ Patrocinada pelo jornal *Gazeta de Notícias* em parceria com o Instituto de Educação do Estado do Ceará, consistiam em publicar fotos de rapazes e moças em situações “suspeitas” (em geral, conversando ou namorando com a farda escolar) se reconhecidos eram advertidos ou expulsos das escolas onde estudavam.

¹²⁶ Os dois “rabos de burro” eram os mais citados e sobre eles sempre pairava a suspeita de impunidade, mas o destino de ambos foi trágico. Ivan Paiva foi alvejado com três tiros em 1975 e desde então se tornou paraplégico e Marcondes Sá foi condenado a alguns anos de prisão por latrocínio.

Afrontar as leis era também uma espécie de jogo entre mocinhos e bandidos e os jovens assumiam, de bom grado, o papel do “malvado” (“valente” como costumava ser dito na imprensa cearense). Algumas ações eram claramente de afronta a autoridade policial ou de provocação a uma situação de tensão¹²⁷.

O jovem transviado Paulo de Tarso, quando preso em fuga na cidade de Quixadá (a 175 quilômetros de Fortaleza) sob a acusação de ser membro da “gang” de Marcondes Sá e cúmplice num crime de latrocínio, teve fragmentos do seu depoimento transcrito na imprensa. Fato raro, haja vista que quase sempre quem tinha a palavra eram os delegados de polícias e não os detidos. Definido como sendo um “elemento frio e cínico”, negou a participação no crime, mas não escondeu que levava uma vida transviada. Quando inquerido pelo delegado, assim teria se explicado: “Não sou de assaltar ninguém. Meu negócio, senhor delegado, é maconha e mulher. Sempre tive sorte com as mulheres, Elas me procuram e se apaixonam por mim. Dessa forma, não é difícil conseguir dinheiro com elas. Dinheiro fácil e sem qualquer complicação”.¹²⁸

No noticiário policial, em via de regra, havia muitos componentes teatrais. Manchetes, textos e imagens buscavam reforçar um clima de crescente intranquilidade e insegurança em relação à presença dos jovens na cidade de Fortaleza. Algumas características como a “jovialidade”, a origem social (“playboy”), o cinismo (quando, por exemplo, concede um depoimento com óculos escuros diante do delegado), a irresponsabilidade (depoimento do Paulo de Tarso) ou maldade (fotos das vítimas em situação de vulnerabilidade) eram reforçadas. Os agentes da lei, por sua vez, ora eram acusados de ineficiência, ora eram apontados como os únicos capazes de devolver uma mínima segurança que fosse. Enquanto os jornalistas faziam o papel de alertar e cobrar (alguns repórteres de polícia ficaram conhecidos como “caça rabos de burro”).

¹²⁷ Por exemplo, quando numa madrugada o “rabo de burro” José Irapuan Vidal, que se encontrava em uma zona de meretrício no bairro do Mucuripe, vingou-se de policiais que o prenderam enquanto faziam a ronda, jogando sua caminhoneta contra o jipe em que se encontravam os policiais para provocar uma perseguição pelas ruas da cidade. O resultado foi o capotamento do carro da polícia ferindo três agentes da lei e a fuga do rapaz. (DEZENAS de homens no enlaço do desordeiro José Irapuan. *O Povo*. Fortaleza, 26 set. 1964, p. 2). Quando, dias depois, o rabo de burro apresentou-se para interrogatório usando óculos escuros e contando uma versão completamente diferente dos policiais. Ele não fazia desordem; estava apenas dando carona a uma pessoa e a batida havia sido ocasional. (DEFENDE-SE na polícia o senhor José Irapuan Vidal. *O Povo*. Fortaleza, 8 out. 1964, p. 6). (ver figura 10)

¹²⁸ NÃO sou de assaltar ninguém, meu negócio é maconha e mulher. *O Povo*. Fortaleza, 24 abr. 1964, p. 6.

Além disso, o vocabulário do noticiário também se adaptava ao contexto sociopolítico, a fim de alinhar-se ao que era tido como violência numa dada circunstância e momento. Logo os jovens passaram de “Pinducas boys” a “rabos de burro”, a “transviados”, “*playboys*” e, finalmente, a “terroristas do sexo”¹²⁹ (abuso e violência sexual) ou “do asfalto”¹³⁰ (direção imprudente).

Os rabos de burro apareceram no noticiário cearense com mais frequência entre 1954 e 1964. Após esse período, foram feitas menções cada vez mais raras até 1968.

¹²⁹ GÓES, Hélio. ‘Terroristas do sexo’ precisam de punição. *O Povo*. Fortaleza: 13 nov. 1964, p. 6.

¹³⁰ ‘TERRORISTAS do asfalto’ continuam em liberdade. *O Povo*. Fortaleza: 20 fev. 1964, p. 6. O próprio uso das aspas indica que os jornalistas estavam fazendo uma adaptação do fenômeno.



Figura 2 – Cartaz em inglês do filme *Juventude transviada*, 1955.



Figura 3 – Cartaz do filme *O selvagem*, estrelado por Marlon Brando, 1953.



Figura 4– Um dos acusados do assassinato de Aída Curi, Cássio Murilo. *Jornal do Brasil*, 1958.



Figura 5 – Outro acusado da morte de Aída Curi, Ronaldo Guilherme. *Jornal do Brasil*, 1958.

Consequência da indiferença dos pais e da falta de rigor das autoridades:

DO QUEBRA-QUEBRA AO HOMICIDIO

FEDORENTO, ESTRUME E JACARÉ . . .

Os jovens arruaceiros substituem os seus nomes por apelidos aviltantes

Tudo não passava, a princípio, de brincadeiras inconsequentes de meninos — Orgias e desordens — O roubo do Departamento de Reembolsos dos Correios e Telégrafos — Uso e abuso de maconha — Odelino vencido pelo vício e Odelito Colares em busca da reabilitação — O espancamento fatal de Wandi Queiroz se esclarece graças à ação do dr. José Almir Leite: foram os "Rabos de Burro" os culpados — Decretada a prisão preventiva, esperam na Cadeia o pronunciamento da Justiça — Ótima oportunidade de demonstrar-se aos que assistem de fóra o desenrolar do drama, que o crime não compensa . . .

Texto de Juarez Furtado TEMOTEU
(Dos DIÁRIOS A ASSOCIADOS)

Elas não mais se encontram diante de seus benefícios de uma simples beafria. É a realidade. Um fato brutal. Aquilo que lhes vem à memória, agora, não é uma cena

largo da Justiça, a rigorosa de de lei, que, por faltar nos seus primeiros passos de mar

pinas. Elas permitem chegar a este lamentável estado.
(Conclua na 9a pagina)

EM FORTALEZA O CORRESPONDENTE DOS



ANTE UM ESCRIVÃO DA POLÍCIA, três jovens se despedem. São "Rabos de Burro". A cena já lhes é habitual. A única diferença é que eles à vez já não relatam um simples quebra-quebra de pensão alegre, mas falam sobre o brutal e fa al espancamento do comerciante Wandi Queiroz, cuja responsabilidade lhes cabe

Figura 6— Notícia envolvendo “rabos de Burro”. *Correio do Ceará*, 1956.

Polícia Desbarata Quadrilha de «Rabos de Burro»

Perigosa quadrilha de assaltantes, composta de "rabos de burros", começou a ser desbaratada pela Delegacia de Investigações e Capturas, quando, à noite de ontem, agentes vascularam vários pontos onde se reúnem os transviados e efetuaram a prisão de três deles, que acabavam de roubar um jeep que se encontrava estacionado à frente da Casa de Saúde

ASSALTANTES PERIGOSOS

As buscas continuavam, na manhã de hoje, com seis agentes da DIC que esperam a qualquer momento prender os demais assaltantes participantes da «gang» que ultimamente tem praticado assaltos noturnos a transeuntes e senhoras e senhoritas, sendo também responsável pelos César Calés.

Três dos principais elementos pertencentes a «gang» de assaltantes e ladrões de veículos, que vem pondo a cidade em polvorosa. São eles (pela ordem) o famigerado Ricardo Pereira, vulgo «Saco de Barro», Roberto Vieira, vulgo «Louro» e José Garcia, vulgo «Zé da Emidias». Os três são os primeiros a serem capturados.



Figura 7 – Grupo de “rabos de burro” sendo denominados como “quadrilha”. *Tribuna do Ceará*, 1963.

PEDIDA PRISÃO PREVENTIVA DA TRINCA DE TRANSVIADOS

Ainda se encontram recolhidos a um dos quadros da Delegacia de Ordem Política e Social, os três jovens delinquentes Eduardo Pompeu de Sousa Brasil, José Elber Fontenele e João Arruda Neto, que à madrugada de domingo, de maneira audaciosa, de revólveres em punho e mascarados, assaltaram o sr. Alber Vasconcelos, gerente da Fábrica de Coca Cola, levando-lhe a carteira. Os transviados agiram sob a chefia de Eduardo Pompeu de Sousa Brasil Filho, que fez questão de afirmar na Polícia, que era o chefe da «gang».

PRISÃO PREVENTIVA
O dr. José de Araújo Barreto, ora respondendo pela Delegacia do 2.º DP, informou à reportagem que deverá requerer hoje a prisão preventiva dos três assaltantes, que dentro de mais algumas horas, todo o proces-



EDUARDO, O CHEFE JOSÉ ELBER JOÃO ARRUDA

Figura 8 – Notícia de um bando de “rabo de burro” sendo nomeados como trinca de “transviados”. *O Povo*, 1960.

VOLTARAM A AGIR OS TRANSVIADOS DA "GANG" DE MARCONDES SÁ AGUIAR



Marcondes Sá (acima) e outro transviado.

Os delinquentes voltaram a agir, pondo a cidade em polverosa. Tudo aconteceu à noite de sábado, quando o transviado Marcondes Sá Aguiar, nome por demais conhecido na crônica policial de Fortaleza, comandando outros elementos de sua estirpe, entre os quais Pedro Artur Alves e Reginaldo Almeida, roubou um carro na av. D. Manuel, para em seguida entrar na residência do sr. Geraldo Gradvol, à rua Torres Câmara, 48, de onde furtou um rádio. Outras tropelias, Marcondes e os seus companheiros realizaram, pondo em pânico jovens que transitavam pelas ruas.

Ontem, à noite, em batidas efetuadas pelos agentes da DIC Sebastião Brasileiro e Fernando Sá, pelas ruas da cidade, Marcondes Sá Aguiar e os seus companheiros Pedro Artur Alves e Reginaldo Almeida foram presos, e agora estão em xadrezes da Delegacia de Investigações e Capturas, em meio aos mais perigosos ladrões.

Como já devem notar os leitores, Marcondes Sá Aguiar é elemento incorrigível e faz questão de contar aos repórteres as suas façanhas audaciosas. Vai agora para Amanari, onde deverá fazer companhia a Ivan Paiva e outros ladrões.

AGREDIDO A PAULA-

DAS — Vítima de uma agressão a pauladas foi medicado, ontem, na Assistência Municipal, o ambulante José Alexandre de Sousa, casado, de 37 anos, residente à Vila Peri, s/n. A vítima sofreu contusões no couro cabeludo, e depois de meditada retirou-se para a sua residência com instruções médicas.

SURROU A FILHA —

Ontem, à noite, a menor Flávia Freitas, de 12 anos de idade, residente à rua Delmiro de Farias, 394, foi brutalmente surrada por seu próprio pai. Motivo: Flávia estava namorando em vez de estar estudando. A surra foi violenta e a menor teve de ser medicada na Assistência Municipal.

ATROPELAMENTOS —

Vítimas de atropelamentos foram medicadas, ontem, na Assistência Municipal as seguintes pessoas: João Batista Lemos, solteiro, de 49 anos, comerciante, residente à rua João Cordeiro e Lauro Moreira Brandão, solteiro, de 22 anos, comerciante, residente à rua Santos Dumont, 978. Ambas as vítimas sofreram contusões generalizadas.

Figura 9 — "Gang" era uma palavra recorrente para nomear os grupos de "transviados". *O Povo*, 1962.

NOS bastidores POLICIAIS

DEFENDE-SE NA POLÍCIA O SR. JOSÉ IRAPUAN VIDAL

José Irapuan Vidal (clichê) que à noite do dia 25 do mês passado, em Mucuripe, jogou sua camioneta contra um jipe da Polícia, apresentou-se, ontem, acompanhado de familiares e advogados, ao dr. Venelous Xavier Pereira, titular da Delegacia de Vigilância e Capturas.

Como devem se recordar os leitores, naquela noite, no bairro do Farol (zona do metrô), José Irapuan, que ali se encontrava tomando cerveja, recebeu voz de prisão de uma ronda policial, vez que estava sendo acusado de perpetrar desordem. Não atendendo à Polícia, José Irapuan fugiu em seu carro, sendo perseguido. À altura da "Conefor", a camioneta de José Irapuan chocou-se de maneira violenta contra o veículo da Polícia, que tombou ao solo. Três policiais saíram feridos: Eudes Ramos, comissário do 1.º Distrito, Heron Lemos e Francisco Saturnino.

Em consequência do desastre, o comissário Eudes Ramos sofreu fratura na bacia, ruptura da bexiga e forte pancada na cabeça, estando ainda internado no HPS, em estado grave.

Em depoimento, o acusado José Irapuan Vidal afirmou que na verdade não fez sua intenção jogar sua camioneta contra o jipe, e que, por sinal, havia sido trancada por este, não tendo oportunidade de frear o carro que dirigia. Disse mais, que no Farol, não estava a



fazer desordem, e que ali fora apenas para deixar uma pessoa que lhe pedira uma carona.

Ontem mesmo, José Irapuan foi identificado criminalmente, e, segundo nos informou o titular da Delegacia de Vigilância e Captu-

ra, o acusado será processado por tentativa de homicídio, já tendo sido solicitada sua prisão preventiva. José Irapuan foi posto em liberdade, após prestar depoimento, mas poderá ser preso, caso seja decretada sua prisão preventiva.

Figura 10 — "Rabo de burro" com trajes "playboy". *O Povo*, 1964.

CAPÍTULO II

*Tenho um amor puro e verdadeiro,
É playboy é bom companheiro,
Brotinho enxuto um amor
Mas não me liga que horror*

*[Refrão] Um sapatinho eu vou
Um laço cor de rosa enfeitar
E perto dele eu vou
Andar devagarinho e o broto conquistar*

*Ele usa lambreta e é tão veloz
Se passa na corrida eu perco a voz
E fico desejando, Oh! meu Deus!
Que ele caia bem nos braços meus*

*Quando ele dança rock é uma sensação
Faz rápido dançar o meu coração
Seu beijo deve ter a delícia do amor*

*Um dia resolvi, e ao broto fui falar
O que ele me disse deu vontade de chorar:
'Lacinhos cor-de-rosa ficam bem só na cabeça
Se quiser me conquistar você cresça e apareça'
Lacinhos cor-de-rosa (versão de Pink shoes laces¹³¹), 1959*

A juventude transviada e a indústria cultural

Neste capítulo disserto, inicialmente, sobre como as etapas da adolescência e da juventude foram abordadas como um problema familiar e social, durante os anos de 1950 e 1960. Na sequência, apresento o médico Napoleão Lyrio Teixeira, como um perfil de acadêmico que se deteve no estudo da delinquência juvenil e, particularmente, da “juventude transviada”. A sua obra *Juventude transviada* me inspirou a eleger os temas que permitiram ao médico e outros intelectuais, que apresento ao longo do texto,

¹³¹ A versão original dá um sentido diferente aos sapatos com lacinhos cor de rosa. A música em inglês faz referência a uma moça apaixonada por Dooley, um rapaz rico de boa aparência, que cria casos para escapar do alistamento no exército e é excêntrico no vestuário. Ele usa um colete de bolinhas, sapatos marrons com lacinhos cor-de-rosa e um grande chapéu panamá com faixa roxa. A música foi sucesso na voz da adolescente americana Dodie Stevens. A adaptação em português buscou fazer referência ao estereótipo do “playboy” brasileiro e o fascínio que causaria nas mocinhas. No Brasil, a música foi regrava por Celly Campelo. Letra original de Mickie Grant e versão em português de Fred Jorg.

explicar o fenômeno do “transvio” no Brasil. Optei por analisar os veículos de comunicação e produtos culturais apontados como prejudiciais à formação do jovem e estimulantes de comportamentos transgressores e/ou delinquentes. É o caso do cinema, rádio, música, quadrinhos, literatura de bolso, jornal e televisão.

2.1) Cresceu e apareceu: o adolescente em análise

Em 9 de janeiro de 1970, o Centro de Pesquisas e Debates da UFC publicou um anúncio ofertando um curso gratuito de “extensão cultural”, cujo título era “Problemas da criança e do adolescente”. Os ministrantes seriam os médicos psiquiatras José Maria do Nascimento e Iraci Ribeiro, e não havia nenhuma restrição aos em relação à faixa etária, escolaridade mínima ou formação profissional. Entre os problemas a serem debatidos estavam a “cleptomania”, os “distúrbios sexuais” e a influência familiar no “desajuste juvenil”¹³².

Ao final do mesmo ano, um novo curso foi anunciado para tratar dos problemas das crianças e adolescentes. Dessa vez, era um curso pago, ministrado pela psicóloga Fernanda Barcelos¹³³ e dirigido aos pais¹³⁴ que não queriam educar “de forma improvisada”. Durante cinco dias e por oito horas diárias seriam repassados ensinamentos sobre o funcionamento da mente infanto-juvenil e orientações para o ingresso do jovem na vida adulta (inclusive a vida sexual)¹³⁵.

Na mesma época, um serviço direcionado diretamente aos jovens era regularmente publicado. Anúncios da Clínica Psicoterápica e Psiquiátrica do Adolescente e do Adulto do Dr. José Maria Pamela prometiam tratamentos variados (terapias de grupo ou sessões individuais) para o fim dos “distúrbios emocionais e familiares, do caráter e do comportamento”¹³⁶ do jovem.

¹³² PROBLEMAS do adolescente serão curso. *O Povo*. Fortaleza 9 jan. 1970, p. 6.

¹³³ Provavelmente mais conhecida do público, pois assinava regularmente a coluna “Você e a psicologia” do jornal *O Povo*. Espaço dedicado a responder questionamentos (feitos por carta) sobre problemas pessoais e familiares dos leitores, complementados com testes de personalidade. Os testes eram um conjunto de perguntas sob um assunto qualquer de ordem emocional ou social com diferentes itens de opção de resposta. A escolha dos itens direcionava o questionado a colher um resultado preestabelecido sob sua personalidade, sentimentos ou capacidade de lidar com uma determinada situação.

¹³⁴ O sugestivo título do curso “Seja Pai”, a princípio, poderia indicar um curso apenas para os pais, não era. Se a mãe e o pai se matriculassem juntos, obtinham 10 cruzeiros de desconto no valor final.

¹³⁵ SEJA Pai (Anúncio). *O Povo*. Fortaleza 12 nov. 1970, p.11.

¹³⁶ CLÍNICA Psicoterápica e Psiquiátrica do Adolescente e do Adulto (Anúncio). *O Povo*. Fortaleza, 16 maio 1970, p.2.

A universidade preocupava-se em garantir aperfeiçoamento àqueles que se especializavam no trato da juventude. O curso de psicologia da Dr. Fernanda Barcelos, por exemplo, oferecia orientação aos pais nas funções que lhe eram dispensadas, e a clínica médica ofertava tratamentos psicológicos para os jovens em crise. Assim, o que se vê nas páginas dos jornais cearenses no início dos anos 1970 é a consolidação da legitimidade que o conhecimento acadêmico direcionado à compreensão da *psique* e do comportamento humano ganharam ao longo século XX.¹³⁷ Os serviços listados atingem ao menos três públicos distintos, mas todos em torno da dificuldade dos jovens e suas famílias em lidar com os “problemas da adolescência”.

No início do século XX, a invenção do conceito de adolescente pela Psicologia Social foi uma tentativa de expressar a combinação entre as influências biológicas e culturais que afetariam a personalidade dos saídos da infância¹³⁸. Essa definição, construída e tornada verdade num dado momento histórico, é, ainda, bastante aceita na sociedade como explicação para o comportamento estranho, supostamente próprio dos adolescentes.

A adolescência passou a ser compreendida como uma fase transitória do amadurecimento físico (perda do corpo infantil), psicológico (maior consciência de si e dos outros) e social (mais autonomia, novas funções e responsabilidades). Reagindo, por vezes, de modo inesperado e anticonvencional, os adolescentes perturbariam a eles mesmos e aos que com eles convivem pela instabilidade (de humor, ânimo, agressividade, etc.) advinda da dificuldade de lidar com tantas mudanças.

Cada vez mais, apresentava-se ajuda profissional àqueles que “não sabiam” ou já “não podiam” lidar com os próprios problemas, inclusive os essencialmente familiares e pessoais. Para os jovens e adolescentes, compreendidos como sujeitos que passavam por algum tipo de dificuldade emocional¹³⁹, criaram-se serviços

¹³⁷ A oferta de cursos para lidar com os problemas da juventude eram, de certo modo, uma novidade em Fortaleza (ou, pelo menos, anunciado como se fosse), mas, a julgar pelo noticiário da imprensa paulista, por exemplo, esse tipo de serviço já era conhecido e mais recorrente nos centros maiores. Em 1959, o jornal *Estado de São Paulo* propagandeia: “No próximo sábado, às 19 e 30, o médico Jefferson Gonçalves Guimarães pronunciará uma conferência sobre Hipnose, na qual tratará especificamente da recuperação da juventude transviada e do aproveitamento escolar” (Hipnose – Anúncio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 25 jun. 1959, p. 14).

¹³⁸ Vale a ressalva feita por Sigmund Freud nos seus ensaios sobre a teoria da sexualidade: quando quer se referir ao período posterior à puberdade, usa a palavra “adolescente” como termo e não como conceito. (WEINMANN, 2012, p. 385)

¹³⁹ A inquietude, desobediência, mudanças de humor, gosto pelo enfrentamento e o perigo, ou o oposto (apatias, falta de entusiasmo, isolamento) eram características comumente associadas ao jovem transviado.

especializados cujo intento parecia concentrar-se na manutenção da harmonia familiar, a qual era ameaçada, sobretudo, pela chegada da prole à adolescência, o que dificultava a convivência dos filhos com os pais e com a comunidade (em particular, na escola)¹⁴⁰.

Na medida em que a adolescência e a juventude assumem lugar de categoria e valor social na sociedade contemporânea, diversas instituições, de ordem pública e privada (Estado, Igreja, Escola, etc.), passaram a intervir na formação das novas gerações¹⁴¹. As responsabilidades da família passam a ser progressivamente partilhadas com outros, e uma gama de profissionais (professores, orientadores, psicólogos, médicos, etc.) são preparados para auxiliar os pais na criação e educação dos seus sucessores¹⁴².

Nos dias de hoje, um tratamento psicológico é direcionado para o alcance e satisfação das aflições e necessidades do próprio indivíduo e não para o seu enquadramento nas expectativas familiares e sociais. Na época estudada, porém, o atendimento familiar se sobrepunha ao do indivíduo. A instituição familiar ocupava um lugar de centralidade e tudo que julgasse questionar sua existência (ao menos a dos moldes tradicionais) era passível de questionamento (divórcio, quebra da hierarquia parental, autonomia dos filhos, etc.). O “transvio” juvenil, ao mesmo tempo em que foi compreendido como mais uma decorrência da ineficiência do cumprimento das obrigações familiares para com os seus membros, também era apontado como indício de que a família precisava de amparo para manter-se e adequar-se aos desafios impostos pelos tempos “modernos”.

O medo que os pais tinham de ter um filho “transviado” foi explorado pelo filão de profissionais mencionados acima, e o comportamento “rebelde sem causa” de

¹⁴⁰“Tais características passam a ser percebidas como uma essência, em que ‘qualidades’ e ‘defeitos’ como rebeldia, desinteresse, crise, instabilidade afetiva, descontentamento, melancolia, agressividade, impulsividade, entusiasmo, timidez e introspecção passam a ser sinônimos do ser adolescente, constituindo uma ‘identidade adolescente’”. (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 2)

¹⁴¹ A interferência do conhecimento científico/acadêmico no cotidiano da família pode ser chamado de “psicologização” da vida privada. Um acontecimento concomitante à transformação da própria instituição familiar e a emergência da individualidade nas sociedades contemporâneas¹⁴¹. “Desde o fim do século XIX, foram promulgadas leis com o objetivo de limitar o poder paterno de correção. O pai deixa de ser o chefe incontestado da família, a família torna-se menos patriarcal. A partir da primeira modernidade, a noção de interesse da criança serve de justificação à intervenção do Estado na família. [...] As preocupações sanitárias e educativas legitimam [o] direito de observar a conduta dos pais. [...] Distinguindo-se das formas anteriores, a autonomia da família moderna é relativa. Sociologicamente, os constrangimentos sobre ela não deixaram de existir, mas mudaram de forma. O controle do Estado substitui o dos pais e o dos cônjuges, da comunidade e da vizinhança.” (SINGLY, 2011, p. 16-7)

¹⁴² A especialização de serviços na educação, saúde, lazer, etc. objetivava, também, inserir um público cada vez mais jovem (e que vivencia um tipo novo de jovialidade) na sociedade de consumo. Por isso, uma série de produções surge para atender ao público infanto-juvenil e de jovens adultos na indústria cultural.

parte da juventude tornou-se objeto de estudo em diversas ciências. Aparentemente, esses trabalhos objetivavam muito mais “salvar” a juventude do que aceitá-la.

Além do “transvio” ser tratado na sua dimensão individual (personalidade difícil e comportamento rebelde) e familiar (desarmonia), também foi analisado como uma questão social e sintomática da ineficiência da sociedade e suas instituições representativas na transmissão de valores e normas às futuras gerações¹⁴³.

O “transvio” dos jovens era um indício da eminente decadência da civilização cristã ocidental, ou pelo menos assim acreditou o filósofo Mário Ferreira dos Santos (2012)¹⁴⁴. Uma *Invasão vertical dos bárbaros* (título da obra dele, publicada em 1967) estaria ocorrendo, provocada pela inversão perigosa dos pilares civilizatórios (valorização da força no lugar da intelectualidade, da descrença em relação à fé, da superficialidade em relação à arte, etc.), difundidos, especialmente, pela indústria cultural, afetando a qualidade da condição humana na contemporaneidade. O desejo de propiciar às novas gerações uma liberdade de informação e de escolha que antes não existia, a condescendência (pouca repressão) com os atos de rebeldia juvenil e a ação precipitada dos pedagogos ao trazerem questões complexas para discussão com crianças e jovens (referia-se, especialmente, ao sexo), antecipando-se a curiosidade “natural” (indicativo correto), seriam alguns dos motivos para o “marouço” de rebeldia que se espalhava por quase todos os países. O filósofo reconhecia existirem jovens rebeldes em todos os períodos da História, mas ressaltava que a “juventude transviada” se distinguia de outros grupos de jovens rebeldes pela amplitude de adeptos e por essa universalidade. Apesar de assumir que havia se dedicado pouco à matéria, o autor clamava aos colegas que fizessem um estudo mais aguçado do fenômeno e respondessem:

É uma degenerescência da sociedade? É a consequência do aumento do retardamento cerebral? É o produto da progressão dos idiotas, débeis mentais e imbecis, que crescem assustadoramente? É produto da impossibilidade do homem viver em sociedade? Surge da deficiência da educação religiosa e da perda da força que as religiões vêm sentindo ultimamente? É produto das ideias filosóficas ou

¹⁴³ Como argumenta Stuart Hall, nas sociedades modernas, o surgimento das ciências sociais estabeleceu uma divisão cartesiana no estudo dos indivíduos entre disciplinas. A psicologia, especialmente, ocupar-se-ia dos processos mentais dos indivíduos, enquanto a Sociologia, por exemplo, observaria o indivíduo em processos de grupo e normas coletivas. (HALL, 2006, p. 23-33). Os estudos sobre o comportamento transviado dos jovens estendiam-se tanto pelas explicações que consideravam os condicionantes psíquicos individuais, quanto os sociais. Havendo, no entanto, uma predominância pelo segundo modo.

¹⁴⁴ O livro foi reeditado e a partir de agora usarei a referência da última edição, 2012.

pseudamente filosóficas, mais estéticas, travestidas de filosofia, que invadem, heterogeneamente, todos os setores? É um ato de rebeldia contra uma moral extemporânea? É uma promessa para uma grande e profunda revolução que reverterá tudo quanto até agora havia sido considerado firme e duradouro? (SANTOS, 2012, p. 121)

Os questionamentos sugeridos por Mário Ferreira dos Santos para uma reflexão sobre a emergência da “juventude transviada” eram extensos e demonstravam que havia o desejo de entender não apenas o “transvio”, mas o mundo daquela época. Essas questões e mais outras foram feitas e, eventualmente, respondidas por diversos intelectuais ao longo dos anos de 1950 e 1960.

As análises feitas sobre a “juventude transviada” partiram da premissa de que o seu surgimento era decorrente de uma crise social ampla, que se explicava pela falência ou inadequação de diversas instituições sociais na contemporaneidade. O novo se impunha sobre o antigo e levava a sociedade para não se sabia onde¹⁴⁵, gerando um sentimento de angústia¹⁴⁶. Essa crise afetava os indivíduos, especialmente os mais jovens, pois, além de serem “naturalmente” imaturos (física e psicologicamente), recebiam uma formação cada vez menos sólida e não seriamente acompanhada pelos adultos.

Os adultos, por sua vez, também estariam desorientados diante do processo de *transnacionalização* (CANCLINI, 2003) e da inserção de novas tecnologias e mídias, que promoviam uma transformação dos costumes, tornando-se, desse modo, incapazes para a função de pais, tutores, formadores, etc. Além disso, criticavam-se as chamadas “cultura ocidental” e “indústria cultural”, sendo observada concordância parcial com as teses defendidas e difundidas nos anos de 1960 pela Escola de Frankfurt, especialmente no que se referia aos prejuízos da massificação da cultura¹⁴⁷.

Em resumo, o que moveu as obras sobre a “juventude transviada” foi o interesse em compreender o lugar do jovem na sociedade (no caso, a brasileira) após o segundo pós-guerra, porque ele representava, mais que qualquer outro grupo, as mudanças socioculturais, econômicas e políticas da época.

¹⁴⁵ Ou sabia-se, como o caso de Mário Ferreira Santos, que considerava ser o destino à barbárie.

¹⁴⁶ A época foi definida como a “era da angústia” por alguns intelectuais. (CARMO, 2003)

¹⁴⁷ Refiro-me a teses como aquelas obras produzidas pela indústria cultural e disponibilizadas pelos meios de comunicação e que respondem a uma racionalidade técnica que limita a compreensão e a crítica do espectador, formando um imaginário coletivo com um sentido previamente definido; a arte passa por um processo de degradação para ser assimilada pela massa.

Implicitamente, discutia-se o crescimento urbano, a transformação das relações familiares e comunitárias, a inserção dos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias no cotidiano do brasileiro, assim como a interferência da cultura norte-americana nos modos de viver dos brasileiros.

Explicitamente, esboçaram-se alternativas para melhor formar as novas gerações no contexto em questão, inibindo que os jovens transviassem-se, mesmo que, em via de regra, se reconhecesse que os mais novos seriam e viveriam cada vez mais diferentes daqueles que os antecederam. Por prevenção, estabelecia-se um conjunto de causas que levavam o jovem ao “transvio” e que eram úteis para o reconhecimento e inibição de outros casos.

Em uma dimensão mais técnica (primordialmente, sociológica, jurídica e médica), discutia-se como punir e reinserir os jovens “transviados” ao convívio social “sadio”, quando fosse o caso.

Destaquei para esse estudo teorias formuladas sobre a “juventude transviada” nos anos de 1950 e 1960, desenvolvidas por alguns intelectuais brasileiros que elencavam as causas para o fenômeno do “transvio”. Neste capítulo e no próximo, a obra que mais me apoiou foi *Juventude transviada. Alguns aspectos da problemática médico-social* (1966) do médico Napoleão Lyrio Teixeira. No capítulo seguinte, as obras *Nelson Hungria e Juventude Transviada. Impressões de uma conferência* (1958), do historiador Enélio Petrovick, *Delinquência juvenil* (1959), do advogado Sérgio Muniz de Souza, *Homossexualismo e delinquência*, do médico Luiz Ângelo Dourado e *Os sete pecados da juventude sem amor* (1966), do jornalista Fernando Pinto, que, além das observações do jornalista, traz o comentário de sete outros especialistas em delinquência juvenil e, finalmente, *O crime de calças curtas* (1960), do jornalista cearense Juarez Temóteo, já apresentado no capítulo anterior.

As obras, por sua vez, são complementadas com notícias e matérias jornalísticas e, especialmente, artigos de intelectuais publicados em jornais de Fortaleza e São Paulo durante o período circunscrito a essa pesquisa.

2.2) Napoleão Lyrio Teixeira: um estudioso da delinquência juvenil no Brasil

Quando aparecem as primeiras manifestações de “transvio”, intelectuais iniciam, concomitantemente, um debate sobre a questão em artigos, livros e encontros acadêmicos, e parte dessa produção estava disponível na imprensa da época.

Médicos, juízes, delegados, psicólogos, pedagogos, padres, sociólogos são instigados a apontar causas e tratamento para as novas manifestações de delinquência juvenil. Dentre os debatedores, destaca-se o médico Napoleão Lyrio Teixeira¹⁴⁸ como um dos intelectuais que mais se deteve ao estudo da “juventude transviada”.

Graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, especializou-se em Psiquiatria e Medicina Legal. Durante anos lecionou na UFPR (cursos de Medicina e Direito), atuou como jornalista¹⁴⁹ e literato, além de ter integrado as Forças Armadas. Professor respeitado e influente, é reconhecido como um dos fundadores da Medicina Forense no Brasil¹⁵⁰.

Seus trabalhos acadêmicos marcaram época, especialmente a sua tese sobre o suicídio (*O suicídio à luz da Psicopatologia, da Filosofia, da Literatura e do Direito* – 1948), além de teorias sobre alcoolismo (*Reação patológica ao álcool* – 1948), psicoses de guerra, amnésia pós-traumáticas, homossexualismo, Medicina psicossomática, doenças mentais (*Histamino-insulinoterapia, nas doenças mentais* – 1944), loucura e genialidade, entre outros temas.¹⁵¹ Como pesquisador, conferencista e literato, deixou inúmeros artigos acadêmicos, poemas e crônicas.

O currículo do professor Napoleão Teixeira leva a crer que não era reconhecido apenas pelo público acadêmico, mas por um público letrado mais amplo, que se interessava pela literatura médico-jurídica, haja vista que publicou livros com títulos de apelo comercial e que se esgotaram em vendas, como *Conselhos a um nervoso* (1962) e *Complexo de inferioridade* (1963). A formação ampla, o interesse por vários temas, a facilidade de escrever para público não acadêmico, somados à experiência

¹⁴⁸ A primeira menção que encontrei às ideias de Napoleão Teixeira (1911 – 1978) foi a sua participação no I Congresso Brasileiro de Medicina Legal e Criminologia ocorrido na Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1953. Na ocasião, ele apresentou o trabalho *Cinema e delinquência infanto-juvenil*. (DEBATIDO por especialistas o tema da hereditariedade e tendência criminal. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 17 dez. 1953, p.16).

¹⁴⁹ Publicou crônicas e artigos nos jornais *O Globo*, do Rio de Janeiro; *A Notícia*, de Joinville; *Gazeta do Povo* de Curitiba; e *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

¹⁵⁰ Entre outras homenagens, teve seu nome escolhido para uma sala do curso Direito da UFPR e para uma rua na cidade de Curitiba.

¹⁵¹ Informações retiradas das apresentações sobre o autor no livro *Juventude transviada* (TEIXEIRA, 1966) e *Plantando para o amanhã* (TEIXEIRA, 1985)

docente, talvez expliquem a motivação para publicar um livro de título impactante como *Juventude transviada: alguns aspectos da problemática médico-social*, em 1966 (ver figura 11).

Apesar de o livro ser modesto no número de páginas (oitenta e seis no total), a produção de Napoleão Teixeira sobre os problemas relacionados à menoridade e à delinquência juvenil é extensa e resultou em pelo menos mais seis artigos acadêmicos publicados, a partir de 1954, na Revista da Faculdade de Direito da UFPR, a maioria deles transcrições de debates e encontros acadêmicos sobre juventude de que este participava regularmente, e nos quais se dedicava a expor suas teorias sobre motivações sociais e médicas da delinquência infanto-juvenil.

Em *Juventude transviada*, o autor aglutina trabalhos sobre o “transvio” redigidos por ele próprio e por outros interlocutores, apresentando as reflexões numa linguagem mais acessível e ágil. O livro apresenta um estudo do “transvio” juvenil, que julgava como “neurose” e/ou “psicopatia” das gerações modernas, assim como suas possíveis causas.

Para fundamentar empiricamente sua argumentação, Napoleão Teixeira se utiliza principalmente de matérias da imprensa e da observação pessoal e cita episódios que exemplificam a ação do “transviado”.

Apesar de no livro fazer poucas citações bibliográficas, é possível perceber por outros textos do autor que Napoleão Teixeira conhecia uma vasta e diversificada literatura sobre a relação entre os jovens e a delinquência¹⁵². No entanto, as conclusões e análises são, por vezes, apressadas, pouco fundamentadas e permeadas de paradoxos.

¹⁵² Dentre vários, destaco alguns intelectuais com os quais Napoleão Teixeira dialoga e as teses e objetos de pesquisa deles: o médico psiquiatra francês Jean Laboucarie, que defendia que a delinquência juvenil era um reação antissocial sintomática de alguma doença; o médico criminologista francês Alexandre Lacassagne, cujo principal argumento era de que o delinquente seria um micróbio e a cultura, o caldo que o desenvolve e o multiplica; o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau e a tese de que a criança nasce ingênua e boa, e é a sociedade que a corrompe; o médico italiano Cesare Lombroso e seus argumentos sobre o criminoso nato e o seu reconhecimento fisionômico; o psiquiatra inglês Henry Maudsley e o desenvolvimento do conceito de sociopatia; o filósofo inglês Herbert Spencer e os desdobramentos do darwinismo social; o médico alemão Sigmund Freud e o reconhecimento da perversão e outras debilidades psíquicas originárias na infância; o filósofo francês Denis Diderot e seus estudos sobre o aprendizado na infância; o médico cubano e residente no Brasil Emilio Mira y Lopez e seus estudos sobre a psicologia do infante e do adulto; o pedagogo francês Alfred Binet, que desenvolveu testes para aferir a inteligência e habilidades de crianças jovens e adultos, além de outros estudos de psicologia; psiquiatra Ernest Dupré, que defendia que o uso da mentira era um traço da psicologia infantil; o psiquiatra francês George Heuyer nos seus estudos sobre a doença mental e o caráter perverso; a psicóloga russa radicada no Brasil Helena Antipoff e seus trabalhos sobre a diferença de desenvolvimento intelectual dos indivíduos no meio urbano e rural; o jurista espanhol Eugenio Cuello-Callon; o psiquiatra alemão Gustav Aschaffenburg, construtor de uma etiologia da criminalidade a partir dos fatores hereditários, sociais e individuais. O médico Napoleão Teixeira organizou as causas da “juventude transviada” embasando-se também nestes grupos de fatores, acrescentando mais um, os

Vejamos a motivação da escrita do livro, encontrada no prefácio:

Aumentam, de maneira impressionante, as psicoses. Multiplicam-se, em ritmo assustador, as neuroses. [...] Os psiquiatras são lenhadores desesperados a abaterem árvores, numa floresta em chamas, tentando circunscrever o incêndio. Mal derrubam uma e o fogo, devastador, já lhes passou à frente.

Médicos, psicólogos, educadores lutam, incansavelmente, visando dar o remédio a um mundo enfermo, a mais e mais cheio de problemas sociais, sem que consigam de todo.

Entre eles o da delinquência menoril, sem dúvida dos mais graves, pois diz respeito à juventude, aos adultos de amanhã. (TEIXEIRA, 1966, p. 7)

No prefácio, o autor, além de ressaltar a relevância do problema, deixa claro que caberia ao leitor julgar se obteve sucesso na sua análise, demonstrando poucas pretensões ou qualquer preocupação com o reconhecimento acadêmico do trabalho (TEIXEIRA, 1996, p. 8). O livro, portanto, presumo, é um esforço de um especialista em facilitar o acesso ao conhecimento até então produzido sobre os “transviados” (compêndio de teorias sobre a delinquência) para aqueles que não eram especialistas (possivelmente, pais angustiados e temerosos de que seus filhos sucumbissem à “juventude transviada”).

Para o autor, desde 1954, a definição “delinquente juvenil” já não era apropriada para nomear os acontecimentos recentes envolvendo jovens e violência. Ele dizia:

Antes de entramos no estudo de tão grave problema médico-social – sem dúvida dos mais sérios que urge resolver em nossos dias, assinalemos a impropriedade do emprego, no caso, da palavra “delinquência”. Melhor seria até a troca da designação “menores delinquentes”, por outra mais adequada, “menores transviados”, por exemplo. De conformidade, aliás, com as sugestões de vários congressos, nacionais e estrangeiros, que se dedicaram ao estudo da matéria. (TEIXEIRA, 1954, p. 326)

Essa passagem revela que desde então o “transvio” era uma preocupação dos intelectuais e, também, que o adjetivo “transviado” (até então não se falava em “juventude transviada”) tinha surgido para os acadêmicos como conceito para nomear

um tipo novo “delinquente” que aparece por volta desse período. A definição anterior, “delinquente juvenil”, aproximava o jovem dos criminosos adultos, indicando por vezes que apenas não se tratava de um “delinquente” “completo”, mas “juvenil” numa possível trajetória do crime. Ou seja, o criminoso jovem começaria cometendo crimes de natureza mais branda e, à medida que fosse ficando adulto, aumentaria sua periculosidade. “Transviado”, no entanto, permite uma alusão a uma “saída de percurso”, um desvio moral e ético de um jovem destinado a ser um homem “de bem”, recurso linguístico e conceitual que pode ter parecido mais apropriado para o trato com menores provindos das camadas mais abastadas da sociedade que se transgrediram ou delinquiram na época.

Napoleão Teixeira inicia sua abordagem sobre a “juventude transviada” apresentando dados sobre a frequência da criminalidade juvenil em diversos países do mundo, trazendo informações e exemplos da Alemanha Ocidental, Inglaterra, Japão, França, Estados Unidos, Rússia, Brasil¹⁵³, dentre outros países¹⁵⁴.

A presença da Polônia e Rússia indica que, para o autor, o problema do “transvio juvenil”, recorrentemente caracterizado como um fenômeno da sociedade capitalista, crescia tanto nos países do lado ocidental quanto nos do bloco socialista nas “mesmas proporções assustadoras” (TEIXEIRA, 1996, p. 8)¹⁵⁵. A leitura do texto também indica que o autor era simpatizante do socialismo soviético, uma vez que diz se tratar da “maior experiência social da História”. (TEIXEIRA, 1996, p. 12).

Para justificar que as diferenças nos modelos de sistema econômico não explicavam por si sós o aumento da delinquência juvenil, o autor argumentava que a experiência da guerra no território europeu contribuiu para um “compreensível” desajuste sócio psicológico entre os jovens. A violência permitida pelos uniformes

¹⁵⁴ A cultura juvenil característica dos anos de 1950 e 1960, chamada de “juventude transviada” no Brasil teve outras expressões no restante do mundo: *hoods* (EUA) *teddy-boys* (Inglaterra), *nozuns* (Holanda), *anterumpers* (Dinamarca), *tsostis* (África do Sul), *bodgies* (Austrália), *halbstarke* (Áustria, Alemanha e Suíça), *branditos* e *rocانroleros* (México), *vitelloni* (Itália), *blousons noirs* (França), *tai-zoku* (Japão), *tai-pau* (China-Ilha Formosa), *houligani* (Polônia), *tapkaroschi* (Iugoslávia), *stilagi* (Rússia). Dos mencionados, os jaquetas de couro (*blousons noirs*) e os *teddy-boys* eram mais recorrentemente citados pelo noticiário da imprensa e pelo médico Napoleão Teixeira.

¹⁵⁵ Mário Ferreira dos Santos fez a mesma observação. Assim se referiu o autor: “O problema tornou-se universal, pois essa juventude abunda também na Rússia, e não é apenas apanágio dos países capitalistas, e o pseudossocialismo nada conseguiu para minorar esse problema, apesar da punição excessiva que oferece, muito mais intensa que a dos países democráticos.” (SANTOS, 2012, p 121) O fato de atingir não apenas o ocidente capitalista mas até o oriente comunista garantiam tanto a singularidade quanto a amplitude do fenômeno.

militares e o intento de ganhar o conflito bélico abalaram a sensibilidade humana para o sofrimento alheio. A destruição e a miséria da guerra inverteriam, no estado de exceção, os valores morais e éticos, tornando atitudes reprováveis (como matar e roubar) manifestação de coragem e heroísmo. Essa mudança brusca de valores e a rudez do ambiente de guerra seriam determinantes para crescimento da violência e, especialmente, do número de “delinquentes juvenis”.

Segundo esse argumento, os países que vivenciaram em seus territórios os conflitos armados estavam mais vulneráveis a padecer, após o cessar fogo, com o aumento da criminalidade e da delinquência juvenil. Entretanto, o próprio autor cai em contradição quando aponta que a delinquência juvenil é ainda mais grave e crescente nos EUA (TEIXEIRA, 1960, p. 13). Nesse caso, o consumo em demasia de produtos da indústria cultural pelos jovens foi apontado como a maior causa do “transvio”. Napoleão Teixeira não parecia se preocupar muito com a coerência analítica de seus argumentos.

Os dados e exemplos dos países estrangeiros citados no livro *Juventude Transviada* servem para reforçar a gravidade do problema e a necessidade de intervenções mais drásticas por parte das instituições brasileiras, especialmente a família e o Estado. Jovens desajustados e transgressores poderiam multiplicar-se ainda mais em terras tupiniquins, pois os aparatos policial e jurídico brasileiro eram inferiores e ineficientes se comparados aos de outras nações. Logo a preocupação do médico se dava em relação à juventude brasileira, mesmo reconhecendo tratar-se de um fenômeno mundial. (TEIXEIRA, 1966, p.13-4).

Quando fala da realidade brasileira, Napoleão Teixeira aponta poucas estatísticas, pois julgava serem insuficientes e obsoletas. Apesar disso, ele se utiliza dos trabalhos de Tarso Vieira de Farias e Alberto Mourão Russel e informações dos Juizados de Menores de São Paulo, Distrito Federal e Porto Alegre para garantir que o crescimento da delinquência juvenil era substancial no país a partir da segunda metade da década de 1950 (TEIXEIRA, 1966, p. 13-4). É possível, porém, considerar que o médico não apresentasse dados que quantificassem o aumento da delinquência juvenil no Brasil por outros motivos, além da ineficiência do Estado em recolher e organizar essas estatísticas. O número de “transviados” que se envolviam em delitos e crimes, talvez, fosse efetivamente diminuto. Eles assombrariam mais pelo que se imaginava de que fossem capazes do que propriamente pelo que faziam nas madrugadas das cidades. Segundo, muitos dos casos mais delituosos ou mesmo criminosos, quando cometidos

por jovens de classe média ou da elite, não eram denunciados e/ou investigados e/ou julgados¹⁵⁶.

A definição de Napoleão Teixeira para a “juventude transviada” era:

No Brasil, tornam-se, infelizmente, mais e mais frequentes, os bandos de delinquentes jovens. Algumas vezes, de menores pobres, marginais infelizes, viciados, doentes, desnutridos, oriundos do sub-mundo sinistro dos cortiços e das favelas, que começam a delinquir por necessidade ou por espírito de imitação e ascendem, paulatinamente, aos delitos maiores [...].

[Existem, também, os] «bossa-nova» da delinquência menoril, [que são os] «*play-boys*» e outros membros da chamada juventude *coca-cola*. Quase sempre, filhos de papais ricos, são eles que, em bandos, ruidosos, povoam a noite das cidades. Tudo fazem para parecer despreocupados e alegres. [...] fala-se, então, «em doença do *Rock-and-Roll*». (TEIXEIRA, 1966, p. 69-70 – *grifos do autor*)

O autor aponta, ainda, que embora o “transvio” atingisse as classes médias e a elite, os filhos de famílias pobres e menores abandonados eram a maioria dos que se delinquiavam e, potencialmente, os mais violentos e danosos à sociedade. Positivo era apenas o fato de eles serem, cedo ou tarde, punidos, enquanto os demais não o eram. “Se os *playboys* furtam automóveis, os menores, pobres, furtarão bicicletas [mas] a estes a Lei alcança sempre”, concluía. (TEIXEIRA, 1966, p. 72)

Apesar de os jovens “delinquentes” das camadas populares serem constantemente citados, o que angustiava o autor era a rebeldia e o “transvio” dos “filhinhos de papai”. Das quatorze causas apontadas para explicar o “transvio”, oito estão diretamente relacionadas ao modo de vida burguês e, especialmente, as influências do *american way of life* através do consumo de uma “má” informação disponível em livros, periódicos, televisão, rádio e cinema. Certamente acessível, e mais fartamente, aos abastados. Para o médico, a mídia fornecia um material de pouca qualidade e fortemente apelativo (sexo, poder, consumo), com estímulo à violência, à desobediência e à quebra dos valores constituídos. Os jovens não tinham capacidade de identificar o dano das mensagens, muito menos tinham maturidade para não se permitirem

¹⁵⁶ Ao menos, quando se consultam os jornais da época, especialmente os que circulavam em Fortaleza, observa-se que os casos mais “graves” (como lesões corporais, estupros e assassinatos) tinham uma repercussão muito intensa, sendo recorrentemente noticiado, mas quantitativamente foram poucos. Sabe-se, porém, por relato de quem viveu a época, que muitos casos não chegavam a ser noticiados, por temor das vítimas de sofrerem condenação moral ou receio de enfrentarem pessoas influentes e poderosas.

influenciar. A solução estaria, quase sempre, no controle (censura) e na proibição (medidas restritivas de acesso) a esses produtos (filmes, *comics*, músicas, obras literárias, etc.).

O livro *Juventude transviada*, de Napoleão Teixeira, é uma fonte importante para os estudos da juventude nos anos de 1950 e 1960, uma vez que se trata de uma compilação dos saberes produzidos sobre a relação entre jovens e delinquência nessas décadas, e especialmente sobre o fenômeno da “juventude transviada” no Brasil. Isso sem contar que o livro reúne leves vestígios da teoria criminal inaugurada por Cesare Lombroso no século XIX, o pensamento moral e tradicional vigente, e uma análise “multidirecional” baseada em interpretações psicológicas, sociológicas e biológicas feitas sobre o fenômeno àquela época¹⁵⁷.

2.3) Os olhos e os ouvidos contra o cérebro: a função da mídia para o transvio

Nos diversos materiais jornalísticos, acadêmicos ou memorialísticos que se referem ao “transvio juvenil”, a produção midiática sempre está associada como causa do fenômeno. Estimulando voluntaria ou involuntariamente, dizia-se que as mensagens veiculadas através das ondas do rádio, das telas de cinema e da televisão, das páginas dos impressos ou dos ritmos e das letras musicais tinham o poder de deformar a

¹⁵⁷O advogado Sérgio Muniz Souza, que se especializou em delinquência juvenil pela Escola de Chicago (que tradicionalmente pesquisava a delinquência juvenil), apontava em seu livro (SOUZA, 1959) como os pesquisadores abordavam o tema no final dos anos de 1950. As teorias etiológicas sobre o comportamento antissocial dividiam-se em unilaterais, que se subdividem em endógenas e exógenas e multilaterais, que, por sua vez, se separam em fatores biológicos, psicológicos e sociais. As unilaterais correspondiam, por exemplo, à teoria do criminoso nato inspirada em Cesare Lombroso e que não seriam mais tão “levadas a sério” (SOUZA, 1959, p. 37) àquela altura. As exógenas buscavam explicações apenas nos fatores sociais, sem considerar os biológicos, mas essas também estariam em abandono. “Percebeu-se, enfim, à custa de muito erro, que o fenômeno é de natureza biosociopsicológica e somente poderá ser abrangido integralmente por um conjunto de ciências” (SOUZA, 1959, p. 40). Os fatores biológicos das teorias multilaterais apoiavam-se em estudos de criminalistas e correspondiam a uma predisposição natural de alguns indivíduos, não identificável por traços físicos, de temperamento, de atitude, de inteligência e de caráter. Mas não eram mais aceitos se considerados determinantes ou correspondentes a um padrão único de identificação. Os fatores psicológicos são aqueles que correspondem ao processo de socialização do indivíduo desde a infância e à formação da sua personalidade. Os esforços dos pesquisadores se dariam na compreensão dos traumas e neuroses que podem acometer o indivíduo ao longo da vida levando-o a assumir comportamento antissociais e/ou violentos e o estudo das doenças mentais e psicopatias. A principal inspiração estava em Sigmund Freud e na psicanálise. Já os fatores sociais seriam os referentes à organização social e inspiravam-se na teoria social norte-americana e na própria Escola de Chicago. Por isso, inspirei-me no trabalho de Napoleão Teixeira para detalhar a etiologia da “juventude transviada” no Brasil, pois o médico apresentou uma visão multidirecional que me permitiu acenar para as diversas possibilidades de compreensão do fenômeno elencadas a época.

personalidade das crianças, adolescentes e jovens, despertando o desejo latente à transgressão.

Os milhares que aderiram de perto ou de longe à “juventude transviada” não o fariam sem o acesso progressivamente facilitado às produções do *mass media*, e essa máxima não era apenas compartilhada nos congressos frequentados pelo médico Napoleão Teixeira, mas por boa parte da imprensa da época.

Após um período de Ditadura, as frágeis diretrizes democráticas que sustentavam o país nos anos de desde 1945 e que foram novamente reduzidas após o Golpe Militar de 1964 possibilitavam que o debate sobre o acesso aos meios de comunicação e o consumo de determinados produtos culturais fosse discutido considerando-se a legítima “proibição” ou “censura” desses (principalmente aos jovens)¹⁵⁸. Em contrapartida, havia um reconhecimento de que a comunicação em massa e os novos recursos tecnológicos traziam benefícios, na medida em que reduziam as fronteiras geográficas, facilitavam o fluxo de informações e asseguravam uma vida, inclusive mais confortável, no cotidiano. Reunir-se diante do rádio ou da televisão era uma prática elevada à condição de prazer, diversão e não apenas informação. No que se referia ao plano cultural, entretanto, o entendimento era de que a produção e a distribuição em massa dos bens culturais afetavam diretamente a qualidade do oferecido.

O médico Napoleão Teixeira não negava os acréscimos positivos da ampliação dos meios de comunicação, inclusive reconhecendo as potencialidades educacionais do seu uso e o progresso social representado pelas novas tecnologias. Suas críticas não se referiam a todo conteúdo disponibilizado, por isso acrescentava o adjetivo “mau” quando desejava se referir apenas à parte danosa da produção midiática. Era um “mau” rádio, “mau” cinema, “má” televisão, “má” literatura e “mau” jornalismo que penetrava perigosamente nos lares brasileiros sem que muitas vezes fosse percebido, menosprezando-se os efeitos danosos do seu consumo a curto e longo prazo.

¹⁵⁸O filme *Juventude transviada* obteve censura para menores de dezoito anos quando lançado em 1950 e, hoje, quando é exibido na TV (canal fechado TCM) é indicado como livre. Decerto, muitos outros produtos que eram censurados aos jovens nos anos de 1950 e 1960 não são mais nos dias atuais. Essas variações do que foge ou não à moral e aos costumes, do permitido e do proibido – é redundante constatar – são temporais, mas o princípio que pressupõe um poder de influência da mensagem sobre o receptor (especialmente não adulto) permanece. Nos dias de hoje, obras audiovisuais e publicações recebem censura ou indicação prévia quanto à faixa etária indicada para seu consumo. A manutenção das faixas etárias indicativas e outros meios de censura à venda e à compra dos produtos culturais é uma constatação disso.

Diante de uma sociedade deslumbrada com o “moderno”¹⁵⁹, faltariam condições a muitos de estabelecer um distanciamento e criticidade aos meios de comunicação. Napoleão Teixeira, desse modo, tentava alertar os incautos no livro *Juventude transviada* e nos outros artigos que dedicou à discussão. Suas críticas recaíam tanto sobre o conteúdo quanto sobre as singularidades da linguagem de cada um dos meios de comunicação (cinema, rádio, televisão, revistas, etc.).¹⁶⁰ Sendo assim, cada meio contribuiria de modo particular para o comportamento antissocial e “transviado” que acometia alguns jovens da época. Talvez por isso Napoleão Teixeira tenha procurado analisar destacadamente o grau de periculosidade de cada um.

Como analisou João Freire Filho (2008), as primeiras especulações sobre o poder da mídia no comportamento dos jovens iniciou-se com o mito em torno da onda de suicídio que teria acometido os leitores de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe¹⁶¹. Esse e outros mitos posteriores construídos sobre a influência nefasta de algum produto cultural (ou tecnologia mais adiante) se respaldam no enquadramento dos jovens a outros grupos sociais, ditos “primitivos”, como as “mulheres, selvagens, populacho” (FREIRE FILHO, 2008, p. 34), distantes do padrão de racionalidade idealizado pelos iluministas.

Portanto, ao longo dos séculos XIX e XX, qualquer modalidade de entretenimento comercial, meio de comunicação ou inovação tecnológica que surgisse diretamente produzidos para a juventude ou consumidos em demasia por ela foram seguidamente questionados e condenados pelos seus efeitos danosos na formação educacional e da personalidade juvenil. Desde os folhetins, romances de detetives no

¹⁵⁹ Como destacado por Simmel (2006), a “modernidade” se caracterizaria por criar um estilo de vida baseado em elementos como calculabilidade, pontualidade, padronização, etc. das atividades na vida cotidiana. Os indivíduos, por sua vez, desempenhariam múltiplos e diferentes papéis em uma rede de sociabilidade cada vez mais complexa. Entre os autores estudados (e que tematizaram o “transvio”), destaca-se como sendo a experiência do “moderno” não a imersão na disciplina (ou autodisciplina), mas num tipo de “fuga” do padrão para o deleite inebriante e exclusivo do prazer. Por exemplo, as mulheres estariam negligenciando a maternidade e o lar (papel de dona de casa) para usufruir dos passeios com as amigas em busca de consumo de moda. Já os filhos abdicariam de serem alunos exemplares para usufruir da liberdade da rua, da velocidade das motocicletas, da transgressão. A busca por uma sensação de gozo, quase irresponsável (escape de uma rotina enfadonha) era o que apontava ser, naquele momento, o que havia de mais sedutor e perigoso na “modernidade”.

¹⁶⁰ No caso do cinema, por exemplo, a mescla de texto, imagem e som amplificaria o potencial dos filmes, uma vez que na sala de cinema (projetada para esse fim) é possível concentrar-se e adentrar no cenário, enredo e drama dos personagens. Logo a vivência da experiência cinematográfica era tida como a mais impactante.

¹⁶¹ Segundo o autor, estudos posteriores comprovaram que a tal onda de suicídio não passou de uma onda de boatos, uma vez que oficialmente apenas o corpo de uma moça foi encontrado morto num rio atrás da casa do escritor carregando um exemplar de *Os sofrimentos do jovem Werther* no bolso. (THORSON; ÖBERG, 2003 *apud* FREIRE FILHO, 2008, p. 34).

século XIX, passando pelas histórias em quadrinho e o *rock and roll* nos anos de 1950 e 1960 e até mais recentemente os *videogames* e a Internet. Quaisquer meios culturais associados ao lazer e ao passatempo dos jovens são definidos como “mais impactante e corruptível do que os anteriores” (FREIRE FILHO, 2008, p. 34), numa sequência inesgotável de críticas, que apenas se renovam na mudança do produto, mas mantendo o cerne da argumentação.

[...] As espirais de ansiedade e comoção pública ao redor do lazer juvenil encontram respaldo numa já bem sedimentada tradição de trabalhos científicos concebidos na esfera da psicologia, da criminologia, da saúde pública da educação e da comunicação social. Amparadas, não raro, em precárias revisões de dogmas do mais estreito behaviorismo, as investigações sobre os *efeitos* a curto e médio prazo do envolvimento com os passatempos juvenis constroem um modelo comunicativo em que as novas mídias e tecnologias figuram como o *estímulo* e a insubordinação, a agressividade, o crime, o suicídio, a sexualização precoce (ou promíscua), a toxicod dependência e os transtornos alimentares despontam como as *respostas* previsíveis ou experimentalmente verificadas.

Em que pesem as suas fragilidades teóricas e metodológicas, tais abordagens prevalecem como a corrente majoritária dos estudos sobre a mídia e adolescência. É fácil entender o apelo desse viés interpretativo: antes de tudo, a comprovação de sua hipótese de trabalho legitima o sentimento de superioridade e as intervenções de pais, mestres e peritos maduros – haveria, de fato, tonificante mais vigoroso para a autoestima e a autoridade do que a convicção de que os *outros* são fatalmente mais influenciáveis que *nós*? A hipótese da mimetização irrefletida de práticas veiculadas ou preconizadas por artefatos e ícones das indústrias culturais oferece, além disso, uma explicação descomplicada e conveniente para a gênese de comportamentos postulados como ‘problemáticos’ pelos especialistas. (FREIRE FILHO, 2008, p. 35-6 – *grifos do autor*)

Esse tipo de interpretação sobre a relação dos meios de comunicação e as novas tecnologias e o comportamento “problemático” da juventude estava em pleno vigor nos anos de 1950 e 1960, como se poderá observar adiante.

A partir da década de 1970, os chamados Estudos Culturais se contrapuseram às leituras que enfocavam o poder magnético e orientador da indústria cultural e seus meios de comunicação (teorias formuladas pela Escola de Frankfurt, em especial desenvolvidas por Theodor Adorno e Max Horkheimer), ao valorizar como os sujeitos se apropriam das mensagens midiáticas e reelaboram aquilo que veem, leem e

escutam de modo inventivo, próprio e circunstancial. A cultura de massa, por sua vez, como sugerido por Walter Benjamin, passa a ser analisada não através das suas obras, mas da percepção e do uso que se faz delas.

Desse modo, o jovem, por exemplo, na relação com a mídia, deixa de ser apenas o consumidor e passa a ser também um produtor de sentido. O receptor diante da mídia pode assumir variadas posições, de quem se deixa dominar, de quem negocia ou de quem resiste ao que consome, como defenderá Stuart Hall. (ESCOSTEGUY, 2001). Muitos trabalhos voltados à etnografia das gangues, galeras, tribos realizados no Brasil a partir da década de 1980 valorizam a capacidade criativa dos jovens e o uso que fazem dos meios de comunicação e de suas mensagens (FREIRE FILHO, 2008). Acessar a essa dimensão através das fontes que escolhemos para essa discussão apresenta possibilidades mais restritas (ou, pelo menos nesse momento, eu assim as li), dado o fato de que os jovens não eram na maioria dos casos o sujeito realmente analisado nos trabalhos sobre o “transvio”, uma vez que as circunstâncias (causas) que o deflagravam é que eram, efetivamente, priorizadas. Ainda assim, na medida do possível, tentei trazer esses sujeitos da passividade que lhe foi imposta para ação que lhe é devida.

2.4) *Rock, rock, rock!*: cinema e rádio

O cinema, a partir da segunda metade da década de 1950, disponibilizou no mercado uma sucessão de filmes sobre a juventude e a delinquência, que divulgou o “transvio” a nível mundial. A cinematografia construiu uma imagem dos jovens como atormentados, insatisfeitos, violentos e, também, incompreendidos. As gerações pareciam cada vez mais distantes e extremas, e adultos e jovens, definitivamente, já não se entendiam.

Os enredos dos filmes costumavam explorar o cotidiano de grupos e *gangs* de jovens nas zonas urbanas (fossem grandes ou pequenas cidades) e estabeleciam uma relação direta entre rebeldia (desobediência, agressividade, etc.) com o consumo de álcool, a velocidade (lambretas, motos e carros) e o *rock and roll*. Além de retratarem conflitos pessoais dos adolescentes e jovens vividos na casa (relação com os pais), na escola (relação com os professores), na rua (relação com amigos, paqueras, namorados) e na sociedade (a *gang versus* a comunidade e suas instituições representativas).

Os investimentos da cinematografia norte-americana na representação dos conflitos adolescentes com o surgimento dos *teenpictures* ou *teenpics* formaram um

público consumidor jovem. (PASSERINI, 1996). Alguns filmes, como *Juventude transviada* e *O selvagem* exploravam mais o universo de classe média, e neles eram evidentes os símbolos associados ao “transvio” e depois explorados pela publicidade e o comércio (roupas e acessórios, lambretas e carros, bebida e cigarros, etc.). Outros filmes privilegiavam as camadas populares, o caso de *Semente da violência*, e a caracterização dos personagens ou sua relação com bens de consumo era menos óbvia (ver figura 12).

A produção desses filmes inspirava-se na própria dinâmica social que se modificava com a ascensão da juventude como categoria e valor social e em interpretações sobre o fenômeno feitas pela literatura acadêmica (como foi o caso do filme *Juventude transviada*) ou ficcional (caso de *Sementes da violência*¹⁶²).

A moral hedonista dos jovens era bastante contestada e a busca em excesso pelo prazer era apontada como responsável pela tragédia que os acometia. No filme *Juventude transviada*, por exemplo, Buzz, ao convidar Jim para rivalizar com ele em uma corrida de carros, o faz tão ansiosamente que não observa que parte da sua roupa fica presa na porta do carro impedindo que ele salte antes de despencar no penhasco. O diálogo travado antes (Jim: *E por que vamos fazer isso?* Buzz: *Temos de fazer alguma coisa. Não acha?*) deixa evidente que não havia nenhum motivo nobre para a realização da ousadia, exceto o desejo de rivalizar, exibir coragem e aventurar-se, ainda que os jovens fossem também apresentados como responsáveis pela sua má conduta.

Além dos Estados Unidos, outros países, como Inglaterra¹⁶³, Alemanha¹⁶⁴ e mesmo o Brasil¹⁶⁵ também lançaram títulos que tematizavam o cotidiano juvenil e a “juventude transviada”, em particular. Mas sabe-se que a penetração das obras norte-americanas eram muito diferenciadas no alcance de lugares, públicos, críticas e cifras.

Nos últimos tempos, o cinema – o americano, em especial – tem feito da violência o *leitmotiv* dos seus filmes. Começa por entorpecer a sensibilidade; embrutece, a seguir. Do embrutecimento à prática de iguais violências, vai apenas um passo.

¹⁶² O filme foi baseado no romance *Blackboard jungle*, de Evan Hunter.

¹⁶³ Inspirado nos filmes de rebeldia juvenil norte-americanos foram produzidos na Inglaterra: *Look back in anger* (1958), do diretor Tony Richardson, *Saturday night and Sunday morning* (Tudo começou num sábado – 1960), do diretor Karel Reisz. (MIER e PICCINI, 2002, p. 144)

¹⁶⁴ *Die Halbstarken*, do diretor Georg Tressler é um filme alemão que trata da delinquência juvenil lançado em 1956 e com boa repercussão na Europa. (BEHRENS, 2005, p. 298)

¹⁶⁵ Exemplo o filme *Juventude sem amanhã*. Longa-metragem brasileiro de 1959, dirigido Elzevir Pereira da Silva e João César Galvão, sobre o drama de quatro jovens da “juventude transviada” que se envolvem em um homicídio e têm de acertar-se com a polícia e com a justiça. Teve sua exibição censurada no Brasil.

Asseverando ser o cinema uma das fontes dos crimes juvenis, concluem observadores idôneos que grande número de delinquentes infantis ou juvenis tiveram, em determinada categoria de filmes, sua primeira lição de como mascararem ou disfarçarem, de como escalar janelas, abrir fechaduras, arrombar cofres, arrancar confissões por meio de torturas, levar a efeito assaltos, tudo o mais. (TEIXEIRA, 1966, p. 43)

Eram recorrentes, também, menções à cinematografia de Hollywood como sendo uma meio que contribuía para a “degradação do lar e rebaixamento do matrimônio” através da difusão de ideias errôneas sobre sentimentos como o amor e a harmonia familiar¹⁶⁶. Os *happy end* dos filmes, por exemplo, distorceriam a finalidade e a realidade do casamento, fantasiando que a boa convivência conjugal só podia ser alcançada em plenitude no encontro do par perfeito. A insatisfação de não verificar o amor romântico na própria relação poderia gerar nos maridos e esposas a procura do desquite¹⁶⁷ ou de paixões extraconjugais, todas soluções condenadas tanto pela Igreja Católica quando pela sociedade daquela época. Nos filmes, havia, ainda, um questionamento frequente do papel dos pais ou de outras autoridades, que não estariam encaminhando corretamente os filhos na “difícil” passagem pela adolescência.

Abismado com dados que apontavam que um paulistano em média ia vinte cinco vezes por ano ao cinema e que entre os adolescentes a frequência era ainda maior, assim se pronunciou o professor da faculdade de Direito da USP, Waldemar de Souza, em novembro de 1959:

O cinema implanta o divórcio, o desquite, a separação ou a bigamia, dentro de uma normalidade de conduta, promovendo ainda a rebeldia à autoridade, constituída (leis, pais, professores etc.). O vício do fumo, álcool, tóxicos e jogo já não distingue os rapazes e moças. A liberação sexual e a propaganda do sensualismo conseguem despertar emoções inoportunas na juventude, expondo-a a inúmeros perigos. A música produz hipnose coletiva (*rock and roll*, o *hula-hula*). [...] Nessa situação, cessa a autocrítica dos jovens. O cinema torna o vício sedutor, a libertinagem amável, a virtude ridícula, o bandido simpático e o boêmio digno de inveja. Transtorna o espírito, ensombrece o coração, oblitera o gosto e, o que é sumamente grave, obscurece o discernimento do bem e do mal. (SOUZA, 1959 *apud* SIMÕES, 1999, p. 52)

¹⁶⁶MELHEIROS, Álvaro. Cinema e Família. *Mundo Melhor*. Rio de Janeiro: 1959, p. 61-74.

¹⁶⁷ A lei do divórcio só seria aprovada no Brasil, em 1977.

O cinema somado às “famosas revistas ‘em quadrinho’ ou as tipo ‘*grand hotel* [...] e outros textos sugestivos”¹⁶⁸ (como as historietas de detetives) teriam um efeito devastador sobre os filhos dos casais, gerando também sofrimento quando estes começavam a questionar a autoridade e os valores repassados pelos pais dentro do próprio lar. Lar desfeito ou em pecado, por sua vez, poderia ser decisivo para o ingresso do jovem na delinquência.¹⁶⁹

Napoleão Teixeira alinhava-se a esse discurso e apontava o cinema norte-americano como uma das causas da delinquência juvenil entre os jovens mais abastados. Segundo o médico, essa era também a conclusão dos que participavam dos congressos de Higiene Social e Moral ocorridos mundo afora naquele período (TEIXEIRA, 1962, p. 39) e também do ministro do STF, Nelson Hungria, a quem recorria como interlocutor (e que estudaremos no capítulo seguinte). Mesmo que tantos filmes fossem citados pelo seu potencial de estímulo ao “transvio”, ao menos dois, *Sementes da violência* e *O selvagem* (ou poderiam ser quatro, uma vez que *Ao balanço das horas*¹⁷⁰ e *Juventude transviada* possivelmente foram esquecidos pelo autor) eram constantemente associados aos primórdios da “juventude transviada” no Brasil.

A juventude transviada ter-se-ia caracterizado, de maneira definitiva, no Rio, S. Paulo e outras capitais, depois da exibição do filme *Sementes da Violência*: os rapazes e moças que já reinavam, ruidosamente, em grupos ruidosos, à noite, nos bares de certos bairros chiques, levando a efeito festinhas e «brincadeiras» do tipo «Sexy» – tudo de acordo com figurinos cinematográficos e livrescos – passariam a adotar, depois disso, a indumentária bossa-nova: blusões de couro, camisas de cores e calças *blue-jeans*. Outro filme – mostrará já a Marlon Brando, como sujeito rebelde irreverente e malvado, usando o clássico uniforme dos motociclistas, e viria ditar, por sua vez, modas e modos para os lambretistas nacionais. (TEIXEIRA, 1966, p. 40)

¹⁶⁸ Idem. A revista *Grand Hotel* e *Capricho* eram os títulos de fotonovelas mais consumidos nos anos de 1950 e 1960.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ O filme norte-americano *Ao balanço das horas* (*Rock around the clock*), de 1956, apresenta um roteiro que tem por finalidade divulgar o novo *rock and roll* e os passos de sua dança. As músicas de Bill Haley & Seus Cometas (*See you later Alligator*, *Rock around the clock*, *Razzle dazzle*) e The Platters (*The great pretender*, *Only you*), dentre outras, são tocadas em sequência e acompanhadas pelos dançarinos. O lançamento no Brasil foi em julho de 1956 sob os dizeres “Isto é o ‘*rock and roll*’... e a própria história da música que alucina” e “Ouça quatro orquestras maluquíssimas executando o ritmo selvagem do *rock and roll*”. (CARTAZ do filme *Ao balanço das horas*. *Folha da Manhã*. São Paulo, 18 dez. 1956, p. 8; CARTAZ do filme *Ao balanço das horas*. *Folha da Manhã*. São Paulo: 19 dez. 1956, p. 13).

Chama atenção, na passagem de texto acima, o reconhecimento que o autor faz da presença dos jovens no espaço público das cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (dentre outras capitais) tanto antes quanto depois da exibição de filmes que retrataram a delinquência juvenil, no caso *O selvagem* e *Sementes da violência*. Presença notada por ser “ruidosa” e que esboça não apenas um comportamento “delinquente”, mas novos desfrutes de lazer e formas de expressão e sociabilidade dos jovens nas madrugadas.

Na sequência, por meio de recortes de matérias jornalísticas, o autor relembra a presença do “Clube dos 50” na cidade do Guarujá em São Paulo, que, segundo conta, era formado por pelo menos cem rapazes “todos com roupas à James Dean” (TEIXEIRA, 1966, 41) e que se concentravam na orla e chamavam atenção pelas atitudes irresponsáveis e inconsequentes. Para pertencer ao clube era necessário que o interessado provocasse a um terceiro prejuízo de no mínimo 50 mil cruzeiros. Uma vez que conseguisse o ingresso no grupo, o jovem se envolveria em uma série de ousadias que poderiam ser o enfrentamento da lei e a prática de diversões perigosas como as corridas de carro chamadas de “roleta-russa”¹⁷¹ ou “roleta paulista”¹⁷² (TEIXEIRA, 1966, p. 42). Na capital, a rua Augusta¹⁷³ era o principal ponto de encontro (*points*) das

¹⁷¹ É um jogo em que apenas uma bala é engatilhada no tambor de um revólver sem que os participantes saibam em qual posição se encontra. Em fila, os mesmos devem apontar a arma para si e disparar o gatilho. Nos anos de 1950 e 1960, a expressão era usada tanto como referência a esse jogo quanto a um tipo de corrida de carro, conhecida também por “roleta-paulista”.

¹⁷² Um tipo de corrida de carros em que dois ou mais competidores partem de um ponto da cidade e vão alcançando alta velocidade enquanto atravessam os semáforos de trânsito sem respeitar a cor que sinalizam, colocando em risco, segundo Moura Bittencourt, “[...] a própria vida, que seria o menos, e a vida de infelizes transeuntes ou passageiros de outros veículos, que seria indiscutivelmente o mais importante [...]” (BITTENCOURT, Moura. Dilettantes do crime. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 maio 1961, p. 2.) “[...] os ‘plays-boys’ da rua Augusta continuam no interessante jogo da ‘roleta-russa’, mormente pelas altas horas da madrugada. Outro dia, em companhia dos vereadores Fitipaldi e Nazir Miguel, tive a oportunidade de assistir a uma corrida de três Volks, que passaram tão rapidamente que sequer suas cores foram percebidas.” (FERRAZ, Manuel Figueiredo. A cidade na câmara. Rua Augusta: continua a ‘roleta-russa’. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 15 fev. 1963, p. 18.

¹⁷³ Como lembra o sociólogo Waldenyr Caldas (2010), a rua Augusta não era tão central nos anos de 1950 e 1960 quanto é na São Paulo de hoje. Para lá iam muitos jovens, tanto os que chegavam à cidade atraída pela política desenvolvimentista e as novas oportunidades de estudo e emprego quanto os filhos da burguesia. “As vespas, lambretas modelos LD e LI com garotas na garupa, os carros conversíveis ou os ‘rabos de peixe’ emprestados do pai deslizavam incessantemente, para cima e para baixo, ao longo da Rua Augusta. Uma alegria, verdadeira homenagem e celebração ao prazer, à juventude e à paquera. Com suas indefectíveis jaquetas de couro estilo James Dean e calça rancheira [...], esses jovens até que algumas vezes envolviam-se em brigas. Coisa pouca, nada assustador.” (CALDAS, 2010, p. 81). A interpretação do sociólogo sobre o real perigo dos jovens “transviados” é saudosista e romântica. Alguns aquela época, já esboçavam percepção semelhante, como veremos na citação adiante de Delmiro Gonçalves. Maíra Zimmermann (2011) pontua que a rua tornou-se um local novo de sociabilidade juvenil, atendendo ao desejo de “ver” e ser “visto” do jovem urbano e moderno que se concentrava na metrópole. Cinemas, confeitarias, boutiques, boates e outros equipamentos de lazer eram desfrutados e os jovens invadiam a madrugada. Aos sábados, a rua era fechada, virando um *boulevard*.

turmas de jovens que se encontravam para ruir as lambretas, subir a ladeira com o carro a 120 quilômetros por hora (sem breque, sem luz, sem buzina, com três pneus carecas e carburadores envenenados, como escreveu Hervé Cordovil¹⁷⁴) ou apenas desfilar o mais brilhante topete ou a mais rodada das saias.

Esses exemplares da “juventude transviada” paulistana foram analisados pelo Dr. João Carvalhal Ribas¹⁷⁵, que traçou um retrato psicológico do “playboy”. Os jovens, filhos do *café society*, por irresponsabilidade dos pais e de uma educação complacente passariam a desvalorizar a escola (sentando-se nas últimas fileiras, reprovando nos exames, etc.) e aproximar-se das “más companhias”. Daí em diante, descobríamos prazeres da rua, do fumo e dos namoros audaciosos nas *matinés* dos cinemas. Os filmes de Marlon Brando e James Dean seriam como “evangelhos de uma moral subversiva e desenfreada violência”, enquanto o “ritmo bárbaro do *rock and roll*” os deixariam em estado de “embriaguez e de vacuidade do espírito” estimulando “reações irracionais e destrutivas”. Em demonstrações de força e virilidade envolvem-se brigas, corridas de carro e até curras, roubos e homicídios¹⁷⁶.

Assim, o médico os descrevia:

Os *plays-boys*, em média, entre os quinze e vinte cinco anos de idade, com os cabelos escuros, a barba crescida e cuidada (quando já existe barba), o *cachecol*, a camisa e a blusa de côres estridentes, as calças de zuarte *blue-jeans*, os sapatos grossos e esportivos, encerram aspecto de displicência estudada. Com impulso gregário próprio da adolescência, às vezes revestido de discreto colorido homossexual, agrupam-se nos bares, restaurantes, cinemas, e notoriamente, em determinadas esquinas das cidades. Em São Paulo, na Praça Júlio Mesquita, no Largo da Aclimação e na Rua Augusta. Embolam conversações longas e fleumáticas, às vezes em tom cochichado e confidencial, mascando chicletes, fumando sucessivos cigarros, ou então, cachimbos, com ares sofisticados e exibicionistas.¹⁷⁷

Essa visão era a mais recorrente em alusão aos “playboys” e sua presença em sociedade, mas há quem visse uma condenação aos rapazes e a seus novos hábitos

¹⁷⁴ Cantor, compositor e maestro paulista foi o autor de “Rua Augusta”, que descreve a aventura de um grupo de jovens (“gang”) em um passeio de automóvel em alta velocidade cidade de São Paulo. A música foi lançada pelo seu filho, o cantor Ronnie Cord, em 1963, e julgo que é a que melhor sintetiza o que dizia ser a “juventude transviada” no Brasil.

¹⁷⁵ Professor da Faculdade de Medicina da USP e presidente da Liga Paulista de Higiene Moral.

¹⁷⁶ RIBAS, João Carvalhal. Retrato psicológico do ‘play-boy’. *Mundo Melhor*. vol. 9. São Paulo: 1958.

¹⁷⁷ Idem.

como um exagero ranzinza e certa inveja dos mais velhos. Única explicação para “tanta gente encarniçar contra” os rapazes. Delmiro Gonçalves¹⁷⁸ declarou-se “pública e francamente a favor dos ‘plays-boys’¹⁷⁹” e fez um manifesto em favor deles, rebatendo diversas críticas. Disse, por exemplo, que a delinquência atribuída não se confirmaria tão exorbitante, como dito nos jornais, caso existisse estatísticas, pois confirmariam que apenas uma pequena minoria dos “plays-boys” envolvia-se em curras, roubos e homicídios. Além disso, a delinquência juvenil existiria desde quando Caim matou Abel – nada original, portanto. E argumentava também que antes uma educação mais liberal, que caracterizaria aqueles tempos, que a tirania paterna de outrora, em que “os jovens não podiam dar um espirro mais forte, cantar e dançar sem o consentimento” dos pais. Se os jovens estavam desajustados, os exemplos estariam vindo “de cima” e do “meio” em que viviam¹⁸⁰.

O retrato dessa vez, foi bem menos sombrio:

Já houve os almofadinhas os pelintras e tantos outros que agora são recordados com carinho e saudosismo, por que negar então direito de cidadania aos ‘plays-boys’? E afinal de contas, que são esses famigerados jovens? Na maioria mocinhos que vão dos 15 aos 20 anos cavalgando lambretas, vespas, automóveis e andando a pé. [...] Unem-se ruidosos, namoram furiosa e levianamente como faziam seus pais, seus avós, seus bisavós... Apenas com a diferença que mais livremente, mas afoitamente e, por que não dizer, mais sadiamente. Praticam esportes e bebem coca-cola. Em alguns lugares, na Augusta, por exemplo, comem ‘hot dogs’ e tomam Cuba-libre.

[...]

[Fazem] ‘Jam-session’, [cantam] ‘rock and roll’, [dançam] ‘chá-chá-chá’ e, não resta dúvida, muitas dessas manifestações de música e ruído são mais agradáveis que as lânguidas valsinhas de esquina dos nossos pais e avós.¹⁸¹

Ao comparar as duas definições, é possível observar em ambas o reconhecimento de que a “juventude transviada” era uma cultura juvenil bem singular comparada ao que existia antes e a outros grupos da época (inclusive de jovens). Mesmo Delmiro Gonçalves igualando os “plays-boys” a tantos outros do passado, fica

¹⁷⁸ Jornalista e crítico de arte do jornal *O Estado de São Paulo*, assumiu em 1967 a Pinacoteca de São Paulo.

¹⁷⁹ Delmiro Gonçalves usava a grafia “plays-boys”.

¹⁸⁰ GONÇALVES, Delmiro. *Plays-boys. O Estado de São Paulo*. São Paulo 9 dez. 1960, s/p.

¹⁸¹ Idem.

perfeitamente subentendido que se tratava de um novo tempo e de um novo jovem, que pratica esportes, bebe *coca-cola*, come *hot-dogs*, escuta *rock and roll* e evidentemente quebrava paradigmas. A diferença se estabelece na positividade que o crítico de arte via nessa renovação dos costumes e obscuridade com que o médico previa o futuro por ela acontecer. Mas é João Carvalhal Ribas que faz a observação mais bem aguçada, quando lembra que os jovens, ao se vestirem, o fazem de modo a parecer estudadamente displicente. Proponho que a mesma leitura possa ser feita também para as condutas dos jovens, por vezes, calculadamente rebeldes. Não vejo como falsa a externalização proposital de uma aparência descuidada e de uma conduta rebelde, mas a afirmação de uma nova identidade cultural, ainda que, possivelmente, muito circunstancial.

Além dos “*plays-boys*” paulistas, Napoleão Teixeira fez menção também ao “Clube dos Cafajestes”¹⁸², rapazes da alta burguesia carioca que costumavam concentrar-se, a partir do final da tarde, em Copacabana nas proximidades da Avenida Atlântica, esquina com a Rua República do Peru. O grupo era conhecido pelas brigas e festas que promoviam na região e viviam sob a mira da polícia desde a década de 1940. Como são citados em 1966 como exemplo de “juventude transviada”, suponho que os “cafajestes” tenham “se transviado”¹⁸³. A turma era “idolatrada” por outros jovens, segundo o médico. (TEIXEIRA, 1966, p. 35).

¹⁸² O cineasta brasileiro Ruy Guerra lançou em 1962 o filme *Os cafajestes*, que “narra a trajetória de duas figuras masculinas que circulavam livremente pelo Rio de Janeiro e descreve suas vidas sem rumo em meio a bebedeiras, drogas, curras, revelando aspectos da vida da Cidade Maravilhosa que já não se constituía como novidade para o grande público desde a cobertura ostensiva dada pela imprensa ao caso Ainda Curi [...]” (SIMÕES, 1999, p. 62). Inspirado na *nouvelle vague* francesa, o filme foi um dos maiores sucessos do Cinema Novo, apesar de ter sido censurado para menores de 18 anos em diversos estados ou ter tido cenas (especialmente as de nudez) cortadas. Para saber mais sobre a disputa pela censura ou liberação do filme *Os cafajestes*, ver: SIMÕES, 1999, p. 67-70.

¹⁸³ O escritor Rubem Braga, em 1958, por ocasião da morte de Aída Curi, lembrou-se do “Clube dos Cafajestes” como sendo anterior à “juventude transviada”. A estudante, na sua compreensão, foi uma vítima fatal do machismo que imperava entre os jovens residentes de Copacabana, desde o passado (não data com exatidão o período). Os “cafajestes” orgulhavam-se de conquistar e depois desprezar as mulheres, e essa postura tornou-se uma “herança” para os “transviados”. Na época da morte de Aída, o escritor esclarece que os “cafajestes” que conheceu já eram, na ocasião, homens sérios e casados. (BRAGA, Rubem. O caso de Aída. *Folha da Manhã*. São Paulo, 25 jul. 1958, p. 6). Como as menções ao clube dos cafajestes remetem-se mais ou menos à segunda metade da década de 1940, arrisco a dizer que “os cafajestes” foram o primeiro grupo a ganhar fama com características semelhantes ao que viria a ser a “juventude transviada” no Brasil. O grupo, portanto, “transviou-se” num dado momento, semelhante ao que ocorreu com os grupos de “rabos de burro”. Mesmo em outras praças, era possível identificar o uso do termo “cafajeste” na imprensa quando se desejava qualificar os “transviados”. Por exemplo, quando um grupo de estudantes insultaram moças e senhoras com gracejos pesados e por isso foram presos e conduzidos ao juizado de menores foram nomeados de “cafajestes” pelo noticiário do jornal. (POLÍCIA de Costumes. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 26 abr. 1958, p. 10).

Na segunda metade da década de 1950, os símbolos e signos que foram apropriados pelos jovens na construção de um modo de ser “transviado” encontravam-se, especialmente, nos filmes hollywoodianos. Personagens como Johnny de *O selvagem* e Jim de *Juventude transviada*, assim como os atores que os interpretaram, Marlon Brando e James Dean, tornaram-se ícones juvenis que inspiravam um comportamento destoante do previsto, por serem insubordinados, inquietos, inconsequentes, “rebeldes sem causa”, como vimos no capítulo anterior. O impacto das duas obras foi tão intenso que ainda hoje aqueles que lembram ou analisam a construção da juventude no século XX os citam, invariavelmente. Mas, segundo a documentação consultada, os filmes *Sementes da violência* e *Ao balanço das horas* foram os que causaram as reações mais imediatas na plateia jovem durante as sessões de cinema e isso se deveu à trilha sonora de *rock and roll* que ambos apresentavam.

Sementes da violência tem já sua sequência inicial um grupo de jovens (todos do sexo masculino¹⁸⁴) dançando *Rock around the clock*¹⁸⁵ (também tema de *Ao balanço das horas*, que inclusive dá nome ao filme em inglês), música considerada ensurdecidora, levando as pessoas a também dançarem nos cinemas. Além disso, algumas cenas centrais de brigas e destruição de espaços (sala de aula) no filme provocavam, supostamente, reação semelhante nos jovens que assistiam ao filme. Antes do lançamento no Brasil, a película foi bastante aguardada, pois era tida como “polêmica”, já que havia sido retirada do Festival de Veneza a pedido do próprio governo americano¹⁸⁶, causando apreensão sobre o seu conteúdo e efeitos que poderia provocar na plateia.¹⁸⁷

¹⁸⁴ Em pelo menos um outro filme, *Jailhouse Rock (Prisioneiro do rock)* estrelado por Elvis Presley em 1957, uma sequência de *rock and roll* é dançada exclusivamente por homens. Creio que o sentido seja o de reforçar que a juventude tida como rebelde à época fosse esmagadoramente masculina. Em *Sementes da violência* há apenas duas personagens mulheres e ambas coadjuvantes que sofrem com as consequências da delinquência juvenil diretamente (a professora Sra. Brophy, interpretada por Martha Wentworth) e indiretamente (a esposa grávida do personagem central Richard Dadier, Anna Dadier, interpretada por Anne Francis)

¹⁸⁵ A música foi escrita pela dupla Tin Pan Alley e Max Freedman e gravada por Bill Halley e seus cometas em 1954, mas apenas após ingressar na trilha sonora de *Sementes da violência*, 1955, alcançou sucesso e até hoje é o disco de maior sucesso comercial da história, atingindo 17 milhões de cópias vendidas. (TOSCHES, 2006, p. 26-7)

¹⁸⁶ Há autores que dizem que o pedido partiu do governo francês. “*Blackboard jungle (Sementes da violência)* foi lançado em março de 1955. Bosley Crowther, do New York Times, questionou se o filme ‘era um estimulante desejável de ser disseminado entre os jovens’. *Blackboard jungle* foi banido em Memphis. Clare Boot Luce, embaixador da França, exigiu que o filme fosse retirado da competição no Festival de Cinema de Veneza, e assim foi feito. Publicidade de primeira.” (TOSCHES, 2006, p. 26) Já a imprensa da época remete a retirada a intervenção da embaixadora americana em Roma.

¹⁸⁷ O FILME proibido de Veneza focaliza problema de palpitante atualidade. *Folha da noite*. São Paulo, 27 dez. 1955, p. 1. *Sementes da violência* foi lançado no Brasil em janeiro de 1956.

Já em *Ao balanço das horas*, o descontrole da plateia seria provocado pelo ritmo do *rock and roll*, considerado efervescente demais para o jovem¹⁸⁸. Antes do lançamento no Brasil (dezembro de 1956), a imprensa lembrava que, em países como os EUA, Noruega, Austrália e, especialmente, Inglaterra (“dos *teddy-boys*”), muita confusão havia ocorrido nos cinemas. Os jovens estimulados pelo *rock and roll* ficavam tomados pela loucura nas salas de exibição e quebravam cadeiras, luzes, o que mais estivesse pela frente e quem tentasse detê-los.¹⁸⁹

Alguns psicólogos e especialistas em delinquência juvenil criticavam os filmes e, especialmente, o *rock and roll* pelo estímulo destruidor que despertava nos jovens e “deploram a destruição de cinemas e teatros e a violência própria dos arruaceiros”¹⁹⁰. No entanto, essa não era uma conclusão unânime e alguns garantiam que “a música ajuda os jovens a desafogar as frustrações”¹⁹¹. Mesmo não havendo consenso entre os analistas é de supor que as estreias dos dois filmes foram aguardadas tanto pelos jovens quanto pelas autoridades, que temiam que uma espécie de euforia incontrolada pudesse subverter alguns jovens e os casos de violência se repetissem no Brasil (ver figuras 13 e 14).

O temor se confirmou e, ao menos em São Paulo, muitos tumultos ocorreram nas primeiras sessões de *Ao balanço das horas*, sendo a mais grave no Cine Paulista. Lá, “gritos, vaias, uso de gaitas, batidas de pé e danças alucinantes” dos adolescentes exigiram uma “intervenção enérgica da polícia” (198 policiais haviam sido destacados para acompanhar a estreia dos filmes nos cinemas), que expulsou os jovens do recinto, instaurando uma confusão que terminou em “pancadaria, correria e prisões” na rua Augusta¹⁹²(ver figura 15).

O grupo retirado da sala de projeção era constituído, em sua grande maioria, de rapazolas e mocinhas, quase todos usando calças “*blue jeans*” e pulôveres (apesar do intenso calor) que traziam em volta do pescoço ou da cintura. Começaram os protestos. Reclamavam contra a medida policial, alegando que haviam pago ingresso e a expulsão fora “um desrespeito à lei ...” Novamente os policiais entraram em cena, pedindo que os moços se retirassem. Os apelos eram respondidos ora com vaias, ora com aplausos. O grupo afastava-se

¹⁸⁸ O ‘ROCK N’ROLL’, a música louca, dá a volta ao mundo. *Folha da Noite*. São Paulo 26 nov. 1956, p. 18.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² A DANÇA selvagem do ‘Rock and Roll’ provoca cenas deprimentes na cidade. *Folha da Noite*. São Paulo, 21 dez. 1956, p. 11.

da porta do cinema para logo mais voltar, em tremenda algazarra. Em pouco tempo, a rua Augusta transformou-se em salão de danças, com os moços a dançar e a gritar “*rock, rock, rock!*” [...].

O show dos garotos ia num crescendo e muitos deles já falavam em invadir casas comerciais. Um garoto de seus 14 anos convidou vários companheiros para “ouvir *rock*” na loja de discos e [quando os outros argumentaram] que os “tiras” estavam bravos, ele retrucou que não tinha importância. “Nós somos muitos, bobos!”

Os proprietários das casas comerciais começaram a descer as portas, tudo sob vaías ensurdecedoras.¹⁹³

Após o incidente, o juiz de menores de São Paulo, Aldo de Assis Dias, resolveu então proibir a exibição de *Ao balanço das horas* para menores de 18 anos¹⁹⁴ (originalmente havia sido fixado para 14 anos) assim como quaisquer outras fitas que tenham “influência prejudicial sobre o desenvolvimento moral, intelectual ou físico” dos adolescentes e “possam excitar-lhes perigosamente a fantasia, despertar instintos maus ou doentios, corromper pela força de suas sugestões” E ainda fez “apelo às estações de rádio e televisão, para que não transmitam as músicas com ritmo ‘*rock and roll*’ até que se restabeleça o equilíbrio psicológico dessa mocidade descontrolada”.¹⁹⁵

Curiosamente, o chefe do serviço de censura de diversões públicas, Sr. Hildon Rocha¹⁹⁶, repudiou a decisão do juiz de menores, alegando que o filme não passava de um *swing* monótono e banal.¹⁹⁷ O chefe definiu a reação que *Ao balanço das*

¹⁹³ SEGUNDO ato de um triste e deprimente espetáculo. *Folha da Manhã*. São Paulo, 21 dez. 1956, p. 10.

¹⁹⁴ Ao menos em Fortaleza, esse tipo de medida não impedia o ingresso dos adolescentes nas salas, pois havia a denúncia de que os jovens burlavam a censura usando carteiras de identidade de outras pessoas mais velhas, falsas ou certificados do ginásio também adulteradas. A bilheteria dos cinemas seria condescendente com esses artifícios. (BARRETO, Antônio Carlos. ‘Juventude Transburra’. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 27 set. 1958, p. 3).

¹⁹⁵ MENORES de 18 anos não poderão assistir ‘Ao Balanço das Horas’. *Folha da Manhã*. São Paulo, 21 dez. 1956, p. 10.

¹⁹⁶ Diretor da Censura Federal, “tentou aplicar critérios científicos para avaliar os filmes, promovendo, no Rio de Janeiro, sessões para crianças e adolescentes, com as quais chegou a conclusões surpreendentes. Para ele, James Dean era o astro que maior influência exercia nos adolescentes. Explicou que os jovens, querendo concentrar em si as atenções, principalmente as do outro sexo, falavam e agiam como aquelas atitudes neuróticas tão bem expressas pelo astro. Mas via um lado positivo: ‘Quando imitam James Dean é sempre melhor do que quando o fazem em relação a outros tipos menos viris’. E conclui: ‘A delinquência juvenil e a dissolução dos valores tradicionais estão diante dos nossos olhos diariamente, em crises quase coletivas de que o *rock and roll* e a recente depredação de cinemas e tantos outros sinais são sintomas mais que evidentes’”. (SIMÕES, 1999, p. 51)

¹⁹⁷ De fato, diante dos outros títulos, muito mais viscerais no enredo e na estética, assim também me parece. Ao comparar *Sementes da violência* e *Ao balanço das horas*, é curioso observar que fora o preto e branco quase nada se assemelha nas duas películas. Enquanto *Sementes da violência*, dirigido por Richards Brook, é um filme denso que trata o tema da delinquência juvenil nos Estados Unidos de uma forma inovadora. *Ao balanço das horas* obedece a um enredo simplório e não se propõe a discussão ou reflexão de conflitos mais profundos. Em *Sementes da violência*, jovens delinquentes impedem o bom funcionamento de uma escola de subúrbio (*North Manual*) e aterrorizam os professores, como vítimas de uma sociedade que os condena antes de tentar entendê-los. “A incompreensão radical de uma geração que se sente rejeitada, marginalizada e que reage com violência, única forma de expressão que sente ao seu alcance, não conduz Richard Dadier à crise de consciência.” (VEILLON, 1993, p. 17)

horas provocou nos jovens paulistas como “puro esnobismo de gente rica”, pois não acreditava que os jovens pobres tomassem tal atitude, “perdendo seu tempo com idênticas exibições quando precisam ganhar a vida”¹⁹⁸. Novamente, o “transvio” era reduzido à ociosidade dos “filhinhos de papai” e à influência da mídia sobre os jovens “tolos”. Os pobres, como veremos no terceiro capítulo, quando se transviavam, seria por questões socioeconômicas e médicas. O poder de influência da mídia, por si só, não era suficiente para explicar o “transvio” nesses casos.

Outra questão a ser colocada é se os jovens que ficaram “incontroláveis” nos cinemas durante a exibição de *Ao balanço das horas ou Sementes da violência*, fizeram-no por sentir-se tomados pela euforia provocada pelas imagens e sons, que provocariam, de fato, *frisson*, e/ou o fizeram para atender as expectativas construídas sobre a reação de descontrole que, supostamente, o filme incitava, inclusive por se sentirem intimidados pela presença de policiais nas sessões.

Em Fortaleza, houve a chegada do *rock and roll*, que a imprensa ressaltava ter se tornado conhecido graças à exibição de *Ao balanço das horas*¹⁹⁹. No período do Carnaval de 1959, fartamente reconhecido como um período de excessos e menor comprometimento moral, o Juizado de Menores achou por bem antecipar-se e baixou uma portaria que estabelecia uma série de normas para os estabelecimentos comerciais. Qualquer festividade “infanto-juvenil” precisaria de uma licença especial; os brincantes menores não poderiam trajar-se com “fantasias atentarias” que não resguardassem o “decoro e a moral”, assim como *maillots* e biquínis ou qualquer outra peça que

Richard Dadier (interpretado por Glenn Ford) é o novo professor de inglês e protagonista do filme, que, mesmo após sofrer diversos insultos e um espancamento, não delata os jovens à polícia e ainda retorna à escola para ouvi-los (literalmente, uma vez que os entrega um gravador). Resistindo a estigmatizar os alunos (tidos como irrecuperáveis por outros membros do corpo docente) ou embrutecer no trato com os mesmos, busca conhecer seus conflitos pessoais, e, especialmente, étnicos, conquistando aos poucos a simpatia da turma, inclusive do seu líder, o negro Miller (interpretado por Sidney Poitier). Ao final, no entanto, é averiguado que há um limite na compreensão da delinquência e que nem todos os jovens podem ser perdoados em suas falhas. O mais agressivo e violento da turma, ao tentar atingir o professor com uma faca é rechaçado em sua intenção tanto pelos outros alunos, quanto pela direção da escola. Desse modo, o filme oferece uma terceira via de entendimento do problema, sendo inclusive inovador ao destacar que é necessário sair de uma posição de superioridade e autoridade e construir uma nova via de comunicação entre os adultos (representados pelos professores) e os alunos (representados pelos jovens). Os artistas pareciam falar melhor sobre os “transviados” que a intelectualidade. Já em *Ao balanço das horas* há basicamente dois conflitos: a do produtor que tenta furar o bloqueio da indústria fonográfica americana lançando uma banda de *rock* do interior e uma jovem dançarina que, para seguir carreira, precisa abdicar de um casamento.

¹⁹⁸ CRÍTICA à decisão do juiz de menores dessa capital. *Folha da Manhã*. São Paulo, 23 dez. 1956, capa.

¹⁹⁹ MENOR de 18 anos não poderá dançar o ‘*rock and roll*’. *O Povo*. Fortaleza, 4 fev. 1959, capa.

desnudasse “inconvenientemente o corpo”; e dançar o *rock and roll* estava vetado para as crianças e jovens.²⁰⁰

O cinema ofereceu nos anos de 1950 e 1960 a um determinado público juvenil o trato de temas pelos quais estes ansiavam, servindo os filmes para dar vazão a algo novo, que era a própria experiência da juventude. Para os analistas da época, no entanto, a leitura a ser feita era centrada quase que exclusivamente no poder mimético do cinema. Napoleão Teixeira, por exemplo, acreditava que a influência cinematográfica sobre os jovens era quase absoluta²⁰¹, pois o filme servia como uma exposição didática de determinadas condutas, incitando a cópia, deixando, inclusive, dúvida se os responsáveis pela obra (autores, produtores, divulgadores, etc.) não intencionavam promover uma determinada reação do público e incitar propositalmente o caos social.²⁰²

O cinema inspira reflexões sobre a sociedade e influencia nas mudanças de visão de mundo, incentivando também a adoção de determinadas referências estéticas e comportamentais (como as roupas, os cabelos, os gestos, as gírias, etc.) que se alinham a um determinado modo de ser, a um tipo de personalidade ou conduta. Porém, a apropriação feita do cinema ou de qualquer outra arte obedece a interesses de quem consome, logo nem tudo que aparece nas telas terá uma recepção previamente desejada ou originará uma identificação com o espectador, muito menos uma determinada reação (MASCARELLO, 2000). Salvo isso, é certo que o cinema lança modas, e expandiu a moda “transviada” tanto no aspecto comportamental quanto estético.

Desde o fim da Segunda Guerra, uma busca por liberdade se expressava entre alguns jovens. Não há como se esquecer da juventude *beat* “sem destino” e “na estrada”, vivida, romanceada e proposta por Jack Kerouac. A partir da segunda metade da década de 1950, uma nova geração pediu novamente por liberdade e se expressou de outra forma, mais “midiática” e “violenta”, e para além das fronteiras norte-americanas,

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Hoje, nas análises sobre cinema, considera-se que o impacto de uma obra não tem sua recepção de crítica e alcance de público completamente previsível (GOMES, 2005).

²⁰² Essa leitura servia para a condenação de um tipo de filme, embasando-se em argumentos como o de que a exposição dos *modus operandi* de um crime nas telas, por exemplo, repassava um conhecimento técnico sobre o ato criminoso a uma infinidade de indivíduos, que, por um problema qualquer (desvio moral, debilidade mental, ação inconsequente, etc.), poderiam fazer uso do aprendido na prática de seus próprios crimes. Um gênero cinematográfico bastante comentado à época pelo suposto mau gosto e excesso de violência era o faroeste (*Bang Bang*). A imagem dos *cowboys* foi bastante apropriada pela estética “transviada”. O modo gingado de andar, a camisa aberta no peito, o olhar desafiador, e até mesmo o modo de conduzir o cigarro ao canto da boca.

como uma cultura juvenil “universal” – “transviada”. Os “transviados” pediram por uma liberdade, que não era a mesma do movimento *beat*, que propunha valores antimaterialistas, que questionavam a ordem burguesa e as suas benesses e vaidades. Um modo de vida simples, livre, desapegado das pressões para o sucesso e que rompia com os tabus que cerceavam o desejo era aquilo com que sonhavam os *beatniks*. Os “transviados” queriam transgredir as regras, desviar dos preceitos e romper os limites (inclusive da vida) por um intervalo de tempo que seria o da sua própria juventude. Nesse momento, eles se valeriam do material (especialmente do que os pais haviam conquistado) em prol da absoluta e irrestrita diversão. Contrário ao desapego *beat*, era puro hedonismo. A satisfação dos desejos, sem qualquer obediência e com quase nenhuma consciência moral, seria sua prioridade apenas pelo curto período da juventude. Não há como identificar nesse momento uma contestação ao sentido da vida adulta, conquistar um bom emprego (homens) e um casamento sólido e com filhos (homens e mulheres). Os jovens não pareciam querer mudar o mundo, revolucionar sistemas políticos econômicos, muito menos destruir a ordem burguesa definitivamente; queriam apenas ser jovens e intensamente, fazendo o que bem quisessem, correndo os riscos que eles mesmos se impunham, enfrentado dilemas que lhes fizessem sentido, experienciando o que lhes desse vontade. Após o intervalo de deleite, voltariam para o prescrito, para os seus destinos.

No filme *Juventude transviada*, essa também me parece ser a mensagem. As vinte e quatro horas em que se passam todas as ações do filme representam o período da juventude do protagonista. Esse é também tempo da experiência de rebeldia de Jim. Apesar de sua insegurança e fragilidade, ele se permite ser jovem e enfrentar com coragem todas as ousadias de sê-lo. Acabadas as vinte e quatro horas, chega ao fim no mesmo instante a juventude e, por consequência, a rebeldia. Na sequência final, após se refugiar numa casa abandonada (um espaço unicamente dos jovens Jim, Judy e Plato, onde não respondiam a ninguém além de si mesmos), Jim vê o amigo Plato morrer por uma precipitação da polícia (metáfora do risco de ser jovem, o qual quem ousasse sê-lo assumiria), entrega-se à polícia, reencontra-se com o pai (que confrontou durante todo o filme) e lhe apresenta sua amiga Judy. A sequência me parece um aceno de que, a partir dali, ele se despediria dos riscos, reconheceria a autoridade (do Estado e da família) e estaria disposto a formar sua própria família ao assumir a namorada. Portanto, não creio que o cinema tenha, mesmo que involuntariamente, provocado a suposta “onda de

delinquência juvenil” que caracterizaria a “juventude transviada”. Mas acredito que ajudou a dar vazão ao que significava uma nova experiência de juventude, que veio a chamar-se “transviada”.

O cinema sugeria conteúdos para outros veículos de comunicação. Desse modo, a música e especialmente o ritmo do *rock and roll* (que surge como um ritmo jovem) torna-se um fenômeno, também pela sua presença nos filmes (CALDAS, 2008). O novo ritmo musical logo chegaria à programação das rádios (e às orquestras, tertúlias, lojas de discos, etc.²⁰³) conquistando muitos admiradores. O consumo de uma determinada trilha sonora de cinema, por exemplo, possibilita que mesmo pessoas que não assistiram ao filme fossem alcançadas pela sua repercussão. O contrário também sendo recíproco, ou seja, o sucesso de uma determinada canção nas rádios pode provocar o interesse de alguns por ver ou saber mais de um filme que a possua em sua trilha sonora. Desde modo, ainda que os veículos fossem discutidos dentro de suas singularidades, é óbvia a dificuldade de se estabelecerem limites muito definidos da influência de cada meio de comunicação no comportamento juvenil, quando analisado apenas seu conteúdo. Talvez por isso o médico Napoleão Teixeira atentasse para a linguagem de cada suporte.

Segundo o médico, no caso do cinema, a linguagem atingia os olhos e os ouvidos simultaneamente, com um potencial excepcional de aprisionar a atenção dos espectadores. A aura criada no momento da exibição do filme dentro das salas de cinema, quando se apagam as luzes e aumenta-se o volume dos sons, é capaz de transportar o espectador para outros lugares, para a própria trama, para o corpo de algum personagem, ampliando ainda mais o poder de iludir, inebriar, encantar da obra.

O cinema era considerado o meio de comunicação mais perigoso quando se discutia a associação da mídia com a transgressão juvenil. Os jovens sucumbiriam tanto à exposição do “seio quanto do revólver” (TEIXEIRA, 1966, p. 35), pois o sexo e a violência (“estruturação da delinquência infanto-juvenil” promovida pelo cinema –

²⁰³ Segundo contou o historiador Sebastião Rogério da Ponte em entrevista, a cidade de Fortaleza tinha nos anos de 1960 algumas lojas de disco que ofereciam títulos de bandas de *rock* internacionais. Entretanto, o ato de comprar era permeado de certos melindres. Os vendedores, por exemplo, muitas vezes não reconheciam as bandas pela pronúncia dos seus nomes, sendo necessário o interessado escrevê-la num papel, para que esse fosse consultar nas estantes, uma vez que os discos não ficavam à disposição dos clientes. O cliente, antes de decidir pela compra, também não tinha como ouvir previamente as faixas, mas apenas ler o título das músicas e outras informações de capa e contracapa.

TEIXEIRA, 1966, p. 35) exibidos nos filmes é o que tenta diretamente os jovens a romperem com o autocontrole, o bom senso e a retração.

Mas à época era o rádio, o meio de comunicação mais popular e o mais presente na casa dos brasileiros. Segundo consulta às pessoas que viveram à época em Fortaleza, o rádio noticiava muitos crimes associados à “juventude transviada”, mas esses casos relatados nem sempre chegavam às páginas dos jornais. Uma das explicações para isso seria o fato de que o envolvimento de “transviados” em delitos e crimes ocorria em demasia durante noite, quando os jornais já estavam com sua edição fechada ou na iminência de fazê-lo. Desse modo, havia tempo hábil para que a interferência dos familiares dos jovens evitasse o vazamento das acusações nos impressos²⁰⁴. Já as rádios podiam noticiar mais rapidamente. Além disso, segundo contam, detalhes mais “sombrios” sobre a atuação desses jovens não seriam publicados nos jornais por serem excessivamente violentos²⁰⁵ ou porque haveria uma diferença na proporção de uma acusação feita no rádio e outra em um jornal, uma vez que no segundo era inevitável apontar o nome dos suspeitos quando sabido, algo não necessário no rádio. Somado a isso a materialidade da acusação que se perpetuava na própria impressão material do jornal.

Além disso, pela voz do locutor, determinados fatos poderiam ser narrados de modo mais coloquial²⁰⁶, como se fosse conto policial, inclusive dramatizando-se algumas falas dos acusados e das vítimas (semelhante ao ocorrido no caso da morte de Aída Curi e discutido no capítulo anterior) misturando-se episódios reais com narrativas ficcionais, recurso linguístico que visava certamente prender a atenção da audiência e alcançar uma parcela mais ampla da população. Desse modo, temas mais ácidos podiam ser compartilhados com os ouvintes entre o fio da realidade e da ficção.

²⁰⁴ Jader de Carvalho mencionou que os casos de “rabos de burro” eram notícias bastante exploradas nas rádios cearenses. Para o autor, o noticiário induzia outros jovens a desejar ter seus nomes também citados pelos radialistas. (NASCEM os Rabos de Burro (III) *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 9 maio 1963, p.3.

²⁰⁵ No senso comum, diz-se que os “rabos de burro” eram temidos por todos os atos de violência que praticavam e já descritos, mas, especialmente, pela sua crueldade com as mulheres. Muitos relatam “ouvir falar” que eles tinham por hábito também cortar o bico dos seios de suas vítimas. Entretanto, nas pesquisas de jornal, não encontrei nenhum caso que mencionasse tal prática. Pelo que pode ser lido sobre a época, não parecia estranho supor que a acusação de um estupro fosse mais “socialmente aceitável” (sobretudo, quando se envolvem prostitutas) que uma lesão corporal perversa como a descrita.

²⁰⁶ Seria a introdução de vocabulário e estrutura linguísticos ligados às classes populares que foram introduzidas no discurso da mídia por meio de veículos como o jornal, o rádio, e a televisão. (DIAS, 2008, p. 17).

Outra característica do noticiário policial nas rádios seria o do advento da “fama” de quem cometia os crimes. Em Fortaleza, particularmente, essa personificação do “transviado”, do “delinquente temido” e, especialmente, que está sempre escapando as restrições da lei podia ser bastante observada. Alguns “rabos de burro” eram, portanto, reconhecidos como “líderes” de sua turma e ganharam notoriedade por levarem uma vida “transviada”. Sem dúvida, o Ivan Paiva (ou o “James Dean da Parangaba”²⁰⁷) como ficou conhecido, era uma personalidade muito marcante do noticiário policial cearense. Em trabalho anterior (SANTOS, 2011), reconhece-se que Ivan Paiva fazia um personagem de si mesmo no noticiário policial cearense e representava pela primeira vez um tipo de transviado até então pouco conhecido. Ivan Paiva gostava de posar para fotos lançando olhares de deboche ou de desafio diante das câmeras, não se furtando a ter sua imagem divulgada. Além disso, assumia ou não as acusações que lhe eram imputadas, não parecendo esboçar temor diante da lei e, eventualmente, envolvia-se em situações extremas que ridicularizavam o poder público e a polícia, como “fugas mirabolantes”²⁰⁸ do xadrez ou espalhando a notícia “de morte”²⁰⁹ em outro estado. Não seria o primeiro herói “às avessas” do noticiário policial, mas, certamente, na época, era famoso e agregava, possivelmente, simpatizantes²¹⁰. Os novos que se transviavam eram comparados a ele.

Diferente do cinema, que construía “heróis” representados por artistas distantes de uma determinada realidade social, o rádio (e o jornal) poderiam elevar um jovem de qualquer lugar da cidade ao *hall* da fama, mesmo que da vida bandida. Mais um estimulante, segundo dizia Napoleão Teixeira, ao ingresso na delinquência juvenil. Alguns jovens, inspirados por outras histórias, desejavam ser o James Dean de sua cidade ou bairro e, para isso, escolhiam a transgressão e a prática do crime. Este era, resumidamente o argumento:

²⁰⁷ Antiga aldeia indígena, município e distrito é, hoje, um bairro referencial da capital cearense pela sua importância histórica e geográfica.

²⁰⁸ “[...] na madrugada de ontem, o conhecido delinquente Ivan Paiva, de maneira, muito estranha conseguiu escapar fugir do xadrez especial da Delegacia de Ordem Política e Social, saindo por uma claraboia de pequena circunferência, localizada na parede da cela. [...] um homem foi apontado como suspeito de ter facilitado a fuga de Ivan Paiva [...]. (PRESO, o armador de polícia acusado de ter dado fuga a Ivan Paiva. *O Povo*. Fortaleza 3 abr. 1962, p. 6).

²⁰⁹ “[...] afastada a hipótese de que o mesmo tenha sido assassinado, como estava se comentando” Notícia. Teria fugido para Belém o “transviado” Ivan Paiva. *O Povo*. Fortaleza, 24 jun. 1959, p. 6.

²¹⁰ Vale complementar, porém, que Ivan Paiva, diferentemente de outros “rabos de burro”, era de uma condição social menos privilegiada, o que o tornou uma espécie de “bode expiatório” dos “transviados” em Fortaleza.

Em judicioso comentário, publicado, há tempos, pela «Gazeta» de São Paulo, um cronista analisa o porquê do recrudescimento impressionante dos crimes sexuais nos últimos tempos clamando pela necessidade de cautelas impeditivas da sua propagação, e atribui o papel de relevo na difusão da «enfermidade» ao noticiário sensacionalista do rádio «amarelo» que, algumas vezes, transforma o delinquente em legítimo ídolo da juventude, impressionando espíritos débeis, podendo levar ao crime criminosos potenciais. (TEIXEIRA, 1966, p. 45)

Esse tipo de jornalismo (de rádio e jornal) que estimulava o “transvio” juvenil, segundo os estudos do professor da Faculdade Paulista de Direito, Queiroz Filho, que estudou o caso de um rapaz da “boa família paulistana” (TEIXEIRA, 1966, p. 35) que praticou diversos crimes e teve descoberto embaixo do seu colchão da sua cama uma gama de materiais impressos que, pela descrição, dão a impressão de serem revistas em quadrinhos e recortes de notícias policiais publicadas em jornal e acompanhadas de fotografias dos envolvidos. O professor concluía que o noticiário dos crimes podia “embrutecer o espírito” (TEIXEIRA, 1966, p. 35) do jovem e para a deflagração dos atos de violência o caminho se encurtava. A violência, definida como sendo uma “doença contagiosa” (TEIXEIRA, 1966, p. 35), se propagava a partir da exposição de mais violência, especialmente quando acompanhada de uma atmosfera de sensacionalismo²¹¹, recorrentemente presente nas notas policiais da época.

Estranhamente, Napoleão Teixeira não dedicou maiores observações ao *rock and roll*, mas considerava o ritmo uma espécie “doença” (ainda que não no corpo dos indivíduos, mas social) (TEIXEIRA, 1966, p. 70). Apesar disso, não há como separar o *rock and roll* de qualquer interpretação sobre a “juventude transviada” até porque o ritmo e a cultura juvenil nascem juntos, no mesmo contexto, quiçá com os mesmos propósitos²¹². Os inventores do *rock* “ajudariam a consolidar, através da

²¹¹ Como esclarece a historiadora Mariza Romero, o sensacionalismo da imprensa era bastante combatido por intelectuais, especialmente, psiquiatras e juristas nos anos de 1950 e 1960. A exposição de crimes e manchetes chocantes supunha-se “exercer influência nociva sobre a mente de pessoas sensíveis ou predispostas aos desarranjos psíquicos” (ROMERO, 2009, P. 17). Logo, o sensacionalismo da imprensa era relacionado ao aumento da criminalidade urbana.

²¹² Não tenho base empírica suficiente para afirmar que o estilo musical que mais fazia sucesso entre os “transviados” fosse o *rock and roll*. O certo apenas é que o ritmo era associado a esses jovens e ao seu comportamento “rebelde”. Faz todo o sentido, porém, supor que se a música era mal vista pelos grupos mais conservadores, fosse bem quista por aqueles que desejavam confrontar alguns conservadorismos.

música, tudo aquilo que a juventude desejava transformar, mas ainda não havia encontrado o caminho e nem como fazê-lo” (CALDAS, 2008, p. 33).

O historiador Paul Friedlander (2012), ao discorrer sobre os primeiros acordes das guitarras do *rock* afirma que este tornou-se um “catalisador para os adolescentes formarem sua própria identidade de grupo” (FRIEDLANDER, 2012, p. 46). A nova música, pelas suas letras de “duplo sentido” e ritmo efervescente, que estimulavam a dança frenética, chocou os adultos e inquietou os jovens. Uma sensação de liberdade parecia emergir dos acordes das guitarras. Liberdade do corpo no movimento para acompanhar o ritmo, do pensar (ou seria do não pensar) pelo barulho inquietante, do romper com as formas preestabelecidas. O *rock and roll* aproximará a música negra à dos brancos, rompendo, no contexto norte-americano, com as barreiras musicais²¹³. No mundo, a chegada do *rock and roll*, estabelece um hiato entre aqueles que eram da geração anterior e posterior ao surgimento do *rock*:

Para a maioria dos adultos [havia] algo de amedrontador em relação à música.

Para os pais, muitos dos quais foram educados no exército ou influenciados pela estrutura hierárquica do local de trabalho e da família, e pelo clima de conformismo social, esta música produzia uma reação assustadoramente espontânea e sensual. Sua prole reagia de maneira não autorizada. [...]

Assim, os jovens estavam com um problema. Pais, professores e pastores dizendo que o *rock and roll* era ruim para eles. Mas, deitados na cama, encolhidos com seus rádios, ou depois da escola na casa dos amigos, os jovens sabiam que ouvir o *rock and roll* os fazia sentir-se bem. (FRIEDLANDER, 2012, p. 46-7)

No Brasil, o *rock* apareceu por meio do cinema, especialmente através da trilha sonora dos filmes *Sementes da violência* e *Ao balanço das horas* (CALDAS, 2008). No primeiro, já em sua sequência inicial, um grupo de garotos dança o novo ritmo no pátio da escola, indicando tratar-se de um ambiente juvenil bem agressivo ao

²¹³“À medida que a música negra começou a pender para o *rock*, no começo dos anos 40, um desenvolvimento paralelo aconteceu com a música *country*” americana (THOCHES, 2006) chamado de *hillbilly*. As duas tendências aproximaram-se originando o *rockabilly*, um subgênero do *rock and roll*. O *rock* também tem influências do *boogie woogie*, do *western swing*, e do *rhythm and blues*. Apesar da origem negra, os primeiros astros do *rock and roll* eram brancos, Bill Halley e Elvis Presley. Num contexto em que leis raciais e antimiscigenação ainda imperavam nos EUA, não deixou de ser uma subversão ver brancos dançando e cantando como negros e alcançando demasiado sucesso. Ainda que também evidencie que o alcance dos negros como ídolos nacionais e mundiais ainda era limitado.

novo professor de inglês, o protagonista do filme. Em *Ao balanço das horas*, a proposta do enredo é exatamente narrar o surgimento do *rock* e ensinar os passos da dança ao público, não havendo qualquer preocupação em minimizar a impressão de tratar-se de uma obra de divulgação do *rock and roll*.

Até a chegada do *rock and roll*, a música consumida pelos jovens no Brasil tinha outras influências. Segundo a imprensa da época, as danças estrangeiras “modernas” e as canções “urbanas” mais dançadas e ouvidas eram o tango argentino, o *foxtrote* (“passo da raposa” e a “mais dançada nos bailes”), o “melancólico” *blues*, a rumba cubana (mambo – “de grande influência no samba brasileiro”) e o *Calipso*, de Harry Belafonte.²¹⁴

Em 1955, a cantora de samba Nora Ney fez a primeira gravação de *rock* no Brasil, fazendo sua versão no idioma original de *Rock around the clock*, maior sucesso de Bill Haley & Seus Cometas até então (também parte da trilha sonora de *Sementes da violência* e *Ao balanço das horas*). Já o cantor paulista negro Agostinho dos Santos, que havia migrado para o Rio de Janeiro e fazia parte do *cast* da Rádio Nacional, também gravou um disco com influência do *rock and roll*, regravando uma versão em português de *See you later Alligator (Até logo, Jacaré)*, de Bill Halley (também elencada na trilha sonora de *Ao balanço das horas*). Ambos, provavelmente, buscaram aproveitar-se do lançamento do filme no Brasil (em julho de 1956)²¹⁵. Em 1957, o primeiro *rock* originalmente brasileiro foi composto por Miguel Gustavo e gravado por Cauby Peixoto. A música chamava-se *Rock and roll em Copacabana* e fazia referência ao bairro carioca (considerado berço da “juventude transviada”) e a chegada do *rock*, definida como uma nova “dança louca” (em que se “revira o corpo, estica o braço, encolhe a perna e [joga-se] para o ar”) que saiu da “porta do cinema” e continuou na calçada, alucinando a garotada. A primeira banda de *rock* brasileira, por sua vez, foi Betinho e seu conjunto (uma espécie de *cover* de Bill Halley e seus cometas) que gravou o primeiro *rock* com guitarra brasileiro, *Enrolando o rock*, 1957.

Porém, o real sucesso nacional só viria a acontecer no Brasil com o novo ritmo em 1959, quando os jovens Celly Campelo (estudante de Taubaté) e o seu irmão Tony Campelo²¹⁶ lançassem as versões em português de *The secret (Estúpido Cupido)*,

²¹⁴ AGOSTINHO dos Santos e *Rock and Roll. Folha da Manhã*. São Paulo, 16 dez. 1956, p. 4.

²¹⁵ Idem.

²¹⁶Um questionamento considerado, ainda que não discutido nesse trabalho é se personalidades femininas foram preferencialmente escolhidas pela indústria fonográfica brasileira para o lançamento do *rock* no País, como estratégia da indústria fonográfica para atenuar o caráter mais agressivo e rebelde que tinha

1959) e *Banho de Lua* (Billy, 1960) alcançando um incontestável sucesso e consolidando o *rock and roll* na programação das rádios do país²¹⁷. Já o primeiro ídolo de nacionalidade brasileira do *rock* foi o carioca e jovem Sérgio Murilo, pioneiro na mexida dos quadris semelhante ao que fazia Elvis Presley. As músicas *Marcianita*, *broto legal*, *Tu serás*, *Rock da Morte* impulsionaram seu sucesso. (MENEZES, 2013)

De início, o *rock* expressou o anseio dos jovens que já não mais aceitavam o mundo tal como era, estruturado ainda em amarras hierárquicas, que nem a troca de bombas entre nazistas e aliados foram capazes de implodir, mesmo as avariando. Talvez, por isso e por ser um ritmo de origem negra²¹⁸, o *rock and roll*, a princípio, tenha sido marginalizado. Entretanto como destacará Edgar Morin, a indústria cultural, ao mesmo tempo em que não intencionava estimular a rebeldia latente, mas ao contrário sufocá-la, não poderia abdicar de explorar o novo gênero musical e seu potencial sucesso. “Em suma, o sistema da cultura de massa esforçou-se para integrar a genialidade musical do movimento em benefício de seu dinamismo, desarmando o explosivo social.” (MORIN, 1973, p. 153) e o *rock* tornou-se um produto tão revolucionário, quanto rentável.

Assim era apresentado o novo ritmo aos brasileiros:

O *rock and roll* é um novo estilo musical, inspirado no ritmo negro, que consiste numa sequência de notas sincopadas, emitidas por saxofone enlouquecido, por uma guitarra elétrica, por um trombone ou uma corneta que emite sons agudos: todas as notas são dominadas pelo barulho obcecante do tambor. Um cantor, ou um grupo de cantores acompanha o ritmo sem nenhum sentido [...]. O cantor coordena a sua voz com os movimentos do corpo flexionando-se, dobrando-se, torcendo-se: o ritmo parece a expressão musical de todos os instintos primários, desencadeados por uma força mágica. Quando Elvis canta diante de um microfone, se agita, se contorce, como se as suas calças estivessem pegando fogo: sua voz às vezes é uma lamentação, às vezes um grito ou um soluço. Os ouvintes, especialmente se são jovens, ficam presos de um incontável desejo de levantar-se, pular, gritar.²¹⁹

o ritmo.

²¹⁷ A jornalista Janete Adib também contribui para a difusão do gênero musical, quando lança, em 1961, a primeira revista brasileira especializada no novo gênero musical, *Revista do Rock*.

²¹⁸ Além de Bill Halley e seus cometas, “outros talentos jovens, como Carl Perkins, Chuck Berry, Fats Domino, Buddy Holly, a dupla Everly Brothers, Little Richard, Jerry Lee Lewis, Elvis Presley” criaram e difundiram o *rock*.

²¹⁹ AGÊNCIA ANBA – Nova York. Astro do “*rock and roll*”. Elvis é o novo ídolo das moças norte-americanas. *Folha da Manhã*. São Paulo, 19 ago. 1956, p.4.

O ritmo do *rock* extrapolou o espaço da música e tornou-se uma referência comportamental bem mais ampla. Afinal, “nenhum outro ritmo criaria um estilo tão singular, influenciando modas, culturas de gerações inteiras, promovendo uma sintonia tão grande entre o jovem e a sociedade, sendo uma espécie de espelho de sua rebeldia e conflitos” (FERNANDES, 2005, p. 14). Elvis Presley tornou-se o grande primeiro ídolo do *rock* e também um ícone associado à “juventude transviada”. O seu modo “louco” e sensual de dançar expressa uma liberdade de movimento do corpo antes desconhecido, especialmente por tratar-se de um homem em cena que mexia os quadris, levando o público ao êxtase.

O sociólogo Waldenyr Caldas (2008) ressalta que muitos se opuseram ao *rock* desde o seu princípio pela sua característica sexual e imoral que teria o poder de converter os jovens em demoníacas. A repressão sexual auxilia a formação de personalidades rígidas que tendiam a não questionar os valores sociais e reproduzir tabus e barreiras morais, enquadrando os indivíduos ao que é previamente estabelecido pelo estado, pela família, pela religião, pela escola e pela grande mídia. O *rock and roll* não tinha a intenção de oferecer “uma espécie de antídoto à repressão sexual” (CALDAS, 2008, p. 35), mas efetivamente o fez, mudando a cultura da juventude, inclusive nessa questão. A liberação dos movimentos do corpo sugerida pelo ritmo e pela sensualidade de alguns de seus ídolos nos palcos libertou muitas mentes.

Mesmo Bill Halley, que adotava uma postura mais contida ou pelo menos não tanto sexual quando se apresentava, ao desembarcar com seus cometas pela primeira vez ao Brasil, foi recepcionado no desembarque do aeroporto de Congonhas por grande número de jovens “inquietos e barulhentos” (os rapazes trajados “com calças de ‘*blue jeans*’” e “blusas de cores preta ou vermelha, aberta na frente” e moçinhas “com o cabelo preso em forma de rabo de cavalo”) que o aguardavam com saudações “escritas em inglês”, demonstrando que a idolatria ao ídolo do *rock and roll*. Na ocasião, o grupo de fãs pôde esperar na pista de pouso do aeroporto e o fez ouvindo a Rádio Record (que fazia uma programação ininterrupta dos sucessos do *rock and roll*) dançando em rodinhas. A chegada do grupo musical provocou tumulto entre os fãs (pessoas tentando se aproximar ao máximo dos artistas, outras passando mal). Já os jornalistas que cobriam o evento não perderam tempo e logo questionaram o Bill Halley se aquilo não seria uma evidência da vinculação entre *rock na roll* e o “transvio” juvenil. Sobre a associação, o “simpático músico” de pronto respondeu: “Não vejo nenhuma ligação do ‘*rock and roll*’ com problemas psicológicos da juventude. O que

sucede é que a nossa música é muito fácil de ser aprendida e tocada, mesmo por crianças de cinco anos de idade, e isso atrai os jovens. É a música de exteriorização, que substitui a tristeza pela alegria.”²²⁰

O *rock and roll* ensinou aquela geração a movimentar-se “para o leste e para o oeste”²²¹, liberar a euforia, externalizar a alegria e o desejo sem timidez, como as crianças fazem antes de se educarem. Mentos e corpos são convidados a se soltarem e se mexerem-se conforme a vontade, no ritmo mais rápido possível, despreocupando-se com a sincronia, com os que estão ao lado, pelo tempo que aguentassem, pois, mesmo que o “relógio batesse duas, três ou quatro e a banda diminuísse o som, os jovens podiam gritar por mais”²²². Noite adentro se soltem sem se preocupar com o dia seguinte era o conselho dos roqueiros.

Braços, pernas, cabeça, quadril mexam-se loucamente, pediam as canções. O corpo era protagonista em relação à mente, as músicas falavam mais sobre o que ele pedia e menos sobre o que a mente (razão) ponderava. As primeiras letras davam adeus ao romantismo, às dores de cotovelo, cedendo lugar à ironia, à irreverência, à brincadeira, à sensualidade e à “confusão” de ideias. Chuck Berry decretou “Rala Beethoven e conte a novidade a Tchaikovsky”²²³, nada de clássicos, nada de coesão ou lógica. A transgressão estava em quase tudo que envolvia o *rock and roll*, nos gritos, na dança, no desengonçar, no adeus sem virar as costas para o que existia antes.

“Posso misturar batata, posso fazer purê de batata. Eu posso mexer, eu posso torcer. Agora diga-me, baby, diga-me, baby. Tem gosto como este? Você gosta desse jeito? Diga-me, diga-me, diga-me ...”²²⁴ Gosto de liberdade. E, para discordar de Bill Halley, é difícil crer que tivessem existido “juventude transviada” sem o *rock and roll*.

²²⁰ EM SÃO PAULO Bill Haley, o criador do ‘*rock and roll*’. *Folha da Manhã*. São Paulo, 22 abr. 1958, p. 6.

²²¹ Trecho de *Tutti Frutti* (1955) gravada por Little Richard e Elvis Presley.

²²² Trecho adaptado de *Rock around the clock*, dos compositores Max C. Freedman e James E. Myers, gravada por Bill Halley em 1954 e primeiro grande sucesso de *rock* em 1955.

²²³ Trecho adaptado da composição *Roll over Beethoven* de Chuck Berry, lançada em 1956.

²²⁴ Trecho adaptado da música do *Do you love me?*, escrita por Berry Gordy e gravada por The Sonics em 1962.

2.5) Páginas colorias e coladas: os quadrinhos

No século XIX, a evolução da indústria tipográfica possibilitou a produção de contraposições de imagens e texto mais dinâmicas. Nos EUA, surgiram nos jornais histórias narrativas gráficas que chamamos de “história em quadrinhos”. “Lugares de intersecção entre o visual e o literário, o culto e o popular, [aproximando] o artesanal da produção industrial massiva” (CANCLINI, 2008, p. 336), inicialmente, foram inseridas nas páginas de domingo e eram, preferencialmente, direcionadas para os migrantes, caracterizando-se por possuir enredos engraçados e personagens caricaturados (*comics*). Ao longo do tempo, as temáticas tornaram-se mais variadas e dinâmicas, surgindo as “tirinhas”²²⁵ e novos personagens, como núcleos familiares e animais antropomorfizados em situações que se remetiam à vida cotidiana, colaborando para a difusão do modo de vida americanizado. (JONES, 2006)

Nos anos de 1920, os quadrinhos saíram dos jornais e passaram a ser impressos e comercializados no formato de livretos chamado de *comic books* (“gibis”, “revista em quadrinhos no Brasil”²²⁶). A indústria de produção e distribuição das *comics* (os *syndicates*) demorou a conquistar do mercado editorial e, conseqüentemente, ampliar o faturamento comercial. Entretanto, na década de 1930, houve um crescimento expressivo dos títulos que remetiam às histórias de aventura, de ficção científica e, especialmente, aos enredos com a ação de gângsteres, explorando a máfia, o crime e o sexo (corpos femininos sensuais, personagens como prostitutas, etc.). A partir de então, alguns estados norte-americanos proibiram a comercialização dos quadrinhos considerados violentos e indecentes,²²⁷ iniciando uma série de outras medidas que progressivamente buscaram controlar e inibir a produção. (JONES, 2006)

Ao final dos anos de 1930, a indústria dos quadrinhos já tinha a percepção de que o seu público leitor privilegiado nos EUA era juvenil, “um choque para a maior

²²⁵ Sequências curtas de episódios em quadrinhos publicadas nos jornais.

²²⁶ A expressão “gibi” é de 1939 (GONÇALO JR., 2004), mas raramente era utilizada nos anos de 1950, sendo mais comum o uso da palavra *comics* para se referir às revistinhas e histórias em quadrinhos.

²²⁷ Alguns personagens relacionados ao poder sexual. No caso do Tarzan, por exemplo, os garotos identificar-se-iam com a representação de um macho invencível, de corpo forte e viril, enquanto as garotas ficavam curiosas por visualizar o corpo masculino perfeito, símbolo de potência masculina. (JONES, 2006, p. 99-101) “O erotismo dos super-heróis não era algo que um jovem se permitia normalmente enxergar. Mas o erotismo estava ali [...] as histórias da Mulher-Maravilha vendiam, sobretudo para garotos da pré-adolescência em diante. Uma pesquisa de mercado mostrou que 90% dos leitores eram homens; as meninas liam mais as histórias do Super-Homem do que as da Mulher-Maravilha.” (JONES, 2006, p. 265) O médico Fredric Wertham, entretanto, enxergou em alguns personagens como *Batman* e *Robin* traços de homossexualidade e na Mulher Maravilha de lesbianismo, o que poderia vir a distorcer a sexualidade dos leitores. Um elemento negativo a mais na crítica aos quadrinhos.

parte dos adultos” (JONES, 2006, p. 203) e que cada exemplar vendido a uma criança ou adolescente era lido por outros quatro ou cinco colegas destes.

Os grandes responsáveis pela popularização das histórias em quadrinhos entre crianças e jovens foram os super-heróis (como *Superman*, *Batman*, *Captain America*) surgidos em épocas de crise econômica ou guerras²²⁸ e que fortaleciam o ego e renovavam o entusiasmo e o otimismo do povo norte-americano. De aparência normal, e, por vezes, frágeis em público, quando convocados, porém, vestiam-se fantasiosamente e encorajavam-se diante do mal. Todavia, o papel dos heróis chegou a ser contestado e supôs-se que estimulavam a violência e a vingança. Para Mário Ferreira dos Santos, “[o] homem de músculos de aço já não é um exemplar curioso, é o herói popular, algo que representa um *ideal typus* das multidões bárbaras” (SANTOS, 2012, p. 21), por fazerem justiça com as próprias mãos, usando, principalmente, da força na solução dos conflitos, ao invés das instituições do direito (representativas do mundo civilizado). A supervalorização desses personagens, que, mesmo quando possuíam alguma capacidade intelectual, eram, de fato, admirados pela grande força que possuíam e pela capacidade de alcançar feitos espetaculares (entornar uma barra de ferro, por exemplo), passam a ser admirados pelos jovens (SANTOS, 2012, p. 21). A partir do contato com os super-heróis, os jovens podiam ignorar que era necessário desenvolver o intelecto e concentrar-se apenas no desenvolvimento do físico. “Até mesmo George Orwell, do outro lado do Atlântico, expressou seu temor. Ele viu o Super-Homem como um ‘culto ao valentão’, o equivalente americano do anseio por um homem forte que levara Hitler e Mussolini ao poder.” (GONÇALO JR., 2004, p. 203)

Durante a Segunda Guerra Mundial, as histórias em quadrinhos foram utilizadas como material de propaganda de guerra dos aliados e observou-se uma ampliação das narrativas com heróis e cenas de aventura e de guerra. As *comic books* popularizaram-se e passaram a ser consumidas em massa em todo o mundo ocidental, inclusive no Brasil. Ao final da Segunda Guerra, as publicações das histórias já tinham como leitores-alvo os jovens, adolescentes e crianças. Alguns desenhos passaram a ter representações mais realistas, diversificando as histórias também para outros gêneros como terror e suspense (que viram a ser os mais contestados). Na década de 1960, adotou-se o diminutivo “historinhas” e, posteriormente, “revistinhas”, em decorrência

²²⁸Superman e Batman foram publicados pela editora de quadrinhos norte-americana DC Comics a primeira vez em 1938, e o Capitão América pela Marvel Comics em 1941.

da identificação com o público juvenil e do formato diminuto das publicações. (GONÇALO JR., 2004)

No Brasil, os primeiros quadrinhos são também do final do século XIX, mas a revista paulista *Tico-Tico*, de 1905 (e que circulou por mais 54 anos), considera-se que inaugurou o gênero no país. Nas décadas seguintes, várias outras publicações surgiram e as tirinhas de quadrinhos em jornais tornaram-se comuns. Desde então, Adolfo Aizen (*Ebal*)²²⁹, Assis Chateaubriand (*Diários Associados*)²³⁰, Marinho (*Globo*)²³¹, Victor Civita (Abril)²³², Vito La Selva (*La Selva*),²³³ nomes importantes da imprensa da época, foram grandes incentivadores da produção de quadrinhos no Brasil, e como homens de negócio, certamente, investiram em um gênero lucrativo para seus conglomerados de imprensa²³⁴. Nos anos de 1950 e 1960, mesmo predominando as publicações importadas, artistas nacionais se destacavam na confecção de quadrinhos²³⁵ e quase

²²⁹ “O Brasil não tinha tradição de publicar histórias em quadrinho até a viagem de Adolfo Aizen aos Estados Unidos, em 1933 [...] [e] inovou ao trazer o que havia de mais moderno no gênero de quadrinhos [...]: os heróis de aventura – um novo segmento surgira no final dos anos 20, depois de mais de três décadas de predominância do humor de costumes.” (GONÇALO JR., 2008, p. 47-8)

²³⁰ Responsável pelo lançamento de *O Globo Juvenil* em 1937 que reunia quadrinhos de aventura, “detetive” e de personagens famosos como Mandrake, Flash Gordon, Brucutu. (GONÇALO JR., 2008)

²³¹ Dono do maior conglomerado de imprensa da época lançou em 1939 a revista *O Guri*, a primeira em cores. (GONÇALO JR., 2008)

²³² “Com o surgimento da Abril em 1950, o mercado brasileiro de histórias em quadrinho ganhou mais um editor que faria a história da imprensa no país a partir dos gibis.” (GONÇALO JR., 2008, p. 167). O primeiro quadrinho lançado pela editora foi o Pato Donald.

²³³ Lançou, no início da década de 1950, os primeiros quadrinhos de terror, que viriam a ser os mais questionados como estimulantes da delinquência juvenil. (GONÇALO JR., 2008)

²³⁴ Segundo as lembranças do professor Ronald Conde Aguiar, os gibis de maior sucesso eram *Al Mocinho!*, *Biriba mensal*, *Dick Tracy*, *Flash Gordon*, *Gibi Mensal*, *Jerônimo*, *o herói do sertão*, *Mandrake*, *Nick Holmes*, *O Guri*, *Xuxá*, *Zorro e Tonto*. Já os heróis Capitão Marvel, Jerônimo, Super-Homem, Tarzan, *Batman* e *Robin* e vilões Brutos (inimigo do *Popeye*), Caveira e Chumbinho (inimigo do Jerônimo), Dr. Silvana Júnior (inimigo do Capitão Marvel) lhe são memoráveis. (AGUIAR, 2011).

²³⁵ Com o Macartismo nos EUA, houve uma inibição da produção das *comics* norte-americanas, e desenhistas nacionais²³⁵ ganharam mais estímulo para sua arte. Durante os anos de 1950 e 1960, artistas nacionais como Mauricio de Sousa (criador dos personagens *Mônica*, *Cebolinha*, *Bidu*, *Horácio*, dentre outros, Álvaro Moya (criador da editora La Selva, que nos anos 50 especializou-se na publicação de quadrinhos internacionais e nacionais), Jayme Cortez (quadrinista e presidente da Federação dos Sindicatos de Desenhistas, fundou junto com Miguel Penteadado a editora Continental com quadrinhos de conteúdo 100% nacional), Gedeone Malagola (criador do maior super-herói nacional até então, o Raio Negro, um tenente-aviador da FAB, capturado por alienígenas), Rubem Biáfara (criador, 1954, de outro super-herói brasileiro, em referencia ao canal 7 da TV Record, seus poderes e indumentária se assemelhavam ao Superman), Moisés Weltman e Edmundo Rodrigues (responsáveis pelo Jerônimo, o Herói dos Sertões) eram alguns dos nomes reconhecidos na produção de quadrinhos no Brasil. Em 1963, durante o governo João Goulart, foi decretada uma lei, que tinha por objetivo incentivar a nacionalização progressiva das histórias em quadrinhos. O texto original estabeleceu que, a partir de 1.º de janeiro de 1964, as empresas e editoras nacionais deveriam reservar 30% das edições para quadrinhos nacionais. Em 1.º de janeiro de 1965, esse número subiria para 40% e na mesma data, em 1966, para 60%. O então ministro da Educação e da Cultura, Paulo de Tarso, justificou o decreto como sendo uma necessidade imperiosa de disciplinar os quadrinhos no país “dada à influência que exercem sobre o condicionamento emocional e a formação moral da infância e da adolescência”. Além disso, as historinhas, supostamente, distorciam o contexto cultural e eram prejudiciais a uma boa “formação de uma consciência histórica nacional”. No plano econômico, a medida iria também evitar

todos os jornais, fosse nos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro ou na provinciana Fortaleza, possuíam em seu conteúdo as tirinhas cômicas e/ou outras histórias em desenhos e quadros, como as fotonovelas²³⁶. “Nunca se vendeu tanto gibi no Brasil como em 1960 [...] as histórias em quadrinho eram um fenômeno de comunicação de massa incorporado ao cotidiano urbano brasileiro.” (GONÇALO JR., 2008, p. 324)

Concomitantemente ao sucesso dos quadrinhos, uma ferrenha patrulha se instaurou no país, ecoando críticas vinda dos EUA e Europa²³⁷ contra o consumo das *comics*. As considerações sobre o prejuízo dos quadrinhos recaíam tanto contras as revistinhas de “super-heróis” (fenômeno mundial) como as que exploravam o fantástico, o terror ou o sexo (como os “catecismos”, também chamadas de “revistinhas de sacanagem” de Carlos Zéfiro²³⁸). Produções literárias, como as histórias policiais (“de detetives”) e de ficção científica, que se popularizaram, nos tamanhos de bolso (no tamanho de ¼ da folha de papel ofício) e que se apresentavam em versões em texto (redação bem objetiva) ou quadrinhos, também eram bastante criticadas pela “baixa” qualidade artística dos textos²³⁹. Alguns títulos chegaram a explorar a própria temática da “juventude transviada”²⁴⁰.

evasão de divisas.²³⁵ Posteriormente o decreto foi mantido e ampliado pelo Governo Militar, que estabelecia reserva de 66% (2/3) da produção para os quadrinhos brasileiros.²³⁵ A legislação brasileira assemelhava-se à legislação que o Senado norte-americano havia aprovado em 1956, quando estabeleceu a censura e um código de ética que extinguiu os títulos mais populares. A lei teve como base o estudo do psiquiatra Fredric Wertham.” (MAGALHÃES, 2009). Até 1966, uma disputa jurídica travou-se entre os editores e o governo quando, finalmente, os ministros do STF julgaram o decreto constitucional em última instância. Apesar de controversa, a lei de nacionalização dos quadrinhos auxiliou que artistas nacionais, como Mauricio de Souza, se fizessem como quadrinistas no Brasil.

²³⁶ Que tinha versões com sobreposição de texto em fotos, mais comuns nas revistas, e em desenhos, mais comuns nos jornais.

²³⁷ Houve também muitos intelectuais que defenderam as histórias em quadrinhos e sua colaboração para a arte contemporânea. Por exemplo, o sociólogo italiano Romano Calisi, em outubro de 1965, veio ao Brasil apresentar uma Bienal sobre os quadrinhos e discutir a sua influência na arte contemporânea. O professor convocou pesquisadores locais a se integrarem a uma nova Federação Internacional de Centros de Pesquisa sobre história em quadrinhos. Para o estudioso, os quadrinhos não tinham qualquer influência maléfica sobre as crianças e a adoção de etiquetas indicativas com a idade mínima para o consumo das obras nas capas das revistas era a solução pra disciplinar o consumo dos títulos e impedir que as crianças e jovens tivessem acesso a títulos inadequados para sua idade. (OS ‘COMICS’ influenciam a arte atual. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 29 out. 1965, p.12). O psiquiatra brasileiro Oscar Rezende de Lima também não observava em suas pesquisas qualquer prejuízo no consumo das *comics* e outros produtos da indústria cultural, como os filmes de faroeste. Ao contrário, considerava que era um meio de a criança descarregar sua agressividade, extravasar suas tensões internas e valorizar a vitória dos benfeitores. (NENHUM mal individual ou coletivo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17 jun. 1960, p.12).

²³⁸ Quadrinhos com conteúdo pornográfico. Carlos Zéfiro, pseudônimo do funcionário público Alcides Aguiar Caminha, era o autor brasileiro mais famoso desse gênero à época.

²³⁹ As fotonovelas, por exemplo, que eram direcionadas, especialmente, para o público feminino não eram bem vistas, ainda que bastante populares. Os enredos eram narrados através da mescla de fotografias (ou desenhos) e textos e, em geral, ilustravam histórias com alto teor romântico, reforçando os valores

Segundo Gonçalo Júnior (2004), os primeiros inimigos das histórias em quadrinhos no Brasil foram os padres por influência dos compatriotas italianos, uma vez que nesse país a perseguição aos quadrinhos foi intensa, haja vista que o governo fascista concluiu que as *comics* desnacionalizavam e desculturalizavam as crianças e jovens. O crítico de cinema francês marxista Georges Sadoul, no livro *Ce que lisent vos enfants* (O que leem as crianças – 1938), foi o primeiro a argumentar que as histórias em quadrinhos tinham relação direta com a delinquência juvenil. Mas foi a divulgação das pesquisas do americano Fredric Wertham no livro *Seduction of the innocent* (1954) que teria comprovado cientificamente que as leituras das *comics* funcionavam um “veneno mental” para o psiquismo infanto-juvenil, que embasou primordialmente os debates sobre os malefícios das *comics* nos EUA²⁴¹

No Brasil, a obra de Fredric Wertham teve bastante repercussão e iniciaram-se vários movimentos para se conseguir a proibição ou restrição à produção e venda das *comics*, reunindo nomes importantes da política e da intelectualidade brasileira como Dinah Silveira, Carlos Lacerda, Ary Barroso, Jânio Quadros, Samuel Wainer²⁴², Brito Viana, Sólton Borges dos Reis e o próprio Napoleão Teixeira (2004) (GONCALO, 2008).

A questão para os pedagogos, literatos e editores, por exemplo, se concentrava no empobrecimento da formação cultural dos jovens através da substituição

do amor romântico e da vida burguesa.

²⁴⁰Mas ao tomar contato com o interior dos volumes, observei que as histórias faziam menção indireta ao fenômeno. Provavelmente, estampar JUVENTUDE TRANSVIADA na capa era apenas uma estratégia comercial. De todo modo, listo os títulos a que tive acesso. São eles: *Juventude Transviada* (título original *The first and the last violence*), de E. C. Blake (s/d), é uma história policial clássica, em que um detetive busca desbaratar um esquema de tráfico de drogas em Los Angeles. O título de bolso *Nono Mandamento e Juventude Transviada* (s/d) reúne duas histórias. A segunda, assinada por R. Ávila, centra-se na relação conflituosa entre um pai ético e um rapaz “transviado”. Na revista *Detetive*, de 1958, há um conto dedicado à “juventude transviada”, que, excepcionalmente, é protagonizado por uma turma de mulheres. Esse magazine, segundo informação na capa, era vetado aos menores de 18 anos. (ver figuras 13, 14 e 15)

²⁴¹ O psiquiatra Fredric Wertham apresentou, após pesquisas realizadas com crianças e adolescentes na clínica Lafargue, resultados que concluíam que vários distúrbios de comportamento eram estimulados pela leitura das *comics*, inclusive estimulando práticas assassinas ou suicidas. O lançamento das obras coincidiu com o período do Marcatismo nos EUA. O alcance das obras foi ainda maior, inspirando outros trabalhos semelhantes, além de medidas de censura e repressão defendidas e aprovadas por políticos. A argumentação do autor era construída a partir da análise das cenas dos quadrinhos (ver figura 16) e a exposição que imagens de violência, sexo, drogas, etc. tinham na formação da consciência dos jovens. Apesar de bastante citado a época, a obra *Seduction of innocent* não foi traduzida no Brasil até hoje. O contato que tive com os originais deveu-se a um resumo traduzido originalmente para o português de Portugal e resumido em dois volumes da revista *Mundo Melhor*. (LATERZA, Maurílio. O momento problema das Histórias em Quadrinhos. *Mundo Melhor*. vol. 9 e 10. São Paulo, 1959).

²⁴²Há de se ressaltar, porém, que na guerra pela censura das histórias em quadrinhos, outros interesses extemporâneos à questão estavam presentes, como a disputa pelo mercado editorial travada entre Samuel Wainer e Roberto Marinho, da qual não irei me deter porque excede ao objetivo desse trabalho. Para saber mais, ler o capítulo oito do livro de Gonçalo Jr. (2008).

dos grandes clássicos ou grandes escritores contemporâneos por obras de literatura “vulgar”. O argumento prevalecente era o da pouca “criatividade” das tramas e os apelos “popularescos” dos seus enredos. Definindo os quadrinhos como um “subproduto da manifestação intelectual” literária, a crítica Bruna Becherucci estabeleceu um paralelo entre os folhetins (romance de aventura) do século XIX, com os quadrinhos:

Mas, enquanto o romance de qualidade se dava frequentemente o luxo de um cenário natural quase sempre grandioso, e o heroísmo ou pelo menos a audácia como tema e justificação da aventura, o pobre e esqualido “quadrinho” tomou por base a violência bruta e a estupidez congênita, e transformou o herói em protagonista de uma história negra.

[...] Os homens desengonçados, volitivos, espectrais; às mulheres gráceis, emotivas, desnutridas do romance de folhetim, correspondem nas histórias em quadrinhos homenzarrões entroncados e peludos, mulheres impetuosas e carnudas. Mas a substância das suas atitudes, das suas ações e das suas palavras é a mesma, nascida de um jogo fácil de fantasia, de um desafio insolente ao mau-gosto do público, e do propósito de desfrutá-lo com o intuito de fazer dinheiro a qualquer preço. Mas uma diferença: aquele colocava quase sempre as suas aventuras em ambientes requintados, aristocráticos, ao passo que a história em quadrinhos é mais democrática, tendo banido os arquiduques de fraque e as damas em véus de “chiffon” para substituí-los por aventureiros de boné de apache e por mulheres-pantera sucintamente vestidas.²⁴³

O então diretor da Câmara Brasileira de Livros, Mário da Silva Brito, comentará, a partir de dados do IBGE, a “crise” no consumo de literatura nos anos de 1950, prenunciando o advento de uma “geração das histórias em quadrinhos” ou “geração sem palavras” que teria dificuldade no futuro de compreender o escrito, vocabulário reduzido e deficiências cognitivas associadas à compreensão da realidade, uma vez que certas habilidades de percepção e análise seriam pouco desenvolvidas na substituição do hábito da leitura de livros de “boa” literatura pelos quadrinhos. “Este setor da história em quadrinhos que é sempre atacada pelos ângulos ético e político deve ser examinado, principalmente, como gerador de preguiça mental”,²⁴⁴ dizia.

²⁴³ BECHERUCCI, Bruna. Ponto de vista de uma mulher. Os responsáveis pelas histórias em quadrinhos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 10/09/1954, p.12.

²⁴⁴ A ‘GERAÇÃO sem palavras’: Quatro cruzeiros por ano em média gasta com livros no Brasil o brasileiro. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 18 mar. 1956, p.16.

O escritor paulista e de literatura infantil Francisco Martins²⁴⁵ também teceu comentários sobre o consumo dos quadrinhos e o prejuízo educacional dos jovens. Segundo o literato, o despertar da imaginação, que a princípio poderia ser uma função positiva das histórias em quadrinhos, também tinha seus limites e, ao final, poderia fazer mais “mau” que “bem”. Sugeriu que os quadrinhos fossem substituídos pela literatura nacional e as lendas folclóricas, pois elas não só estimulariam a imaginação como contribuiriam para o conhecimento da história e cultura brasileira, através de personagens mágicos e lúdicos, e nada nefastos. Desse modo, os “meninos jamais precisarão preocupar-se com os esdrúxulos Shazans, homens-tochas, voadores, vingadores, etc. perturbadores, isto sim, evidentes do meio familiar e da típica família brasileira.”²⁴⁶ Para finalizar, Francisco Martins sugeria um cronograma de leituras possíveis a cada faixa etária e estabelecia que, a partir dos doze anos, o leitor tivesse contato apenas com livros em que o predomínio do texto sobre as gravuras fosse absoluto. A finalidade era desenvolver o poder de interpretação e abstração nos jovens, inibido pelo excesso de ilustração das histórias em quadrinho.

Para Napoleão Teixeira, a “má” literatura e as *comics* podiam provocar debilidades ainda mais graves, de ordem não apenas educacional, mas mental, como já sugeria Francisco Martins. Em um artigo de 1962, o autor expôs os malefícios da leitura das histórias em quadrinhos, que estariam “por tôda a parte, nas mãos das crianças em especial”. O consumo dos quadrinhos estava associado ao comportamento “delinquente” e “transviado” dos jovens (TEIXEIRA, 1962, p. 76-80), associação corroborada pela imprensa e suas manchetes sensacionalistas²⁴⁷.

Para o médico, existiam dois tipos diferentes de histórias em quadrinhos: as “ingênuas” e até “saudáveis” (por exemplo, os quadrinhos assinados por Walt Disney) e as perniciosas, “verdadeiras cartilhas da delinquência juvenil”, como as *comics* do Dick Tracy. “Ninguém poderá, honestamente, duvidar do papel dessa literatura como poderoso agente de psico-desagregação e perversão infanto-juvenil, bem como fator criminogenético de relevo, induzindo ao crime menores, predispostos ou não” (TEIXEIRA, 1962, 76), dizia sobre os quadrinhos “maus”. A questão estava na comercialização das “boas” em relação às “más”, que, segundo dados (extraídos do

²⁴⁵ MARTINS, Francisco. Que leem nosso filhos? *Mundo Melhor*. vol. 9. São Paulo: Melhoramentos, 1958, p. 91. Escritor e Historiador, possui uma vasta produção literária e é membro da Academia Paulista de Letras.

²⁴⁶ Idem

²⁴⁷ Por exemplo: “Atirou no pai depois de ler uma história em quadrinhos”. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 26 set. 1953, p. 5.

jornal *Chicago Tribune*), não representariam um quinto do volume comercializado²⁴⁸. Os quadrinhos e outras obras literárias de baixa qualidade, desse modo, estariam penetrando perigosamente nos lares e deformando a psique das crianças. A “boa” literatura, que além de melhor formar, podia contrapor-se às *comics*, que estimulavam a quebra de normas e valores, estava cada vez mais distante dos jovens leitores. (TEIXEIRA, 1962, p. 71-6)

Fartamente disseminada no Brasil, reproduzida e imitada por numerosas revistas e grande número dos maiores jornais brasileiros, essa literatura – exceções, raras, à parte – nada tem de boa, sendo, antes, má, deletéria e mesmo perigosa.

[...]

Através de louvável propaganda, levada a efeito pela imprensa esclarecida, no Brasil e nos Estados Unidos, ficou plenamente demonstrado o papel indiscutível dos “*comics*” na gênese da delinquência de menores. Citaram-se numerosos exemplos de menores que culminaram no furto, em **hold-ups**, no homicídio até, em função das “lições” dessa literatura, cujos heróis se esforçavam em, fielmente, imitar. Em Curitiba, Capital do Estado do Paraná, e outras cidades, brasileiras, conhecemos casos iguais, em que os “*comics*” – cuja venda é lamentavelmente livre, que se vêem por tôda a parte, nas mãos das crianças em especial – foram a indiscutível mola propulsora que induziu menores ao crime.

[...]

Lamentamos reconhecer que, até agora, nada resultou das medidas tomadas por nosso govêrno, para proibir a venda livre dêste tipo de literatura, no Brasil. (TEIXEIRA, 1962, p. 71-6 – *grifos do autor*)

Em síntese, o médico Napoleão Teixeira defendia que as *comics* traziam danos à saúde mental e moral porque as crianças e jovens são facilmente sugestionáveis e as histórias, permeadas de cenas de violência e sexo, distorciam a realidade e os valores constituídos, sendo capazes, inclusive, de desenvolver “neuroses, psicopatias e psicoses” e induzir ao suicídio. O uso da força, o sentimento de potência, os atributos do físico e da masculinidade exacerbada dos heróis somavam-se aos personagens malandros, gângsteres e contraventores que permeariam o imaginário dos jovens e, especialmente, inspiravam-nos a rebelarem-se. Além disso, no que concerne às discussões de gênero (não assim conceituado à época), as histórias em quadrinho

²⁴⁸ No Brasil, durante os anos de 1950 e 1960, os quadrinhos “bons” e (ou) “maus” eram impressos, principalmente, pelas editoras Ebal, RGE, O Cruzeiro, Abril e La Selva, que distribuíam material estrangeiro e nacional, comercializando cerca de 180 milhões de exemplares por ano. (GONÇALO JR., 2008, p. 324)

desvirtuariam as identidades sexuais por reforçarem nos homens apenas a força física e a coragem, enquanto, nas mulheres, a sensualidade e a predisposição à maldade.

A patrulha feita aos quadrinhos ao longo dos anos de 1950 e 1960 e a política de nacionalização (reserva de parte do mercado para a produção nacional) resultou em diversas estratégias dos editores para conseguirem manter seus títulos no mercado. Por exemplo, a adoção de selos para diferenciar o material infanto-juvenil do adulto e capas mais contidas, sem sequências de violência ou personagens com poucas roupas.

Foi no contexto de grande repressão aos quadrinhos, no entanto, que surgiu a produção mais anárquica da época²⁴⁹. Alheia tanto à produção regular das grandes editoras de quadrinhos no país quanto à legislação que buscava disciplinar os quadrinhos, as edições de bolso assinadas por Carlos Zéfiro, que ninguém sabia de quem se tratava até a década de 1990, rapidamente conquistaram grande número de leitores, sobretudo jovens do sexo masculino²⁵⁰. O conteúdo era de histórias eróticas narradas com vocabulário simples e repletas de palavras obscenas, ilustradas por desenhos (pouco elaborados) de sexo explícito. (GONÇALO JR., 2008)

A ousadia de falar de sexo de forma tão explícita surgiu, possivelmente, no ambiente masculino das gráficas. José Marinho (1986), que reuniu a edição de alguns “catecismos”, acredita que autores pornógrafos isolados, com a ajuda de desenhistas humildes de anúncios comerciais, contavam com a cumplicidade dos operários de um determinada gráfica e fizeram os primeiros quadrinhos pornográficos com sobras de papel apenas para satisfazer o espírito de brincadeira no ambiente de trabalho. “Eles devem ter começado como simples historietas que circulavam de mão em mão, entre os operários, até que alguém mais inventivo decidiu imprimi-las e foi um sucesso (MARINHO, 1986, p. 7)”. No final dos anos de 1950²⁵¹, as edições eram impressas no Rio de Janeiro clandestinamente e até chegarem às mãos dos jovens passavam por diversos atravessadores²⁵². A obscuridade da compra dos “catecismos” assemelhava-se

²⁴⁹É possível comparar com as consequências da reserva de mercado para filmes brasileiros durante o Regime Militar, na década de 70. Para atender às cotas de exibição, produtores independentes começaram a produzir filmes de enredo simples e cômicos mesclados com erotismo, que ficaram conhecidos como o gênero da pornochanchada. Os filmes atraíam público e garantiam a receita aos exibidor.

²⁵⁰ Carlos Zéfiro teria se inspirado nos quadrinhos chamados de *dirtie comics* ou *Tijuana-Bibles*, norte-americanos, surgidos na década de 1920 e que faziam paródias dos astros e personagens do cinema ao representarem cenas de sexo explícito. (MAGALHÃES, 2009)

²⁵¹ As primeiras revistinhas, segundo a bibliografia (MARINHO, 1986) são de mais ou menos 1958.

²⁵² As primeiras revistinhas não tinham qualquer selo que identificasse a origem, impressão ou mesmo data. Nos anos de 1980, alguns títulos foram relançados e estes adotavam uma ficha bibliográfica e selo

à aquisição de entorpecentes. O esquema de produção e distribuição²⁵³, assim como o autor mais famoso (Carlos Zéfiro) foi investigado pela Polícia Federal e outros de órgãos de repressão da Ditadura Militar durante anos. (GONÇALO JR., 2008, p. 219-322). Como as edições eram reproduzidas aleatoriamente, sem qualquer identificação (editora, número, ano, etc.), localizar os responsáveis pela produção era bem difícil. As revistinhas logo saíram das cercanias do centro carioca e chegaram a outras cidades do Brasil, como Fortaleza²⁵⁴.

O traço de desenhista de Carlos Zéfiro era reconhecidamente pouco preciso, o que, somado à forma arcaica com que eram produzidos e impressos os volumes (folhas de baixa qualidade, semelhante aos cordéis), tornava mais evidente sua pouca habilidade artística. Não são incomuns desenhos que desafiavam a anatomia humana. “A pressão da clandestinidade, a rapidez da venda e a alta demanda do mercado muitas vezes provocavam uma queda de qualidade no desenho” (MARINHO, 1986, p. 5). Suspeita-se que, após formar a base de seu trabalho, Carlos Zéfiro utiliza-se da técnica de transpor desenhos de fotonovelas ou outros quadrinhos, usando uma folha mais fina sobreposta ao original, o que lhe permitia fazer os contornos dos cenários, corpos e rostos. Após essa cópia, desvirtuava o sentido original das tramas. Personagens originalmente vestidos ficavam desnudos e os diálogos eram erotizados. Os quadrinhos de Carlos Zéfiro, portanto, podiam ser também adaptações das histórias românticas das fotonovelas (no formato de texto sobre desenho), acrescidas de erotismo e pornografia.

Na obra de Carlos Zéfiro, os personagens são, na maioria, jovens e a ação principal é uma relação sexual.²⁵⁵ O conflito, em geral, se restringe ao acerto entre os

da editora Carrera.

²⁵³ Não encontrei menções diretas ao autor Carlos Zéfiro na imprensa da década de 1950 e 1960, porém o esquema confecção e distribuição das revistinhas pornográficas mereceram algumas menções e parecia ser bem artesanal. Por exemplo, em 1961, a polícia de São Paulo aprendeu centenas de “revistinhas obscenas” na oficina de uma gráfica no bairro do Brás. Um vendedor havia sido flagrado na madrugada anterior revendo os números para algumas bancas e denunciou o seu fornecedor. O dono da gráfica era um rapaz de vinte cinco anos que, junto com a tia e a irmã (menores), imprimiam e encadernavam as revistinhas. (A POLÍCIA apreende pornografia em quadrinhos. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 20 set. 1961, p. 15).

²⁵⁴ Outra suspeita não consensual entre os que pesquisam os quadrinhos é que outros autores clandestinos teriam se inspirado em Carlos Zéfiro e assinaram títulos, como se fossem ele, garantindo a oferta constante das revistinhas (que eram semanais) nas bancas de cidades fora do eixo Rio-São Paulo. (MAGALHÃES, 2009).

²⁵⁵ Em alguns casos, homens mais maduros ou idosos são representados nus e em situação sexual, mas as mulheres nunca. Em uma das histórias, após várias tentativas de engravidar a esposa (todas representadas), um coronel sexagenário permite que um jovem empregado envolva-se com ela e a gravidez acontece. A velhice estava associada à perda da libido ou da potência sexual. (ZÉFIRO, Carlos. *A esposa do coronel*. Rio de Janeiro: s/e, s/d.).

desejos de um homem e uma mulher na busca pelo orgasmo²⁵⁶. Apesar de alguns apontarem em Carlos Zéfiro um espírito feminista (MARINHO, 1986), julgo que tal afirmação seja um pouco exagerada. As mulheres, na maioria das histórias, são representadas como esbeltas (para o padrão da época), idealizadas nos seus atributos físicos (coxas grossas, cintura fina, bunda volumosa, seios fartos e empinados, etc.) representados como “perfeitos”. O imaginário de que as mulheres são fogosas, mesmo quando aparentam timidez, também estava presente. Cabia apenas a competência do homem em despertar a libido feminina. As moças, via de regra, desempenham o papel de seduzidas, apresentando-se, inicialmente, contidas, mas logo conquistadas pelos galanteios masculinos, pela pressão psicológica (chantagem, coação) ou pela força bruta, entregando-se ao homem e ao sexo. Alguns estereótipos são reforçados, como, o das cariocas que frequentavam a praia de Copacabana, descritas como “mulheres seminuas, bundas, coxas e ventres à mostra ou precariamente cobertos por insignificantes biquínis”, e apresentadas como bastante liberais, mesmo se casadas²⁵⁷. Apesar disso, é certo que Carlos Zéfiro contribuiu para dessacralizar a passividade das mulheres na busca e alcance do prazer sexual. Por vezes, as mulheres assumiam posições de comando durante o ato sexual ou mesmo direcionavam a sequência de carícias, mas não era o corriqueiro²⁵⁸.

Já os homens são representados como sedentos por sexo, à procura constante de uma parceira ou criando situações para conduzir mulheres a uma relação sexual. Eles tendiam a surpreender pela voracidade com que as desejavam e tocavam seus corpos, assim como a disposição para variar as posições e manter-se em movimento durante o ato sexual.

O final das histórias encerra-se com os parceiros chegando ao gozo e superando-se em termos de contentamento físico a qualquer outro encontro anterior. Havia, também, a intenção de provocar algum tipo de crítica ou piada com as situações retratadas, afora as referências ao contexto sociocultural da época.

É possível identificar, claramente, uma construção binária dos gêneros: o masculino sendo o do personagem que detém a prerrogativa da ação (nos desenhos, os

²⁵⁶ Porém, encontrei ao menos uma história que envolve sexo entre uma mulher e dois homens. (ZÉFIRO, Carlos. *Minha vida no convento*. Rio de Janeiro: s/e, s/d).

²⁵⁷ Na praia, um rapaz avista uma mulher loira e troca carícias com ela no mar. Apesar de casada com um “marido jovem”, ela consente com uma relação sexual em seu apartamento. Outro estereótipo reforçado é o de que os homens casados com o tempo já não satisfazem suas mulheres completamente. (ZÉFIRO, Carlos. *Copacabana*. Rio de Janeiro: s/d, 1967).

²⁵⁸ Analisei cerca de trinta títulos, quando é dito terem sido impressas mais de 500 revistinhas. Logo as minhas impressões restringem-se a uma porcentagem pequena daquilo que Carlos Zéfiro produziu.

homens estão sempre excitados e é enfatizado como zona erógena do corpo masculino apenas o pênis, assim como as palavras de comando costumam pertencer-lhes), enquanto o feminino é o lugar do deleite. Encontros que reproduzem relações de dominação social e profissional são, também, recorrentes e revertidas para a dimensão da fantasia sexual (patrão e empregada, hóspede e camareira, médico e enfermeira, piloto e aeromoça, etc.). Ressalto, porém, que existia preocupação em evidenciar que tanto as mulheres quanto os homens buscam e alcançam o gozo, especialmente, por se entregarem sem restrições ao desejo seu e do parceiro.

Os cenários onde ocorrem as ações inspiram-se em ambientes da casa (quarto, banheiro, cozinha), lugares do cotidiano (escritório, automóvel) ou improváveis e fantasiosos (avião, hospital, ilha deserta). Gonçalves Jr. (2008) relata que algumas temáticas exploraram o lesbianismo e a zoofilia (não as localizei), mas a homossexualidade masculina parece ter sido um tabu até para Carlos Zéfiro, e a temática não foi explorada²⁵⁹.

Personagens idosos, como dito, não eram recorrentes no trabalho de Carlos Zéfiro, mas um número, cujo título era *Conselhos Quadrados*²⁶⁰ (ver figura 20), retrata o “choque” de geração entre uma avó e uma neta (mais dois personagens aparecem na história, o avô e o marido da neta) nas suas experiências e expectativas sexuais após o casamento.

Em *Conselhos Quadrados*, a neta, às vésperas de casar, recebe conselhos da avó sobre como deve comportar-se na primeira noite de núpcias. A princípio, os quadrinhos reproduzem em sequência as lembranças da própria avó durante a perda da sua virgindade após o casamento. Ela narra detalhadamente o momento de intimidade com o marido, indicando quais carícias e modalidades sexuais consentiu ou não²⁶¹. A neta é aconselhada a fazer o mesmo, sob o argumento de que “homem é sempre tarado”²⁶² e consente em seguir o que determinava a avó. Porém, após casar-se, a neta apresenta alguma inibição diante do marido, buscando respeitar os conselhos da avó, mas logo cede às carícias e às modalidades sexuais, as quais havia sido preventivamente aconselhada a não fazer. No dia seguinte, ao ser questionada pela avó como havia sido a noite, esclareceu que fez justamente o oposto do previamente combinado e o elemento

²⁵⁹ Não foi localizada menção nas revistinhas ou na literatura sobre o tema.

²⁶⁰ Título de 1967 com 32 páginas de conteúdo.

²⁶¹ A masturbação, o sexo oral e anal foi repellido. (ZÉFIRO, Carlos. *Conselhos Quadrados*. Rio de Janeiro, 1967).

²⁶² ZÉFIRO, Carlos. *Conselhos Quadrados*. Rio de Janeiro, 1967.

cômico e crítico está na revelação de que, mesmo após intensa noite de sexo, manteve a virgindade vaginal. Encerra-se o conto.

A ressaltar o papel dos homens na história (avô e marido da neta), que cumprem o mesmo papel em ambas as situações, tendo a mesma moral e os mesmos desejos, independentes da geração à qual pertencem. Quando a jovem recém-casada (neta) empenha-se na prática do sexo oral, o marido a compara a uma “profissional”. Definitivamente, não creio no feminismo de Carlos Zéfiro, mas louvo sua habilidade em zombar e questionar tabus e moralismos. Além disso, pelo conto da vovó e da netinha, fica representada a disparidade de atitude entre as mulheres mais velhas e mais jovens. As mais velhas, a despeito do desejo, respeitavam certas normas para a prática sexual; já as novas não sucumbiam a tabus e hipocrisias.

Considerando-se que Carlos Zéfiro nasceu em 1921, como apontam seus biógrafos, iniciou a feitura dos quadrinhos eróticos quando já tinha mais de 35 anos, um “não jovem”, portanto. Seus desenhos e histórias, por sua vez, parecem (ao menos aos olhos de hoje) feitos por qualquer adolescente. Sendo assim, o espírito perturbador, questionador e, mesmo, anárquico das historinhas eróticas condizia com o que parte daquela juventude expressava ao transviar-se. As revistinhas de Carlos Zéfiro, creio terem sido atraentes aos “transviados”, pois não há como não imaginar que especialmente os adolescentes e jovens tidos como da “juventude transviada” não fossem aqueles que faziam chegar aos seus colegas os “catecismos” e que suas histórias não fossem assunto de suas rodas de conversas²⁶³.

O trabalho de Carlos Zéfiro contribuiu para esclarecer curiosidades sexuais de muitos jovens, assumindo o autor com o papel de “orientador sexual” (GONÇALO JR., 2008, p. 322) para aquela juventude. Seus trabalhos preencheram a lacuna do sexo na literatura romântica e popular da época²⁶⁴ possibilitando a experimentação da sexualidade num plano imaginário e físico, servindo também de estímulo ao desejo e ao erotismo de quem consumia as revistinhas. As historinhas de Carlos Zéfiro, apesar de românticas em alguns números, falavam do sexo pelo sexo, o que era uma pauta certamente tabu em muitas casas, escolas e até alcovas. Além disso, quando, por exemplo, escrevia histórias “pecaminosas” em que padres e freiras envolviam-se

²⁶³ Esse é apenas um esforço de imaginação. Não encontrei qualquer evidência nas fontes que fossem os jovens “transviados” os que mais compravam ou que faziam circular as revistinhas.

²⁶⁴ Refiro-me, principalmente, aos romances de bolso e às fotonovelas – que simplesmente conduziam a história até o momento do sexo, encerrando-a nesse ponto, ou o saltavam com uma passagem de tempo, dando apenas a entender que poderia ter havido um encontro mais íntimo entre os personagens.

sexualmente, ironizava não só os clérigos como a mensagem católica de repressão ao sexo e ao consumo dos próprios quadrinhos. Os “catecismos” ofereceram aos jovens um contraponto à experiência sexual e ao questionamento dos tabus associados ao prazer.

2.6) Jornais e Televisão

Jornais e televisão tiveram participação díspar no que corresponde aos estudos sobre as causas da “juventude transviada”, segundo os intelectuais que a estudaram a época.

Os impressos estavam associados ao “transvio” de todas as formas, pois divulgavam os casos (concentrando o maior volume de informações sobre a experiência do “transvio” no Brasil), como os produtos culturais relacionados (anúncios, críticas, matérias, etc.) e era também espaço de debate sobre o fenômeno. Logo, a participação desse meio está presente em toda a discussão desse texto.

Napoleão Teixeira apontava os jornais como um dos principais causadores da delinquência juvenil característica do final dos anos 50. Ao noticiarem os casos envolvendo os “transviados”, os jornais ajudavam a propagar o comportamento. Além disso, o tom sensacionalista adotado pela “má” imprensa “trabalha a mente dos que a lêem – e os menores a lêem sempre – constituindo-se num poderoso elemento psico-desagregador e de perversão: fator criminogenético sério, que [poderia] induzir ao delito menores, ‘predispostos’ ou não”. (TEIXEIRA, 1966, p. 34)

A televisão, de seu lado, era um veículo com penetração limitada durante a fase mais efervescente da “juventude transviada” (1958-1964). O acesso aos aparelhos televisivos em massa só ocorreu entre os brasileiros no final dos anos 1970 e início dos 1980, portanto, na década de 1950, a programação de TV pouco pautava a vida cultural do país. Apesar de inaugurada no Rio de Janeiro em 1950, as transmissões de TV, por exemplo, só aconteceram na cidade de Fortaleza 10 anos depois, 1960, e em outras cidades, como Cuiabá, palco da “juventude transviada” (MACHADO, 2006), apenas em 1969. De todo modo, o Brasil, a essa época era o país latino americano com o maior número de aparelhos de televisão, já demonstrando que o meio acenava para uma penetração promissora no país. Do rádio vieram as principais referências para a organização da programação televisão. Produtores, diretores e artista migraram daquele meio ou conciliaram o trabalho.

No que diz respeito à relação da televisão com a “juventude transviada”, a crítica recaía exatamente sobre essa transferência de profissionais que podiam levar consigo todos os “males” já identificados nas transmissões radiofônicas, agravando-se, no entanto, o uso da imagem, reconhecida como mais perigosa e perniciosa às mentes juvenis que qualquer texto de voz.

Destaque especial merece, agora, a influência da televisão sobre o psiquismo da criança e do adolescente. Quando má em particular. Inexperiente, sugestionável, crédula, imaginativa em demasia, dona de acentuado espírito de imaginação, impressionabilidade fácil, débil, seu poder inibitório de vontade a reações motoras irrefletidas – eis algumas facetas da psique infantil. Disco virgem sobre o qual se gravam, com facilidade, impressões boas ou más. Fácil compreender o que poderá ‘gravar’, na cera mole da sua almazinha, essa sub-TV que ‘grassa’ por aí ... (TEIXEIRA, 1963, p. 117)

Num tempo em que se discutia se a televisão iria ou não decretar a morte do cinema, havia ainda a preocupação de que, por meio da TV, os filmes alcançassem maior público e, por decorrência, fossem mais efetivos no seu poder de influência sobre os jovens. Inclusive, porque as pessoas teriam acesso a uma programação de modo mais reservado “num aposento, [com] luz apagada, [e] atenção concentrada” (TEIXEIRA, 1963, p. 116), sem qualquer vigilância.

Napoleão Teixeira apresentava ainda estudos que associavam o consumo de TV a algumas doenças, como a epilepsia, crises convulsivas, dores de cabeça, insônia, loucura e suicídio. Porém, apesar de relacionar a televisão a uma perda de sentidos e à rebeldia juvenil, isso se daria potencialmente num futuro próximo e não propriamente naquele momento de latência da rebeldia sem causa e centrada no final dos anos de 1950 e 1960, e tanto o é que o médico não a elenca como causa no livro *Juventude transviada*. A “juventude rebelde sem causa” não coube nos tubos de imagem da Panasonic (a mais famosa até então).

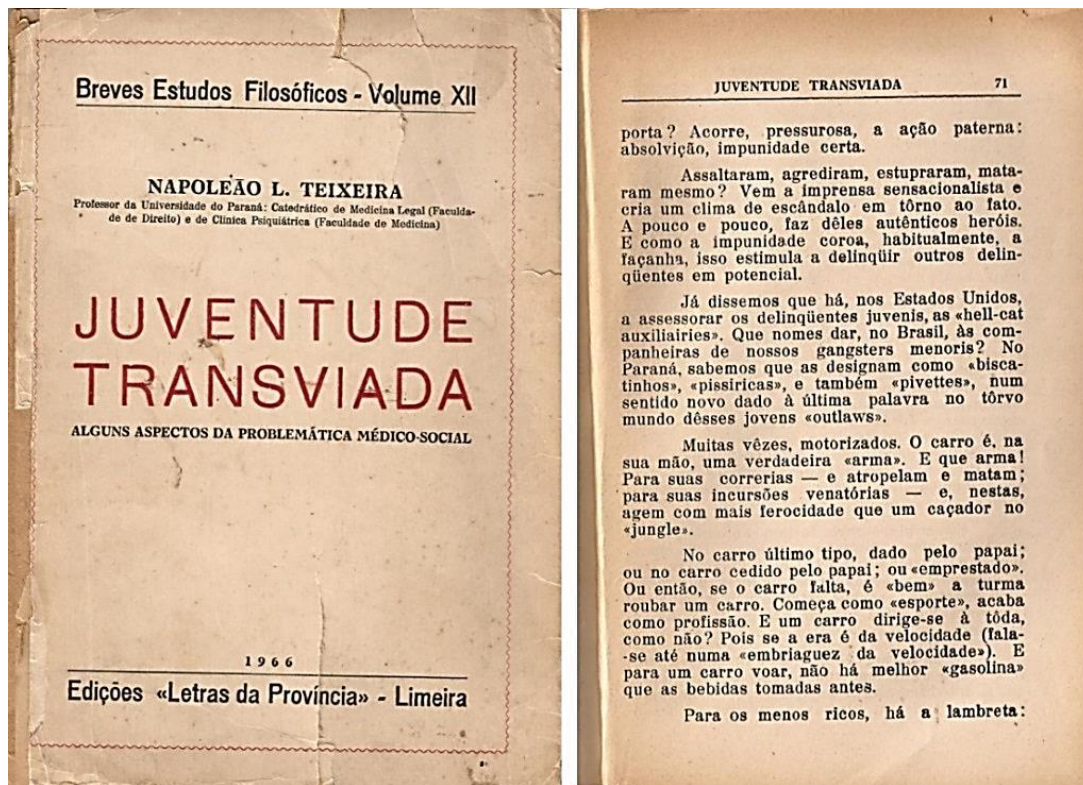


Figura 11 – Capa e interior do livro de Napoleão Lyrio Teixeira sobre a “juventude transviada”, 1966.



Figura 12 – Cena do filme *Sementes da violência*, 1955. (Imagem retirada da Internet)²⁶⁵

²⁶⁵ Disponível em: < <http://www.imdb.com/title/tt0047885/> > (Acessado em 10 ago. 2013)



Figura 13 – Jovens concentrados após a exibição do filme *Ao balanço das horas* na Rua Augusta. *Folha Express*, 1957.²⁶⁶



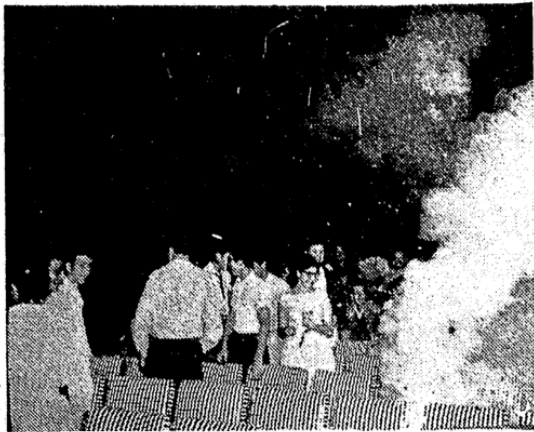
Figura 14 – Jovens em frente ao Cine Rian, na av. Atlântica em Copacabana, esperando a estreia de *Ao balanço das horas*. *O Globo*, 1957.²⁶⁷

²⁶⁶Disponível em: <<http://euelaocoeoaffairredivivo.blogspot.com.br/2010/07/enquanto-isso-em-1956.html>> (Acessado em 15 ago. 2013)

²⁶⁷ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/bairros/icones-das-salas-de-rua-de-copacabana-5401228>> (Acessado em 15 ago. 2013)

SEGUNDO ATO DE UM TRISTE E DEPRIMENTE ESPETACULO

Grupos de jovens voltaram a provocar algazarras ao ritmo do "Rock and roll" — Expulsos do cinema, promoveram desordens na rua Augusta — Delegado arbitrário prende jornalistas



Inseticidas que produzem fumaca foram queimados em plena platéia. Os meninos acham graça do espetáculo...

As algazarras promovidas por grupos de rapazes e moças, antecorrem, num cinema da rua Augusta, onde está sendo exibido um filme que apresenta o novo ritmo norte-americano denominado "Rock and roll", repetiram-se ontem, provocando a intervenção dos policiais que para ali foram destacados. Duas vezes a sessão foi interrompida, em consequência das cenas que se verificaram na platéia. Os moços não chegaram a dançar, pois a vigilância dos policiais (quase duas dezenas) era constante. Entretanto, o barulho que faziam eram ensurdecedor: gritos, bater de pés, palmas, tudo ao mesmo tempo.

Os policiais que se movimentavam constantemente na sala de espetáculos passaram, a certa altura,

a ser hostilizados. Cada vez que um deles passava ouvia-se e gritos de "fora os tiras" e o bater de pé aumentava. Na primeira interrupção do filme, o delegado encarregado do policiamento fez um apelo aos moços, pedindo que não continuassem com as cenas. Instantes depois, a algazarra aumentou ainda mais; bombinhas esportavam, galgas de boca entravam em cena e de diversos pontos da platéia surgiram rolos de fumaca de inseticida.

Novamente interrompida a sessão, o delegado Sertorio Canto, encarregado do policiamento, determinou que fossem retirados todos os menores de 18 anos. A sessão continuou sem mais incidentes e teve início um novo espetáculo, desta

vez na porta do cinema, onde os meninos e moços passaram a promover toda a sorte de estrepolias.

TRANSITO INTERROMPIDO
O numeroço grupo retirado da sala de projeção era constituído, em sua grande maioria, de rapazolas e moças, quase todos usando calças "blue jean" e puloveres (aparelho do intenso calor) que traziam em volta do pescoço ou da cintura. Começaram os protestos. Reclamaram contra a medida policial, alegando que haviam pago ingresso e a expulsão fora "um desrespeito à lei..."

Novamente os policiais entraram em cena, pedindo que os moços se retirassem. Os apelos eram respondidos ora com vaías, ora com aplausos. O grupo afastava-se da porta do cinema para logo mais voltar, em tremenda algazarra. Em pouco tempo, a rua Augusta transformou-se em salão de danças, com os moços a dançar e a gritar "rock, rock, rock!"

Dali para os atos mais atrevidos, foi um passo. Subiam nos para-brisas dos autocarros, nos muros de algumas residências e cercavam todos os veículos que surgiam de uma das ruas transversais da Augusta. Os policiais, um tanto atarantados e extremamente gentis, continuavam pedindo que voltassem para casa. Avanços dos onibus electricos foram retiradas do lugar, provocando a paralisção do transitio.

PRISÕES
O "show" dos garotos ia num crescendo e muitos deles já falavam em invadir casas comerciais. Um garoto de seus 14 anos convidou varios companheiros para "ouvir "rock" na loja de discos" e como os outros argumentassem que os "tiras" estavam bravos, ele retrucou que não tinha importancia. "Nós somos muitos, boboi!"

Os proprietários das casas comerciais começaram a descer as portas, tudo sob vaías ensurdecedoras. Já passava das 17 horas (a expulsão se deu por volta das 15 h 30) quando um commissario do Juizado de Menores resolveu intervir, tentando dis-

olver o grupo. Um dos rapazolas acertou um soco no rosto do commissario e os policiais que estavam proximos intervieram, detendo o garoto. Levantou-se uma tremenda onda de protestos e alguns mais afolto chegaram a querer arrancar o companheiro das mãos dos policiais. Encontraram resistencia e desistiram, em parte, pois havia alguns que insistiam, dizendo que aquilo era uma arbitrariedade. Assim mesmo, o rapaziño foi levado ao Juizado de Menores. Logo depois, outras detenções foram feitas. Por volta das 17 h 30, os moços começaram a debançar, ao mesmo tempo que chegava ao local uma viatura do Corpo de Bombeiros, solicitada pelo Juiz de Menores.

POLICIAMENTO EXCEPCIONAL

A exhibição do filme com o ritmo do "Rock and roll", em 9 cinemas da capital, mobilizou, na tarde e na noite de ontem, nada menos de 193 policiais do Departamento de Investigações. A fim de evitar as ocorrências registradas antecorrem, no cinema da rua Augusta, foram tomadas medidas excepcionais. As instruções dadas aos policiais foram no sentido de que deverão ser detidos e postos em carros de preso todos os promotores de algazarra nos cinemas. Se forem menores, os detidos deverão ser encaminhados ao Juizado de Menores.

PRISAO ARBITRARIA DE JORNALISTAS

Pouco depois das 18 horas de ontem, quando pretendiam entrar no Cine Ipiranga, os jornalistas Rui Geishefer e Bráulio Iorio, do jornal "Ultima Hora", foram impedidos de fazê-lo pelo delegado Renam Bastos, adjunto de Contravenções Penais, em serviço no local. Como os jornalistas protestassem, pois haviam comprado os ingressos, o delegado gritou em alto brado que tinha autorização do governador para não deixar entrar jornalistas. E acrescentou, evidentemente referindo-se às FOLHAS, que "voçês já perderam um mandado de segurança" e outro não adiantará nada". Equivoçou-se, naturalmente, pois quem na verdade perdeu foi o governador, que recuou de sua arbitrariedade inicial.

A cena da discussão entre o delegado e o reporter foi fotografada, o que motivou uma reação violenta por parte do primeiro, que arremçou para arrancar a maquina das mãos do fotografo Bráulio Iorio. A segunda cena foi registrada pelo fotografo Francisco de Carvalho Henriques, da revista "Manchete". Foi quando o delegado Renam Bastos, num ato arbitrario, prendeu os três jornalistas e conduziu-os ao D.I., onde foram levados à presença do diretor, sr. Paulo Leite Pereira. Ponto denovo, os jornalistas foram dispensados, pois, como sempre, tudo não passou de "um lamentavel equivoço" (outro) de um delegado arbitrario...



Gritando e dançando o "Rock and roll", os rapazes cercavam os veiculos que transitavam pela rua Augusta

Figura 15 – Matéria sobre a confusão durante a exibição do filme *Ao balanço das horas* em um cinema na rua Augusta, em São Paulo. *Folha da Manhã*, 1959.

O momentoso problema das HISTÓRIAS EM QUADRINHOS



Ilustrações de péssima qualidade e quase sempre representando cenas de violência ou de horror, caracterizam este tipo de leitura.



Outra mostra das péssimas cenas de que estão cheias as chamadas revistas em quadrinhos.



Figura 16 - Ilustrações do trabalho de Fredric Wertham sob os males dos quadrinhos.

Mundo Melhor, 1958.

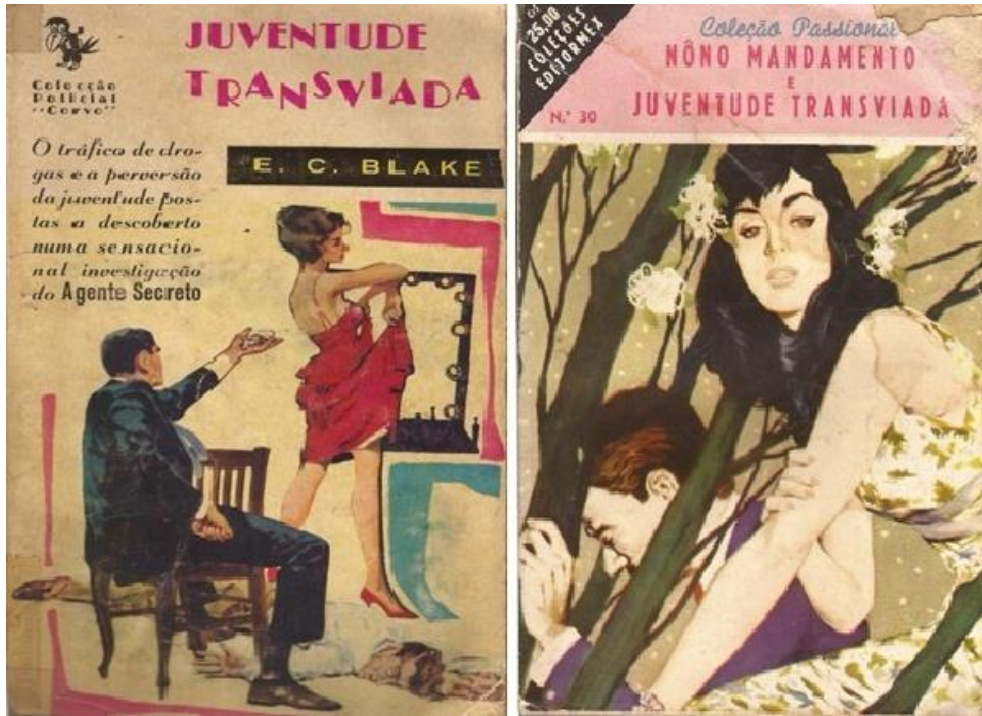


Figura 17 – Dois frontispícios de livros de Bolso. *Juventude transviada* de E. C. Blake (s/d) é uma história em formato de texto. *Nono Mandamento e Juventude transviada* de Carlos Z. Hernandez (s/d) é uma história em formato de quadrinhos.

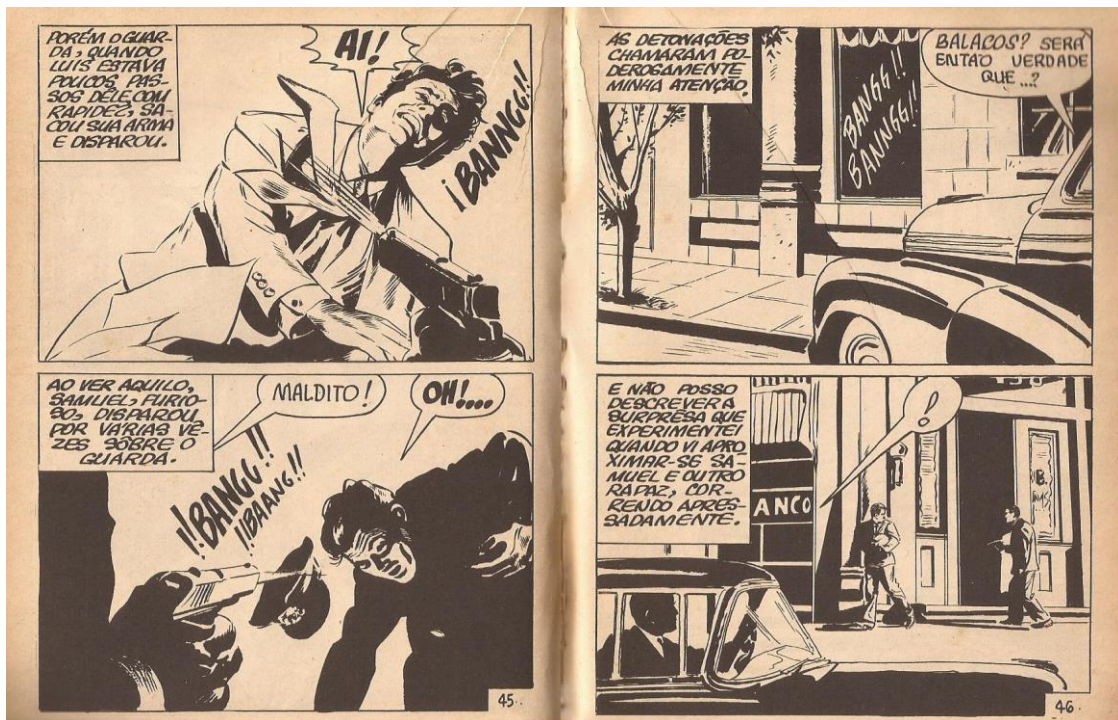


Figura 18 - Conteúdo da trama policial do número *Nono Mandamento e Juventude Transviada*.

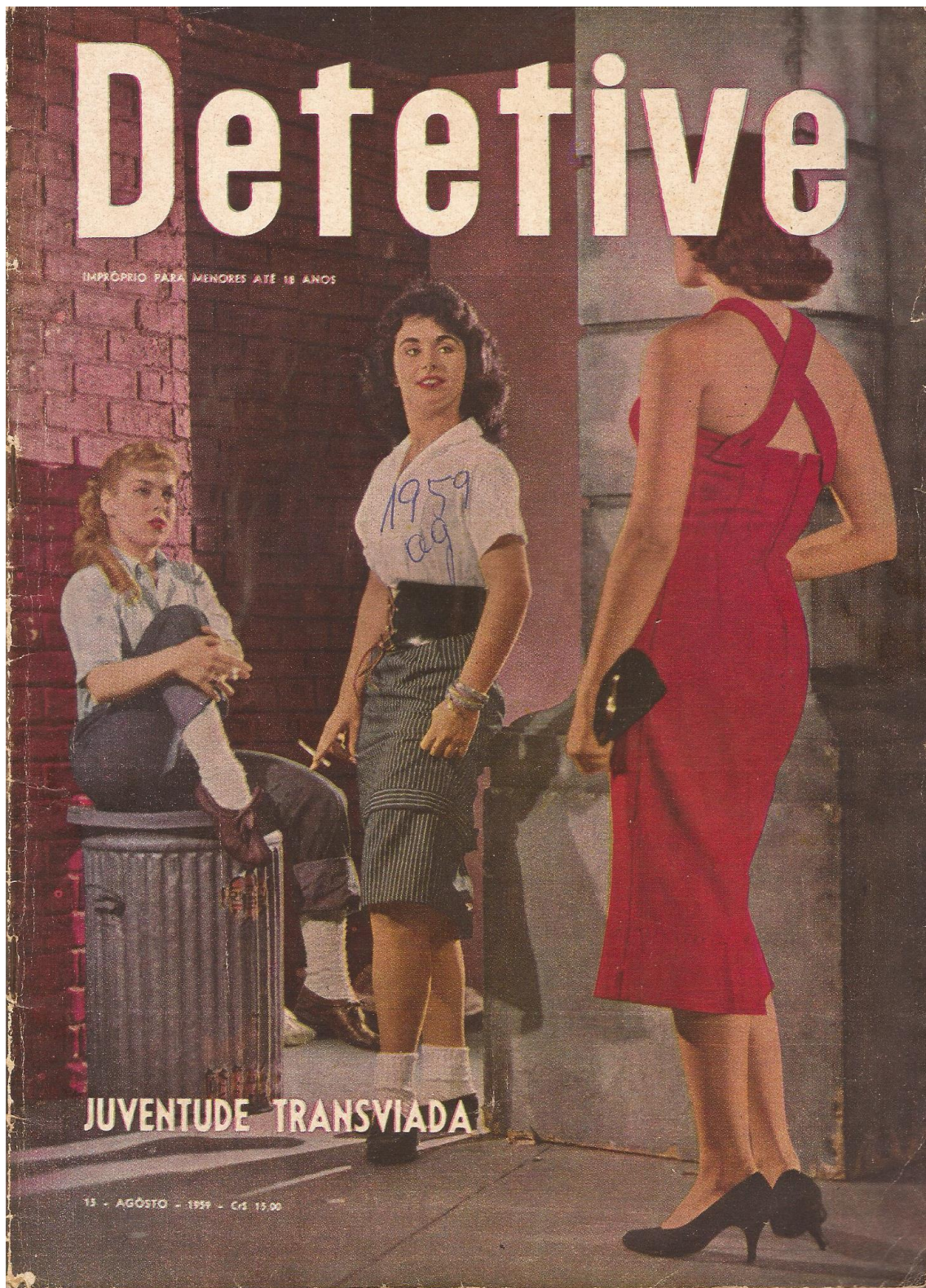


Figura 19 - Detalhe do aviso de proibido para menores de 18 anos e associação incomum entre personagens femininos e a “juventude transviada”. *Detetive*, 1959.



Figura 20 - Mosaico com cenas de *Conselhos Quadrados* de por Carlos Zéfiro, 1967.

CAPÍTULO III

*Entrei na rua Augusta a 120 por hora
Botei a turma toda do passeio pra fora
Fiz curva em duas rodas sem usar a buzina
Parei a 4 dedos da vitrina... Legal*

*[Refrão] Hi! Hi! Johnny, Hi! Hi! Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo*

*Meu carro não tem breque não tem luz não tem buzina
Tem três carburadores todos os três envenenados
Só para na subida quando acaba a gasolina
Só passa se tiver sinal fechado... Bha.*

*Toquei a 130 com destino à cidade
No Anhangabaú botei mais velocidade
Com três pneus carecas derrapando na raia
Subi a Galeria Prestes Maia... Tremendão*

(Rua Augusta - Hervé Cordovil, 1963)

Juventude transviada: outros sujeitos e mais causas

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar as causas não midiáticas que foram elencadas como responsáveis pelo “transviamento” da juventude brasileira, segundo os intelectuais que opinaram sobre a questão na imprensa e em obras acadêmicas. Inicialmente, evidencio que o contingente de jovens em condição de vulnerabilidade social foi também apontado como exemplo de “juventude transviada”, ainda que não o fosse²⁶⁸. Defendo que a imprensa e os intelectuais apropriaram-se da atenção dada à “juventude transviada” para cobrar do Estado brasileiro ações que minimizassem a presença de jovens pobres vivendo em condição de abandono e/ou praticando delitos nos centros urbanos. Em seguida, discuto como a principal instância de socialização, a família, era apontada como responsável pelo comportamento inadequado da juventude. Sem atenção e vigilância dos pais, os jovens formavam

²⁶⁸A menos se compreendermos a “juventude transviada” como um tipo de cultura juvenil, caso deste trabalho.

gangs, consumiam álcool e tóxicos e praticavam sexo fora dos padrões convencionados. Para encerrar, uma breve discussão sobre o fim da “juventude transviada” no Brasil, no final da década de 1960.

Novamente, privilegiei o médico Napoleão Teixeira como principal interlocutor, pois, apesar de dedicar maior ênfase às mídias, apontava a “ausência da família”, “ausência da religião”, “ausência de ideologia”, “pobreza”, “má educação”, o “consumo de toxicomaníacos” e a “formação de bandos” como as outras causas do “transviamento” da juventude brasileira.

3.1) Pobres transviados

Em 1958, o então estudante de direito Enélio Lima Petrovich²⁶⁹ editou um livro com o objetivo de transcrever trechos e acrescentar comentários a uma conferência do Ministro do STF, Nelson Hungria,²⁷⁰ ocorrida em 12 de agosto de 1958 na cidade de Natal. A palestra durou cerca de duas horas e teria impressionado os presentes, haja vista que o “Sumo Pontífice do Direito Penal Brasileiro” (PETROVICH, 1958, p. 13), através de palavras “fáceis, eruditas e sarcásticas” (PETROVICH, 1958, p. 13), conquistou a plateia e provocou uma série de debates posteriores. Os assuntos abordados pelo ministro foram: a) as falhas existentes na chamada Lei de Imprensa e no precário Tribunal do Júri; b) o caso da rua dos Torneiros, que culminou com a morte do Presidente Vargas; c) o atual sistema de governo e o descaso com os problemas educacionais; d) a ineficácia dos psicostestes (defendidos pelo prof. Emílio Mira y Lopez) para a avaliação dos criminosos; e) os limites da Psiquiatria para o estudo do criminoso; f) o “transviamento” da juventude brasileira. (PETROVICH, 1958, p. 14). O livro chamou-se *Nelson Hungria e Juventude transviada: impressões de uma conferência*. Além do já descrito, a obra reúne cartas do próprio ministro e de outros intelectuais, como o médico Napoleão Teixeira, que tiveram acesso ao conteúdo antes da publicação.

²⁶⁹Enélio Lima Petrovich é advogado de formação, pesquisador e autor de diversos artigos e livros sobre a história e a cultura potiguar. Pelos seus trabalhos, foi eleito, em 1973, membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e ao longo de 49 anos presidiu o IHG do Rio Grande do Norte. Faleceu em janeiro de 2012, aos 77 anos.

²⁷⁰ Era livre-docente em Direito penal e considerado um dos maiores juristas brasileiros. Durante sua carreira foi delegado de polícia, juiz de direito, desembargador e ministro do STF de 1951 a 1961. Deixou diversas obras publicadas.

Enélio Lima Petrovich esboçou ao menos duas grandes discordâncias em relação à opinião de Nelson Hungria sobre os jovens “transviados”.

A primeira referiu-se à polêmica em que o ministro envolvera-se com o médico cubano radicado no Brasil, Emílio Mira y Lopez. Nelson Hungria discordava que a Psiquiatria ou a Psicologia pudessem trazer benefícios determinantes para a avaliação e o tratamento dos delinquentes juvenis. Opondo-se, especialmente, às técnicas da hipnose e à aplicação de psicotestes para revelar traços de personalidade, níveis de inteligência ou maturidade, como defendido pelo médico cubano.²⁷¹ O ministro também questionava a seriedade dos estudos desenvolvidos por Sigmund Freud, cuja obra definia como “misticismo hebraico acasalado com metafísica alemã” (PETROVICH, 1958, p. 9).

²⁷¹ BIOLOGIA e Medicina. Reputação do professor Mira y Lopez ao ministro Nelson Hungria, em defesa da psicologia e da psiquiatria. *Folha da Manhã*. São Paulo, 19 set. 1958, p. 7. A discordância parecia extrapolar os limites da discussão acadêmica e alcançar a esfera política. Em jogo uma defesa do Código Penal Brasileiro (reformado em 1940) com contribuição de Nelson Hungria e a autoridade sob o destino dos criminosos. Ao que se compreende no que se referia à delinquência juvenil e à discussão sobre a menoridade penal (ao qual o ministro era contrário que o limite de 18 anos fosse rebaixado), caso fosse reconhecido à eficiência dos testes psicológicos para avaliar a inteligência e maturidade dos acusados, parte da legislação jurídica precisaria modificar-se. Por exemplo, um exame poderia constar que um menor tinha a maturidade psíquica de um adulto (ou o contrário) quando cometeu determinado crime e, sendo assim, deveria ser responsabilizado penalmente pelos seus atos. O psicólogo ou psiquiatra teriam mais poder que os juizes para decidir o alcance da lei sob cada um. Vejamos como se pronunciava Nelson Hungria sobre a competência de juizes e psicólogos para definir o grau de periculosidade de um criminoso “Afora os casos de periculosidade decorrente de doença ou deficiência mental, anormalidade psíquica ou embriaguez habitual ou patológica, não devem ser chamados a opinar os psiquiatras, sempre inclinados a carrear para a órbita da psicologia normal os critérios e ilações da psico-patologia. Mesmo nos casos acima, o laudo psiquiátrico, que deve acompanhar o relatório do diretor do estabelecimento penal ou de segurança, não se substitui à decisão do juiz, pois este não perde jamais a sua faculdade de livre convencimento. Para que se não limite ao papel de um ‘convidado de pedra’, o juiz, indeclinavelmente adstrito à motivação da sentença, não pode abster-se de elementares conhecimentos de psiquiatria jurídica ou forense, procurando ter presente o que a lição da experiência científica ou judiciária tem revelado, de positivo, em torno à periculosidade dos doentes ou anômalos do psiquismo. Notadamente, deve ter em conta o que essa experiência ensina relativamente aos que apresentam periculosidade máxima, como sejam os epiléticos, ou parafrênicos, os confusos mentais, os desviados instintivos (principalmente os perversos sexuais), os maníacos excitados ou explosivos, os paralíticos gerais, os paranoides violentos, os esquizofrênicos, os histéricos larvados, os portadores de personalidade psicopática em geral, os idiotas intranquitos, os imbecis heréticos, os débeis mentais insensíveis ou irritáveis, os ébrios patológicos, etc. Deve ter igualmente o juiz uma noção suficientemente esclarecida sobre até onde vai a relativa possibilidade de cura, remissão ou atenuação da doença, deficiência ou anomalia psíquica, para poder aquilatar do mérito das conclusões periciais. Os juizes (que não devem dispensar, quando possível, uma impressão pessoal sobre o estado atual do internado) precisam de precaver-se contra os laudos psiquiátricos, nem sempre aceitáveis ou em contraste com critérios de política jurídico-social, não coincidentes com o discutível pensamento psiquiátrico. Já tive, como juiz, em mais de um caso, oportunidade de assinalar equívocos de laudos médicos sobre a cessação de periculosidade de delinquentes loucos.” HUNGRIA, Nelson. Métodos e critérios para a avaliação da cessação de periculosidade. *Revista Jurídica*, ano 4, v. 22, jul./ago. 1956, p. 5. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_39/panteao.htm> (Acessado em 19 dez. 2012)

Enélio Lima Petrovich acusou Nelson Hungria de discordar dos psicotestes propostos por Emílio Mira y Lopez apenas por razões pessoais (não disse quais), desconhecimento da teoria freudiana e dos estudos recentes que evidenciavam os avanços conquistados com a psicanálise na avaliação e tratamento de indivíduos com perturbações psicopáticas, fossem jovens ou adultos.

A segunda e mais contundente discordância entre o então estudante e o “mestre do Direito” dava-se em relação à explicação para o surgimento de uma “juventude transviada” no Brasil. O ministro ponderava que a centralidade dos investimentos do governo do presidente Juscelino Kubistchek na construção da nova capital, Brasília, implicava o abandono de outros setores do Estado, como a educação, contribuindo para formação de uma geração de delinquentes.

O autor potiguar discordou sob tais argumentos:

[O] Ministro Nelson Hungria naquela memorável noite de 12 de agosto, [...], se referindo à Juventude Transviada ou desencaminhada, como querem alguns, criticou de maneira ENFÁTICA e PEREMPTÓRIA o atual govêrno [...]

Realmente, o govêrno responde pelo transviamento ou abandono de nossa mocidade, em virtude de não dispor de métodos de ensino que satisfaçam às condições mentais da criança e do adolescente. Mas somente uma pequena e insignificante parte lhe pertence à culpa. [...]

A responsabilidade maior, isso sim, cabe à família com a sua organização enfraquecida moral e financeiramente. Esta, o Sr. Ministro deveria ter frisado e com certa altivez. Ela é que representa a fonte básica de toda a nossa formação psicológica. É no ambiente familiar onde se controlam os nossos impulsos. Se não existe a autoridade paterna ou outra equivalente que eduque ou oriente os instintos dos filhos, é bem provável que mais tarde venham eles a sofrer as tristes conseqüências [...]. E o govêrno nada tem a ver com isso. (PETROVICH, 1958, p. 18-9 – *grifos do autor*)

Ao saber da crítica, o ministro refutou:

O relaxamento do núcleo familiar, nas camadas altas e médias da sociedade, tem sido causa da juventude indisciplinada, e não da juventude transviada ou criminosa. Esta existe realmente, mas oriunda dos meios inferiores, das ‘favelas’ e ‘mocambos’ (só no Rio há 78 “favelas”, com população superior a 400.000 almas), aonde o Gôverno não leva assistência material, moral ou intelectual. O Estado, no Brasil é a causa única da criminalidade juvenil, pelo desleixo ou abandono em que deixa as classes pobres. A sua par

mínima no caso é apenas atestado de sua inexperiência. Desculpe a franqueza. (HUNGRIA, 1958 *apud* PETROVICH, 1958, p. 10)

A conferência em Natal ocorreu pouco depois da morte da estudante Aída Curi, que, como dito no primeiro capítulo, ascendeu às discussões sobre a “juventude transviada” no Brasil. Quando se divulgaram os suspeitos da morte da estudante e constatou-se que um deles, Cássio Murilo, poderia não sofrer penalidade por ter apenas dezessete anos, renovou-se com muita intensidade o debate sobre a necessidade da redução da menoridade penal no país. A questão não se centrava, especificamente, na punição de Cássio Murilo, mas, sobretudo, em como a sociedade poderia se resguardar da “juventude transviada”, de que o rapaz era exemplo, e outro contingente de jovens pobres, em sua maioria, que se envolviam em delitos e crimes. Nelson Hungria, jurista responsável pelo anteprojeto que reformulou do Código Penal em 1940²⁷², contrariava parte da opinião pública e defendia a manutenção da inimputabilidade dos menores de dezoito anos²⁷³. O ministro criticava a imprensa pelo exagero na abordagem do caso e

²⁷² Posteriormente, viria a ser um dos principais responsáveis pela reforma do Código de Menores, participando do seu anteprojeto em 1969. A mudança só ocorreria em 1979.

²⁷³ O jornal o *Estado de São Paulo*, a época, consultou a opinião do ministro sobre a “juventude transviada”, redução da menoridade penal e a ineficiência do sistema de reformatório brasileiro, vejamos o que disse Nelson Hungria. “[...] essas pessoas que pretendem reformar o Código veem o comportamento da adolescência num fato isolado e como integrantes de hordas de bárbaros, e começam a bradar vingança contra a ‘juventude transviada’ [...] o menor até 21 anos, de conduta anti-social, deve ter tratamento reeducativo, jamais a prisão, a pena-castigo.” (CRÍTICAS ao sistema reformatório do país. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 31 ago. 1958, p. 12). Segundo o advogado Carlos Alberto Menezes, que recolheu os apontamentos que o ministro Nelson Hungria fez ao Código Penal, na ocasião da sua reformulação, em 1940, defendeu inimputabilidade dos jovens menores de 18 anos porque para o ministro “em torno da menoridade nada mais deve subsistir que lembre Lombroso e sua teoria de que ‘todas as tendências para o crime têm o seu começo na primeira infância’; nada mais ainda com a ideia de ‘condenação penal’ que pode arruinar uma ‘existência inteira’. É preciso renunciar à crença ‘no fatalismo da delinquência’ e assumir o ponto de vista de que a criança ‘é corrigível por métodos pedagógicos’. Afinal, ‘a delinquência juvenil é, principalmente, um problema de educação’. Acredita que muitos jovens não seriam clientes das penitenciárias se tivessem recebido uma ‘orientação protetora’, e só conheceram da vida ‘o que ela tem de sofrimento, de privação, de crueldade, de injustiça’. Por conta disso, ‘torna-se-lhes odiosos o lar, a família, a sociedade’. Assim, que esperar deles ‘senão que se deixem resvalar pelo declive de todos os vícios, de todas as perversões, de todos os malefícios? Nesse sentido então ‘é preciso socorrê-los, salvá-los de si próprios e do meio em que vegetam, ensejando-lhes aquisições éticas, reavivando neles o sentimento de vergonha e autocensura’. Essa tarefa cabe ao ‘Estado’, mediante a aplicação do Código de Menores, sob cujas sanções ‘de caráter meramente reeducativo, devem ficar ainda nos casos de extrema gravidade, o menor de 18 anos, que comete ações definidas como crimes’. (MENEZES, 2005) Vale ressaltar que a legislação da época, como esclareceu o Juiz de Menores de São Paulo, Aldo de Assis Dias, “o Código Penal, em seu artigo, 23, diz que os menores de 18 anos são penalmente irresponsáveis, ficando sujeitos às normas estabelecidas na legislação especial. [Os] menores quando infringirem a lei, se forem infratores primários e não considerados perigosos, poderão permanecer com os pais ou responsáveis, se o juiz achar conveniente. O menor poderá ainda ser confiado a tutor a quem assuma sua guarda mandando interná-lo em estabelecimento de reeducação profissional, mas a qualquer tempo pode ser revogada ou modificada essa decisão.” (MUDAR legislação não resolve problema do menor delinquente. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 17 fev. 1964.

afirmava não haver provas perícias suficientes para incriminar Ronaldo Guilherme e Cássio Murilo²⁷⁴. Como acreditava que nem a redução da menoridade nem a condenação dos réus poderiam ocorrer sob a emoção da morte da estudante, passou a ridicularizar a existência de uma “juventude transviada” (referia-se à formada por jovens mais abastados) no Brasil e afirmava que tudo não passava de uma “fantasia”²⁷⁵ da imprensa (especialmente, carioca²⁷⁶). O ministro proferia que o estardalhaço da imprensa em noticiar a “juventude transviada” tinha apenas o objetivo de fazer crer aos brasileiros que nos assemelhávamos aos norte-americanos, inclusive na aquiescência com os problemas da juventude. Um tipo de orgulho às avessas, com o intuito de reforçar uma possível “modernidade” tupiniquim.²⁷⁷

Nelson Hungria irritava-se com a atenção exagerada dada ao “transvio” dos jovens de classe média e da elite (a quem chamava apenas de “juventude indisciplinada”), enquanto uma geração “verdadeiramente perigosa” formava-se na periferia dos grandes centros (a essa chamava de “transviada”) (PETROVICH, 1958). Já o estudante Enélio Petrovich considerava “juventude transviada” como sendo um tipo de comportamento transgressor e/ou delinquente restrito aos jovens pertencentes às camadas mais abastadas da sociedade. Por considerarem sujeitos diferentes como

²⁷⁴ Cerca de seis anos após o evento em Natal, o jurista proferiu nova palestra na cidade de Curitiba para tratar praticamente do mesmo tema, destacando-se na ocasião, sua opinião contrária a condenação, em primeira instância, de Ronaldo Guilherme (principal acusado da morte da estudante Aída Curi). O ministro afirmava que a condenação dos réus devia-se ao absurdo de se manter um tribunal do júri para o julgamento de casos de grande notoriedade. Sob a influência da imprensa, que esmiuçava determinados crimes a exaustão, o corpo de jurados condenava ou absolvía respaldando-se mais na opinião pública que em uma apreciação técnica. *Tribuna do Paraná*. Paraná, 01 nov. 1963. Disponível em: <<http://vaniocoelho.com.br/140.htm>> (Acessado em 10 set. 2012)

²⁷⁵ ‘NÃO passa de novela, de fantasia a ideia de juventude transviada’. *Folha da Manhã*. São Paulo, 29 ago. 1958, p. 7. O ministro contestou na ocasião, especialmente, que alguns crimes como a curra eram muito anteriores a “juventude transviada”, mas que aquela época os jornais estavam tratando os recentes casos como se fosse algo inédito apenas porque envolvia menores de classe média ou da elite os pobres, já conhecidos pelo seu potencial criminoso. Assim se pronunciou: “A antiquíssima ‘curra’, isto é, o estupro praticado mediante concurso de agentes, passou a ser monopólio dos menores de 17 a 18 anos e até mesmo a gíria usada pelos agentes de tais práticas é atribuída à iniciativa desses menores. Mas, na realidade, tudo isso não passa de fabulismo, de novela, de fantasia arquitetada por repórteres, que se puseram ao serviço de explorar o filão de ouro do escândalo. E o que é mais interessante, é que eles procederiam das camadas alta e média da sociedade. Os moleques das favelas, os prematuros malandros de morros, estes não constituem juventude transviada por que todo o mundo está cansado de saber que, pela incrível incúria das autoridades, eles são um produto cotidiano do submundo da criminalidade.”

²⁷⁶ OPINIÃO do ministro Nelson Hungria sobre delinquência juvenil. *Folha da Manhã*. São Paulo, 27 set. 1958, p. 2. O jurista referiu-se, provavelmente, a revista *O Cruzeiro*, que muito explorou a morte de Aída Curi, ajudando a ecoar para outras publicações o caso. Mas, reduziu equivocadamente a discussão sobre o “transvio” apenas a imprensa carioca, pois como se pode observar nesse trabalho o alcance da discussão era bem mais amplo e em todo território nacional. Em Fortaleza, por exemplo, a discussão sobre a onda de delinquência juvenil que atingia as camadas médias tornou-se pauta recorrente desde o surgimento da turma do Pinduca e dos “rabos de burro” no início dos anos de 1950.

²⁷⁷ CRÍTICAS ao sistema reformatório do país. *O Estado de São Paulo*. op. cit.

“transviados”, erroneamente acreditavam divergir sobre as causas do “transvio”. Quando bem esclarecido a quais jovens “transviados” estavam referindo-se, os pobres ou das camadas média e alta, Nelson Hungria e Enélio Petrovich tinham idêntica opinião. Para ambos, os jovens mais abastados transviam-se, primeiramente, porque lhes faltava autoridade familiar (essa ausência permitia que os jovens se aproximassem das *gangs*, dos produtos culturais “inadequados”, dos vícios, etc), enquanto os pobres o faziam porque a condição de miséria em que viviam e a falta de amparo do governo estimulavam a criminalidade.

O médico Napoleão Teixeira também observou que a diferença de classe social entre os “transviados” era determinante para a etiologia do “transvio”.

Os mais enriquecidos, chamados “*playboys*”, afora a influência da mídia, “transviavam-se”, principalmente, pela “irresponsabilidade paterna, fartura de dinheiro, abandono moral e afetivo” (TEIXEIRA, 1966, p. 20) e certeza da impunidade. Afinal, “os pais [tinham] dinheiro bastante para ‘*habeas-corpus*’, advogados, custas de processo e, mesmo, altas propinas” (TEIXEIRA, 1966, p. 20) que estimulavam o enfrentamento da ordem e das leis.

Já o jovem de classe média delinquia-se pelo acesso à mídia e porque os pais ausentavam-se cada vez mais do lar para dedicar-se ao trabalho, ao lazer e ao consumo. Sem a atenção devida, os jovens afastavam-se da escola e uniam-se em *gangs* (TEIXEIRA, 1966, p. 20).

E, finalmente, havia os desvalidos de toda a sorte, geneticamente condenados pela herança psicótica dos seus genitores, pelo corpo mestiço, e, especialmente, pela precariedade material que os aproximaria do vício, da brutalidade e da ignorância, não restando a esses, por vezes, outro caminho que não o da marginalidade (TEIXEIRA, 1966, p. 16-20).²⁷⁸

²⁷⁸ Napoleão Teixeira citou o ministro Nelson Hungria quando abordou os “transviados” pobres em seu livro: “[...] vivendo em tugúrios infectos, engendrado em ventres famélicos, com a sinistra colaboração do álcool, da sífilis, da tara hereditária; recebendo pancada, ao invés de carinho e, em lugar do mais elementar conforto, só conhecendo a insuficiência, senão a carência do pão” (HUNGRIA *apud* TEIXEIRA, 1966, p. 16) surge o delinquente juvenil, “um corolário do menor socialmente abandonado” (HUNGRIA *apud* TEIXEIRA, 1966, p. 16).

No século final do século XIX e início do século XX, teorias que explicavam a prática do crime como patologias médicas se popularizaram no Brasil²⁷⁹. Nos anos de 1950 e 1960, ainda que houvesse resquícios dessas teorias (e veremos no tópico 3.3 deste capítulo), as explicações sociológicas ganhavam cada vez maior relevância e diversos intelectuais concordavam com tese de que a pobreza era um condicionante da delinquência juvenil, discurso que, até os dias de hoje, é parcialmente considerado entre os acadêmicos e no senso comum.

O ambiente dos cortiços, favelas e mocambos eram vistos como completamente desfavoráveis à educação idealizada para a formação de um bom cidadão. Os pais e parentes seriam pessoas degradadas moralmente, cheias “vícios” e “doenças”, impossibilitadas de estabelecer qualquer relação de proteção e afeto com os descendentes. As condições de moradia, higiene e alimentação indignas contribuiriam para a revolta, a loucura e o desvio moral e ético das crianças e jovens. O quadro se agravaria ainda mais com o *deficit* de postos escolares que empurravam os menores para as ruas, onde ficavam expostos à violência. Os lares desestruturados, a fome, o ambiente das ruas e os vícios, definitivamente, transmudavam “o jovem mais puro no mais empedernido dos criminosos” (TEIXEIRA, 1966, p. 17).

O contingente de crianças e adolescentes pobres que viviam nas cidades com ou sem vínculo familiar e se fazendo de meios ilícitos (especialmente, roubo e furtos) ou abjetos (mendicância, prostituição) para sobreviver já eram um problema social que preocupava intelectuais e políticos desde o século XIX (MOURA, 1999). Nos anos de 1950 e 1960, com o aparecimento da “juventude transviada”, parte desses jovens foram também nomeados como “transviados” pela imprensa. De certo, ajudavam a ampliar os números da “juventude transviada” (bastante explorado mercadologicamente, como já comentamos), ainda que fosse um problema social completamente distinto. E essa era uma compreensão compartilhada por quem estudou

²⁷⁹ O historiador Luis Ferla, analisou a influência do determinismo biológico para a prática da medicina legal e da criminologia realizada em São Paulo, entre 1920 e 1940. Comportamentos considerados “antissociais” e “desviantes” de sujeitos “feios, sujos e malvados”, como trabalhadores urbanos, menores e homossexuais, foram objeto de teses que lhes reconhecia traços de patologia. Especificamente, em relação aos menores, as causas da delinquência juvenil foram explicadas entre razões sociológicas e biológicas. A fragilidade da célula familiar e a má influência do cinema, da literatura e de cantigas populares eram apontadas como causas sociais. A pobreza e a exclusão social recebiam menos atenção. Já os fatores biológicos seriam um conjunto de anomalias físicas e psíquicas que explicavam as alterações comportamentais ou desvio sexuais (FERLA, 2009, p. 272-276).

“transvio”. Definitivamente tratava-se de outros sujeitos, e Nelson Hungria, Enélio Petrovich, Napoleão Teixeira, por exemplo, reconheciam a diferença.

Acredito que a imprensa e muitos intelectuais tenham se aproveitado do impacto que o “aparecimento da juventude transviada” causou na sociedade brasileira para ampliar a discussão sobre “a juventude” (fosse ela “transviada”, abandonada, criminosa, analfabeta, desempregada, etc.). A sociedade e, especialmente, o Estado foram, portanto, cobrados a solucionar questões antigas como a situação de miséria e abandono de muitas crianças e adolescentes, “delinquentes” ou não, que vivam pelas ruas das grandes cidades brasileiras.

O sociólogo Sergio Muniz de Souza, em seu livro *Delinquência juvenil* (1959), aponta no quinto e último capítulo ao menos treze falhas²⁸⁰ do Estado brasileiro e do sistema penal vigente que colaboram para a ineficiência das ações de contenção e punição dos jovens em conflito com a lei. Naquela época, os impeditivos para que os jovens pobres não cometessem crimes e delitos era, principalmente, sua inserção na disciplina do trabalho, e para aqueles que já haviam “se delinquido”, o encarceramento nos reformatórios.

Sérgio Muniz de Souza considerava não haver no país à época uma produção acadêmica sistemática (quantitativa e qualitativa) sobre a relação entre o jovem e a delinquência. Pela inexistência do conhecimento, as ações políticas para a juventude soavam-lhe amadoras, voluntaristas e ineficazes²⁸¹. Apontava como solução para minimizar o que seria uma generalizada falta de profissionais formados e especializados para o trato com os menores a criação de disciplinas voltadas a essa

²⁸⁰ São: 1) ausência de pesquisas sobre os fatores que levavam o menor a delinquir-se; 2) ausência de “bons” estabelecimentos para recuperação de menores infratores; 3) falta de pessoal especializado na questão do menor; 4) leis que favorecem a delinquência como o impedimento de menores de quatorze anos trabalharem; 5) centralidade das ações de assistência ao menor apenas em âmbito estadual; 6) o abandono de menores ser de competência do Judiciário e não do Executivo; 7) o Juízo Privativo do Menor ter competência para julgar apenas o ato infracional cometido pelo menor e não contra ele; 8) a centralização dos Juizados de Menores; 9) a disciplina de Criminologia ser restrita aos cursos de doutoramento quando deveria fazer parte do currículo de ensino, ao menos, das graduações em direito; 10) ausência de cursos superiores destinados à formação de especialistas em obras assistências para menores; 11) a averiguação de crimes cometidos por menores ser de competência apenas da polícia e não dos funcionários dos Juizados de Menores; 12) a demora na atualização do Código de Menores vigente desde 1927; 13) o amparo à família em condição como prioridade em relação à internação ou adoção de crianças em situação de precariedade social.

²⁸¹ Vale ressaltar que o historiador Márcio Santos de Santana identificou entre 1926 e 1945, diversos grupos políticos de direita ou esquerda apresentavam projetos para a juventude em virtude de uma mudança no tratamento da “questão social” no processo de “modernização” do Estado. (SANTANA, 2009). Logo, a juventude já era um objeto privilegiado de estudo da intelectualidade brasileira.

discussão nas faculdades (Direito, Ciências Sociais, etc.) e a criação de cursos universitários destinados, especificamente, à formação de profissionais especializados em delinquência juvenil. (SOUZA, 1959, p. 133-6)

Segundo o sociólogo, fazia-se, também, necessária uma atualização do Código de Menores com urgência (SOUZA, 1959, p. 136). Algumas leis, ainda que *a priori* considerasse ter uma intenção positiva, tornavam-se impróprias para o contexto socioeconômico do Brasil, como, por exemplo, a lei que proibia os menores de quatorze²⁸² anos trabalharem. No plano ideal, os jovens deveriam estar na escola, mas caso não fosse possível (ausência de vagas, necessidade de complementar a renda familiar, desinteresse, dificuldades cognitivas, etc.), era melhor estarem exercendo ofícios, ainda que braçais, do que “vagando” pelas ruas. (SOUZA, 1959, p. 133). “Fugindo à escola, vagará o jovem à cata de algo que lhe ocupe tempo. A ociosidade gera o tédio, para matar o tédio, buscará algumas vezes, estimulante no crime”, também alertava Napoleão Teixeira (TEIXEIRA, 1966, p. 21-2). Logo, Sérgio Muniz de Souza defendia uma modificação na legislação permite-se que maiores de doze anos, em exceções “devidamente justificadas” pudessem trabalhar, pois, do contrário, a lei apenas colaborava para o aumento da ociosidade e da vagabundagem entre os adolescentes pobres (SOUZA, 1959, p. 86; 133). O trabalho juvenil, apesar de maléfico para a continuidade da formação escolar, era um mal menor para os filhos dos mais pobres, pois, invariavelmente, os ganhos salariais atenuariam a baixa renda de suas famílias e a disciplina do trabalho condicionariam os jovens a uma conduta mais responsável e moralmente aceitável, também, fora do ambiente de trabalho.

Outra questão elencada por Sérgio Muniz de Souza era a necessidade de construir estabelecimentos de recuperação para o tratamento dos menores que oferecesse condições adequadas para a “readaptação” dos jovens (SOUZA, 1959, p. 132). “O delinquente imaturo [deveria] ser tratado e não punido, embora muitas vezes a base do tratamento [pudesse] consistir na punição adequada” (SOUZA, 1959, p. 103). Comparando ao funcionamento do Juizado de Menores brasileiro com que observou em Chicago, constatou que havia uma grande disparidade no tratamento destinado aos menores. No Brasil, os magistrados centralizavam, por força da lei, todas as decisões em relação ao menor que se envolvia em qualquer prática ilegal, fazendo com que o

²⁸² O Código de Menores proibia o trabalho abaixo dos doze anos de idade, mas em 1932, o decreto 22.042 elevou o limite para quatorze anos. (SOUZA, 1959, p. 86)

processo durasse longo tempo. Em Chicago, um caso semelhante só chegaria ao magistrado após outros agentes como os “*juvenile officer*” (espécie de inspetor especializado apenas no trato de menores) serem acionados pela polícia no exato momento da prisão do jovem infrator. O agente destacado passava a tutelar o menor desde o interrogatório até a audiência judicial. Os jovens eram submetidos a exames médicos e psicológicos e os parentes eram entrevistados pelo agente. Quando o caso chegava ao juiz, o “*juvenile officer*” apresentava um relatório e sugeria uma sentença. Confirmada ou não pelo magistrado. (SOUZA, 1959, p. 106-8)

Além da demora dos processos, Sérgio Muniz de Souza denunciava que os menores infratores eram submetidos a interrogatórios sem assistência de um curador, tortura (palmatórias, choques, etc.), dentre outros desrespeitos à sua integridade psicológica e física. Os estabelecimentos de recuperação brasileiros também seriam completamente inadequados para o trato dos menores, pois apenas cerceavam a liberdade dos jovens sem prepará-los progressivamente para o retorno à sociedade. Apesar disso, o sociólogo não contesta que a internação, quando os jovens eram “manifestamente perigosos” ou “doentes mentais”, fosse necessária²⁸³. Sérgio Muniz de Souza, no capítulo quarto do livro *Delinquência juvenil*, apresenta, em detalhes, um projeto arquitetônico e administrativo de como deveriam ser os estabelecimentos “ideais” para a recuperação dos menores infratores, projeto que em quase nada se diferenciava das estruturas prisionais para os adultos.²⁸⁴

²⁸³ Nelson Hungria tinha posição semelhante, apesar de reconhecer, como Sérgio Muniz de Souza, que os reformatórios brasileiros funcionavam em precárias condições e descumpriam seu papel de “educar” ou “reeducar” os jovens infratores. “[...] no Brasil os reformatórios estão entregues a meros burocratas e não a educadores, [...] Como solução para o problema da delinquência, o ministro Hungria sugeriu a remodelação dos institutos de reeducação de menores. Criar-se-iam repúblicas, escolas-residências, onde o menor delinquente aprenderia a adquirir a responsabilidade de que futuramente iria necessitar na vida em sociedade, quando nela se reintegrasse” (CRÍTICAS ao sistema reformatório do país. *O Estado de São Paulo*. op. cit.).

²⁸⁴ Sessenta internos ocupariam um complexo prisional (mas que receberia o nome de “escola”) localizado em uma região agrícola não muito distante de uma grande cidade. No local, três tipos de regime poderiam coexistir: o de segurança máxima, média e mínima. No regime de segurança máxima, os menores seriam separados em “celas individuais” comuns com porta gradeada e com iluminação e ventilação externa (para os casos normais), celas com gradeamento reforçado do tipo “cafuas” (para efeito intimidatório e de prazo limitado) e celas acolchoadas e sem móveis (para os loucos, potencialmente suicidas ou acometidos de psicoses). Nos corredores, “gaiolas” gradeadas “praticamente inexpugnáveis” impediriam rebeliões e fios elétricos por cima dos muros e guaritas com vigilantes armados inibiriam as fugas. No regime de segurança média, os jovens seriam divididos em duas casas com mais ou menos 10 quartos que ficariam isoladas das demais edificações do complexo divididas por um muro alto ou uma fosso (“semelhante aos dos estádios de futebol”). As portas dos quartos seriam fechadas externamente apenas por chave e os jovens poderiam circular entre o refeitório, a sala de estudos e trabalho com relativa liberdade. Já o regime de segurança mínimo, grupos de 10 menores

É difícil mensurar, a partir do recorte documental que estabeleci para esse trabalho, até que ponto os debates sobre a “juventude transviada” mobilizaram ações “concretas” para a contenção da delinquência juvenil.

Para fazer algumas considerações nesse sentido, novamente recorro ao recurso de circunscrever a questão apenas à cidade de Fortaleza, a fim de levantar hipóteses mais embasadas.

Na imprensa fortalezense, eram recorrentes menções aos menores “abandonados”, “delinquentes”, “que usam tóxicos”, “órfãos”, “desamparados” (viviam em com suas famílias em condições de pobreza, necessitando de assistência social para sobreviver), “que se prostituem”, “trabalhadores”, etc. Esses jovens, vez ou outra eram chamados de “transviados” (ver figura 22), especialmente os “delinquentes”, mas não eram o que se chamava de “juventude transviada”, e a imprensa também comungava dessa leitura. Quando em março de 1964, o jornalista Agladir Moura, de *O Povo*, fez uma série de reportagens para responder “De onde veem os delinquentes?”, dedicou a última, das sete matérias que publicou em sequência em dias alternados, para falar sobre a juventude delincente “de classe média ou proletária”²⁸⁵, já que, até então, só havia falado predominantemente dos “*playboys*”. O jornalista Juarez Temóteo também havia feito a distinção na sua série de reportagens “O crime de calças curtas” (que originou o livro de que tratamos no primeiro capítulo).

É possível observar, também, a distinção feita entre os “transviados” “pobres” e “abastados” quando se analisa, a partir da imprensa, o funcionamento dois reformatórios de menores (Instituto Carneiro de Mendonça²⁸⁶, Centro de Reabilitação de Menores e Núcleo de Menores do Antônio Bezerra²⁸⁷) e um asilo de menores (Dom

habitarium casas protegidas apenas por cercas (usadas em sítios e fazendas) e no lugar de vigilantes seriam acompanhados por um casal. As chaves dos quartos seriam entregues aos próprios ocupantes e as janelas não teriam grades. O complexo teria também um edifício em forma de U que centralizaria a administração das unidades. Os croquis apresentados no livro lembram o modelo prisional (ver figura 21) lembram a divisão espacial identificada por Michel Foucault na obra *Vigiar e Punir* (1987).

²⁸⁵ MOURA, Agladir. De onde vêm os delinquentes? As classes média e proletária sofrem e desajustam-se com os contrastes sociais. *O Povo*. Fortaleza, 7 mar. 1964, p. 02.

²⁸⁶ Inaugurado em 1938, era ligado ao SAM, e se localizava em Maracanaú (região metropolitana²⁸⁶), onde também se localizava um instituto prisional (Colônia Antônio Justa) e um hospital psiquiátrico (Sanatório de Maracanaú). Em 1956, a instituição contava com 300 internos, todos do sexo masculino, que recebiam assistência médica, educacional, religiosa e psicoterapêutica, em tempo integral. Era dirigido por um padre. (EM fase de ampla reorganização o Instituto Carneiro de Mendonça. *O Povo*. Fortaleza, 23 mar. 1956, p. 6).

²⁸⁷ Inaugurado em 1958 com a promessa de por meio de métodos modernos “recuperar os jovens transviados” e “transformar os delinquentes juvenis em homens”, ficava localizado no bairro Antônio

Pastor²⁸⁸) em Fortaleza. Juarez Temóteo, certa vez, anunciou em uma manchete que, em 1957, a Polícia havia registrado três mil casos de “juventude transviada”, mas o conteúdo do texto evidencia que 90% dos casos nada tinham haver com os “playboys”. A maioria das ocorrências referiam-se a pequenos assaltos e roubos ocorridos nas ruas e zonas de comércio da cidade, e ao “maconhismo” e uso de outras substâncias entorpecentes por menores. O então Juiz de Menores de Fortaleza, Banhos Neto (que viria a ser prefeito e que, entre outras promessas, garantia acabar com “juventude transviada”), esclareceu a Juarez Temóteo que grande parte dos “delinquentes juvenis” presos permaneciam nas delegacias algum tempo e, logo depois, eram soltos porque não havia para onde enviá-los, já que as vagas nos dois reformatórios eram insuficientes. Mas, mesmo quando recolhidos para essas instituições, não eram raras as fugas²⁸⁹. O jornal *O Povo*, em 1959, denunciou que, no Instituto Carneiro de Mendonça, não havia “jovens delinquentes”, mas jovens pobres que lá ingressavam com a ajuda de “pistolão” para receber alguma formação educacional e moral que a família não tinha condições de oferecer, “fugindo às suas finalidades” e que o Núcleo de Menores, que deveria atender no máximo quarenta e oito internos, já possuía sessenta²⁹⁰ um ano depois de inaugurado.

A partir dos relatos da imprensa, é difícil supor que algum menor “delinquente” mais abastado estivesse recolhido em qualquer um dos reformatórios de Fortaleza. Assim como os “playboys” (já adultos), não ficavam por muito tempo nas cadeias e penitenciárias, haja vista a recorrente menção à impunidade, que seria um privilégio deles.

Concluo, portanto, que a “juventude transviada” mobilizou muitas estatísticas, discussões e “projetos” pelo fim da delinquência juvenil, mas, efetivamente, havia um contingente de jovens pobres e “desassistidos” que incomodava mais a

Bezerra em Fortaleza e a princípio atenderia cerca de 50 internos e era dirigido por um coronel de polícia. (RECUPERAM-SE em A. B. transviados ‘sem lambreta’. *O Jornal*. Fortaleza, 12 ago., 1958, p. 6; PONTE, Flávio. O Núcleo de Menores transforma no homem de amanhã o delinquente de hoje. *O Povo*. Fortaleza, 4 de ago. 1958, capa. A julgar pelas fotos que os jornais publicavam, as instalações do Núcleo eram muito simples e a maior parte dos internos eram pré-adolescentes. (ver imagem 23)

²⁸⁸ Inaugurado em 1925 pela congregação religiosas da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, localizava-se no bairro Jacarecanga em Fortaleza, e a época atendia menores de “má conduta” em regime de semi-internato.

²⁸⁹ TEMÓTEO, Juarez. Cresce a legião de criminosos de calças curtas. Juventude Transviada, 1957. Três mil casos na Polícia. *Correio do Ceará*. Fortaleza: 12 jan. 1958, capa.

²⁹⁰ O INSTITUTO Carneiro de Mendonça foge as suas finalidades. *O Povo*. Fortaleza: 4 maio 1958, capa.

sociedade e concentrava as deficitárias ações do Estado para a juventude, fossem elas de “assistir” ou de “punir” os jovens.

3.2) Órfãos de pais vivos: as causas familiares do transvio

No livro *Memórias de um repórter* (2004), o jornalista Fernando Pinto relembra momentos especiais e emblemáticos da sua carreira²⁹¹. Assim como outros de sua época, começou a trabalhar na imprensa por necessidade financeira e pelo desejo de tornar-se escritor ficcional de prestígio como Ernest Hemingway ou Jorge Amado. Sem formação superior em jornalismo,²⁹² seu ingresso numa redação de jornal foi possível graças ao bom domínio do idioma. O aprendizado como repórter se deu, eminentemente, na prática. (PINTO, 2004)

As reportagens investigativas – algumas, inclusive, de cobertura de guerra – são aquelas a que mais se reporta nas suas memórias. Ele incluiu entre seus melhores trabalhos a série de reportagens intitulada “Os sete pecados da juventude sem amor” publicada no *Jornal do Brasil*. A reportagem é o resultado de uma “missão” encomendada em 26 de fevereiro de 1966 pelo então editor-chefe do *Jornal do Brasil*, Alberto Dines. Inconformado com as confusões promovidas por “*playsboys*” no último carnaval (quebra-quebra em clubes e brigas de rua), o editor desafiou Fernando Pinto a infiltrar-se no seio da “juventude transviada” carioca. O jornalista antecipa suas férias e faz um roteiro de cinco dias que acabou se estendendo por quase dois meses de pesquisa de campo. (PINTO, 2004).

Segundo Fernando Pinto, esconder sua identidade não foi tão difícil quanto imaginava e, para parecer um “jovem que odeia o mundo”, também não. Tomou “tóxicos e participou de reuniões escabrosas” (PINTO, 1966, p. 13) até ganhar a confiança dos jovens “gabolas”. Para não se dispersar em meio à investigação, estabeleceu um guia de questões a responder. Foram elas: por que um jovem odeia (se rebelar), mata, se deprava (prática sexo apenas por prazer e com vários parceiros), perde a fé, rouba e consome álcool e tóxicos (PINTO, 1966). Antes da empreitada, compartilhava com as leituras que comparavam os jovens “transviados” a “marginais”,

²⁹¹ Iniciada em 1953, no jornal paulista *O Dia*, e consolidada no carioca *Jornal do Brasil*.

²⁹² Curso raro e não obrigatório na época para o exercício da profissão.

mas, após a pesquisa, convenceu-se de que não passavam de “desgraçados”, que não haviam recebido a devida atenção da família e da comunidade às quais pertenciam. A “Juventude sem amor” (JSA) ²⁹³, como preferiu chamar a “juventude transviada”, segundo o jornalista, era formada tanto por jovens “perdidos do rumo”, que apenas se defendiam da degeneração social mais ampla por meio de um comportamento rebelde, quanto por jovens de má índole que, pela falta de controle e excesso de liberdade, agiam com violência. “[A] agressividade é um recurso para chamar atenção e merecer respeito dos mais velhos.” (PINTO, 1966, p. 13-4)

Antes de chegar à “célula mor do transvio carioca”, Fernando Pinto fez contatos com turmas “barras leves” e “barras pesadas” (PINTO, 1966, p. 13) da Zona Sul e da Zona Norte, espalhadas pela cidade (PINTO, 1966, p. 16). Nenhuma, no entanto, se equiparava aos “playboys da Zona Sul”, pois todos os outros grupos para lá convergiam, fosse em missão de “paz” ou de “guerra”. Desse modo, era em Copacabana²⁹⁴ que estava o maior “laboratório experimental” do “transvio” do Rio de Janeiro e do Brasil²⁹⁵. (PINTO, 1966, p. 16)

Na imprensa cearense, durante os anos 1950 e 1960, algumas reportagens longas foram produzidas com a temática da “juventude transviada”. Todas tinham como autores repórteres policiais²⁹⁶ e buscavam apresentar o “transvio” sobre várias vertentes. Entretanto, a série jornalística *Os sete pecados da juventude sem amor* possui um diferencial, por ser um conjunto de relatos extraídos de uma observação de campo, semelhante aos moldes antropológicos (inspirado no *New Journalism*), método inédito na abordagem dessa questão até então.

²⁹³ Fernando Pinto evita se referir a juventude que analisa como “transviada”, aparentemente, para não incorrer em expressão pejorativa.

²⁹⁴ Segundo Fernando Pinto, o bairro em 1966 tinha aproximadamente 400 mil habitantes e cerca de 100 mil eram jovens com idades entre 12 e 24 anos. (PINTO, 1966, 16)

²⁹⁵ Eram recorrentes menções de que os jovens em Fortaleza e do Nordeste imitavam os cariocas fosse no sotaque (“Indivíduos de linguajar acaboclado e lento do Nordeste, quando dão um pulozinho no Rio retornam dizendo: “excuta, moço: fala prâ ele que extou experando naquela exquina, fax favor”) ou no comportamento “transviado” (“Há bem pouco tempo só se falava de ‘juventude transviada’ no Rio. Agora é em Fortaleza que a ocorrência toma ares de fenômeno. Os moços dessa grei entenderam de querer repetir aqui o que ouviram de certos ‘transviados’ de Copacabana, da Gávea, da Tijuca.”) FURTADO, Cândido. A chamada ‘juventude transviada’. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza: 31 ago. 1958, p. 8.

²⁹⁶ Em Fortaleza, por exemplo, alguns repórteres policiais eram conhecidos como “caça rabos de burro” devido às inúmeras e constantes reportagens assinadas sobre os jovens “transviados”. Os mais famosos “caça-rabos de burro” foram os jornalistas policiais Juarez Temóteo, Telmo de Freitas e Hélio Góes.

Um exemplo da peculiaridade do trabalho de Fernando Pinto é a descrição de uma corrida de carros do tipo “roleta russa” (de que o autor diz ter participado) aos leitores. O relato é tão fluido e envolvente, que mais lembra uma cena ficção do que uma mera observação jornalística, demonstrando que ele foi além do que outros repórteres já tinham feito na busca aos “transviados”.

Acredito que nunca estive tão perto de uma morte violenta como naqueles longos minutos em que o nosso *fusca* parecia voar pelo asfalto, os dois carros atravessando os sinais fechados com a velocidade de raio, os motores acelerados à alta velocidade com a descarga aberta, barulheira infernal que na certa servia para que os motoristas das ruas transversais pisassem no freio ao ouvirem de longe a morte se aproximando. A todo o momento, esperava um choque com outro veículo, o atropelamento de algum pedestre ou um capotamento mortal. Quando atravessávamos o sinal vermelho com o ponteiro do velocímetro tremendo sobre o 120, *Luiz Sergio* berrava palavrões, incentivando nosso motorista a correr mais, como se isso fosse possível, no que era acompanhado pelo outro maluco que se encontrava no banco de trás ao meu lado.

Eles extravasavam a emoção aos gritos. Quanto a mim, não conseguia pronunciar uma palavra, a saliva engrossando na boca, o medo pesando dentro de minha barriga como se alguém me tivesse feito engolir à força uma enorme pedra de gelo. Encontrava-me muito próximo do pânico total. Pensamentos meteóricos desfilavam na minha mente, como um filme de terror com efeitos estereofônicos num volume ensurdecedor. Achava que eles eram uns jovens idiotas e eu também, por ter embarcado naquele carro diabólico. Minha cabeça estava prestes a explodir, quando o nosso pequeno *fusca* cruzou o último sinal da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, esquina com a Princesa Isabel, onde por um triz não nos chocamos com um caminhão de leite. Afinal, valera o *envenenamento* do motor: nosso *fusquinha* foi o primeiro a chegar ao final da linha, por sorte, sem matar ninguém. (PINTO, 2004, p. 283 - *Grifos do autor*)

A partir do relato, é possível sentir toda a excitação e o medo que Fernando Pinto e seus companheiros “transviados” enfrentaram ao desafiar o velocímetro do carro e os faróis vermelhos. O leitor pode, por alguns segundos, viajar dentro do fusca e comemorar a vitória da corrida, sentindo o frenesi da competição e, especialmente, o deleite da experiência de “transviar-se” pelas ruas do centro do Rio de Janeiro.

O trabalho obteve uma diferenciada recepção do público leitor e da crítica, sendo inserido nos Anais da Câmara Federal por votação unânime dos deputados. O sucesso originou no mesmo ano, 1966, a publicação do livro *Os sete pecados da*

juventude sem amor, que reuniu as matérias feitas por Fernando Pinto sobre a “juventude transviada”. Para complementar a obra, sete intelectuais (apresentados como estudiosos da juventude e, particularmente, da delinquência) de diferentes áreas do conhecimento foram convidados para explicar o comportamento dos jovens. O pastor presbiteriano, Reverendo Zaqueu Ribeiro, o monge do convento de São Bento, D. Tito Amoroso (também médico e professor), o delegado de polícia, Armando Pereira (apresentado como autor de livros sobre a delinquência juvenil), o médico especializado no bem-estar físico-psíquico e social do adolescente, Humberto Ballariny, a psicóloga e professora da PUC-RJ, Maria da Glória Vanderlei Cúrio, o sociólogo e professor da PUC-RJ, Sergio Lemos e o juiz de direito, João Uchoa Cavalcanti Neto foram os analistas consultados.

Através do olhar de intelectuais de formação tão variada, é possível observar similitudes e divergências nas interpretações feitas sob a “juventude transviada”.

Como similitude, é possível observar, nas leituras sobre o “transvio”, a convicção de que o jovem se desvirtua porque é mal “encaminhado” (orientado/educado) pelo meio no qual está inserido (principalmente a família, somada a comunidade, escola, mídia, governo, etc.). A própria sociedade se descuidava da formação dos seus descendentes, abrindo as brechas para que eles questionassem e afrontassem suas instituições representativas e o conjunto de regras e normas que regiam a sociedade. O jovem, por sua vez, era ainda compreendido como destituído de vontade, de desejo e até de ação, sobrando para os seus erros e/ou acertos a responsabilidade de terceiros. Isso é algo mais facilmente explicitado quando se compara como um juiz de direito, um pastor e uma psicóloga explicaram o que induzia um jovem a adotar um comportamento revoltoso ou rebelde (chamado de “ódio ao mundo” por Fernando Pinto).

O juiz João Uchoa Cavalcanti sugere: “O jovem vive apenas reagindo. Ora, se reage mal é porque recebe estímulo negativo. E tal estímulo quem lhe dá somos nós” (CAVALCANTI *apud* PINTO, 1966, p. 30). O pastor Zaqueu Ribeiro complementa que os jovens, “como criaturas de Deus” (RIBEIRO *apud* PINTO, 1966, p. 31), estão sendo cerceados ou negados do amor. Logo o “jovem não odeia, apenas não aprendeu a amar [...]” (RIBEIRO *apud* PINTO, 1966, p. 31) e “toda a sua vitalidade, todas as suas

reivindicações, tôda a sua revolta são um grito de amor contido e exprimem a busca de uma fórmula de amor que não conhecem e que desejam dedicar”. (RIBEIRO *apud* PINTO, 1966, p. 32). A psicóloga Maria da Glória Vanderlei Cúrio esclarece o argumento: “O jovem odeia pelo fato de que nêle existe um potencial de agressividade inadequadamente orientado” (CÚRIO *apud* PINTO, 1966, p. 37).

Como visto, apontava-se a falta de atenção, compreensão, amor, cuidado, orientação como sendo falhas ou ausentes do processo educacional e de inserção social do jovem, compreendido como potencialmente agressivo “por natureza”. Essas lacunas tornavam-se definidoras para a formação equivocada da personalidade juvenil, levando os adolescentes e, posteriormente, os jovens adultos a comportamentos transgressores e/ou delinquentes. A rebeldia, por sua vez, seria uma estratégia do jovem para requerer atenção dos pais e da sociedade de modo geral.

O médico Padre Tito Amoroso e o sociólogo Sérgio Lemos demonstram discordâncias nas suas análises sobre os condicionantes da rebeldia juvenil. A crença de que a revolta juvenil é apenas uma reação a uma desordem social e, especialmente, familiar é afirmada por ambos, mas por motivações diferentes. Para o padre, o modelo de família tradicional precisa ser recuperado na sua essência, especialmente no que diz respeito ao apoio emocional constante aos jovens, envolvendo-os numa rede de obrigações familiares, comunitárias, religiosas e educacionais, que os impediram de ficarem “entregues a si mesmos”, desfrutando do ócio (AMOROSO *apud* PINTO, 1966, p. 39). Sem a atenção, o jovem pode tornar-se “vagabundo” e cometer pecados “pecados”, como o da preguiça, da gula, e do “egoísmo de boa vida” (AMOROSO *apud* PINTO, 1966, p. 40).

Já o sociólogo Sergio Lemos argumentava que a família tradicional era uma “reliquia de museu” que teimava em não desaparecer, apesar de já não mais funcionar. O jovem rebelava-se por se sentir sufocado e temeroso de romper com essa instituição, que o tolhia e conformava, mas ainda lhe era útil como fonte de subsistência e prestígio social.

A família pretende, ainda, impor-se ao jovem como intermediário obrigatório entre ele e o mundo. Mas consegue apenas produzir um jovem dependente, inseguro, que se debate entre a lealdade aos

valores arcaicos impostos, pela família a necessidade de sobreviver. Este jovem precisa rebelar-se não só contra esses valores familiares inúteis, como, sobretudo contra o sentimento de culpa que lhe advém desta rebelião justa e necessária. Este sentimento de culpa é o grande obstáculo à construção de uma personalidade jovem realmente independente, capaz de transcender os mitos da cultura familiar e de classe. Ao mesmo tempo, tal sentimento de culpa constitui-se em fonte e estímulo para falsas formas de rebelião, como a delinquência do tipo juventude transviada. (LEMOS *apud* PINTO, 1966, p. 42)

O sociólogo idealizava um uso político da rebeldia juvenil que se assemelhasse à de outros jovens brasileiros “mais intelectualizados” (PINTO *apud* LEMOS, 1966, 42), como alguns grupos de estudantes, que à época criticavam o capitalismo, a burguesia, o imperialismo americano e, particularmente no Brasil, o governo militar. A rebeldia presente nos “transviados” era ainda instintiva, inconsciente e despolitizada porque não estava canalizada para uma “rebelião ‘contra o sistema’” (LEMOS *apud* PINTO, 1966, p. 42), como ambicionava o sociólogo. Os “transviados”, apesar de reagirem ao *status quo*, não seriam agentes sociais (e revolucionários) porque não havia entre eles uma consciência do porquê de seus atos. A interpretação de Sérgio Lemos indica sua simpatia pela filosofia marxista. Na década de 1970, essa se tornara a visão predominante e, também, a que de certo modo norteia ainda hoje o imaginário construído sobre a “juventude transviada”.

Fosse a “falência” da família vista como negativa, de acordo com a observação do padre Tito Amoroso, ou como positiva, defendida pelo sociólogo Sérgio Lemos (leitura muito rara), sem dúvida, era unânime, entre aqueles que pensaram o “transvio” nos anos de 1950 e 1960, a crença de que ela contribuía primordial para o comportamento transviado dos jovens.

A família era considerada a “célula básica” da sociedade por ter uma função essencial, que era gerar e garantir as condições econômicas e psicossociais para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Assim, todas as questões relacionadas à juventude e, em particular, a “juventude transviada”, lhe eram direcionadas. Mesmo o consumo das mensagens midiáticas, apontado como grande estimulante do comportamento “rebelde sem causa” entre jovens, só acontecia porque os pais estariam sendo negligentes ao permitirem que seus filhos perdessem horas de seu tempo ouvindo música, lendo revistinhas em quadrinhos, vendo filmes “indecentes”, etc.

O médico Napoleão Teixeira ressaltava que a psicologia moderna concluía que não existiam “crianças-problema (e sim) pais-problema.” (TEIXEIRA, 1966, p. 58). Logo, se os jovens estavam se comportando de um modo transgressor ou delinquente, isso devia-se à desatenção, à má educação e à falta de cuidado, de carinho e de afeto dos pais.

Como explicação para a falta de autoridade familiar entre as famílias de classe média e da elite (das pobres nesse sentido pouco ou quase nada se esperava), duas questões apareciam com mais frequência.

Primeiro, o “transvio” seria resultado de uma educação “moderna”, orientada por psicólogos, que impeliam os pais a evitar contrariar em demasia as vontades dos filhos, a fim de não traumatizá-los, ou, quando levada ao extremo, invertiam a relação, e os filhos passavam a ditar o cotidiano da família, o que fragilizava ou rompia a hierarquia da autoridade nos lares. Essa crise de autoridade se estenderia para as escolas, que, além de não conseguir contornar o problema, por vezes reproduzia também, no espaço educacional, a quebra dos métodos tradicionais de ensino e da hierarquia entre professores e alunos²⁹⁷. O médico Napoleão Teixeira questionava, ainda, a adoção de disciplinas como a “Educação sexual” nas escolas, que, caso não fosse bem orientada, tinha efeitos diversos da intenção original (que era melhor orientar o jovem sobre a descoberta da sua sexualidade). “Ao invés de informar, o que faz é despertar uma curiosidade mórbida, que leva o jovem a procurar maiores informações em livros e revistinhas pornográficas [...] ou mesmo na rua” (TEIXEIRA, 1966, p. 22). E conclui: “Antes de serem homens e mulheres, são, já, pequenos e perfeitos monstros em sexologia teórica e aplicada” (TEIXEIRA, 1966, p. 23). Ou seja, a escola, que seria uma instituição complementar e de grande importância na formação do jovem, era afetada pela “falência da família”, mas, também, estaria em um processo de mudança estrutural e de metodologia de ensino que convergia na mesma direção, a quebra das hierarquias (pai-filhos, professor-alunos) e da autoridade.

Segundo, o “transvio” havia alcançado filhos das famílias, especialmente de classe média e da elite, porque os pais, supostamente, haviam abandonado a formação educacional dos filhos, por dedicarem seu tempo prioritariamente para os programas sociais, consumo e hedonismo²⁹⁸. Além disso, a ida de muitas mulheres para o mercado

²⁹⁷ ORFÃOS de pais vivos. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 6 de ago. 1958, p. 3.

²⁹⁸ FREITAS, Telmo. Concluíram as autoridades: os pais são os responsáveis pela ‘juventude transviada’. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza: 31 de ago. 1958, p. 3.

de trabalho (fosse pela necessidade financeira ou pelo desejo de seguir uma carreira) era tomada como decisiva para a recorrente “falta de afeto” identificada nos lares burgueses. Os pais tentariam compensar essa “falta de afeto” oferecendo aos filhos compensações financeiras que apenas os alimentam para o “transvio”²⁹⁹.

3.3) *Hi! Hi! Jonny; Hi! Hi! Alfredo: a gang e perda do medo*

O sociólogo cearense Abelardo F. Montenegro,³⁰⁰ ao analisar o fenômeno dos “rabos de burro”, usou de suas próprias lembranças para diferenciar o que considerava serem duas gerações. Uma – anterior à Segunda Guerra –, que, após haver conhecido movimentos extremistas, vivia inquieta em relação ao futuro, mas não deixou de se divertir, dançar e beber, apesar do pouco dinheiro e das poucas opções (ressaltava que Fortaleza na década de 1940 possuía apenas três clubes recreativos: Iracema, Diários e Ideal), e frequentar os cafés da Praça do Ferreira (logradouro central e simbólico da cidade) para travar discussões com “sabor intelectual”. E outra geração, posterior ao conflito, formada de adeptos do *swing*, do *rock and roll* e do mambo, em que os “rabos de burro” são um expoente negativo, pois vivem apenas para gastar o dinheiro dos pais com festas, bebidas e mulheres, sem se preocupar com sua formação intelectual com as questões sociais ou da Pátria. Ao se compararem as duas gerações, chega-se à conclusão de que o “rabo de burro” é um rapaz triste, pois “Que alegria pode experimentar o jovem que, alcoolizado, agride outro jovem indefeso, ou transfere o seu rancor para as causas inanimadas que compõem o cenário das farras?”³⁰¹. Abelardo Montenegro constata que, na geração anterior à dos “rabos de burro”, os jovens tinham suas rivalidades e elas se expressavam nos momentos de festa, mas, supostamente, não descambavam para a pancadaria, pois, naquele tempo, não havia a *gang*³⁰².

“*Gang*” era um termo recorrente utilizado na década de 1950 para denominar pequenos grupos de jovens (maioria) ou adultos (raros) que se envolviam em alguma atividade ilegal. Grupos de “transviados” eram recorrentemente adjetivados de

²⁹⁹ SÁ, Adísia. O papel da família (I). *Gazeta de Notícias*. Fortaleza: 7 de ago. 1958, p. 3; SÁ, Adísia. O papel da família (II). *Gazeta de Notícias*. Fortaleza: 8 de ago. 1958, p. 3

³⁰⁰ Pensador cearense, graduado em Direito e com diversos trabalhos nas áreas de sociologia e psicologia social. Autor de crônicas, romances, teses sobre a história do Ceará.

³⁰¹ MONTENEGRO, Abelardo F. O rabo de burro – I. *O Povo*, 5 maio 1958, p. 3.

³⁰² Idem

“gang”, mas outras denominações como “turma”, “bando”, “quadrilha” também tinham recorrência. Napoleão Teixeira afirmava que as *gangs* tinham códigos morais e de “honra” internos, hierarquia e liderança definidos, objetivos comuns, e quando os membros estavam reunidos, agiam coletivamente e de modo violento. O médico considerava o problema como universal (cita, particularmente, os EUA, Alemanha, Itália, França, Inglaterra e Brasil) e que atingia crianças e jovens (TEIXEIRA, 1966, 67). Considerando essa definição, creio que poucas turmas de “transviados” pudessem ser consideradas como *gangs*. Mas, de certo, a maioria dos casos noticiados na imprensa, especialmente os de maior violência (espancamentos, curras, assassinatos) e atribuídos aos transviados, eram praticados em grupo.

O pensador René Girard (2008) defende que os homens não têm um objeto de desejo definido; eles desejam o desejo do outro. Os jovens, por essa perspectiva de análise, copiam-se. E a turma, uma instância de socialização importante na formação juvenil, serve para eles como afirmação de alguns modelos identitários. No caso dos “transviados”, creio que, como versou Hervé Cordovil, a formação de grupos minimizava “os medos” de infringir, e a infração significava a adoção de determinadas modas, condutas e o envolvimento em delitos e crimes. As parcerias entre os “transviados” não creio fossem estabelecidas de modo tão hierárquico, como apontado por Napoleão Teixeira, até porque a organização de *gangs*, muitas vezes, serve para que grupos sociais menos favorecidos se fortaleçam perante a sociedade que os marginaliza³⁰³. Esse não era o caso dos “transviados”, especialmente os “ditos” *playboys*.

Não desprezo, no entanto, que algumas expressões, como as primeiras turmas de “rabos de burro” ou os “clubes” “dos 50” e dos “cafajestes”, possuísem uma

³⁰³ Como já mencionado na introdução, o estudo sobre as *gangs* se iniciou com pesquisadores da Escola de Chicago. Ao menos três teorias foram lançadas por essa escola. A primeira atribuiu a formação das *gangs* à desorganização social, a pobreza e a quebra dos laços de parentesco nas zonas urbanas degradadas. Diante da ausência de perspectivas escolares e profissionais, os jovens tornar-se-iam violentos porque não reconheceriam as normas e os valores da sociedade que os marginaliza. A segunda se refere aos valores propagados pela sociedade de consumo. A impossibilidade de adquirir certos bens ou acompanhar determinadas modas causaria aos indivíduos sentimentos de frustração e o desejo de adquirir *status* a qualquer custo. O ingresso na criminalidade obedeceria a esse desejo. E a terceira é chamada de “teoria do rótulo” e considera que os discursos produzidos pelas elites e pelo Estado para desqualificar os jovens das camadas populares e de determinadas etnias (rotulando-os de delinquentes, por exemplo) são apropriado por eles (correspondendo ao rótulo). A relação entre pobreza e formação de gangues é, ainda, hoje considerada. (SPAGNOL, 2005)

unidade de propósitos mais definida e mesmo algumas lideranças. Mas considero que os grupos de “transviados” eram “turmas” que, ocasionalmente, agiam como “bando”³⁰⁴.

Tentando responder à indagação de Abelardo F. Montenegro, pondero que a organização em “gang” para a prática de determinadas violências não era indício de “tristeza” (Montenegro julgava dessa forma por considerar que havia um “vazio” na geração dos “rabos de burro” por não reconhecerem valor a questões verdadeiramente nobres – como as sociais, patrióticas, intelectuais), mas de “afirmações” (fossem elas “estúpidas”, como julgava o jornalista) de poder, de identidade e de masculinidade. *Poder* porque, na prática e na simbologia, uma das formas de se adquirir respeito é através do uso da violência. *Identidade* porque o grupo fugia do modelo de comportamento prescrito. Transgredir as normas e as lei tinha diversos significados, dentre eles, exibir uma diferença, contestar a ordem vigente, ou, mesmo, divertir-se, como já destaquei. E *masculinidade* porque, como destaca Daniel Welzer-Lang (2004), o uso da força psicológica e física, no processo de socialização dos homens, é um meio de positivar um modelo de masculinidade tradicional entre homens e mulheres e entre homens e homens. Aquele que se mostra mais destemido, mais agressivo, mais anárquico no infringir das regras e, mesmo, mais cruel positiva um modelo de masculino tradicionalmente conhecido e, de certo modo, aceito³⁰⁵.

³⁰⁴ Apesar da imprensa usar indiscriminadamente os termos, sociologicamente tratam-se coletivos distintos. “Bando” refere-se aos grupos que agem circunstancialmente para se opor e atacar algo ou alguém. Mesmo que haja um líder, não há estrutura organizacional – “um *modus vivendi* que dá primazia à sobrevivência do grupo”. “Gang”, por sua vez, é “um sistema social organizado que é ao mesmo tempo quase privado (isto é, não totalmente aberto ao público) e quase secreto (isto é, a maior parte das informações sobre suas atividades permanece restrita ao grupo), cujo tamanho e objetivos tomam indispensável que a interação social seja dirigida por uma estrutura de liderança com papéis bem definidos; em que a autoridade ligada a esses papéis é tão legitimada que os códigos sociais regulam tanto o comportamento dos líderes quanto o das bases”. (JANKOWSKI, 1997). “Quadrilha” é uma reunião de no mínimo quatro membros que busca o enriquecimento rápido por meio de uma atividade ilegal. (SPAGNOL, 2008) E, “turma”, caracteriza um grupo que se reúne por proximidade (escola, bairro, etc.) afinidades diversas (gostos, modas, ambições, etc.) para encontros de lazer (que podem ser ilícitos – uso de drogas, por exemplo) sem qualquer estrutura organizacional. (SILVA, 2006)

³⁰⁵ Heróis gregos, guerreiros militares, aventureiros de romances ficcionais, super-heróis, no geral, têm como característica exacerbada a negação ou o enfrentamento do medo.

3.4) Depravações e vícios: causas sexuais e toxicomaníacas do transvio

Devido ao crescimento rápido e irregular, os adolescentes demoram a acomodar-se à transformação do próprio corpo (“pés grandes, [...] falta de harmonia do conjunto, [lembrando] bonecos desengonçados”³⁰⁶) e sofrem com a sua aparência e o olhar crítico dos outros, diziam os psicólogos. As críticas partiam tanto dos adultos, que passaram a fazer uma pressão sistemática para que o adolescente se portasse menos como criança e mais como adultos, inclusive na postura corporal³⁰⁷, e, especialmente, dos colegas, que através de apelidos e xingamentos (“Poste da Light”, “Bolão”³⁰⁸), humilhavam-se, evidenciando o “grotesco” e o “estranho” das formas do outro, a fim de melhorar sua própria autoestima. Para escapar das críticas e zombarias, o adolescente passa a se distanciar dos adultos e se aproximar de quem o aceita e é semelhante a ele (a turma). “E desta maneira, pode ser levado à delinquência, em parte por sentir-se orgulhoso de suas próprias atitudes de audácia e em parte para provar aos companheiros que é digno de sua estima e admiração”³⁰⁹.

Ademais, o afloramento da sexualidade traria aos adolescentes manifestações estranhas e difíceis de serem aceitas. Por exemplo, a menstruação e o aumento da sensibilidade nos seios (no caso das meninas), as poluções noturnas (no caso dos meninos) seriam acontecimentos que deixariam os adolescentes ainda mais confusos e inquietos com as mudanças do corpo e as novas sensações de prazer³¹⁰. Nos anos de 1950 e 1960, os psicólogos já recomendavam que os pais falassem com os filhos sobre suas dúvidas sexuais com honestidade. Caso o assunto “sexo” fosse evitado no lar, os adolescentes poderiam ficar ainda mais curiosos, ampliando a vergonha que sentiam sobre o próprio corpo e buscando informações, presumidamente equivocadas, em outras fontes (livros, revistas, filmes, colegas, etc.).³¹¹

Nas décadas de 1950 e 1960, além dos psicólogos, a Igreja Católica fornecia para os pais e para os adolescentes instruções sobre como conduzir a descoberta do corpo e da sexualidade na adolescência, e creio que esse discurso tivesse grande influência na educação sexual dos jovens. Consultando dois manuais católicos que

³⁰⁶ BAUZER, Riva. *Adolescência. Mundo Melhor*. São Paulo: 1959, p. 46-51.

³⁰⁷ Idem.

³⁰⁸ Alguns dos apelidos listados por Riva Bauser e que fazer referência ao corpo fora de padrões dos adolescentes. Idem.

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ Idem.

³¹¹ Idem.

circulavam na época, destinados tanto aos jovens quanto aos pais e professores³¹², é evidente o desaconselhamento a que dúvidas sobre o sexo fossem esclarecidas. “Livros, filmes, revistas, [...] conversas sobre determinados assuntos [...], o estudo da anatomia ou fisiologia” (KELLY, 1956, p. 72) poderiam afetar o sistema nervoso do adolescente, inclinándolo ainda mais para a busca das sensações de prazer. Durante a puberdade, os ovários e os testículos derramariam os “hormônios sexuais na corrente do sangue” influenciando grandemente o “apetite sexual”³¹³, logo um aprendizado de controle da sexualidade era necessário e doloroso de alcançar. Munir o adolescente de informações, ao contrário do que diziam os psicólogos (não clérigos, já que os autores dos manuais também tinham essa formação), ia apenas despertar ainda mais o desejo e deixar o jovem instável e inseguro, propenso às “tentações” (KELLY, 1956, p. 60-1). Somente quando fosse chegado o momento das núpcias, os pais ou o médico da família deveriam prestar maiores esclarecimentos sobre o sexo (LORD, 1953, p. 172). Até então, a prescrição era de autocontrole e do domínio dos desejos sexuais através da manutenção da castidade. Um dos objetivos da prescrição para a negação sexual pelos jovens era também o de minimizar o pendor à transgressão (pecado).

Temos bastantes tentações que surgem do nosso interior; não necessitamos sair à busca de outras por fora. Portanto, o jovem ou

³¹²KELLY, Gerald. *Juventude, sexo e moral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1956. Manual católico dirigido aos adolescentes abordando quatro temas: “amizade verdadeira”, “atração sexual”, “atração sexual pessoal” e “atração física”. Partindo do preconceito que todo jovem tem problemas em lidar com a sexualidade e adequar seus desejos à moral cristã, o autor fornece uma série de ensinamentos para essa conquista. O texto do livro (traduzido e publicado no Brasil na década de 1950) é assinado por um padre norte-americano, inspirado numa convenção que reuniu mais de cinquenta educadores (professores de religião de escolas jesuítas) que redigiram e aprovaram os argumentos do livro, em resposta ao que consideravam ser o “problema sexual” do jovem no século XX.

LORD, Daniel. *Juventude Incompreendida*. Rumos novos na Educação. 11ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1953. Manual dirigido aos pais e educadores dos jovens redigido por um padre jesuíta dinamarquês. Segundo o Fr. Romeu Pérea, que assina o prefácio da edição brasileira, o livro responde ao que seria uma incapacidade dos pais e, especialmente, da escola em orientar corretamente os jovens.

³¹³ Observei bastante recorrência à ideia de “apetite sexual” como sendo uma manifestação orgânica do corpo do adolescente, que tenderia a se acalmar com o tempo, mas que explicaria boa parte de sua busca por transgredir. A virtude estaria, portanto, em lutar contra o próprio corpo. Não eram apenas curiosidades sobre o sexo, era o desejo de praticá-lo, fosse a dois ou sozinho, que necessitava ser combatido. Uma maneira de minimizar o sacrifício era evitar o que aguçava ainda mais o desejo pelo outro e pelo sexo. “Quando o apetite sexual é incitado, imediatamente entra em contato, ou poderíamos dizê-lo, assim, experimenta-se através dos nervos do sistema degenerativo e põe em movimento a série de processos que descrevemos como constitutivos da função generativa. Os principais excitantes deste apetite são os beijos e abraços prolongados ou íntimos. O pensar em assuntos sexuais tem igualmente o mesmo efeito, bem como cenas sugestivas em livros, revistas, ou películas cinematográficas, ou ainda à vista de uma pessoa fisicamente atraente, ou danças, *etcetera*. O fato de que tantas coisas em nossa vida possam influenciar e de fato influenciam o apetite sexual, torna muito importante um conhecimento claro do sentido das obrigações da castidade.” (KELLY, 1956, p. 68 – *Grifos do autor*)

moça que lê livros indecentes, ou fixa a vista em revistas e quadros pornográficos, ou por negligência ou modéstia afasta-se dos limites da decência, ou que escuta e repete modinhas obscenas, armazena combustível para o fogo da paixão. Não se deve, pois, surpreender se tropeçar com problemas muitos mais complicados que os que a natureza apresenta, em geral, aos adolescentes. As tentações da natureza morrerão com o tempo. Mas se o jovem não faz seleção de leitura, se fixa, escuta e fala coisas lúbricas, se cede a tudo que atrai a curiosidade ou seu interesse, será atormentado por uma série ininterrupta de tentações das quais só ele é que tem a culpa. (LORD, 1953, p. 180)

A “paixão” na citação acima é a desobediência, o “irracional”. O jovem, ao apaixonar-se, seria tomado de loucura, só enxergando a satisfação do seu próprio desejo, ampliando consideravelmente as chances de ignorar a consciência e a moral cristã. A paixão poderia, inclusive, afastar o jovem por completo da família, da escola, da igreja, pois este se rebelaria contra o que o impedia de saciar o sentimento. “Mesmo os jovens que têm amor sincero um para o outro deveriam sensatamente compreender que este tipo de atração sexual pode facilmente tornar-se uma ameaça à castidade” (KELLY, 1956, p. 34-5), alertava o padre.

Já o “tropeço” era uma referência às práticas sexuais a dois ou solitária (masturbação). A conquista do prazer através do toque dos órgãos genitais era veementemente desaconselhada e apontada como uma prática propensora da rebeldia. Ainda que o desejo de fazê-lo fosse algo “natural” entre os jovens, a masturbação era pecado e, por isso, proibida pelo discurso católico. “O vício solitário é um aviltamento [...] e uma traição a um dever sagrado³¹⁴” (LORD, 1953, p. 177). A palavra “masturbação” não aparecia, mas os padres falavam no “sacrifício próprio” ou “vício solitário” de modo a serem compreendidos. Admitiam que não havia risco do desenvolvimento de doença física com essa prática, mas o desenvolvimento de possíveis transtornos mentais não estava descartado.³¹⁵ (LORD, 1953, p. 176-178)

³¹⁴ Dever sagrado significava conservar a castidade até o matrimônio.

³¹⁵ Segundo o historiador Thomas Laqueur, autor do livro *Solitary Sex – A Cultural History of Masturbation* (2003), por volta de 1712, um livro chamado *Onania* (alusão ao personagem bíblico Onã – que se sentia culpado pelo coito interrompido), de um autor inglês anônimo, sustentava a tese de que a prática da masturbação, além de um problema moral, era responsável por diversas doenças. O livro foi um sucesso de vendas em toda Europa e somente entre 1724 e 1752 foi reeditado dezessete vezes. Em 1970, um médico francês respeitado, Samuel Auguste David Tissot, conferiu *status* científico à obra *Onania* e, desde então, a masturbação passou a ser considerada uma prática não saudável para jovens e adultos. “[...] Laqueur mostra com grande detalhe e numa argumentação que o aproxima de Foucault, [que] o projeto liberador do Iluminismo contraditoriamente se transforma num programa de vigilância e

Sobre a questão da masturbação, os psicólogos não concordavam com os padres, mas eram muito discretos ao tratar do assunto.³¹⁶ Discordavam que se tratasse de um pecado, mas divergiam em relação aos supostos malefícios da masturbação. Alguns achavam que era apenas uma forma de conhecer-se, enquanto outros reconheciam na prática (especialmente, quando se tornava constante – o vício) um problema para a formação da personalidade do adolescente, podendo indicar dificuldades de abandonar a infância e assumir as responsabilidades e restrições do mundo adulto.³¹⁷

Desde o final do século XVIII, a masturbação foi fortemente perseguida pelo discurso médico, que associou a prática ao vício e à perda do controle sobre si mesmo. “Uma das matrizes das noções de intervenção médica e estatal sobre o controle do corpo origina-se [das] campanhas contra a masturbação”. (CARNEIRO, 2005, p. 18). Ao final do século XIX, médicos e psicólogos, inclusive por ressonância dos trabalhos de Sigmund Freud³¹⁸, foram, paulatinamente contestando os supostos males que masturbação traria à saúde. (CARNEIRO, 2005, p. 19). No Brasil, até os anos de 1960, como brevemente demonstrei, a masturbação ainda era considerada um estimulante de uma personalidade infantil, insegura, compulsiva, inconsequente, e, portanto, inadequada do jovem, ainda que não estivesse mais associado a doenças físicas.³¹⁹

tentativa de controle daquilo que até então tinha sido o mais secreto, privado e aparentemente inofensivo dos atos sexuais – a masturbação. Para tanto, passou a policiar a imaginação, o desejo e as expressões da individualidade que ele mesmo acabava de promover.” (TELLES, 2008)

³¹⁶ BAUZER, Riva. Adolescência. op. cit., p. 46-51.

³¹⁷ MENNINGER, William. Como somos feitos psicologicamente. *Folha de São Paulo*, 19 jul. 1964, p. 6.

³¹⁸ “Freud diz que a masturbação é uma das manifestações universais da sexualidade infantil e que seus eventuais aspectos prejudiciais não decorrem dela em si e sim do contexto mais amplo da vida sexual. Refere-se ele aos turbilhões inevitáveis da castração e do complexo de Édipo, que dão conformidade à nossa própria constituição como sujeitos e – conseqüentemente - à nossa identidade sexual. São estes conflitos inconscientes que produzem as fantasias que alimentam não só a masturbação, mas a vida psíquica em geral. Assim, a questão não é – como durante os últimos dois séculos se dizia – combater a masturbação e as fantasias que a geravam, e sim analisar os conflitos geradores de fantasias, inibições e sintomas. Freud pensava que a masturbação deveria ser abandonada na vida adulta, na medida em que o sujeito transitasse plenamente do autoerotismo e do narcisismo para as relações objetais amorosas. Via a masturbação como uma persistência do erotismo infantil ligado ao complexo de Édipo, o que a deixava irremediavelmente tingida pela culpa.” (TELLES, 2008)

³¹⁹ Vale ressaltar que, segundo Thomas Laqueur, a perseguição à masturbação permaneceu até as décadas de 1950 e 1960. “Daquele momento em diante, a difusão das idéias psicanalíticas e antropológicas, o movimento da contracultura, o feminismo, as políticas de identidade sexual e, por último, as ‘novas descobertas’ médicas terminaram por reverter a tendência dominante. A masturbação deixou de ser ‘um vício doentio’ para se tornar, nas décadas de 70 e 80, quase uma virtude sanitária. Finalmente, nos dias atuais, o relevo moral da masturbação caiu em desuso.” (COSTA, Jurandir Freire. O lado escuro do iluminismo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 11 maio 2003. Disponível em:

O jornalista Fernando Pinto dedicou um foro às experiências sexuais da JSA e relatou uma série de condutas “não convencionais” ou moralmente “inaceitáveis” em que os jovens “transviados” cariocas envolviam-se na busca do prazer sexual. Como vimos no primeiro capítulo desta tese, as experiências sexuais antes do casamento eram condenadas pela Igreja Católica e pela moral vigente. Entretanto, os rapazes podiam desfrutar de maior liberdade e alguns, inclusive com a anuência do pai, iniciavam-se sexualmente, principalmente com prostitutas. Mas, pelo que se podia observar no noticiário da imprensa³²⁰ e nos relatos de Fernando Pinto, alguns *playsboys* envolviam-se com moças, descritas como sendo na maioria pobres e filhas de mães solteiras ou de pais desquitados, entre outros motivos, por elas consentirem em manter relação sexual ocasional ou durante o namoro. Segundo o jornalista, essas jovens eram “abnegadas”, pois não receberiam qualquer tipo de carinho e serviram apenas de objeto sexual para os rapazes. (PINTO, 1966, p. 79). De famílias humildes, atraíam-se pelos rapazes bonitos da elite carioca, aceitando viver com eles relacionamentos liberais e mesmo participar de orgias. (PINTO, 1966, p. 79). Claramente, era reproduzido um preconceito de gênero e classe. As jovens que tinham vida sexual fora do casamento tinham sua moral questionada, e sua família “pobre” e ou “desajustada” (por exemplo, sem pai) era apontada como grande responsável pelo “descaminho” das moças. Assim como uma questão de classe era diretamente reforçada, haja vista que a moral sexual das moças mais abastadas e das pobres era considerada diferente. Positivavam-se aquelas que se resguardavam (moças de classe média e da elite) e condenavam-se as que “cediam ao desejo masculino” (moças pobres). Fosse pobre ou rica, a moça que permitia contato sexual fora do casamento era condenada por fazê-lo e, especialmente, sua atitude era explicada pela falta de condições materiais (caso, principalmente, das prostitutas), moral (má formação religiosa e ausência de autoridade familiar) e pela irracionalidade da paixão (cediam ao desejo dos rapazes). A mulher, como um ser autônomo, que opta por envolver-se sexualmente a fim de satisfazer-se a si mesma não era representada.

<www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1105200305.htm> (Acesso em 13 jul. 2013).

³²⁰Em algumas notícias sobre os “rabos de burro”, suas namoradas (chamadas muitas vezes de “prostitutas”) eram apontadas como cúmplices ou *pivot* de algumas rivalidades. Destaco, por exemplo, um crime que abalou a sociedade cearense em abril de 1959, quando Joaquim Romero Frias, 21 anos, matou Vicente de Castro Neto, 25 anos, em frente à sorveteria do Tony’s (a mais famosa da cidade a época) por vingança. Dias antes, Joaquim teria assediado a jovem Nilcéia Pereira, uma moça pobre (que a imprensa dizia ser prostituta) e levado um surra de Vicente, pois este estaria vivendo em “concubinato” com a jovem. Ambos os rapazes eram filhos de duas famílias de boa condição financeira a época e considerados “rabos de burro”. (ASSASSINADO a tiros o jovem Vicente de Castro. *O Povo*. Fortaleza: 6 abr. 1959, p. 1).

Fernando Pinto também concluiu que muitos jovens “transviados” envolviam-se homoafetivamente, e essa era uma prática sexual amplamente condenada à época. A pederastia ou homossexualismo (como comumente chamava-se à homossexualidade naquela época) era uma doença a ser tratada (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 150).³²¹

O médico psiquiatra carioca Luiz Ângelo Dourado, em 1963, sustentava, no livro *Homossexualismo e delinquência*, a tese de que o homossexual era um potencial delinquente³²², pois ambos possuíam como características de personalidade “a precocidade, a hipertrofia da vida instintiva, a instabilidade emocional, a heteroagressividade e a deficiência intelectual” (DOURADO, 1963, p. 12). O médico afirmava que a maioria dos homossexuais delinquentes que examinou havia feito parte da “tão tristemente famosa ‘juventude transviada’” (DOURADO, 1963, p. 12) e que, entre outras técnicas, utilizou-se dos psicodiagnósticos sugeridos pelo médico Emílio Myra y López e o teste da “árvore” de Karl Koch³²³, para certificar-se do “grau” de homossexualidade e periculosidade dos delinquentes, internados em um presídio da Guanabara no Rio de Janeiro. (ver figura 24)

A julgar pelos tipos apresentados na pesquisa, a “juventude transviada” diagnóstica por Luiz Ângelo Dourado era formada majoritariamente de rapazes pobres, de pouca instrução educacional e ocupados em ofícios sem qualificação (comerciários, ajudantes de caminhão, tintureiros, etc.). Diferentemente de Sérgio Muniz de Souza, o médico carioca não acredita que a internação nos moldes do sistema prisional ajudasse os jovens delinquentes na sua “readaptação”, ou pelo menos não teriam qualquer efeito

³²¹ Desde o início do século XIX, com o fim dos tribunais da Inquisição, a homossexualidade deixou de ser um assunto apenas dos padres e da justiça e passou a ser dos médicos cientistas, que desenvolveram diagnósticos e tratamentos terapêuticos com o objetivo de curar os homossexuais. Como esclarece Luís Ferla: “As primeiras décadas do século XX assistiram a um avanço do processo de patologização do homossexualismo. O discurso científico sustentava que o homossexual lhe pertencia, considerando-o expressão de um problema médico. Digno de estudo e de tratamento. O discurso contraposto, muito mais antigo, mas nem por isso extinto, associava o homossexualismo com crime ou pecado. Na Europa, este debate é herdado do século XIX. No Brasil, ganharia densidade nos anos 30, quando a questão homossexual tornar-se-ia recorrente nas revistas de medicina legal e criminologia. Nelas, é claramente reconhecível a hegemonia do discurso médico acerca do tema, ainda que os defensores da criminalização estivessem presentes.” (FERLA, 2009, p. 295-296). Apenas em 1992, a OMS retirou da lista internacional de doenças o “homossexualismo”.

³²² O uso do conceito “delinquente” pelo autor serve para jovens e adultos. A investigação da personalidade do delinquente, por sua vez, buscava identificar no período da infância e da adolescência os condicionantes do “homossexualismo” e da “delinquência”.

³²³ É um teste projetivo de avaliação psicológica, em que o indivíduo desenha uma árvore e, a partir dos elementos retratados (raízes, tronco, galhos, folhas, etc.), é feita uma avaliação do funcionamento da mente e de personalidade.

sobre aqueles que fossem homossexuais. Como, supostamente, tinham desejos inconscientes de culpa, os homossexuais buscariam o castigo e, para eles, o encarceramento tinha efeito inverso (daí, supostamente, terem alta taxa de reincidência), além da sua presença com os “delinquentes comuns” ampliarem a promiscuidade sexual dos cárceres (DOURADO, 1963, p 189). Comungando das ideias de Nelson Hungria, considerava também a ausência de uma boa educação familiar e escolar e o ambiente das favelas desencadeadores da delinquência e, também, do homossexualismo. Recomendava, portanto, a criação de estabelecimentos de ensino onde os jovens pudessem receber tratamento psicanalítico e aprendizado educacional e profissional (DOURADO, 1963, p. 190).

No que se referia à juventude, o Luiz Ângelo Dourado identificou que os primeiros contatos homossexuais, assim como as primeiras inclinações à delinquência, davam-se na puberdade. A masturbação seria uma das práticas que poderia despertar o homossexualismo (DOURADO, 1963, p. 19). O “complexo de Édipo” não resolvido, a proximidade entre os meninos e o “desdém em relação às meninas” permitiria que os primeiros contatos homossexuais ocorressem por imitação ou por “perversão” dos mais velhos. As maiores incidências desses primeiros contatos se dariam entre os oito e os quinze anos (DOURADO, 1963, p. 175). Essas experiências homoafetivas, segundo Luiz Ângelo Dourado, poderiam ser absolutamente acidentais e logo abandonadas (não deixando sequelas), ou se repetirem até depois da puberdade. Nesse caso, ocasionalmente, podiam ser cessadas quando o indivíduo conseguisse “reprimir suas inclinações anômalas” (DOURADO, 1963, p. 185) ou se tornariam “fixações” que permaneceriam até a idade adulta, tornando o indivíduo um “pederasta”. “Portanto, o homossexual, antes de mais nada, é um doente que merece tratamento e, quando esta providência já não é mais possível, deve-se assisti-lo socialmente a fim de que à sua desgraça não ajunte outra: o crime (DOURADO, 1963, p. 73).

Apesar de acreditar e prescrever tratamentos para o homossexualismo, o médico, com tristeza, apontava que mais da metade dos homossexuais que analisou não aceitavam mudar seu comportamento. “Nestes casos, o uranista considera sua posição perfeitamente normal, não admite mudança de comportamento e considera absurdo que a sociedade o condene” (DOURADO, 1973, p. 187). Mas havia aqueles que “que têm consciência de suas tendências anormais e contra elas lutam improficuamente” (DOURADO, 1973, p. 187). A esses a psicanálise poderia oferecer conforto e cura

através do ajustamento sexual e da reeducação dos sintomas neuróticos. Segundo o sociólogo Jorge Leite Júnior, o argumento de Luiz Ângelo Dourado é simples: “a homossexualidade já é uma delinquência por si mesma. Assim, para alguém com esta característica começar a roubar ou matar é apenas uma questão de tempo, de graduação no crime.” (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 150). O controle ou a cura do homossexualismo, portanto, era um meio eficaz de minimizar a delinquência, haja vista que, segundo o médico, ao menos 25% dos delinquentes (conscientemente ou não) sofriam do “distúrbio sexual” (homossexualismo). (DOURADO, 1963).

O historiador James Green, ao analisar a marchinha carnavalesca “Cabeleira do Zézé”, de 1964, identificou uma conotação homossexual no uso da palavra “transviado” na referida canção³²⁴. Segundo ele, a palavra “transviado”, que nomeava os jovens brasileiros que imitaram as modas e o estilo de James Dean, tinha duas conotações: a) significava “aquele que saiu (“trans”) do caminho (“via”); b) jogava foneticamente com dois termos pejorativos para expressar a homossexualidade: “viado” e “travesti”. (GREEN, 1999, p. 365). Como dito no primeiro capítulo, o uso da palavra “transviado” era bastante usual no vocabulário da imprensa antes da invenção “juventude transviada” no Brasil. A palavra era usada para referir-se, por exemplo, a um objeto que fora “transviado” (perdido no percurso de seu destino) ou a uma pessoa que “transviava” (transgredia a moral ou as leis). Já como sinônimo para “homossexual” não encontrei referência. Vale ressaltar, porém, que o foco desta pesquisa documental foi a partir dos anos de 1950, não me sendo possível afirmar com completa segurança que não houvesse também esse uso anteriormente. De todo, consigo observar, assim como o historiador James Green, que, a partir da “juventude transviada”, o uso da palavra “transviado” agregou uma conotação homossexual.

Como já dito nos capítulos anteriores, os personagens de Jim e Plato, no filme *Juventude Transviada*, foram diversas vezes apontados como “homossexuais” (Jim seria pouco viril e Plato excessivamente frágil e afeminado)³²⁵. Além do cinema, personagens famosos das revistas em quadrinhos, e supostamente, influenciadores do

³²⁴O trecho ao que o autor se refere é: “Será que ele é bossa nova? Será que ele é Maomé? Parece que ele é transviado. Mas isso eu não sei se ele é. Corte o cabelo dele. Corte o cabelo dele.” Segundo James Green, o autor da música, João Roberto Kelly, era um organizador de espetáculos de travestis no Rio de Janeiro, o que supostamente, reforça o argumento do uso homossexual da palavra “transviado” na canção. (GREEN, 1999, p. 365)

³²⁵ Vale ressaltar que, nos anos de 1970, James Dean (através de biógrafos – MARRINETI, 1996) e Sal Mineo e Marlon Brando revelaram sua homossexualidade.

“transvio”, como “Batman” e “Robin” e a “Mulher Maravilha” teriam também traços de conduta homossexual. Essas constatações nos sugerem que havia uma suspeita de “homossexualidade” sob a cultura juvenil “transviada”.

Um detalhe importante dessa questão é que, na época, houve uma aproximação da estética corporal e da vestimenta entre rapazes e moças. Enquanto os rapazes adotavam calças e camisas mais justas, alongavam os cabelos e apresentavam-se de modo mais desenvolvido, nos gestos e nas gírias, as moças passaram a se vestir com calças, camisas mais largas e encurtaram os cabelos. As expressões femininas tornaram-se menos frágeis e rígidas³²⁶ e mais confiantes e sensuais.

Como observou a historiadora Denise Bernuzzi Sant’Anna, nos anos de 1950, na publicidade e na moda, “antes da banalização das imagens do corpo transexual – termo de origem médica –, eram as imagens expressando androginia que apareciam nas ousadas tendências capazes de misturar gestos, roupas e valores até então separados em territórios de gêneros distintos.” (SANT’ANA, 2000, p. 241). Essa certa “androginia” dos novos modos de “ser jovem” e ser “transviado” podem ter contribuído para uma associação entre a “juventude transviada” e a “homossexualidade”.

A psicóloga Maria da Glória Vanderlei Cúrio, uma das especialistas convidadas por Fernando Pinto para explicar o comportamento da JSA (no caso, a suposta depravação sexual que os caracterizaria), aponta seus argumentos nessa direção:

Neste assunto, o mais gritante problema da atualidade é o homossexualismo, que se vê refletido até na forma de a juventude se vestir. Não é por simples acaso que m^oças e rapazes procuram igualar-se nos cabelos e nos trajes como se estivessem indecisos acerca de sua identidade sexual. É importante que se frise, entretanto, que a moda não é ditada pelo jovem. Como também é importante que se indague: faz sentido que a juventude encare o sexo como uma coisa séria, quando o vê vulgarizado, tornado objeto sistemático de qualquer publicidade, seja do cigarro ou de *lingerie*,

³²⁶ O filme *Picnic (Férias do amor)*, de 1955, do diretor Joshua Logan, entre outras questões, explora essa “inversão estética”. Assim como *Juventude transviada*, a história se passa em apenas um dia. É feriado em uma pequena cidade, e todos estão reunidos num *picnic* para eleger a rainha da cidade. A chegada inesperada do jovem Hal Carter (William Holden – que tinha na época 37 anos, mas o personagem apenas 23) desestabiliza o relacionamento da rainha eleita Madge (Kim Novak) e seu namorado, o “bom partido” Allan Benson (Cliff Robertson), que viria ser amigo de infância do recém-chegado. Millie (Susan Strasberg), irmã mais jovem de Madge, se veste com calça jeans, camisas largas e, ao contrário da irmã, pouco se preocupa com a beleza, dedicando-se mais aos estudos e à arte. Em conflito constante com a irmã, por quem se sente ofuscada, é Millie que incentivará a Madge a abandonar a segurança do seu relacionamento e seguir Hal Carter quando esse deixa a cidade. Na época, foi considerado um escândalo, o personagem Hal Carter exibir-se com o tórax depilado.

de refrigerante ou tapete, do automóvel ou do loteamento? (CÚRIO *apud* PINTO, 1966, p. 95-96)

Para a psicóloga, a “vulgarização do sexo” e o “homossexualismo”, apontados como crescentes nessa época, seriam estimulados pelas mudanças na cultura promovida pelos meios de comunicação de massa, que, além de abusarem do sexo comercialmente, ainda publicizavam representações do feminino e do masculino, cada vez mais semelhantes, confundindo os jovens, no processo de formação das suas identidades sexuais. Culturalmente, os jovens estariam tornando-se mais “sexualizados” e alcançar a satisfação sexual tornava-se cada vez mais primordial para os indivíduos.

O sociólogo Sérgio Lemos alertava para uma “mitificação” do sexo que estaria sendo propagado pelo cinema comercial e os outros meios de comunicação de massa, associando-o ao mito do amor romântico. “Não é o apelo ao sexo que é mau. [...] Mau é separá-lo de todo o resto da existência, conferir-lhe um poder que êle não tem, transformá-lo em símbolo de prestígio e dá-lo como a chave da felicidade” (LE MOS *apud* PINTO, p. 101). Sérgio Lemos, por fazer uma leitura marxista da questão, acenava para a inadequação da moral sexual burguesa e questionava os prejuízos da ética capitalista, que comercializava qualquer aspecto da vida humana, subvertendo seu sentido. A atividade sexual (inclusive entre os jovens), que anteriormente havia sido investida de moralismo e censura, naquela época era positivada como algo a ser consumido, tornando-se mercadoria.

Já o juiz João Uchoa Cavalcanti Neto defendia a tese de que o “jovem rico se deprava porque lhe falta coragem para enfrentar as consequências passíveis do crime. Ele teme a cadeia.” (CAVALCANTI NETO *apud* PINTO, 1966, p. 87). O erotismo acentuado e a “pederastia” seriam nesse caso um meio que os jovens “transviados” (“*playboys*”) encontraram para descarregar sua agressividade e seu desejo de delinquir, sem sofrer as consequências judiciais.

O médico Humberto Ballariny indicava como causa da depravação sexual de JSA uma educação “analítica ou um ambiente social que não permite ao indivíduo as mais simples emoções hedônicas” (BALLARINY *apud* PINTO, 1966, p. 93) e que exige restrição, em excesso, das emoções, curiosidades e satisfações. Fatalmente, o jovem buscava, no manuseio “das zonas erógenas de seu corpo, tais como lábios, esfíncteres anal e vesical, bico dos seios, períneo e órgãos genitais.” (BALLARINY *apud* PINTO, 1966, p.93), a compensação à repressão sofrida. Essas experiências de

prazer solitário aguçariam a agressividade contra o código de ética e moral imposto. O aumento do “homossexualismo [...], da prostituição, da curra e das aberrações sexuais” (BALLARINY *apud* PINTO, 1966, p. 94) seria uma das implicações decorrentes da educação repressora. A masturbação, novamente, aparece como desencadeadora da liberação moral e sexual entre os jovens.

O historiador Henrique Soares Carneiro (2005) relaciona o combate à masturbação física à perseguição à “masturbação química” que se instaurou no século XX. Segundo o autor, o controle ao fluxo de especiarias naturais e substâncias químicas entorpecentes no final daquele século respondeu a interesses políticos, econômicos e culturais que se relacionam ao modelo de modernidade construído e difundido pelo ocidente. Os Estados redigiram tratados, formalizaram acordos e criaram aparatos de controle (policial, por exemplo) para normatizar a produção e o consumo das drogas (separadas em lícitas³²⁷ e ilícitas³²⁸). Economicamente, essas ações possibilitaram a formação de um mercado lucrativo para a produção e venda das drogas no comércio formal e no paralelo³²⁹.

Se o toque no próprio corpo e o aprendizado solitário da conquista do prazer eram compreendidos como altamente libertadores, ao ponto de poderem tornar-se viciantes, necessitando, portanto, ser medicados, o consumo de drogas lícitas e ilícitas passará a ser uma transgressão completa ao que era prescrito pela família, pela escola, pela Igreja, pelo Estado e pela mídia³³⁰ não só para os jovens como para os próprios adultos e, portanto, altamente subversivo a qualquer padrão cultural estabelecido. Após a segunda metade do século XX, o consumo de droga será bastante associado à rebeldia juvenil e entrelaçado a outras expressões como o *rock and roll* na constituição de modelos (estilo de vida) de uma experiência intensa e extrema (CANEVACCI, 2003) de

³²⁷ Álcool, cigarro e remédios prescritos pelos farmacêuticos e médicos para tratamentos terapêuticos cuja produção e venda é legalizada.

³²⁸ Consumidas para o prazer, a satisfação, elevação espiritual, escape, etc., cuja produção e venda é ilegal na maioria dos países. Uso de remédios e outras substâncias legais para fins não terapêuticos.

³²⁹ Além disso, o surgimento de modelos de organização do trabalho (Taylorismo, Fordismo) foi concomitante à estigmatização de hábitos populares como o fumo da *marijuana* e da inalação do ópio. Possibilitando-nos inferir que o controle ao consumo das drogas serviu a sociedade capitalista, tanto. A invenção do “viciado”, como pontuou Michael Foucault, é mais um mecanismo de controle e poder nas sociedades contemporâneas. (CARNEIRO, 2005, p. 16-20).

³³⁰ Do mesmo modo que há uma glamorização do consumo de drogas associados a ídolos, especialmente jovens artistas, existe também um discurso que se assume como educativo realizado por diversos meios de imprensa que criminalizam o uso de drogas ilícitas e alertam para as implicações pessoais, profissionais, familiares e médicas do seu vício. Nos anos de 1950 e 1960, identifiquei diversas e recorrentes matérias que alertavam para as consequências danosas da droga e também para a glamurização de seu uso pela mídia, assunto, inclusive tratado por Napoleão Teixeira (TEIXEIRA, 1966, 23-26).

juventude. Ainda que o consumo de droga não fosse tratado como um problema social de grande gravidade (os anos de 1970 serão mais determinantes nesse sentido), já era evidente, nos anos de 1950 e 1960, a aproximação que se fará entre aquele que consome droga, aquele que é jovem e aquele que se “transvia”. Diversas culturas juvenis, desde então, terão como característica apologia ao consumo de drogas (não chegava a ser o caso dos “transviados”) como meio para afirmação da singularidade e oposição ao sistema de valores.

As toxicomanias mais consumidas pelos “transviados”, segundo a imprensa e os intelectuais, eram principalmente o álcool e a “erva maldita”³³¹. Mas havia também as “bolinhas” (“boletas” ou “torpedos”)³³², o éter³³³ ou “cheirinho da Loló”³³⁴, o “pico”³³⁵ e, em bem menor medida, a cocaína e a heroína³³⁶.

O jornalista Juarez Temóteo, um dos “caça-rabos de burro”, e o “infiltrado” Fernando Pinto estabeleceram um percurso comum feito pelos jovens durante as madrugadas no consumo de álcool e drogas. Inicialmente, os jovens bebiam nos bares próximos a suas residências (bairro de Copacabana no caso da JSA e Benfica e Centro no caso dos *rabos de burro*) e quando era encerrado o expediente, dirigiam-se em grupos (usando motos e carros ou, mesmo, a pé), para zonas de prostituição da cidade (*Galeria Alasca* ou *Beco do Pobre* no Rio de Janeiro; Cabarés da Rua 24 de Maio ou da praia do Mucuripe, no caso de Fortaleza) e lá encontravam a oferta de favores sexuais e de drogas. Vez ou outra encerravam a noite envolvidos em alguma confusão (brigas) ou “depravação” (festa com drogas e mulheres). O consumo de álcool, maconha, *Pervitin* e outros tóxicos complementavam a busca pela satisfação nas festas e cabarés, sendo, também, um estímulo final para os excessos cometidos nas madrugadas, inclusive delitos e crimes (PINTO, 1966; TEMÓTEO, 1959).

O álcool, apesar de tolerado socialmente e associado à inserção dos rapazes ao mundo adulto, não era indicado para os jovens, especialmente se ingerido em

³³¹ Sinônimo com grande carga de valor moral recorrente para maconha na imprensa cearense.

³³² Comprimidos de anfetamina, cujo nome farmacêutico mais comum era *Pervitin*, ingeridos dissolvidos em *Coca-cola* ou bebidas alcoólicas para efeito energético e eufórico.

³³³ Produto industrializado conhecido como lança-perfume, muito consumido no Carnaval.

³³⁴ Uma mistura caseira de éter e formol caseiro que surgiu após proibição da comercialização do lança-perfume em 1961.

³³⁵ Injeção de anfetaminas dissolvida em água.

³³⁶ Que passa a aparecer com mais frequência no noticiário em meados da metade dos anos de 1960

excesso e longe de ocasiões festivas familiares³³⁷. Quando combinado com as anfetaminas e/ou o lança-perfume, seria pela busca da euforia máxima das festas (se juvenis, chamadas de *party* e tertúlias)³³⁸. Segundo Luiz Ângelo Dourado, o uso do *Pervitin* seria comum entre os homossexuais porque, ao alcançarem o estado eufórico, sentiriam menos ansiedade, astenia, depressão e outros sintomas comuns da homossexualidade. (DOURADO, 1963, p. 53)

A “erva maldita” estava associada à pobreza e à vagabundagem, e o jovem de classe média ou da elite que a consumia incorria em grave rebeldia. Envolvido ou não em outros atos de violência, o maconheiro era definido como delinquente juvenil pela imprensa. Logo, a inserção da maconha nas camadas média e alta era potencialmente temida, especialmente por romper uma linha imaginária e divisória entre as classes. “A maconha também não deixa de aparecer, chegando ao ponto de alguns jovens da alta sociedade irem procurá-la dos degenerados da orla marítima, comprando-a a peso de ouro”³³⁹, alertava um jornalista cearense. A cocaína e a heroína, por sua vez, recebiam raras menções. A julgar pelo volume de notícias na imprensa, em Fortaleza, o consumo dessas substâncias entre os “transviados” parecia menos usuais do que no Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo.

Fernando Pinto identificou que entre os jovens do JSA diferentes tipos tóxicos eram consumidos, mas, “ao contrário do que imaginava” (PINTO, 1966, p. 187), a dependência³⁴⁰ dos jovens em relação à droga era variável. Havia casos como o do rapaz chamado Carlos (vinte e um anos, filho de uma família tradicional gaúcha, e

³³⁷ Diferentemente de outros países que estabeleciam regras mais rígidas para o consumo de álcool, como o caso da os EUA e da Inglaterra, no Brasil, o consumo regular de bebida fazia parte da vida privada, familiar dos jovens, especialmente os do sexo masculino (TEIXEIRA, 1966, p. 23-4).

³³⁸ Entre a elite e a classe média, os comprimidos de anfetaminas foram apontados como a porta de entrada do jovem para o consumo dessa e outras toxicomanias. “A decadência do ‘playboy’ e seu primeiro passo rumo à delinquência começa sempre pelo uso dos psicotrópicos. São as chamadas ‘bolinhas’, que muitos estudantes tomam às vésperas dos exames para não dormir e, de afogadilho, estudar numa noite o que não estudaram durante o ano. [...] É um amigo do protodelinquente quem lhe oferece, para diluir na bebida, as “bolinhas”, antes de uma noite de prazeres ou simplesmente para ficarem mais eufóricos.” (MARTINS, Rui. Código deve regular psicotrópicos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 11 dez. 1966, p. 24). Creio que esse rito de iniciação por meio da anfetamina se acontecesse fosse mais comum em São Paulo, porque, ao menos em Fortaleza, pelas dezenas de matérias que li sobre os “rabos de burro”, o álcool me pareceu ter essa função. O jornalista Fernando Pinto também atribuiu ao álcool a inserção dos jovens “transviados” de Copacabana ao consumo das toxicomanias. (PINTO, 1966, p. 133)

³³⁹ MOURA, Agladir. De onde vêm os delinquentes? (IV). Os transviados e “plays boys”. *O Povo*. Fortaleza, 6 mar. 1964, p. 5.

³⁴⁰ Esse tipo de conceito não era utilizado à época – ou pelo menos eu nunca o localizei nas fontes que consultei.

cujo pai era deputado federal), que consumia drogas, mas continuava a frequentar os bares e parecia-se com qualquer transeunte, sem evidenciar ao menos na aparência cotidiana esse hábito. Chamou-lhe atenção menos o vício e mais a proximidade do rapaz com um “pederasta” rico que organizava festas em casas e iates³⁴¹. E havia casos, como o de Teresinha (um jovem de 17 anos, filha de funcionária pública desquitada), que experimentou as drogas por influência de um namorado (filho de um famoso general) e passou a prostituir-se para sustentar o vício. (PINTO, 1966, p. 187-188)

Apesar de já haver alguma preocupação com relação ao fato de que o uso das toxicomanias poderiam condicionar o jovem a uma dependência química³⁴², o perigo que parecia mais temido pelo seu consumo dos tóxicos estaria no “adormecimento da censura” (TEIXEIRA, 1966, p. 26), que libera “impulsões sexuais recalçadas, [...] impulsos agressivos e pode dar lugar às mais várias reações, sendo o crime uma delas.” (TEIXEIRA, 1966, p. 26). Napoleão Teixeira alertava que muitos delitos e crimes cometidos por “*playboys*” deviam-se à perda de sentido e da moral após o consumo das toxicomanias, portanto as drogas eram um elemento fundamental para entender a etiologia da delinquência juvenil. O médico ilustrou um caso de jovem que “se transviou” ao ponto de cometer um crime pela influência dos amigos e pela inconsciência momentânea oferecida pela droga: certa vez, em Copacabana, amigos convidaram um jovem para conhecer a “Esquadilha da Fumaça”. O jovem, “pensando que ia assistir a uma exibição aviatória, ficou surpreso ao se ver num antro de maconha. Experimentou, gostou, ficou viciado. Integrando a «curra», ajudou a praticar crime bárbaro.”(TEIXEIRA, 1966, p. 24).

No noticiário cearense, os casos de curra e outros crimes atribuídos a “transviados” eram invariavelmente também associados ao consumo de álcool e drogas. Entorpecidos, os rapazes deixariam livres seus “instintos bestiais”, e com anuência dos companheiros, haja vista que agiam em grupos (*gangs*), atacavam as vítimas pelas madrugadas.³⁴³

³⁴¹ Fernando Pinto induzia aquilo que Luiz Ângelo Dourado afirmava categoricamente: o consumo de toxicomanias era um dos possíveis responsáveis pelo “homossexualismo”. “As intoxicações pela cocaína, morfina, ópio, éter, álcool, *Pervitin*, diamba ou maconha, etc. relaxando os freios éticos e morais podem liberar as tendências homossexuais recalçadas e condicionar a prática anormal, diminuindo a ansiedade por ventura existente.” (DOURADO, 1963, p. 52)

³⁴² MARTINS, Rui. Vício causa uma total degradação. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 11 dez. 1966, p. 24.

³⁴³ GOES, Hélio. “Terroristas do sexo” precisam de punição. *O Povo*. Fortaleza, 13 nov. 1964, p. 06;

Fernando Pinto seguia na mesma conclusão:

O entorpecente é o trampolim de pecados do JSA. Com inspiração no ódio, o JSA usa o tóxico como combustível que o impulsiona com violência na trajetória de crimes. O consumo de drogas entre os jovens aumenta na proporção das facilidades que são encontradas no caminho do vício e na variedade cada vez maior de drogas e subdrogas, cuja fabricação e distribuição continuam sendo estimuladas pela falta de aparelhamento policial à altura dos recursos utilizados pelos traficantes e pela falta de escrúpulos de certos donos de farmácia. Para quem conhece a senha, comprar entorpecente é muito mais fácil do que comprar uma escova de dentes. O comércio de tóxicos é ativo e variado. (PINTO, 1966, p. 185)

Mesmo sabendo dessa possível inclinação das drogas para cometimento do crime, Fernando Pinto não se furtou a experimentar alguns tóxicos a fim de entender os seus efeitos e o sentido que tinham para o JSA. Ao experimentar maconha, não sentiu nada além de um “forte peso no estômago e [na] cabeça” (PINTO, 1966, p. 190) e decepcionou-se por constatar que permaneceu em perfeita lucidez. A cocaína, por sua vez, a princípio, também lhe foi decepcionante, mas algum tempo após cheirá-la, começou a sentir um efeito de “baratino” e já não conseguiu mais conservar a lucidez. Sentiu-se “inteligente e bom” e uma sensação de libertação o tomou. Com mais alguns segundos, já seria capaz de fazer qualquer coisa e passou a interagir de modo mais animado (antes procurava ser discreto) com as outras pessoas da festa, sentindo-se capaz de qualquer coisa pelos que ali estavam. Surpreendeu-se negativamente, porém, ao não participar de nenhuma orgia sexual (PINTO, 1966, p. 191). Impossível conter o riso.

O consumo de álcool e drogas pelo jovem “transviado”, além de ser associado diretamente ao envolvimento de práticas violentas (brigas, estupros, etc.), era também apontado como responsável por comportamentos sexualmente “depravados” (envolvimento com prostitutas, orgias, curras, pederastia, etc.).

Fernando Pinto, após constatar que o consumo de álcool e de drogas era um característica da JSA, novamente ouviu sete intelectuais para entender o porquê de o álcool e as toxicomanias serem cada vez mais consumidos pelos jovens.

Segundo o juiz João Uchoa Cavalcanti Neto, que, via de regra, observa os problemas pelo olhar legal, o “jovem rico” (CAVALCANTI NETO *apud* PINTO, 1966, p. 143) estava sujeito ao vício do álcool porque seu consumo em exagero não lhe gerava maiores consequências. No Código Penal brasileiro, a embriaguez era definida como contravenção e não como crime, o que limitaria a ação dos legisladores. (CAVALCANTI NETO *apud* PINTO, 1966, p. 143). Já os tóxicos seriam pela descrença do jovem com a humanidade e pela falsa crença na autossuficiência e onipotência própria da idade (CAVALCANTI NETO *apud* PINTO, 1966, p. 195-196).

O Delegado Armando Pinto concordou que os jovens buscavam o álcool e a droga como fuga e acrescentou que havia também a intenção de obter mais coragem para realizar aquilo que os outros esperam de si, adquirindo respeito entre os colegas de turma, revelando um certo desejo de urgência, de viver tudo hoje, próprio dos jovens: “Nada vale se não o minuto do presente” (AMOROSO *apud* PINTO, 1966, p. 199) para o jovem, disse. A partir da sua experiência nos distritos policiais inferiu, ainda, que o álcool e a maconha eram os tóxicos mais consumidos pela JSA, pois as anfetaminas tinham sua venda controlada (ainda que precária) e a cocaína era muito cara. Ao final de sua análise, ressaltou que se preocupava mais com os jovens pobres que ingressam no vício do álcool e da droga, arregimentados por outros adultos, “legião de marginais” (PEREIRA *apud* PINTO, p. 147) que desejavam formar novos parceiros de bandidagem, do que com jovens mais abastados que bebiam e se drogavam pelas madrugadas do Rio de Janeiro. Para o delegado, o jovem rico viciava-se para escapar do que tinha (família, escola, pressão para o sucesso, etc.) e o jovem pobre para conseguir o que não tinha (casa, comida, futuro). (PEREIRA *apud* PINTO, p. 147-148; 199-200)

Entre os religiosos, expressou-se uma preocupação com o caos familiar e a falta de Deus que caracterizariam aquela sociedade. O jovem seria empurrado para os tóxicos e tinha como intenção fugir das pressões sociais e do mundo em desarmonia. O uso dos entorpecentes, por sua vez, deixava de ser uma tentativa de fuga (escolha) quando se tornava um vício (“necessidade esmagadora”) (AMOROSO *apud* PINTO, 1966, p. 207). Havia falhas na formação espiritual dos jovens por parte da família, do Estado e das instituições religiosas. A reaproximação da religião, por sua vez, seria a solução para a cura do vício. (RIBEIRO *apud* PINTO, 1966, p. 145-146; 197-198).

Já a explicação para o consumo de tóxicos pelos jovens, sob a perspectiva do discurso médico e psíquico, aventada pelo médico Humberto Ballariny e a Psicóloga Maria Glória Costa, é o do acometimento da depressão. O médico enfatiza a degradação familiar como determinante para o acometimento da doença da alma (BAILLARANY *apud* PINTO, 1966, p. 201-203). Enquanto a psicóloga pontua que o consumo da mídia, que estimula “modas e modos” equivocados para a conquista da felicidade contribuiria para a desesperança e a agressividade do jovem. (COSTA *apud* PINTO, 1966, p. 151-152; 205-206)

O sociólogo Sérgio Lemos novamente é o que apresenta a interpretação mais destoante. Primeiro, considera que o alcoolismo juvenil não seria algo estatisticamente significativo no Brasil. Segundo, relativizava o mal que determinados tóxicos (maconha, cocaína e heroína) fazem à saúde dos indivíduos. (LEMOS *apud* PINTO, 1966, p. 209-211). Pontuando que “a Coca-cola, o gás que os ônibus soltam pela rua e os pastéis de botequim” (LEMOS *apud* PINTO, 1966, p. 209-211) também o faziam, mas que ninguém dizia ser “pecado” consumi-los. O que era definido como “ruim” ou “bom” respondia a outros interesses do sistema capitalista e da moral religiosa e não à pesquisa médica. Terceiro, dizia que os tóxicos eram consumidos porque os jovens frustravam-se por não conseguirem cumprir “obrigações inatingíveis” (LEMOS *apud* PINTO, 1966, p. 201) e terem seus desejos cerceados por “mitos morais e sociais de toda espécie” (LEMOS *apud* PINTO, 1966, p. 201). O amor absoluto entre os pais e os filhos, a virgindade como símbolo de pureza, a satisfação sexual algo extraordinariamente “mágico” (LEMOS *apud* PINTO, 1966, p. 201), o poder político ao alcance de qualquer um, a conquista do amor romântico, a eterna juventude, o adiamento do envelhecimento e a manutenção da força e da beleza, o consumo de bens para satisfação individual eram alguns dos mitos. Concluiu:

É para fugir a este mundo e para criar um outro na imaginação que o jovem fuma maconha. Ora, se agora vamos mitificar também a maconha e ver nela um pecado, cercá-la de mistérios e sensacionalismo e dar aqueles gritinhos de «ai Jesus, que coisa horrível», aí a emenda é muito maior do que o soneto. Teremos criado um mito a mais. A maconha faz mal à saúde pública, é claro, mas o cigarro e a Coca-cola, juntos, devem fazer muito pior. Censura-se a maconha porque é uma fuga para o irreal. Mas o irrealismo só é anulado pela análise séria e corajosa das contradições de nossa sociedade, pela inserção do indivíduo na prática social do

trabalho e da produção. Nunca por um novo irrealismo ou gritinhos de beata. (PINTO *apud* LEMOS, 1966, p. 210-11)

O Brasil, para o autor, não vivenciava ainda um momento da sociedade capitalista, cuja monotonia, individualismo e a moral puritana estimulavam os indivíduos ao consumo de tóxicos como único meio de interação social e fuga da opressão nos grandes centros urbanos e industriais. (LEMOS *apud* PINTO, 1966, p. 209-211). Sérgio Lemos comungava com uma visão etapista do capitalismo que caminharia em progresso até seu fim, que seria provocado por uma reação das massas contra a desigualdade de classes e opressão do sistema. Criticava os católicos por considerar que o discurso religioso servia à conformação e à manutenção das hierarquias sociais do atual sistema. Desse modo, quanto mais os jovens “transviados” evidenciassem as contradições do capitalismo e ajudassem a corroer suas instituições representativas (mesmo que ainda inconscientemente), mais contribuiriam para causa revolucionária. Sendo assim, quase sempre, o autor buscava ridicularizar ou contestar o suposto “mal” que sua presença representava para o destino da sociedade brasileira, diferenciando-se, portanto, dos demais analistas da JSA.

3.5) De problemática a promissora: o fim da juventude transviada no Brasil

Em 1958, a revista católica mensal *Mundo Melhor*³⁴⁴ dedicou um número exclusivo à “juventude transviada”,³⁴⁵ que se chamou “Por uma juventude melhor [informação da capa] mais humana e menos cinematográfica [informação da

³⁴⁴ Revista de orientação católica dirigida por Mário Carvalho de Jesus e Nelson Coutinho. Editada em São Paulo, pela editora Melhoramentos, estava disponível para venda e para assinatura. O conteúdo é um compêndio de artigos assinados por acadêmicos brasileiros ou estrangeiros. Algumas matérias eram reproduções de outras revistas católicas da América latina ou da Europa. Artigos de opinião, crônica, contos, crítica literária, resumos de obras e breves entrevistas eram o grosso dos trabalhos. O projeto gráfico é sóbrio e simples (comparado, por exemplo, ao da revista *O Cruzeiro*) e, possivelmente, editado com poucos recursos (financeiros, de impressão, etc.). As ilustrações são, em sua maioria, desenhos e havia algumas poucas fotos. As propagandas são reduzidas, mas variadas. Na edição sobre a “juventude transviada”, em particular, anúncios de livros, baterias de carro, utensílios de cozinha, eletrodomésticos, remédios e roupas para homens podiam ser vistos. Segundo o pesquisador Marcos Antônio Guerra, o dramaturgo Carlos Queiroz Telles trabalhou como secretário da revista *Mundo Melhor* nos seus dois primeiros anos e fazia “praticamente sozinho” o trabalho de edição e diagramação. A publicação teria a pretensão de ser uma *Readers Digest* (publicação americana de 1922 que circulava no Brasil com o nome de *Seleções* desde 1942) brasileira-católica e era uma iniciativa de um grupo de casais de paróquia da Nossa Senhora do bairro da Lapa em São Paulo, ligados ao Partido Democrata Cristão e a JUC. (GUERRA, 2004, p. 88)

³⁴⁵ Uma parte do conteúdo da revista foi apresentada nos itens 2.4 e 2.5 desta tese.

contracapa]” (ver imagem 25). No editorial, casos como o da morte da estudante Aída Curi são recuperados para evidenciar que a sociedade brasileira estava ameaçada pela presença dos jovens “transviados”. Esclarece-se, no entanto, que existe mais de uma “categoria” de “delinquentes juvenis”: os “*playboys*” seriam um grupo e os “moleques de rua, sem alegria, levados ao delito pelo círculo vicioso da miséria e da debilidade mental”³⁴⁶, outro.

Desse modo, os dois “tipos” de juventude são apreciados em suas diferentes etiologias e apontam-se dois problemas a serem solucionados. O jovem “*playboy*” seria uma vítima, especialmente, da falência da autoridade familiar e da má influência da cultura de massa (problema cultural), enquanto os “moleques” seriam vítimas da pobreza, dos vícios, do descaso do Estado, etc. (problema social).

Em *Mundo Melhor*, a sociedade e as suas instituições representativas (família, escola, estado, etc.) são responsabilizadas pelo “transvio” ou pelo “abandono” dos jovens e, por isso, cabia também a ela providenciar as soluções, sendo “[...] indispensável que se esforcem não só os governos como as associações cívicas e, de modo geral, todos os cidadãos”³⁴⁷

Para direcionar as iniciativas, exemplos de “juventude transviada” em outros países³⁴⁸ foram descritos, destacando-se o funcionamento de suas legislações e políticas de combate à delinquência juvenil. Iniciativas locais como a dr. Aldo de Assis Dias, juiz de Menores de São Paulo, e da Liga Paulista de Higiene Mental e seu engajamento pela “regeneração da juventude transviada” (promoviam debates e palestras educativas na televisão, no rádio, jornais, escolas e universidades sobre o tema), também receberam menção.³⁴⁹

O futuro da juventude brasileira é representado como sombrio e incerto pela revista *Mundo Melhor*. O “delinquente juvenil”, que seria, “antes de mais nada, um inadaptado”³⁵⁰ era apenas o expoente mais extremo de um geração problemática, que pouco oferecia e que precisava ser “recuperada” para “dirigir amanhã os destinos do Brasil”³⁵¹. Resumindo, o fenômeno dos “*playsboys*” tinha de ser “sabotado” como concluiu o médico João Carvalhal Ribas³⁵².

³⁴⁶ ESSA infância da qual somos culpados. *Mundo Melhor*. op. cit., p. 1.

³⁴⁷ BEHRINGER, Clara González. Porque descambam para o crime? *Mundo Melhor*. op. cit., p. 108.

³⁴⁸ Estados Unidos, França, Grã Bretanha, Suíça, México, Paraguai são exemplos de países mencionados.

³⁴⁹ RETRATO psicológico do “*playboy*”. *Mundo Melhor*. op. cit., p. 13.

³⁵⁰ O DELINQUENTE juvenil é antes de mais nada um inadaptado. *Mundo Melhor*. op. cit., p. 73.

³⁵¹ RETRATO psicológico do “*playboy*”. *Mundo Melhor*. op. cit., p. 13.

³⁵² Idem.

Em 1967, quase dez anos após a edição de *Mundo Melhor*, a revista de variedade mensal *Realidade*³⁵³ dedicou uma edição especial à juventude que se chamou “A juventude brasileira, hoje” (ver figura 28). No conteúdo, não há nenhuma menção à “juventude transviada”. A expressão, fatos ou, mesmo, os símbolos relacionados ao “transvio” (filmes, música, atores, etc.) não constam em nenhuma das matérias que compõem a revista. Quem lê *Realidade* e não conhece a história recente da juventude brasileira não saberia que existia ou existiu uma cultura juvenil chamada de “transviada” naquela época ou no passado bem recente.

Como em 1967, ainda era possível encontrar menções à “juventude transviada” na grande imprensa (paulatinamente mais esporádicas a partir de 1964) e apenas um ano antes, ao menos dois livros haviam sido lançados sobre o tema, *Juventude transviada*, do médico Napoleão Teixeira e *Juventude sem amor*, do jornalista Fernando Pinto (esse seguramente com grande repercussão). suponho que os editores de *Realidade* tenham, propositalmente, excluído a “juventude transviada” da pauta.

³⁵³ Revista lançada pela editora Abril em 1966 com objetivo de produzir um tipo de jornalismo diferente, inspirado no *New Journalism* americano, que consistia em tratar de temas polêmicos da atualidade mesclando a observação da realidade com a literatura ficcional. A revista é “um marco na história da imprensa brasileira e suas características são apontadas como tendências que deixaram um traço de qualidade que a produção jornalística não chegaria a repetir depois que a revista deixou de existir” (FARO, 1999, p. 81) e por isso é, atualmente, objeto de vários trabalhos (acadêmicos) na área de comunicação. *Realidade* tinha em média uma tiragem de 500 mil exemplares na década de 1960 e graficamente era muito inovadora. Explorava bastante o uso de cores, mesclando textos e imagens e todo o conteúdo era permeado por inúmeros anúncios publicitários, como peças de roupas e sapatos, perfumes, eletrodomésticos e eletroeletrônicos, utensílios para casa, carros, remédios, etc. Segundo José Salvador Faro, a redação era bastante autônoma e muitos jornalistas eram militantes de causas de esquerda. A revista oferecia em relação a outros magazines de variedade da época como *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Fatos & Fotos*, uma “concepção mais intelectualmente refinada” (FARO, 1999, p. 88) no trato das questões da realidade brasileira. “A publicação da Abril assumia mesmo, perante seu corpo de jornalistas e perante seu público leitor, a imagem de um órgão para o qual não havia *tabus*, no sentido de que se dispunha a avançar sobre o que não se discutia ou sobre assuntos a respeito dos quais se discutia timidamente. Estão incluídas nesse aspecto as reportagens que a revista *Realidade* publicou sobre temas que faziam referência, direta ou indiretamente, à estrutura da família, à mulher, aos jovens, ao sexo, à religião e às Igrejas, à ciência e à medicina, às esquerdas, às questões da política internacional, aos problemas da vida política, econômica e social brasileira, às questões urbanas, à mídia, à vida cultural, aos mitos da cultura de massa, ao consumo, aos assuntos policiais, à tecnologia e à educação.” (FARO, 1999, p. 107-108). No número em questão, o editor era Victor Civita, e o conteúdo tinha as seguintes matérias: a) A Juventude Brasileira, hoje – balanço de uma pesquisa nacional realizada com 2000 (dois mil) jovens (entre 19 e 25 anos) que responderam a um questionário proposto pela revista na edição anterior e pelo órgão de pesquisa Marplan; b) Eis o mundo deles de Mylton Severiano da Silva (texto) e Salomão Scliar (fotos); c) O conflito de gerações de Carmen da Silva (texto) e Milton Luz (desenhos); d) Eu fui um simples operário de Hamilton Ribeiro; e) Eu aprendi a dirigir uma grande empresa de Henrique Caban; f) Eu vivi numa república de estudantes de Alberto Libâneo; g) Eu entrei na turma de Luiz Fernando Mercadante; h) Eu encontrei um mundo bem comportado de Lana Novikow; i) Eu senti a dura vida no campo de Narciso Kalili; j) O recruta de Hamilton Almeida (texto) e Jorge Butsuem (foto); k) Estes são os fazedores de Norma Freire; l) Primeiro Amor de Claudia Andular; e m) O que você quer ser? de Eurico Andrade.

A juventude representada na revista *Realidade* era completamente diferente da ilustrada por *Mundo Melhor*. Não havia mais sobre os jovens qualquer suspeita de que oferecessem perigo à sociedade. Ao contrário, o jovem anunciado como não sendo “nem uma criança, nem um adulto” era um sujeito pleno, promissor, que tinha um lugar incontestável naquela sociedade, ainda que permanecesse em um “conflito de gerações” (ver figura 29), disputa entre velhos e jovens que foi naturalizada como sendo inerente a qualquer organização social e a qualquer época da história. Em *Realidade*, os jovens já não são mais sujeitos que se deixavam influenciar por qualquer astro de cinema ou herói de revista em quadrinhos. Ao contrário, relacionavam-se com o mundo de modo ativo e estavam em condições (capacidades, habilidades, vontade, etc.) para mudá-lo, ainda que pouco dispostos a fazê-lo.

Segundo o que responderam os mais de dois mil jovens, com idades entre dezenove e vinte cinco anos, entrevistados por questionário pela revista *Realidade*, a maioria deles era mais crente em Deus que no socialismo (ainda que considerassem ser o melhor sistema econômico); era mais preocupada com a própria realização profissional e pessoal que com as questões sociopolíticas; tinha com os pais uma boa relação e desejavam formar uma família nos moldes tradicionais; preferia que o futuro marido ou esposa fosse virgem; valorizava a fidelidade e estava mais preocupada com a satisfação amorosa que sexual; considerava o divórcio (quando o casamento não desse certo), mas ainda acreditava que o melhor era manter a relação conjugal pelo bem dos filhos; acreditava que o homossexualismo fosse uma doença; opinava, esmagadoramente, que o trabalho da mulher fora do lar era dispensável, caso não fosse necessário para subsistência da família; e aprovava mudanças estéticas como uso da minissaia (pelas moças) e roupas coloridas e cabelos grandes (pelos rapazes).³⁵⁴

Por esse perfil, de fato, não havia muito que temer em relação à juventude nem mesmo à constatação de que o “mundo está ficando cada vez mais jovem”³⁵⁵. A “rebeldia” estava muito distante da juventude ou, pelo menos, era concentrada mais nas questões estéticas e menos nas morais ou restrita a grupos muito específicos e de “vanguarda” como os estudantes universitários³⁵⁶. José Salvador Faro, que, dentre

³⁵⁴ A JUVENTUDE brasileira hoje. *Realidade*. ano II, nº 1. São Paulo, set., 1967, p. 18-26.

³⁵⁵ Referência a uma tese da socióloga Marialice Forachi. EIS o mundo deles. *Realidade*. op. cit., p. 32.

³⁵⁶ Na matéria “Eu vivi numa república de estudantes”, é perceptível nuances mais diferentes em relação aos outros jovens (maioria), haja vista que a falta de vagas na universidade, era, inclusive, explorada pela própria revista. Os estudantes seriam os rebeldes da época, envolviam-se com política e faziam “bagunça na rua”, propunham a quebra de tabus sexuais e ameaçavam os alicerces da república. EU VIVI numa república de estudantes. *Realidade*. op. cit., p. 32.

outros temas, pesquisou a visão de juventude esboçada pela revista *Realidade* e, em particular, nessa edição especial faz interpretação semelhante: “A rebelião dos jovens não tinha correspondência em suas atitudes individuais frente a muitos valores simbólicos da estabilidade burguesa”. (FARO, 1990, p. 141) Os jovens de classe média e da elite também em nada lembram os “*playsboys*”, e seu compromisso “exclusivo” com a diversão, eram descritos como estudiosos, comprometidos e responsáveis. E os jovens menos abastados, fossem camponeses, operários ou recrutas, seriam esforçados e comprometidos com o trabalho e a ascensão social.

Outra questão a ser comparada é em relação à percepção de gênero. Em *Mundo Melhor*, as questões femininas não são problematizadas. As moças são representadas apenas como vítimas dos “transviados”. Na revista *Realidade*, as expectativas de homens e mulheres são consideradas, ainda que persista uma predominância das representações do masculino. Se compararmos as duas capas (ver figuras 25 e 28), essa mudança do feminino é facilmente perceptível. Em *Mundo Melhor*, uma cena de *Juventude transviada* (o momento posterior à morte de Buzz num precipício) ilustra a capa. Retirada do contexto do filme, a imagem permite diversas interpretações, mas a que me aparece mais evidente é a relutância de Judy em seguir com Jim (também o é no filme), haja vista seu olhar assustado. Como Jim representa a rebeldia (no interior da revista, o personagem e o ator são recorrentemente ilustrados – ver figura 26), a leitura mais óbvia é que a moça está sendo tentada a “transviar-se”. Para uma revista que oferece uma leitura católica das questões socioculturais, a ideia de que o “transvio” é uma “tentação” para o jovem faz certo sentido.

Já na capa de *Realidade*, metade do rosto de um rapaz e de uma moça forma uma única “cara”, que se mostra e encara o leitor com intensidade (ver figura 28). O editorial explica que a escolha da imagem tentou “sintetizar uma juventude de rebeldes e acomodados, brancos e pretos, mulatos e nisseis”³⁵⁷. Não creio que tenha alcançado essa intenção. Mas ao “somar os cabelos compridos de um rapaz aos cabelos curtos de uma moça”³⁵⁸ julgo que equiparou ambos os sexos como modelo da juventude brasileira que a revista buscava revelar ao leitor.

Por fim, enquanto, em o *Mundo Melhor*, as expectativas de jovens e adultos são bem definidas e expressas como conflitantes, na revista *Realidade*, a ambiguidade se encontra dentro da própria juventude, tal qual existia entre os adultos. Logo, como

³⁵⁷ CAPA. *Realidade*. op. cit., p. 5.

³⁵⁸ Idem.

também destaca José Salvador Faro, o “mundo jovem” não seria muito diferente do “mundo adulto” e a “simbologia” predominante é a da conservação. (FARO, 1999, p. 143)

Parece-me evidente que tanto a juventude representada em o *Mundo Melhor* quanto na revista *Realidade* são resultado de escolha editoriais. Logo, o importante nessa questão é tentar entender qual foi a intenção que se buscou obter com a escolha. Acredito que responda a questões editoriais e comerciais (internas) e de contexto político, social e histórico (externas).

O *Mundo Melhor* estava em seu primeiro ano e, possivelmente, era uma revista que buscava ainda se afirmar no mercado editorial e agregar leitores. Como já dito, após a morte de Aída Curi, diversos veículos de imprensa passaram a tematizar exaustivamente a “juventude transviada”, tanto gerando mais interesse sobre o caso quanto atendendo ao desejo do grande público por saber mais. A edição sobre a “juventude transviada” de *Mundo Melhor* saiu, aproximadamente, um mês e meio após a morte da estudante, logo comercialmente foi uma escolha conveniente. Por outro lado, os católicos há tempos envolviam-se no debate sobre a “juventude transviada”, e não faltam menções a esse envolvimento na grande imprensa da época. Até porque um possível afastamento dos jovens da Igreja e a falta de ensinamentos religiosos eram apontados como uma das causas do “transvio”. A cultura parecia cada vez mais laica (salvo todos os exageros), e a “irreligiosidade” dos jovens era uma constatação dessa mudança (TEIXEIRA, 1966, p. 53). A questão, portanto, interessava aos católicos (clérigos e fiéis) e, de certo, atendia às demandas editoriais de uma revista que tinha essa vertente religiosa. Por último, a “juventude transviada” nunca esteve tão “viva” quanto em 1958, (repercussão do filme *Juventude transviada*, morte de Aída Curi, atenção da imprensa, discussão no congresso, etc.), logo o tema fazia parte da agenda política e social brasileira daquele ano.

Realidade, por sua vez, estava no seu segundo ano e já era um sucesso editorial, dentre outros motivos, por tratar de temas espinhosos da sociedade com abordagens menos usuais. A edição sobre a juventude (nº18 - dezoito) foi divulgada um mês antes, pois na de nº 17 (dezessete) vinha anexado o questionário com as perguntas que deveriam ser respondidas e remetidas para a editora e, posteriormente, utilizadas para traçar o perfil da juventude.³⁵⁹ Segundo informa a edição n.º 18, mais de 20 mil

³⁵⁹Poucos meses antes, a edição nº 10 (dez) havia proposto um perfil da mulher brasileira também utilizando-se dos questionários. Quando o número foi lançado, houve uma grande repercussão negativa,

jovens de vários estados remeteram o questionário respondido e outras centenas de cartas chegaram à redação comentando a iniciativa dos editores e propondo temas a serem discutidos. Algumas cartas foram publicadas e expressavam opiniões favoráveis (maioria) (“Não deem ouvidos a comentários maldosos de que a revista tem cunho impudico”³⁶⁰) e negativas (“*Realidade* é uma revista incontestavelmente de influência americana. O melhor seria combater essa odiosa influência na nossa cultura”³⁶¹) mas todas pareciam evidenciar a grande expectativa para o lançamento do número e uma me pareceu bastante elucidativa daquilo que os editores buscaram afirmar: “Sr. Diretor: É preciso que se demonstre ao governo, aos pais, aos mestres, ao povo em geral, que nem todos os jovens são delinquentes, que a maioria trabalha, estuda, colabora com grandeza do gigante adormecido há 400 anos. Esta juventude tem consciência.”³⁶² Enquanto a revista *Mundo Melhor* respondeu às preocupações dos pais dos jovens (que temiam ter uma filha assassinada como Aída Curi ou acusados de curra como Ronaldo Guilherme Cássio Murilo), *Realidade* optou por responder diretamente às inquietações dos jovens (que pediram em suas cartas que falassem de suas potencialidades, de suas ambições, de suas realizações). Em 1967, os leitores, fossem jovens ou adultos, parecia que já não estavam mais tão interessados na “juventude rebelde” sem “consciência” ou “propósito”. A demanda, aquele momento, era por outra discussão, e *Realidade*, que tinha por proposta inovar, apresentou uma leitura oposta ao que tradicionalmente se dizia sobre o jovem. A “juventude transviada” havia envelhecido, já era assunto do passado.

Ao comparar as duas revistas, concluo que a “juventude transviada” foi uma cultura juvenil que no Brasil durou aproximadamente entre 1958 e 1968 (ano em que se encerram as menções a juventude transviada na grande imprensa). O Golpe Militar de 1964, e depois o AI5, que endureceram a repressão às manifestações sociais, especialmente as transgressoras, ajudaram a decretar o fim da “juventude transviada”.

A imprensa, simplesmente, deixou de falar sobre o “fenômeno” porque, além da repressão (que trazia novas questões à sociedade e impunha limites editoriais),

e após denúncias anônimas, o Juizado de Menores de São Paulo e do Rio de Janeiro considerou que a abordagem de questões tabus (orgulho de ser mãe solteira, confissões de uma “moça livre”, superioridade feminina, etc.) era abusiva e ofendia a dignidade e a honra da mulher, ordenando a proibição das vendas. (FARO, 1999).

³⁶⁰ Comentário assinado por Valdete Santos, 22 anos, Guanabara, RJ. *Realidade*. op. cit., p. 7.

³⁶¹ Comentário assinado por José da Silva, 16 anos, Fortaleza, CE. *Realidade*. op. cit., p. 7.

³⁶² Comentário assinado por Renato Freire, 25 anos, São Paulo, SP. *Realidade*. op. cit., p. 7.

outras culturas juvenis surgiram, como a da jovem guarda³⁶³. Quando Renato e seus *Blue Caps*, *Os Vips*, Roberto e Erasmo Carlos, Vanderléa, dentre outros artistas, tornaram-se sucesso de um programa televisivo chamado *Jovem Guarda*, lançado em 1965 pela emissora de televisão *Record*, a “juventude transviada” começava a agonizar. É, entretanto, possível reconhecer na juventude que se encantou com o *rock* “iêiêiê” da Jovem Guarda uma herança mais palatável dos “transviados”. A estética das roupas, o linguajar permeado por gírias (incluindo palavras em inglês), a paixão pela velocidade e pelos carros, a sexualidade mais latente. A “geração do iê-iê-iê”, entretanto, já não era mais a do “rebelde sem causa”; ao contrário, nem rebelde seria, pois passou para a posteridade como “alienada”, uma vez que os jovens do “iêiêiê” teriam ficado alheios ao recrudescimento das liberdades impostas pelos governos militares³⁶⁴. O rebelde, a partir da segunda metade da década de 1960, era outro, e destinado a pôr fim à Ditadura Militar e quiçá instaurar uma revolução comunista no país³⁶⁵.

³⁶³ Quando *Realidade*, por exemplo, voltou a falar em juventude, no ano seguinte, 1968, foi para tematizar a cultura juvenil *hippie*.

³⁶⁴ Refiro-me ao imaginário de senso comum.

³⁶⁵ *Realidade* já anunciava esse novo modelo de juventude rebelde dos anos de 1960, circunscrita, nas suas páginas, aos estudantes universitários. (ver figuras 30)

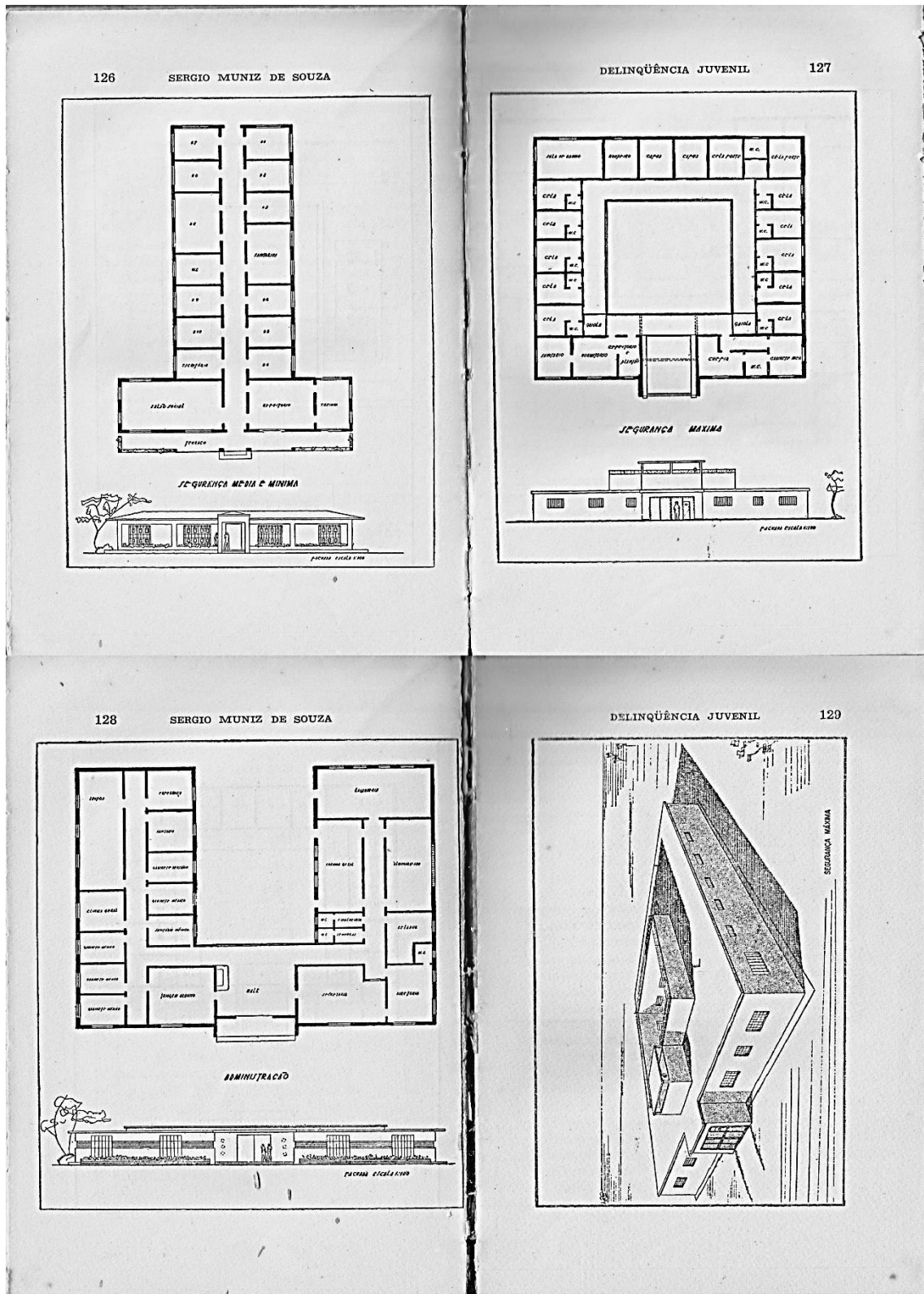
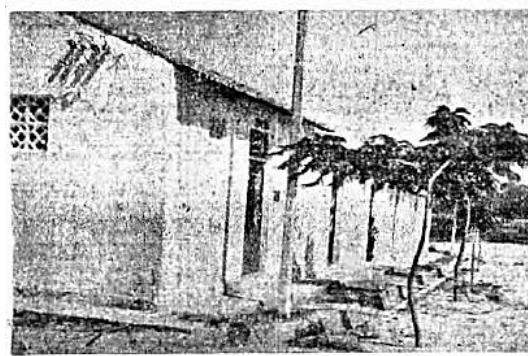


Figura 21 – Projeto de reformatório para delinquentes juvenis. *Delinquência juvenil*, 1959.



Figura 22 - Crianças e adolescentes pobres apresentados como "transviados". *O Povo*, 1960.



Pavilhão de oficinas onde funcionam apenas duas



O Nucleo de Menores transforma no homem de amanhã o delinquente de hoje

O estabelecimento reorganizado pelo coronel Murilo Borges começa a dar os primeiros frutos — Quarenta e oito menores (entre os quais dois homicidas) fazem estágio para uma nova vida — Liga de Prevenção e Combate à Delinquência Juvenil, uma campanha que deve merecer o apoio de todos — (Texto e Fotos de FLAVIO PONTE)
(Na página 12)

Figura 23 - Núcleo de Menores Antônio Bezerra em Fortaleza. *O Povo*, 1959.

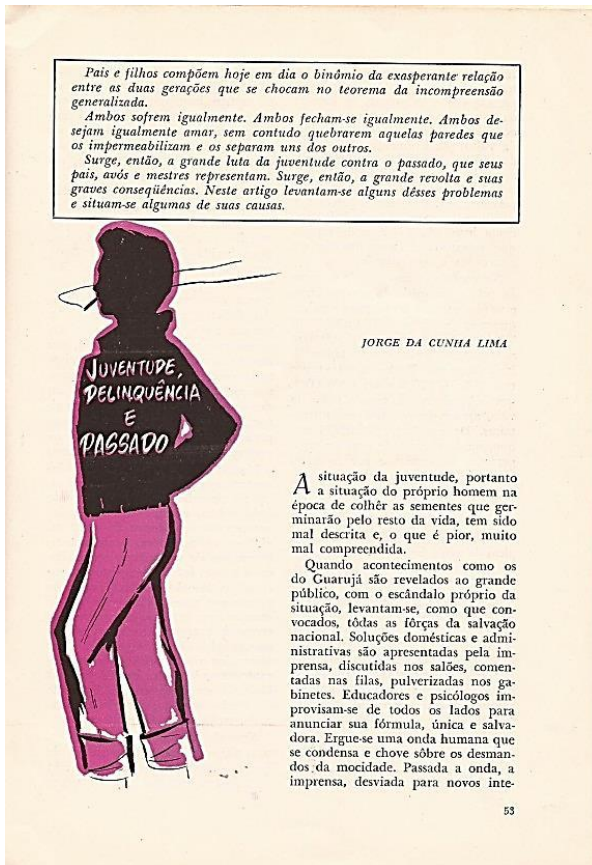


Figura 26 - Interior da revista *Mundo Melhor*. Representação que se remete ao personagem Jim do filme *Juventude transviada*, 1958.

Figura 27 - Interior da revista *Mundo Melhor*. Representação do jovem transviado como lambreteiro, 1958.





Figura 28 - Capa da contracapa 18ª edição da revista *Realidade*, 1967.



Figura 29 - Interior da revista *Realidade*, 1967.

“Estudante só quer saber de bagunça de rua”

UNIVERSITÁRIO CONTINUAÇÃO

Alfredo aproveita para provocar Fiúza:

— Mas vocês não acham que a miséria e a desigualdade de classes podem também favorecer o comunismo?

— Não, pois assim como o corpo humano é dividido em diferentes partes, cabeça, tronco e membros, é natural que a sociedade seja também dividida em diferentes classes.

Fiquei sabendo depois que a TFP congrega, em Belo Horizonte, 300 universitários divididos em 13 “repúblicas”, fora alguns que moram em casa com a família. Soube também que a TFP e o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) são os únicos grupos organizados de oposição à UNE.

Sexta-feira

Faculdade de Medicina; Henrique trouxe-me para assistir à aula prática do 1.º ano: Anatomia Humana. Sobre as mesas, num amplo salão, vários cadáveres cheirando a formol. Observo os estudantes fazendo dissecação e exame de partes isoladas do corpo humano. Trabalham com certa frieza, como se lidassem com bonecos de gesso. À saída, pergunto a Henrique se aquele trabalho não lhe traz repugnância.

— Durante três meses fomos psicologicamente preparados para isto. Nos primeiros dias ficamos chocados, sentimos mal-estar, ânsia de vômito; deixamos até de comer carne e alguns chegam a sentir repugnância pelo próprio corpo. Em geral, quem mais se impressiona são as moças: algumas pensam abandonar o curso. Mas depois a gente se habitua.

Percebi que, ao contrário dos alunos da Filosofia, o pessoal da Medicina pouco se interessa pela política estudantil ou pela política em geral. Ao mesmo tempo, há uma generalizada indiferença religiosa. Os universitários brasileiros são, quase todos, o que os teólogos costumam chamar de “cristãos atávicos” — têm a fé como herança de família. A entrada para a Universidade e o contato direto com a ciência criam neles um certo ceticismo. Muitos já não vão ao culto ou à missa. Jorge, do 3.º ano, me dizia:

— A perda da fé, na Universidade, é consequência do

próprio objetivismo da ciência. Ela nos leva a querer comprovar as coisas laboratorialmente.

Alguns grupos universitários, porém, se preocupam com uma visão melhor do Cristianismo. A Juventude Universitária Católica — que já formou uma geração de líderes universitários — e a Associação Cristã Acadêmica, protestante, buscam uma conciliação entre a fé e o engajamento político do universitário.

Prates convidou-me para jantar em sua casa. Seu pai, velho udenista do interior de Minas, veio para a capital no governo Magalhães Pinto. Diz sempre que o problema brasileiro “se reduz à falta de exemplos morais e cívicos como Artur Bernardes”. Mas o filho discorda e prefere apoiar a UNE.

— Este também é subversivo como você? — perguntou o velho quando fui apresentado. Mas antes que o filho respondesse, foi falando:

— Vocês pensam que eu sou reacionário e não entendo mais de política dos estudantes. Ora, eu fui um dos que vi a UNE nascer em agosto de 1937 na Casa do Estudante do Brasil. Acho até que foi dia 13. Isto mesmo: treze de agosto. Lembro-me que em 1942 ela obrigou o governo do Estado Novo a romper com as potências do Eixo. Tomou fôlego, encaminhou-nos à mesa do jantar e continuou:

— Os nazistas tinham torpedeado navios brasileiros nas costas de Sergipe. Antes que o governo se declarasse, os estudantes repudiaram o hitlerismo apoderando-se de um prédio na Praia do Flamengo; era a sede do Clube Germânia, que acabou virando sede oficial da UNE. Depois, em 1945, ela se aliou à UDN para redemocratizar o país. Enquanto Eduardo Gomes discursava no Recife, a polícia dissolvia um comício a bala, matando o estudante Demócrito de Souza Filho. Isto foi em março. Em outubro, Getúlio caiu. Mas hoje...

O velho olhou sério para mim e para o filho: — ... está tudo mudado. Os estudantes só querem saber de bagunça de rua e nem pegam nos livros. Vivo dizendo pra este menino que ele vai acabar preso.

Prates quase não fala. Tinha me dito antes que acha impossível o diálogo com o pai. Está trabalhando para ter independência financeira da família. SEGRE



Na passeata de protesto contra o acordo MEC-USAID, a polícia usou quase tudo: metralhadoras, cassinetes, gás lacrimogêneo, mangueiras de incêndio e bombas

Figura 30 - Novo modelo de rebeldia juvenil. *Realidade*, 1967

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu numa história da “juventude transviada” no Brasil, pelo viés da imprensa e de acadêmicos que buscaram entender o novo comportamento adotado por jovens das camadas médias e altas, entre os anos de 1950 e 1960. Mais precisamente, construí uma narrativa envolvendo o início do fenômeno, seus desdobramentos e o seu “fim”³⁶⁶, ocorridos num intervalo de aproximadamente 10 anos (entre 1958 e 1968).

Inicialmente (1º capítulo), sustentei a tese de que a exibição de *teenpics* como *O selvagem*, *Sementes da violência*, *Ao balanço das horas* e, especialmente, *Juventude transviada*, ajudaram a definir e difundir, no Brasil, assim como ocorria em outras partes do mundo, um novo modo de “ser jovem”. A partir de então, rapazes que afinavam seus modos, gírias, gostos e gestos com a cultura norte-americana, ou que tinham comportamento considerado transgressor e delinquente, passaram a ser chamados de “transviados”. Para evidenciar o início do fenômeno, aponto dois fatos. O primeiro é a morte da estudante Aída Curi, em 1958. Dois jovens, Ronaldo Guilherme (19 anos) e Cássio Murilo (17 anos), foram acusados de tentativa de estupro (“curra”), que resultara na queda da jovem da cobertura de um prédio em Copacabana. Desde então, o episódio tornou-se emblema da presença da “juventude transviada”, mobilizando uma série de ações, sobretudo da imprensa e da intelectualidade brasileira, para explicar o “transvio” de parte da juventude brasileira. O segundo é a emergência, no noticiário policial da cidade de Fortaleza, na primeira metade da década de 1950, de jovens chamados de “rabos de burro”. Em semelhança com os cariocas, o comportamento irresponsável, transgressor e violento que os caracterizava. Daí serem qualificados, posteriormente, como “transviados”.

Após analisar o surgimento da “juventude transviada”, investiguei (2º e 3º capítulos), as causas apontadas para explicá-la. Dentre outras obras, elegi o livro *Juventude Transviada: Alguns aspectos da problemática médico-social* (1966), do

³⁶⁶ Por ser tratar de uma cultura, não é possível estabelecer um “começo” ou um “fim” para o “transvio” juvenil. Arrisquei-me a fazê-lo, pautada no fato de que, em determinado período, concebeu-se a existência de uma “onda” (“fenômeno”) de transgressão e delinquência juvenil (o “transvio”), que ameaçaria o futuro de uma geração.

médico e professor de Direito Penal e Criminologia da UFPR, Napoleão Lyrio Teixeira, como fonte de análise.

No segundo capítulo, demonstrei que o consumo de bens da indústria cultural foi apontado, excetuada a família, como o principal responsável pelo “transvio”. Filmes, músicas, literatura em quadrinhos e as próprias notícias sobre violências cometidas pela “juventude transviada” transmitiriam mensagens equivocadas aos jovens, incitando a adoção da estética e do comportamento “transviado”. Destaquei os malefícios de cada tipo de produto (fílmico, literário, sonoro) e a tese de que a mídia era responsabilizada pelo transvio porque se considerava o jovem um sujeito facilmente influenciável e incapaz de apropriar-se criticamente do que via e ouvia através dos meios de comunicação.

No terceiro e último capítulo, apresentei outras causas recorrentes na explicação do “transvio”. Inicialmente, apontei que os jovens que vivem em situação de pobreza, abandono e/ou delinquência, e que desde o século XIX eram já considerados um “problema social”, foram também incluídos entre os “transviados”, de modo a dar maior visibilidade ao “problema”. Em seguida, mostrei como a falência da autoridade familiar, a ação em grupo (por meio de *gangs*), a liberação sexual e o vício em drogas também eram apontados como causas (e, ao mesmo tempo, consequências) do “transvio” juvenil. Por fim, defendi a hipótese de que, por volta de 1968, a “juventude transviada” chegou a seu fim, utilizando como prova um número especial da revista *Realidade* sobre a juventude na qual não se fazia qualquer referência aos “transviados”.

Essa tese resultou completamente diferente da proposta original, uma etnografia dos “*rabos de burro*” (pretendo, ainda, realizar esse trabalho, que, julgo, traria importantes contribuições para a história da juventude e de Fortaleza). No segundo ano do doutorado, encontrei, por acaso, em um sebo no centro de São Paulo, o livro supracitado do médico Napoleão Teixeira. Desde então, quis contar outra história: a de como a “juventude transviada” foi divulgada e interpretada (todavia, sem descurar, completamente, da forma como o “transvio” foi experienciado por seus agentes).

Preocupe-me com não julgar o fenômeno estudado. O traço mais controverso da cultura “transviada” foi o uso da violência. Se julgar fosse meu papel, condenaria todos os “transviados” que estupraram, espancaram, mataram, atropelaram, roubaram, etc. e que ficaram impunes. Como meu papel é de compreender, não neguei

esse traço da violência, mas não fiz uso dela para desqualificar o “transvio” como uma experiência significativa da juventude.

Outra preocupação minha foi dialogar com os intelectuais que pensaram o “transvio” à época sem subestimar suas observações. Foi através deles que conheci e, grande parte, compreendi o objeto. Evitei sobrepôr as leituras atuais do “transvio” às deles, ignorando que várias de suas hipóteses eram relevantes para compreender o comportamento da juventude. Obviamente, tentei evidenciar pressupostos morais e teóricos que em muito diferem dos nossos. Evitei, contudo, simplesmente aplicar uma determinada teoria contemporânea da história ao meu objeto.

Durante os últimos quatro anos sempre me perguntavam o “porquê” dos jovens terem “se transviado”. Sempre fugi dessa pergunta porque não sabia a resposta. Tentarei agora. Os jovens emergiram como sujeitos porque houve um afrouxamento (que eles ajudaram a propiciar) das relações sociais, em razão da segunda guerra mundial, grande crescimento urbano e demográfico, inserção de novas tecnologias e mídias no cotidiano, além da ampliação das oportunidades educacionais e de trabalho. O Brasil, particularmente, vivia uma experiência democrática e um desenvolvimento econômico permeáveis às mudanças dos modos e costumes, influenciados por outras culturas, como a norte-americana. Portanto, nas cidades, entre os carros e as lambretas, entre as lojas e as mercearias, entre as praças e os clubes, entre a rua e a escola, entre o bar e o cabaré, entre a pracinha e a praia, entre os super-heróis e os pornógrafos, entre o *rock and roll* e o mambo, entre o álcool e a maconha, entre a mesada do pai e o roubo da bolsa da mãe, os jovens rapazes, de classe média e da elite, encontraram um cenário convidativo de liberdade anteriormente inexistente.

Essas são as causas materiais, contextuais, diriam, acrescentando uma questão, relativa às causas finais, relativas à intenção dos sujeitos: “E o que eles queriam?” Divertir-se, consigo, finalmente, responder. Os “transviados” queriam ver reconhecido o seu desejo de “ser jovem”. A experiência de juventude seria um intervalo breve (pouco depois da adolescência e pouco antes do casamento) para o desfrute da irresponsabilidade, dos instintos, dos excessos, das aventuras, das transgressões e da agressividade. A “causa final”, portanto, era a busca pelo reconhecimento do direito de ser um jovem “rebelde sem causa”.

Sobre as causas acidentais, aponto a morte de James Dean, em nível mundial. No Brasil, a morte de Aída Cury.³⁶⁷

Um das coisas que me incomodavam ao ler ou folhear livros que se propunham a contar a história cultural do Brasil, ou, mesmo, da sua juventude, no século XX, era encontrar, apenas, breves menções à “juventude transviada”, que serviam de trampolim para a juventude “verdadeiramente” rebelde, dos anos de 1960. Os rebeldes “sem causa”, dos anos de 1950, transformar-se-iam em rebeldes “com causa”, nos anos de 1960. Diversas juventudes coexistem, contudo, numa determinada época, não sendo possível suceder “modelos de juventude”. Não são, também, completamente homogêneas, dialogando entre si sincrônica e diacronicamente (haja vista as atuais “tribos”, “sub culturas” e “galeras”). Não se justificam, por conseguinte, comparações que evidenciem ausências e presenças de elementos em uma em relação às outras.

Julgo, contudo, que os “transviados” influíram significativamente na mudança dos modos e costumes na segunda metade do século XX. Ainda que não tenham hasteado uma “bandeira”, precisaram de coragem para se fazer notar na sua diferença, para quebrar autoridades, hierarquias e tabus. Os “transviados” foram poucos, dispersos, mas “ruidosos”, como se dizia à época, impondo à sociedade, além da visibilidade e dizibilidade³⁶⁸ de um novo grupo social (a juventude), a discussão de temas – moda, costume, individualidade, consumo e ao prazer – que afetavam a toda a sociedade. Ofereço, pois, aos “transviados”, mais que uma referência, um trabalho inteiro.

³⁶⁷ Sobre as causas materiais, finais e acidentais, ver: VEYNE, 1998.

³⁶⁸ Sobre estes conceitos, ver: ALBUQUERQUE JR, 1999.

FONTES

Jornais e revistas

Correio do Ceará. Jornal diário. Acervo material. Publicado na cidade de Fortaleza - CE. Disponível na Biblioteca Menezes Pimentel em Fortaleza. Período consultado: 1955 – 1960.

Folha da Manhã. Jornal diário. Acervo digital e online. Publicado na cidade de São Paulo - SP. Disponível em www.acervo.folha.com.br. Período consultado: 1950-1959.

Folha de São Paulo. Jornal diário. Acervo digital e online. Publicado na cidade de São Paulo - SP. Disponível em www.acervo.folha.com.br. Período consultado: 1960-1970.

Folha da Tarde. Jornal diário. Acervo digital e online. Publicado na cidade de São Paulo - SP. Disponível em www.acervo.folha.com.br. Período consultado: 1950-1959.

Gazeta de Notícias. Jornal diário. Acervo material. Publicado na cidade de Fortaleza - CE. Disponível na Biblioteca Menezes Pimentel em Fortaleza. Período consultado: 1955 – 1960.

Jornal do Brasil. Jornal diário. Acervo digital e online. Publicado na cidade do Rio de Janeiro - RJ. Disponível www.jb.com.br. Período consultado: JUL – AGO/ 1955.

Mundo Melhor. Revista católica mensal. Acervo material. Publicado na cidade de São Paulo-SP pela editora Melhoramentos. Disponível na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourij da PUC-SP em São Paulo. Período consultado: 1958-1960.

O Cruzeiro. Revista de variedades semanal do grupo dos Diários Associados. Acervo material e digital. Publicado na cidade do Rio de Janeiro - RJ. Disponível www.memoriaviva.com.br / guarda pessoal. Período consultado: 1958-1964.

O Jornal. Jornal diário. Acervo material. Publicado na cidade de Fortaleza - CE. Disponível no Núcleo de Documentação Cultural da UFC (NUDOC) em Fortaleza. Período consultado: 1958-1959.

O Povo. Jornal diário. Acervo digital. Publicado na cidade de Fortaleza - CE. Disponível no Banco de Dados do Jornal *O Povo* e na Biblioteca Menezes Pimentel em Fortaleza. Período consultado: 1950 – 1970.

Realidade. Revista de variedades mensal da Editora Abril. Acervo material. Publicado na cidade do Rio de Janeiro - RJ. Guarda pessoal. Período consultado: 1966-1968.

Tribuna do Ceará. Jornal diário. Acervo material. Publicado na cidade de Fortaleza - CE. Disponível na Biblioteca Menezes Pimentel em Fortaleza. Período consultado: 1963-1964.

O Estado de São Paulo. Jornal diário. Acervo digital e online. Publicado na cidade de São Paulo - SP. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br>. Período consultado: 1950-1969.

Detetive. Revista de contos policiais editada pela editora O Cruzeiro. Publicada na cidade do Rio de Janeiro. Período consultado: Agosto, 1959.

Filmes

Blackboard Jungle (Sementes da violência). Direção: Richard Brooks. EUA: MGM, 1955.

Die Halbstarken (Mocidade violenta). Direção: Georg Tressler. ALE: s/e, 1956. (somente no idioma original)

Jailhouse rock (Prisioneiro do rock). Direção: Richard Thorpe. EUA: MGM, 1957.

Juventude sem amanhã. Direção: Elzevir Pereira da Silva; João César Galvão. BRA: Fama filmes, 1959. (somente bibliografia)

Os Cafajestes. Direção: Ruy Guerra. BRA: Magnus Filmes, 1962.

Picnic (Férias de amor). Direção: Joshua Logan. EUA: Sony Pictures, 1955.

Rebel Without a Cause (Juventude transviada). Direção: Nicholas Ray. EUA: Warner Bros Pictures:1955.

Rock Around the Clock (Ao balanço das horas). Direção: Fred Sears. EUA: Sony Pictures: 1956.

The Wild One (O selvagem). Direção: Lázio Benedek. EUA: Columbia Pictures, 1953.

The Young Stranger (Labirinto do vício). Direção: John Frankenheimer. EUA: BAFTA Filme Award, 1957

Obras acadêmicas, jornalísticas e ficcionais

CARVALHO, Jáder de. *Aldeota*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003

CARVALHO, Jáder de. *Sua Majestade, o juiz*. 2ªed. Fortaleza: Forgel, 1996.

BLAKE, E. C. *Juventude transviada*. Livro de bolso traduzido por João Pimenta. Coleção Policial “O Corvo”. Brasília Editora, s/d.

DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo e delinquência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

HERNANDEZ, Carlos. Z. *Nono Mandamento e Juventude transviada* (s/d). Livro de quadrinhos. n. 30. Coleção Passional. Rio de Janeiro. Guarda Pessoal. s/d

PETROVICH, Enélio Lima. *Nelson Hungria e Juventude Transviada*. Impressões de uma conferência. Natal: Centro de Imprensa, 1958.

KELLY, Gerald. *Juventude, sexo e moral*. 3ªed. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

LORD, Daniel. *Juventude Incompreendida*. Rumos novos da Educação. 11ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1953.

SOUZA, Sérgio Muniz. *Delinquência juvenil*. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

TEIXEIRA, Napoleão L. “A mulher e o crime”. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. V. 1. Paraná, 1953.

_____. Alguns aspectos da problemática médico-social do complexo de inferioridade. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. V. 8. Paraná 1960.

_____. Delinquência de menores. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. v. 15. Paraná, 1954.

_____. *Juventude Transviada*. Alguns aspectos da problemática médico-social. Limeira: Edições Letras da Província: 1966.

_____. Papel da má literatura dos ‘comics’ norte-americanos sobre: o psiquismo das crianças e dos adolescentes. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. v. 9. Paraná, 1961.

_____. Televisão - problema médico-social de relevo. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. v. 11. Paraná, 1968.

TEMÓTEO, Juarez Furtado. *O crime de calças curtas*. Fortaleza: s/e, 1960.

Revistinhas Pornográficas

Títulos: *A ceia de natal* (s/d), *A escolha* (s/d), *A esposa do coronel* (s/d), *Anita* (s/d), *Amigos... Amigos...* (s/d), *A lavadeira* (s/d), *Clarín* (s/d), *Chuva* (s/d), *Conselhos Quadrados*, (1967), *Copacabana* (1967), *Criada* (s/d), *Curra* (s/d), *Destino 1* (s/d), *Destino 2* (s/d), *Eu e Leda* (s/d), *Filho de peixe* (s/d), *Hilda, a mineirinha* (s/d), *Minha doce maninha* (s/d), *Minha vida no convento* (s/d), *Missão* (s/d), *Nina* (s/d), *O campeão* (s/d), *O confessor* (s/d), *O garçã*o (s/d), *O rapto* (s/d), *O resgate* (s/d), *Pecadora* (s/d), *Vingança* (s/d).

Autor: Carlos Zéfiro

Acervo: <http://www.carloszefiro.com/>

Sítios

<http://decadade50.blogspot.com.br/2006/09/juventude-transviada-o-caso-ada-curi.html>

<http://www.centraldasartes.com/jamesdean>

<http://www.carloszefiro.com>

<http://www.memoriaviva.com.br>

<http://www.imdb.com/>

<http://pt.wikipedia.org>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia; SPOSITO, Marília (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ABREU, Alzira Alves de (org.). *A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AGUIAR, Ronaldo Conde. *Guia do passado. Alegrias, venturas e esperanças: os anos 1950 e suas esperanças*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2011.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. Entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Jr. In: *Revista de Teoria da História*. ano 2, n. 5. Goiânia: 2011.
- _____. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. 1ªed. Maceió: Catavento, 2003.
- AMARAL, Ricardo. *Vaudeville - Memória*. São Paulo: Leya, 2010.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (org.) *Culturas jovens. Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ALMEIDA, Heloísa Buarque; SZWAKO, José (org.) *Diferenças, igualdades*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.
- ARGOLO, Jose Amara. *As luminárias do medo. Vida, paixão e morte do jornalismo policial no eixo Rio de Janeiro-São Paulo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ªed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ASA, Briggs; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- AZEVEDO, Stênio; NOBRE, Geraldo. *Momentos inesquecíveis. Os concursos de Miss Ceará (1955-1980) dos Diários Associados*. Fortaleza: ABC, 1990.
- BARROS, José D'assunção. *Cidade e História*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- _____. *O campo da História*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

- BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relação homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BECKER, Howard. *Outsiders*. Estudos de Sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- _____. A escola de Chicago. In: *Mana*. v. 2, n. 2. Rio de Janeiro: 1996 .
- BEHRENS, Volker. Rebeldes, Jeans y Rock'n'roll. Nuevas formas de protesta juvenil y the crítica social: Rebel without a cause. [Rebelde sin causa] (1955). In: FAULSTICH, Werner e NORTE, Helmut. *Cien años de cine 1945-1960*. Hacia una búsqueda de los valores. v. 3. Madri-ESP: Sigo Veintiuno Editores, 1995.
- BIVAR, Antônio. *James Dean*. O moço da capa. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2002.
- BORELLI, Hélio. *Noites Paulistanas*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. *A "Vanguarda Brasileira"*. A juventude no discurso da revista da Editora do Brasil S/A (1961-1980). Tese de doutorado em Educação. São Paulo: PUC, 2010.
- BRAGHINI, Sérgio Luís. *Juventude, pós-modernidade e declínio da autoridade paterna: visões do cinema contemporâneo*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC, 2011.
- BRANDÃO, Antônio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- BRITO, Sulamita. *Sociologia da juventude*. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BRUNO, Artur e FARIAS, Airton. *Fortaleza*. Uma breve história. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2012.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002.
- _____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- _____. *Historiador como colunista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- CHARAM, Isaac. *O estupro e o assédio sexual*. Como será próxima vítima. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.

- CAMARGO, Paulo Roberto Ferreira de. A busca pelo pai: performances masculinas em Juventude Transviada de Nicholas Ray. In: *Revista temática*. Ano. VIII, n. 6. 2012.
- CALABRE, Lia. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- CALDAS, Waldenyr. *A cultura da juventude: de 1950 a 1970*. São Paulo: Musa, 2008.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. *Culturas híbridas*. Estratégias pra entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.
- CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: Edusp, 1995.
- CARNEIRO, Henrique Soares. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique Soares. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte PUC-Minas, 2005.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia*. A juventude em questão. 2ªed. São Paulo: Senac, 2003.
- CASALECCHI, José Ênio. *O Brasil de 1945 ao Golpe Militar*. São Paulo: Contexto, 2002.
- CATANI, Afrânio Mendes e GILIOLI, Renato de Sousa Porto. *Culturas juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CAVENACCI, Massimo. *Culturas extremas*. Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. “Subvertendo o conceito de adolescência.” In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1, 2005.
- CORBIN, Allan; COURTINE; Jean-Jaques; VIGARELLO. *História do corpo*. As mutações do olhar. O século XX. v. 3. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CORDEIRO, Denise. *Juventude nas sombras*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- COSTA, Márcia Regina. Culturas juvenis, globalizações e localidades. In: COSTA, Márcia Regina; SILVA, Elisabeth Murilho da (org.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.
- _____.; SILVA, Elisabeth Murilho da (org.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.

- COSTA, Rovílio. *Delinquência juvenil: adolescentes*. Porto Alegre: Choronos, 1976.
- CUIN, Charles-Henry e GRESLE, François. *História da Sociologia*. São Paulo: Ensaio, 1994.
- DEBERT, Guita Grin. A cultura adulta e a juventude como valor. In *Revista Kairós*, São Paulo, v. 7, n. 2, 2004.
- DIOGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangs, galeras e movimentos hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Nobert. *Os Estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais - uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FAOUR, Rodrigo. *Revista do Rádio: cultura, fuxicos, moral*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FARO, José Salvador. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: ULBRA/AGE, 1999.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. In: *Sociedade e Estado*. v. 25. Brasília: 2010.
- FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados: a utopia médica do biodeterminismo*. São Paulo: Alameda; Fapesp, 2009.
- FERNANDES, Francisco Ricardo Cavalcanti. *Transformações espaciais no centro de Fortaleza: estudo crítico das perspectivas de renovação urbana*. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Fortaleza: UFC, 2004.
- FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. “*Liberdade é uma calça velha azul e desbotada*”. Publicidade, cultura de consumo e comportamento Político no Brasil (1954-1964). São Paulo: Hucitec, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *História da sexualidade*. v. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FOOTE-WHITE, W. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- FRANCISCHETT, Leandra. 50 anos do assassinato de Aida Curi. O fotojornalismo fazendo escola na revista *O Cruzeiro*. In: *Fazendo Gênero*. Anais, n. 8, 2008.
- FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.
- FRIEDLANDER, Paul. *Rock and roll*. Uma história social. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- FUCK, Luciano Felício. *Ministro Nelson Hungria*. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2012. (Série Memória Jurisprudencial).
- GALLO, Amicucci; MOLICA, Fernando. *50 anos de crimes*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *As transformações da intimidade*. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.
- _____. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIRARD, René. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GIRÃO, Blanchard. *Sessão das quatro*. Cenas e atores de um tempo mais feliz. Fortaleza: ABC, 1998.
- GOMES, Regina. Teorias da recepção, História e interpretação de filmes: um breve panorama. In: *Livro de Atas*. n. 4. SOPCOM: 2005.
- GONÇALO JR. *A guerra dos gibis*. A formação do mercado editorial brasileiro e a censura dos quadrinhos, 1933-64. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GRANDE, Sérgio Vinícius de Lima. *O impacto do rock no comportamento do jovem*. Tese de doutorado em Sociologia. Araraquara: Unesp, 2006.
- GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 1999.
- GROPPO, Luís Antônio. *Juventude*. Ensaios sobre a juventude e históricas das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Diffel, 2000.
- _____. *Uma onda mundial de revoltas*. Movimentos estudantis nos anos de 1960. Tese de doutorado em Sociologia. São Paulo: UNICAMP, 2000.

- GUERRA, Marco Antônio. Carlos Queiroz Telles. *História e dramaturgia em cena* (década de 70). 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBBSAWM. Eric. *Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JANKOWSKI, Martín Sánchez. As gangues e a estrutura da sociedade americana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 12, n. 34, 1997.
- _____. *Inslands in the street. Gangs and American urban society*. Londres: University of California Press, 1991.
- JAMES DEAN POR ELE MESMO. São Paulo: Martin Claret, 1994.
- JONES, Gerard. *Homens do amanhã. Geeks, gângsters e o nascimento dos gibis*. São Paulo: Conrad, 2006.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota Jucá. “O Lazer em Fortaleza”. *Cadernos do Nudoc*, Série História, n. 18. Fortaleza, 1996.
- _____. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. São Paulo: Annablume, 2003.
- JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2008.
- LALLEMENT, Michel. *História das ideias sociológicas*. v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- LASSANCE, Antônio. A criação da juventude. In: *Revista Juventude.br*, ano 1, n.º 1. Brasil, Dezembro/ 1998.
- LEAL, Ângela Barros. *Jáder de Carvalho*. 2ªed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- LEITÃO, Juarez. *Sábado, estação de viver*. Fortaleza: Premium, 2000.
- LE GOFF, Jaques e NORA, Pierre. (org) *História: novos problemas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

- LEITE JR. Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais*. A pornografia "bizarra" como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.
- LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Caude (org). *História dos jovens*. v. 1 e 2. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- LIPOVETSKY. Gilles. *O império do efêmero*. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- LIMA, Cezar Bueno de. *Jovens em conflito com a lei: liberdade assistida e vidas interrompidas*. Londrina: Eduel, 2009.
- LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. 6ªed. São Paulo: Paz e terra, 2000.
- LOPES, Marciano. *Os dourados anos*. Fortaleza: Gráfica Tipogresso, 1993.
- MACHADO, Fernanda Quixabeira. "Nós somos jovens": Um problema no presente e uma esperança de futuro na Cuiabá dos anos 1950 e1960. Dissertação de mestrado em História. Cuiabá: UFMT, 2006.
- MAFESSOLI, Michel. *O Tempo das Tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MAGALHÃES, Henrique. Indigestos e sedutores: o submundo dos quadrinhos marginais. In: *Cultura midiática*. v. 2, n. 1. João Pessoa: 2009.
- MARINHO, Joaquim. *Os alunos de sacanagem de Carlos Zéfiro*. 2ªed. São Paulo: Marco Zero, 1986
- MARRINETI, Ronaldi. *James Dean*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MASCARELLO, Fernando. Notas para uma teoria do espectador nômade. In: *Estudos de cinema: Socine II e III / Socine*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 219-238.
- MATHEUS, Letícia Cantarela. *Elos, temporalidades e narrativas*. A experiência contemporânea do medo no jornalismo de *O Globo*. Dissertação de mestrado em Comunicação. Rio de Janeiro: UFF, 2006.
- MAKLOUF, Luiz *Carvalho*. *Cobras criadas*. São Paulo: Senac, 2001.
- MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas*. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas: UNICAMP, 1996.
- MENEZES, Thiago. *Os pioneiros do rock'n roll brasileiro*. 2ªed. São Paulo: All Print, 2013.

- MENEZES, Carlos Alberto. Os limites da idade penal. In: *Simpósio Internacional do Adolescente*. São Paulo: 2005.
- MIER, Raymundo e PICCINI, Mabel. *El desierto de espejos*. Juventud y televisión en México. México: Plaza y Valdés, 2002.
- MORIN, Edgar. *As Estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- _____. *Cultura de massa no século XX*. O Espírito do tempo - I Neurose. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- _____. *Linguagem da cultura de massas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Meninos e meninas na rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. *Revista Brasileira de História*. v. 19, n. 37. São Paulo: 1999.
- MUNIZ, Altamar da Costa. “Trajetória de vida, espaços de sociabilidade e projeto político da burguesia ‘mudancista’ cearense (1978-1986)”. Tese de doutorado em História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- MUNTEAL, Oswaldo e GRANDI, Larissa. *A imprensa na história do Brasil: fotojornalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2005.
- NACIF, Maria Cristina Volpi. “A moda no Brasil e os modelos estrangeiros: a influência do cinema de Hollywood no comportamento feminino dos anos 30-40”. In: CARVALHO, Kathia e GALVÃO, Diana (org.). *A moda do corpo, o corpo da moda*. São Paulo: Esfera, 2002.
- NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2001.
- OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kathia. *Corpo e Moda*. Por uma comparação contemporânea. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. In: *Análise Social*. v. XXV(105-106), 1990.
- _____. Busca de si expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (org.) *Culturas jovens*. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- _____. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

- PASSERINI, Luiza. “A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: A Itália fascista e os Estados Unidos da década de 50. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Caude (org). *História dos jovens*. v. 2, São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- PEDERIVA, Ana Barbara Aparecida. *Anos dourados ou rebeldes: juventude, territórios, movimentos e canções nos anos 60*. Tese de doutorado em ciências sociais. São Paulo: PUC-SP, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PEREIRA, Cláudia; ROCHA, Everardo e PEREIRA, Miguel. Tempos de juventude: ontem e hoje, as representações do jovem na publicidade e no cinema. In: *Alceu*. v. 10, n. 19. Rio de Janeiro: 2011.
- PEREIRA, Luci Simone. Imprensa e juventude nos anos 50. In: *Intercom*. Campo Grande, 2001.
- PINTO, Fernando. *Memórias de um repórter*. Brasília: Comunidade; Theraurus, 2004.
- PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. “A Cidade dos clubes”. Modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Dissertação de mestrado em História. Fortaleza: UFC, 2003.
- PROST, Antonie. Fronteiras e espaços do privado. In; DUBY, Georges e PERROT, Michele (org). *História das mulheres no ocidente*. O século XX. v. 5. Porto; São Paulo: Afrontamento; Ebradil, 1998.
- REIS, Daniel Aarão et alli (org.) *O Século XX*. v. 1, 2 e 3. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- ROCHA, Glauber. *O século do cinema*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- RODRIGUES, Marly. *A Década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- RODRIGUEZ Miguel Angel Schmitt. *Cinema clássico americano e produção de subjetividades: o cigarro em cena*. Dissertação de mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 2008
- RAMOS, Eliana Batista. Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock. In: *Revista Ágora*. n 10. Vitória: 2009.
- ROBERT, Philippe. *Sociologia do crime*. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2011.

- ROMERO, Mariza. *Inúteis e perigosos*. O "Diário da Noite" e a representação das classes populares. São Paulo 1950-1960. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2008
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Consumir é ser feliz. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kathia. *Corpo e Moda*. Por uma comparação contemporânea. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008.
- _____. As infinitas descobertas do corpo. In: *Cadernos Pagu*. v. 14. Campinas: 2000.
- SANTANA, Márcio Santos de. *Projetos para as novas gerações*. Juventudes e relações de força na política brasileira (1926-1945). Tese de doutorado em História. São Paulo: USP, 2009.
- SANTOS, Lidia Noemia. *Brotinhos e seus problemas*. Juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- SANTOS, Mário Ferreira. *Invasão dos bárbaros*. São Paulo: Realizações, 2012.
- SAVAGE, Jon. *A criação da juventude*. Como o conceito de teenager revolucionou o século XX, Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- SCHNEIDER, Steven Jay. *1001 filmes pra ver antes de morrer*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; UDNISC, 2004.
- SEVCENKO, Nicolai. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (coord.); SEVCENKO, Nicolai (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SIMMEL, Georg. *Filosofia da moda: e outros escritos*. Lisboa: Texto e Grafia, 2006.
- SIMÕES, Inimá. *Roteiro da intolerância*. A censura cinematográfica no Brasil. São Paulo: Senac, 1999.
- SILVA FILHO, Antônio Luis Macedo da. *Entre o fio e a rede: a energia elétrica no cotidiano de Fortaleza (1945-1965)*. Tese de doutorado em História. São Paulo: PUC, 2008.
- SILVA, Elmiro Lopes. *Música, juventude, comportamento*. Nos embalos do *rock and roll* e da Jovem Guarda. (Uberlândia 1955/1968) Dissertação de mestrado em História. Uberlândia: UFU, 2007.

- SILVA, Elisabeth Murilho da. Trajetórias violentas e origem social dos jovens: o caso da Turma do Barão. In: COSTA, Márcia Regina. Culturas juvenis, globalizações e localidades. In: COSTA, Márcia Regina; SILVA, Elisabeth Murilho da (org.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.
- SILVA, Kalina Vanderlei e Maciel Henrique (org.). *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SINGLY, François. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- SPAGNOL, Antônio Sérgio. *Jovens perdidos*. Um estudo sobre jovens delinquentes na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume; Fapesp: 2008.
- SPOSITO, Marília Pontes (org.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira*. Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). v. 1 e 2. Belo Horizonte: Argumentum, 2009
- STREANS. Peter N. *A infância*. São Paulo: Contexto: 2006.
- TELLES, Sérgio. Psicanálise em debate: Masturbação. In: *Psychiatry on line Brasil*. v. 13, n. 12. Brasil: 2008.
- TOSCHES. Nick. *Criaturas Flamejantes*. São Paulo: Conrad, 2006.
- TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor*. A americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Os americanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- VEILLON, Oliver-René. *O cinema americano dos anos cinquenta*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência*. Uma crítica da patologia social. 8ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (org.) *Culturas jovens*. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique Soares. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Foucault revoluciona a história. 4ª ed. Brasília: UNB, 1998
- _____. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. (312-194). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

- VICENTIN, Maria Cristina. *A vida em rebelião*. Jovens em conflito com a lei. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2005.
- VIEIRA, R. Amaral. *Juventude em crise*. De Sartre a Marcuse. Rio de Janeiro: BIT, 1970.
- VITECK, Cristiano Marlon. *Rebeldia em cena: juventude transviada no cinema hollywoodiano nas décadas de 1950 e 1960*. Dissertação de Mestrado em História. Cascavel: UNIOESTE, 2009.
- WARDE, Alan e SAVAGE, Mike. *Sociologia urbana, capitalismo e modernidade*. Oeiras: Celta, 2002.
- WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Juventude transgressiva: sobre o advento da adolescência. In: *Psicologia & Sociedade*. v. 24, n. 2, 2012.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Revista Estudos Feministas*, v.9, n.2, Florianópolis, 2001.
- _____. “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações de sexo”. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; UDNISC, 2004.